

Itaytera

“Recebi hoje a sua carta de 30 de junho deste ano, e a ela vou responder, devendo primeiramente dar-lhe a infausta notícia da morte de sua prezada mãe, minha tia D. Bárbara, ainda nos limites do Piauí, em casa do Pe. Pedro (Rodovalho) a 28 de Agosto passado, fazendo já, hoje completamente um mês e um dia. Este triste acontecimento nos deixou bastantemente penalizados, e muito principalmente quando ouvimos os gemidos e as lágrimas dos pobres e indigentes, a quem ela com tanto amor socorria”. (Trecho de carta do Pe. Carlos Augusto Peixoto de Alencar a José Martiniano de Alencar, em 29 de Setembro de 1832, a página 248, dos ANAIS da DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — Rio, 1968).

N.º 14

ANO 1970

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.

COMÉRCIO - INDÚSTRIA - AGRICULTURA

RÁDIOS

RADIOFONES

LIQUIDIFICADORES

CONJUNTOS PARA SALA E COPA

MÁQUINAS DE COSTURA

ESCREVER

E

LAVAR ROUPA

E

UMA INFINIDADE DE BONS ARTIGOS

PARA O CONFORTO DO SEU LAR ! ! !

TELEVISORES DAS MELHORES MARCAS

MOTORES E MOTO-BOMBAS - MÁQUINAS FORRAGEIRAS
E DE DESCASCAR ARROZ — UM MUNDO DE ARTIGOS
PARA USO NA AGRICULTURA E NA INDÚSTRIA ! ! !

MATERIAL ELÉTRICO EM GERAL

M A T R I Z :

RUA DR. JOÃO PESSOA Ns. 405 / 419 — FONE: 583

F I L I A L :

RUA BÁRBARA DE ALENCAR N.º 796 — FONE: 505

TELEGRAMA: OSTERNE — CAIXA POSTAL, 16

O MAIS BEM ORGANIZADO SISTEMA
CREDIÁRIO NO INTERIOR NORDESTINO

N. 14 - ANO 1970

I
T
A
Y
T
E
R
A

CRATO — CEARÁ

DIRETORIA
DO
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI
ELEITA PARA O ANO SOCIAL ENTRE
OUTUBRO DE 1969 A 1970

PRESIDENTE :

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

VICE-PRESIDENTE :

PE. ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO

SECRETÁRIO GERAL :

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

2.º SECRETÁRIO :

ZULEIKA PEQUENO DE FIGUEIREDO

TESOUREIRO :

ANTÔNIO CORREIA COELHO

COMISSÃO DA REVISTA "ITAYTERA" :

J. DE FIGUEIREDO FILHO

PE. ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO

J. LINDEMBERG DE AQUINO

COMISSÃO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES :

DR. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

PROF. JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

DR. JEFFERSON DE A. E SOUSA

COMISSÃO DE SINDICÂNCIAS :

DR. JOSÉ DE PAULA BANTIM

PROFA. EDMÉIA ARRAIS DE ALENCAR

PROFA. MARIA DE LOURDES ESMERALDO

SÓCIOS QUE TOMARAM POSSE EM

CADEIRA COM PATRONO, NA

SECÇÃO DE LETRAS :

N.º 1 — João Lindemberg de Aquino

PATRONO — Padre Ibiapina

N.º 2 — Dr. Raimundo de Oliveira Borges

PATRONO — Bruno de Menezes

N.º 3 — J. de Figueiredo Filho

PATRONO — José Alves de Figueiredo

N.º 4 — Profa. Edméia Arraes de Alencar

PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar

N.º 5 — Profa. Maria de Lourdes Esmeraldo

PATRONO — Mons. Pedro Esmeraldo

N.º 6 — Pe. Antônio Gomes de Araújo

PATRONO — Irineu Nogueira Pinheiro

N.º 7 — Cap. Otacilio Anselmo e Silva

PATRONO — Barbosa de Freitas

N.º 8 — Prof. José Newton Alves de Sousa

PATRONO — Álvaro Bomilcar

N.º 9 — Mons. Rubens Gondim Lóssio

PATRONO — D. Francisco de Assis Pires

N.º 10 — Tomé Cabral

PATRONO — Pe. Emílio Leite Cabral

SECÇÃO DE CIÊNCIA :

N.º 1 — Dr. Napoleão Tavares Neves

PATRONO — Dr. Barreto Sampaio

Neste 14.º Número	3
Ata da Sessão da Câmara Municipal do Crato	4
A Civilização que veio pelo São Francisco	7
"O Dia Santo da Pátria" — Seus Orágos	15
Toma posse da Cadeira N.º 1 o Dr. Napoleão Tavares Neves	21
Aspectos da "Doença de Chagas" no Cariri Cearense	24
Monsenhor Rubens Gondim Lóssio	41
O Bom Pastor — Dom Francisco de Assis Pires	45
D. Marica e a Questão de 8 em Aurora	61
Terras de Invasão	65
Onde e Quando Morreu Bárbara de Alencar	70
O Baú Verde	75
Padre Cícero — Mito e Realidade	76
Embate Humano e Descoberta Pré-Histórica	77
Gente Ilustre	81
História da Ind. do Charque Gaúcho Fundada por um Cearense	85
A Poesia Emocional de Pedro Mavignier	95
Parde Serafim Leite, S. J.	99
Sobrevivente da Insurreição Acreana, em Crato	102
Crato, Sangue Bom	105
Solenidade da Posse da Cadeira N.º 10 na Secção de Letras	109
Discurso do Escritor Tomé Cabral Santos	112
Quem não quer... manda; quem quer... ..	118
Monsenhor Távora no Sacerdócio e na Política - (II)	121
F A C - S I M I L E	123
LITERATURA — Acadêmico Cearense	125
Da Terra nos vem a Riqueza	126
Duarte Júnior, companheiro que desaparece	129
Um Livro sobre Bichos	130
Traços e Episódios de sua Vida - (I)	133
Capistrano de Abreu	145
A Igreja e a Pobreza	149
Festejos Juninos no Recife	151
Pega-de-Boi-Brabo Espetáculo condenado a desaparecer	153
Carta do Dr. Reinaldo Carleial	157
O H O M E M	162
Antroponímia Patriótica da Independência	165
Outras Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri	167
"O CEARENSE" de Parsifal Barroso	168
O Patriarca Major José do Vale em Missão no Cariri	170
Eu conheci Antônio Silvino	173
Hospital Psiquiátrico do Crato	178
Folclore do Cariri	181
Aspectos Interioranos	184
Sigisnando Sisnando Batista	187
Dr. TELES, vida dedicada ao Bem	190
Exposição de Pintores de Fortaleza	193
O Vale do Cariri e as Sêcas do Nordeste	195
Cariri, Nordeste e Universidade	197
Gualter Martiniano de Alencar Araripe, Barão do Exu (Ata)	199
A Maior Serpente do Mundo	201

Há 17 anos, está funcionando, com toda a regularidade, o Instituto Cultural do Cariri, mantendo a revista "ITAYTE-RA", já em seu 14.º número. Foram várias as dificuldades a serem rompidas. Nossa publicação disseminou-se pelos meios cultos do país e até mesmo pelo exterior, encontrando a melhor acolhida possível. A Biblioteca aumentou e recebeu, há pouco, nova transfusão de sangue com os livros que pertenceram ao escritor cratense - Manuel Monteiro, doado pela viúva D. Elizabeth Barbosa Monteiro, também cultora das letras.

São múltiplas também as relações mantidas pelo I. C. C. com os demais congêneres do país e a correspondência que seu presidente recebe e responde, é uma das maiores de Crato. Só o Museu está parado momentaneamente à espera que a Prefeitura de Crato conclua a remodelação do antigo edifício da Municipalidade para o instalar condignamente.

O I. C. C. congrega todos os principais escritores de Crato e da redondeza e suas cadeiras com patrono têm obtido o melhor sucesso. Nove consócios já se vincularam à secção de letras, com trabalhos que se constituíram em noites memoráveis, incluindo até reunião no recinto da Catedral.

Foi igualmente desdobrada a secção de Ciências, com a defesa da primeira tese pelo inteligente e culto médico, Dr. Napoleão Tavares Neves, que ocupou, em Barbalha, em sessão do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, patrocinada pelo LIONS CLUB, a CADEIRA N.º 1, do novo sector que desdobramos.

Nossa entidade cada vez se expande por aí afora. Toma parte em certames vários e seus associados colaboram, em múltiplas e divulgadas publicações do país, ou, de quando em quando, lançam livros de sua autoria.

Sucedem-se de dia para dia as visitas à sede social de intelectuais e de estudantes locais e de fora, em busca de conhecimentos do Cariri, atendidos pelo presidente e secretário geral do Instituto Cultural do Cariri, sempre com ofertas de publicações locais ou com consultas à sua riquíssima biblioteca.

A Tesouraria, em mãos do consócio Antônio Correia Coelho, prima em manter-se sempre em equilíbrio financeiro, de forma que consideramos sucessão de vitórias, esses 17 anos de existência consagrados à difusão da cultura no meio caririense.

A T A
D A
S E S S Ã O
D A
C Ã M A R A
M U N I C I P A L
D O
C R A T O
P A R A
O U T O R G A
D O
T Í T U L O
D E
C I D A D Ã O
C R A T E N S E
A O
Cel. VIRGÍLIO TÁVORA,
R E A L I Z A D A
E M
1 7
D E
M A I O
D E
1 9 7 0

“Aos dezessete dias do mês de Maio do ano de 1970, às 16 horas, teve lugar a sessão solene da Câmara Municipal do Crato, para a outorga do título de Cidadão Cratense ao Coronel Virgílio de Moraes Fernandes Távora, ex-Governador do Ceará e integrante da representação federal do nosso Estado, no Congresso Nacional. Esse título lhe fôra concedido de acordo com a Resolução 13/69, aprovada por unanimidade de votos, sendo oriunda de Projeto de Resolução de autorio do vereador José Luís de França. O auditório do Palácio do Comércio, onde se realizou o solene ato, estava repleto do que mais ilustre e representativo tínhamos em nossa Cidade e em nossa região. Todas as entidades, clubes de serviço, associações de classe, colégios e instituições se fizeram representar, consagrando, em uníssono, a admiração do povo da nossa Cidade ao ilustre homem público.

As autoridades, civis, religiosas e militares do Crato, também estavam presentes, além de senhoras e senhoritas e de grande massa popular.

Abrindo os trabalhos, o Presidente da Casa, Vereador José Valdevino de Brito, constituiu uma Comissão composta dos Vereadores Eran Pinheiro, Pedro Saraiva, Joaquim Brasil e Cícero de Moura Rosendo para introduzir no recinto da sessão o Cel. Virgílio Távora e sua comitiva, que foram recebidos sob vibrante salva de palmas. A seguir, foram convidados para saudar o cel. Távora as seguintes autoridades: Prefeito Humberto Macário de Brito, Deputado Derval Peixoto, Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, Deputado Osian Araripe, Cel. Humberto Bezerra,

Cel. Cesar Cals de Oliveira Filho, candidato indicado ao Governo do Estado Senador Wilson Gonçalves, Deputado Wilson Roriz Deputado José Napoleão, Secretário do Interior e Justiça, Cel. Osmar de Oliveira Lima, Sr. Thomaz Osterne de Alencar, Dr. Nestor Soares Costa. Formada a Mesa, o Presidente da Casa, Vereador José Valdevino de Brito, explicou as finalidades da reunião, concedendo a palavra ao Vereador José Luís de França, que fez a saudação oficial em nome da Casa. O orador fez um relato retrospectivo da magnífica atuação do cel. Virgílio Távora em favor do progresso de nossa comunidade desejando-lhe, em nome do nosso povo, as boas vindas como novo Cidadão Cratense. O Presidente José Valdevino leu os termos do diploma de Cidadão Cratense fazendo-lhe a entrega do referido diploma legal. Todos de pé saudaram com visível emoção e vibrante salva de palmas ao homenageado. O novo Cidadão Cratense pronunciou a seguir, o seu discurso de agradecimento, manifestando, preliminarmente, o seu contentamento por contar, nesta hora importante de sua vida, com as presenças a solenidade dos candidatos a Governador e a Vice Governador, o Senador Wilson Gonçalves, e dos deputados Estaduais e Federais, Prefeitos da Região e demais autoridades. Frisou que a sua admiração pelo Crato se liga desde a infância do seu venerando Pai, que aqui viveu muitos anos, pelo passado de tradições históricas da terra cratense. Renovou a sua gratidão pela homenagem recebida que bastante lhe emocionara e fez apelo aos futuros governantes para que ouvissem e acolhessem as reivindicações do Crato e do Cariri,

fazendo uma profissão de fé na continuidade dos destinos glorióios de nossa gente. Agradeceu aos componentes do Diretório da ARENA e aos senhores Vereadores do Crato a honrosa distinção e traduziu, por fim, o seu reconhecimento eterno pela homenagem recebida. Convém salientar a presença de diversos deputados estaduais e diversos Prefeitos da região, que compareceram para se integrar às homenagens ao novo Cidadão Cratense.

E como nada mais houvesse a tratar, o Vereador Presidente da Câmara Municipal autorizou a Leitura da Ata, que será assinada por quem de direito para gravar á posteridade este histórico fato, após o que encerrou a sessão solene.

(Assinaram a Ata) José Valdevino de Brito, Virgílio Távora, Cel. Cesar Cals de Oliveira, Humberto Bezerra, Humberto Macário de Brito, Wilson Gonçalves, Wilson Roriz, Thomaz Osterne de Alencar, Osmar de Oliveira Lima, José Napoleão de Araújo, Ossian Araripe, Monsenhor Pedro Rocha, Derval Peixoto, Joaquim Brasil, José de Sousa Brito, Valdir Leite, Pedro Saraiva de Macêdo, Cícero de Moura Rosendo, José Eron Pinheiro, Maria Arraes Simião, José Luís de França, Dr. Nestor Soares Costa, José Kleber Calou, Edson Olegário, José Dácia Leite, Jorge Furtado Leite, Januário Feitosa, Vicente Augusto, Marconi Alencar, Adauto Bezerra, Amarílio Cavalcante, Macário de Brito Monteiro, José Miguel Soares, José Teófilo Machado, Alcides Alves de Oliveira, Maurício Peixoto, João Lindemberg de Aquino, Luis de Borba Maranhão. (Seguem-se dezenas de assinaturas).

Fábrica Fortaleza

M. DIAS BRANCO S. A. - Comércio e Indústria



A MAIOR FÁBRICA DE MACARRÕES E
BISCOITOS DO NORDESTE DO BRASIL

SÓ FABRICA PRODUTOS
DE SUPERIOR QUALIDADE

DEPÓSITO DO CARIRI:

RUA SENADOR POMPEU, 11 — CRATO - CEARÁ

A Civilização que veio pelo São Francisco

J. DE FIGUEIREDO FILHO, PRESIDENTE DO
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, PROF.
DA CADEIRA DE HISTÓRIA DO CARIRI,
NA FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO

O São Francisco deixou de ser motivo apenas de lendas ou inspirador de poesias. "O mais brasileiro dos rios" é realidade palpante, fator importante de progresso, em todos os setores, mesmo em zonas longínquas.

O Cariri cearense é filho da expansão povoadora, vinda pelo rio S. Francisco e seus afluentes, entre os séculos XVII e XVIII. Foram brasileiros brancos e mestiços da Bahia, Sergipe e Pernambuco, os primeiros portadores da civilização, a penetrarem nesta sub-região, atraídos pelo sortilégio de novas pastagens para o gado. Estávamos no período do ciclo do couro, de que nos fala o historiador Capistrano de Abreu, em relação ao Norte do país, ou Sarmiento, no caso do Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul.

Os afluentes do rio civilizador do Nordeste não têm curso perene, no lado pernambucano. Enchem nas épocas invernosas, ou ficam esturricados, quando cessam as chuvas. Deixam, no entanto, caminho aberto no meio da caatinga a penetrar em longos trechos do sertão. Serviam de roteiro ou via natural para o sertanista embrenhar-se de mato a dentro. Foram aquelas veredas líquidas ou secas, que conduziram os colonizadores das entradas baianas em direção do Cariri. Chegavam em poucas levas, ou quase iscladamente.

Várias foram as rotas de pe-

netração para o vale caririense, depois melhoradas pelo homem. Padre Antônio Gomes de Araújo, infatigável devasador da história na zona sul cearense, enumera as seguintes: JAGUARIBE - CARIRI; VILA BELA --- CARIRI; CABROBÓ - CARIRI; CABROBÓ - EXU; EXU - CARIRI.

O Cariri, povoado anteriormente por ameríndios de igual nome, atingido pelo sertanista chegado pelo sul, foi devassado, com cêrca de duzentos anos de atraso do descobrimento do Brasil, e cem do povoamento da faixa litorânea do Ceará.

O silvícola, encontrado na terra pelo civilizador, também chegara, entre os séculos IX e X, depois de Cristo, pelas mesmas estradas apontadas, pelos afluentes do S. Francisco, conforme a opinião abalizada de um dos mais argutos pesquisadores da pré-história cearense — Tomás Pompeu Sobrinho. Vejamos trecho do que diz, em seu livro publicado pela COLEÇÃO — HISTÓRIA DO CEARÁ:

"Quanto ao tempo da chegada das primeiras levas (aborígenes) somente conjecturas se permitem. Os Cariris foram dos primeiros imigrantes proto-malaios que abicaram às costas americanas do Pacífico, nos istimos ou na Colômbia. Teriam bem cedo deixado a área de caracterização tipológica. Isso ocorreu, provavelmente quando ainda nele chegavam novas le-

vas que vinham a galgar os Andes. Admitindo que essas primeiras levas na quarta corrente de povoadores alcançaram as costas, de onde se internaram, no continente, no curso de NW Amazônico, aí pelos últimos séculos d'este milênio. O estacionamento na área de formação dos Brasilidos (provindos dos Pré-Brasilidos) não teria sido inferior a um milênio. Tudo isso nos leva a conjecturar que êste povo chegara à margem do São Francisco, há cerca de 1,5 milênio, portanto ainda no primeiro quartel da era cristã. Poucos séculos depois estariam alguns grupos de Cariri estabelecidos no sul do Ceará, isto é, aí pelo IX ou X séculos de nossa era".

Foram aquêles silvícolas que os colonizadores, também vindos das bandas do São Francisco, encontraram como donos dessas terras dadivosas, parecendo mais outra Canaã dos tempos bíblicos Verdadeira ilha de vegetação exuberante, perenemente verde, no meio da caatinga bravia. Aliás, era velho costume do indígena Cariri, das oito grandes nações classificadas por Capistrano de Abreu, apossar-se dos trechos férteis do Nordeste.

Não houve choques profundos, imediatos, com a chegada do conquistador, portador da civilização do banco. É que veio a interferência benfazeja do capuchinho, notadamente do fundador da Missão do Miranda, que deu origem a Crato, Frei Carlos Maria de Ferrara. Conseguiu terras cultiváveis e fixou o indígena. O Cariri não tomou parte na chamada guerra dos bárbaros, espécie de confederação bélica dos índios Cariris, que quase impedia o esforço colonizador do lusitano no interior cearense e adjacências.

O povoador, ao atravessar

sertões inóspitos, deparou-se com terras de rica vegetação, córregos abundantes e várias zonas embrejadas, convidando-o a trocar o laço e a agulhada pelo machado e enxada. Foi e que fez logo, sem esquecer o gado vacum, indispensável à vida agrícola. Os aborígenes já sabiam cultivar o milho, algodão e mandioca. Quem vinha do recôncavo baiano, ou da mata de Pernambuco, sentia que pisava em terreno de massapê, por demais propício à cultura canavieira.

A gramínia, de pouco a pouco, tomou conta dos brejos e dos pé-de-serras do Araripe. Os engenhos de rapadura e aguardente multiplicaram-se. O boi, o cavalo e mais tarde o muar tornou-se o motor da engrenagem de retirar o suco daqueles riquíssimos colmos.

O senhor de engenho passou a ser também fazendeiro no sertão de Pernambuco, Piauí ou mesmo do Ceará. Muitas vezes, instalava logradouro, lugar de retirada de gado na serra do Araripe, que divide o Cariri da terra pernambucana. O senhor de engenho caririense, como ainda hoje acontece, completava seu trabalho de cultura de cana e de moagem, empregando três tipos de propriedades: o sítio de plantio com água de rega, a fazenda de criar gado e o logradouro para a engorda dos animais e para as vacas leiteiras em determinados meses.

Os tempos mudaram, O gado crioulo foi perdendo em peso e em produção leiteira. A rapadura desprestigiou-se, em face da concorrência do açúcar branco produzido em usinas de Pernambuco, como também pelo esgotamento sempre crescente de terrenos.

Delmiro Gouveia, sertanejo de idéias avançadas para a época, aproveitando minúscula parte da energia da cachoeira de Paulo

Afonso criou em pleno sertão, indústria de linhas e de tecidos. Introduziu igualmente tipo de gado mais forte e adaptável ao clima. Foi exemplo pioneiro. Começou a aparecer, aqui e ali, o boi de cupim, possante para o engenho e em nada estranho à zona seca do Nordeste.

Quem teria introduzido no Cariri cearense os primeiros representantes daquelas rês, procedentes da lendária e quase antipoda Índia?

Justiniano de Serpa, vulto de destaque nas letras e nas ciências jurídicas, assumiu a presidência do Ceará a 12 de Julho de 1920, após renhido pleito. Reformou a constituição, a instrução pública, incentivou o mundo intelectual cearense. Seu plano de ação atingiu a própria estrutura agro-pecuária, quando, nesse setor, o estado vivia estagnado, herança ainda da colonização. Para melhorar o gado vacum, encarregou seu genro Lanes Bernardes a comprar reprodutores zebras, no Triângulo Mineiro, para revenda, sem lucros, no Ceará. No meio dessa fecunda administração, faleceu Justiniano de Serpa, antes de cumprir o mandato, a primeiro de agosto de 1923.

Parte daquele gado foi vendido em Crato, sendo que meu pai — José Alves de Figueiredo, misto de agricultor e farmacêutico, recebeu de presente bonito novilhote, por parte do senhor de engenho e lavrador evoluído — Nelson da Franca Alencar, figura responsável de antigo dono de sítio cariense e de fazenda de criar no estado do Piauí. Não é preciso acrescentar que aquelas rês diferentes do PÉ-DURO, cria de casa, despertou a curiosidade geral. Foi a primeira vez que vi um zebu. Dessa leva, restam descendentes na fazenda CONDADO, proprieda-

de piauiense do antigo Nelson da Franca Alencar, hoje em mãos do ex-deputado pelo Ceará — Dr. Antônio de Alencar Araripe.

Convém registrar que houve touro de sangue zebu, no Cariri, que teve até fama de SANTIDADE. Na credence dos fanáticos do Pe. Cícero Romão Batista, de Juazeiro do Norte. Chamava-se MANSINHO e foi presenteado àquêlê sacerdote por um de seus admiradores. O beato José Lourenço, sertanejo místico, da rda fanática do PADRIN CIRÇO, ficou encarregado de tratá-lo em propriedade rural na Baixa Danta. Tornou-se bicho regalado, comendo do bom e do melhor, amarrado de fitas coloridas, passando a fazer MILAGRES, filhos do misticismo de quem vive na ignorância e no subdesenvolvimento. As promessas ao boi MILAGREIRO centuplicaram-se, pela sugestão coletiva.

Num belo dia a notícia chegou à Câmara Federal, no Rio, onde o lugar tenente do Padre Cícero — Dr. Floro Bartolomeu da Costa representava o Ceará. Os ataques contra aquela demonstração de primitivismo da vida juazeirense foram diretos ao Dr. Floro. Este, o mais-que-depressa voltou à cidade que o elegeu. De uma feita só a ferro e fogo, extirpou muita coisa anômala que se passava por lá. O boi Apis, ressuscitado, em plágas caririenses, ou por outra, aquela renovação totêmica, com raízes aprofundadas, em nossos avoengos das selvas africanas, não podia perdurar. O deputado juazeirense mandou sacrificá-lo, com afiada peixeira, em holocausto ao onipotente deus-progresso. Foi uma vez a vida de abastança do MANSINHO. Sua excelente carne foi distribuída a populares, a soldados de polícia e até o beato José Lourenço, o sacerdote-máximo, te-

ve de comer-lhe bom pedaço, com farinha de mandioca e naco de rapadura.

A entrada regular de zebus no Cariri, provindos de Jacobina e de Mundo Novo, na Bahia, foi que contribuiu decisivamente, para a melhoria da pecuária regional. Seu introdutor, em caráter comercial, ainda no primeiro quartel do presente século, foi o sertanejo da zona cearense de Ibiapaba — Diogo Farias. Comprava gado mestiço de zebu, naquelas paragens baianas e revendia no Cariri e vizinhanças.

Era aquele boiadeiro dos mais autênticos produtos da mestiçagem nordestina, entre o branco e o caboclo. Alto, moreno, quase cor de canela, delgado, mas de complexão robusta, vivo. Usou cavanhaque por muito tempo. Não se cansava, de forma alguma, com a aspereza da luta cotidiana no meio da caatinga braba. Conheci-o em seu mister, em 1921, quando eu, de regresso à minha terra, procedente de Petrolina, montado em muar e acompanhado de arreieiro, parei em frente à alpendrada casa sertaneja. Encontrei-o ali. Confessou-me estar com febre e não dispor de qualquer medicamento. Dei-lhe alguns comprimidos de BROMOQUININA e toquei para frente com medo de arrancar-me ao abrigo do alpendre e ficar em contacto com qualquer infecção perigosa, no meio daqueles êrmos. Mais tarde, o revi, instalado em Crato, com seu comércio de zebus, ininterrupto, entre a Bahia e o Cariri.

O fornecimento de gado baixo para a renovação dos plantéis sul cearense continuou e tornou-se mais avultado. Mário Alves de Oliveira, com propriedade em Mundo Novo, nas vizinhanças de Minas Gerais, mantinha criação de

zebus e outras raças, incluindo até búfalos. Com os irmãos Medeiros, naturais de Flores, em Pernambuco, constituiu sociedade para intensa venda de zebus, na zona caririense e imediações. Eram êles, Ozael, Saturnino e Joaquim. As maradas que conduziram pelo mesmo caminho das antigas entradas baianas, povoadoras do sul do Ceará, transformaram, quase totalmente, a pecuária da zona. Sua missão terminou. Agora os plantéis de gado são melhorados e selecionados pela Exposição Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados, realizada, anualmente, em Crato, com repercussão até no Triângulo Mineiro.

Ozael Medeiros prestou-me valiosas informações dêsse penoso transporte de rézes de Mundo Novo e Jacobina, ao Cariri e outros pontos interessados na melhoria da raça bovina. A princípio, conduziam novilhos mestiços que vendiam prontamente nos mercados, mas os criadores começaram a exigir reprodutores mais puros. Suas boiadas alcançavam média de 500 cabeças, constituídas de NELORE, GIR, INDUBRASIL, GUZERÁ. A marcha, naquela época, através do sertão, não era tão fácil quanto agora, com o possante caminhão a conduzir tudo. A caminhada se fazia de pé, em ritmo tardo de passos bovinos. Durava de 30 a 40 dias entre o local de partida a Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha ou Missão Velha. A boiada com o vaqueiro guia à frente, em seu cavalo bem amestrado, atravessava o sertão baiano, com o auxílio de oito a dez homens encourados, em contínua vigilância aos lados e detrás a fim de manterem a disciplina, quase militar naquela prolongada marcha.

A beira do S. Francisco havia pausa indispensável. Nova arre-

gimentação dos bichos pela vaqueirada para a travessia do rio. Eram necessários muita ordem e olhar arguto dos guias, a fim de collocar o gado nas respectivas barcaças. No transcurso, ai de qualquer descuido! Nas descidas a operação se tornava bem penosa para evitar o espanto das rézes e não contaminar tôda a imensa boiada. A barca era como se fôsse curral flutuante, arrodada de cerca, igual aos caminhões transportadores de gado, dos dias de hoje.

O zebu, com aparência de arrelento não é tão indisciplinado quanto o boi PÊ-DURO. É brincalhão e afeiçoa-se ao homem.

Aquela caminhada de centenas de quilômetros efetuava-se comumente no início do inverno, para assim não faltar água nos poços, riachos ou açudes e pasto fresco para as rézes, naquêlê percurso em terras ásperas. O vaqueiro em seus alforjes, conduzia o farnel indispensável às grandes jornadas. Quando todos se aboletavam no ARRANCHO, os bois a pastarem quietos, assavam a carne no espeto de pau, com farinha e cebola, faziam a farofa de comboeiro e comiam. Não deixavam de usar, à guisa de sobremesa, o bom naco de RAPADURA FIXE, azulada dos engenhos caririenses ou de Januária, de Minas. Bebiam água de borracha, confeccionada com couro e tão fria como se fosse de meladeira. Muitas vezes, naquele repasto não faltava o gole sedutor da pinga para alegrar a conversação.

Abandonavam a zona sertaneja, subiam a serra do Araripe, atravessavam o caminho reto, cercado de vegetação exuberante, às vezes, até em plena mata. Desciam, divisando o imenso vale Cariense, pontilhado de cidades, en-

fastadas em plena verdura. Se aquele mercado não consumisse tôdas as rézes, com o rebanho reduzido, rumavam para as zonas criadoras dos Inhamuns ou de Jaguaribe, ou mesmo Crateús, Sobral e a própria capital — Fortaleza.

Desde a Bahia pousavam em fazendas, ou descampado, mas passavam em povoados, vilas e cidades. Santa Cruz, Ouricuri, Bodocó, Araripina ou Exu. A descida da serra poderia ser pelas lagoas das Guaribas, Belmonte ou Santa Rita. Quando razões especiais não lhe aconselhassem a velha estrada de Porteiras, hoje Jati.

Aquela viagem pelas estradas a fora, da terra bairana ao Ceará, aparentemente monótonas, oferecia vários atrativos aos boiadeiros. A natureza no sertão, em tempos de chuvas rejuvenesce, como por encantamento. A alegria dos pássaros se torna contagiante. Há caças em proporções avultadas, tudo dependendo da boa pontaria do homem. Os imprevistos são comuns na vida do vaqueiro. Fazem parte de seu hábito cotidiano. A fuga de uma rez não lhe é desconhecida e tem a paciência de arrancá-la dos esconderijos. Os atoleiros se sucedem e não falta aos guias a perícia de desatolá-la, sem perda de muito tempo. Não escasseiam os acidentes e o envenenamento de um boi por planta daninha. A peçonha da cobra, escondida em moitas, não é difícil a inocular-se em bicho que a susta. O vaqueiro é meismheiro, conhece os segredos terapêuticos das raízes, entrecasas e folhas. É rezador igualmente, podendo curar uma bicheira até pelo rastro. Quando uma vez morre, por um motivo qualquer, vem a lamentação plangente dos irmãos de raça. Daquele centro dolorido que nas-

ceu o aboio, agora adicionado de versos: a encher as estradas de nostalgia na marcha lenta dos bois. Tem também o efeito mágico de acalmar as rézes que possuem senso de compreensão musical igualzinho aos homens que as conduzem.

O vaqueiro está prestes a desaparecer do cenário nordestino. As grandes marchas de bovinos, com aqueles cavaleiros, encourados a aboiar, está se confinando bastante. O transporte da boiada se faz presentemente em possantes caminhões engradados, sem aboio, sem mangas ou pousos em campos abertos.

Ozael Medeiros acabou por deixar o comércio que o prendeu por anos. Só existe agora no mesmo ramo, mas com novo método de transporte, o fazendeiro Mário Alves, a comparecer em tôdas as exposições de animais, com raça cada vez mais pura.

Ozael estabeleceu-se em Crato com ramo de negócios, fixo. Casou-se com cratense Dona Mariêta Gomes de Matos Medeiros. Educa os filhos, alguns em Recife. Não esquece êle, porém, aqueles dias e meses, quando atravessava estradas e mais estradas, na pisada tarda da boiada, revia o velho S. Francisco, subia e descia serras, com o aboiar plangente dos vaqueiros, ou ficava em contacto com horizontes novos. A alma da gente esquece sempre as canseiras, para viver de saudades das coisas boas. Cumpru bem a sua missão. Renovou o rebanho bovino da terra que o acolheu tão carinhosamente e que preferiu para berço de seus filhos.

Hoje em dia não há mais necessidade daquele comércio. As transações são realizadas no recinto das exposições, com empréstimos bancários a longo prazo. O

zebu vem diretamente do Triângulo, com agrônomos especializados de Uberaba. O holandês já é outro concorrente, adaptado por criadores sertanejos de Alagoas ao clima modesto pelo milagre da PALMA SANTA. Crato é das três cidades nordestinas a possuir exposição de caráter regional, oficializada.

A adaptação do gado holandês ao clima nordestino merece registro especial. É milagre da tenacidade de sertanejo. Quem diria que aquelas rézes, habituadas ao conforto dos estábulos e à temperatura fria de seu país de origem poderiam viver tão bem em zona seca de pleno Nordeste brasileiro.

Há pouco tempo, ainda no mês de Outubro do corrente ano, os cratenses aficionados à criação — Dr. Jósio de Alencar Araripe, Joaquim Monteiro e Juarez Ribeiro Lobo, visitaram a BACIA LEITEIRA de Alagoas. Já se depararam com técnicos-pecuaristas norte americanos que não encontravam explicação plausível como se poderia criar gado holandês, robusto, sadio e com produção avultada de leite, em terras quentes, à base alimentar de cactos, como sucede ali, em Alagoas, nas vizinhanças do rio São Francisco.

A chamada Bacia Leiteira de Alagoas compõe-se de municípios de Batalha, Major Isidoro e Jacaré dos Homens. Ficam numa distância média de 35 léguas de Maceió. Compõe-se de terrenos ondulados, parte plana, compostos de barro com areia, com 300 metros de altitude. A pluviosidade é relativamente pouca. Caem mais neblinas do que chuvas pesadas. O rio Ipanema que passa naquelas paragens raramente dá enchente. A palma doce, pouco adaptável em outras terras é alimento principal do gado, medra, com toda a pu-

jança, saqueles terrenos. Além disso não escasseiam "capim-verde", elefante e outras variedades. A SUDENE para suprir a falta d'água instalou perfeito serviço de canalização para abastecer toda aquela importante zona pecuarista.

O holandês da RAÇA LEITEIRA DE ALAGOAS não é puro. É cruzado com o zebu, em tôdas as modalidades. A produção leiteira é enorme, consumida localmente, exportada para Salvador e Maceió ou empregada na fábrica de laticínios Sta. Maria. Há vacas que alcançam média de 35 litros de leite diariamente. A tarefa de terra, naquela redondeza, é vendida a razão de 200 cruzeiros novos. Não falta serviço para o trabalhador rural que pode plantar também feijão mulatinho e outros cereais.

O gado em pé é exportado para o Norte e anualmente é exposto na Exposição Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados de Crato e em exposição de outras zonas, e em Alagoas importam reprodutores holandeses da colônia flamenga de Castrilândia, no Paraná e zebus do Triângulo Mineiro.

Todo gado, de sangue zebu que nos veio da Bahia é originário do Triângulo e mais remotamente da União Indiana.

Lima Barreto, o talentoso mulato, que deixou obra imorredoura, ao criticar, com sarcasmo, a recepção aos antepassados zebus, em Uberaba, não adivinhou a avultada importância daquela raça na economia e no progresso do Triângulo Mineiro. Foi isso em VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ, escrito no ano de 1908. Relata as festas com que aquela cidade acolheu os primeiros reprodutores de gado de cupim, procedente da Índia. Agora é ela a rainha incontestável do REINO ZE-

BU. Os uberabenses não espocaram em vão os seus foguetes nem a sua charanga tocou dobrados em homenagem a qualquer político que já passou, sem qualquer rastro. Uberaba teve visão exata do futuro em recepcionar não condignamente o zebu. Veio na qualidade de salvador econômico da zona. Ficou e assenhorou-se da terra, estendeu-se depois pelo Brasil todo. Uberaba engrandeceu-se. Agora é das urbes que mais progredem em todo o país. Mas, vejamos o trecho do livro de Lima Barreto:

— Eu não quero adiar o prazer que te prometi

— Qual?

— A leitura destas lindas crônicas da "GAZETA DE UBERABA".

— Vamos ler.

— Trata-se da chegada a Uberaba de alguns poetas?

— Não.

— De naturalistas?

— Não. Trata-se da chegada de reprodutores zebus. O jornal ocupa-se com o fato em três colunas e começa assim: "ainda uma vez Uberaba teve o ensejo de constatar o quanto pode a iniciativa de seus filhos, etc., etc."

Continuou a ler e em outro ponto disse-me:

— Guarda essa frase: bate-dores de uma nova cruzada, etc.

Encomendou a leitura e, em dado momento, chamou-me a atenção:

— Olha este pedaço: "embora o adiantado da hora, grande massa do povo, calculada em cerca de quinhentas pessoas, etc. "Que multidão! Hem?"

Reencetou a leitura e não tar-

dou em interrompê-la para sublinhar certo trecho :

Nota que houve música (então quando chegaram os touros e as vacas) a banda SANTA CECILIA rompeu brilhante dobrado e nutridas aclamações se fizeram ouvir. Vivam „as vacas! — acrescentou Gonzaga.

Seguiu por diante a sua leitura e, em certo tempo, disse-me:

— Observa êste pedacinho “vieram alguns indivíduos NELORE... destacando-se um pelo belo porte e beleza”.

Abaixou o jornal e considerou:

— Imagina tu quantas vacas amorcasas não o esperavam em Uberaba”.

Não advinhava o escritor que nem poetas nem naturalistas teriam influido tanto nos destinos de Uberaba do que aquelas rézes que, com razão e perfeita previsão do futuro foram estrepitosamente aclamados na acanhada cidadezinha de outrora, hoje capital natural do Triângulo Mineiro. Em certos pontos já roubou até o

centro do império do zebu da própria União Indiana, que lhe mandou os primeiros reprodutores.

Aquela festa repercutiu em todo o Brasil. O gado novato tão adaptável ao sertão, irradiou-se em todos os quadrantes. Pelos antigos caminhos das entradas baianas, chegou ao sul do Ceará e ficou.

O S. Francisco foi o rio da civilização e da unidade nacional. Antes conduziu indígenas para o Cariri, depois povoadores da Bahia e de Sergipe, mais tarde o gado zebu e holandês.

Em 1960 chegaram ao Vale Caririense, os fios redentores da CHESF, criando novas riquezas especialmente com apreciável surto industrial. A principio foi atingida pela crise nacional e regional. Agora começa a refazer-se, a equilibrar-se, graças à cooperação segura da SUDENE.

A missão do grande rio é eminentemente civilizadora, não só para o Vale Caririense como para importante trecho deste nosso Brasil.

O DIVINO JESUS

DA TÔNICA INCONSUTIL LHE DESPIRAM,
DEIXANDO O TORSO NU E O AÇOITARAM.
ESPINHOS NA CABEÇA LHE PREGARAM
E EM SEU RÓSTO PURÍSSIMO CUSPIRAM

TÓDO O CÔRPO SANTÍSSIMO FERIRAM
E NAS MÃOS UMA CANA COLOCARAM.
SÔBRE OS OMBROS UM MANTO LHE JOGARAM...
DO SEU ESTADO, LASTIMOSO RIRAM.

À CASA DE PILATOS FOI LEVADO
E AO PÓVO ENFURECIDO APRESENTADO :
— “QUEREMOS BARRABÁS! MORTE A JESUS”

O CALVÁRIO SUBIU SOB O MADEIRO,
AQUELE QUE SALVOU O MUNDO INTEIRO,
— O DIVINO JESUS, MORRE NA CRUZ.

JOÃO ALVES ROCHA

"O Dia Santo da Pátria" - Seus Orágos

Gen. Raimundo Teles Pinheiro

(PALESTRA PROFERIDA NO
SALÃO NOBRE DA FENIX
CAIXEIRAL DE FORTALEZA,
AOS 4 DE SETEMBRO DE
1969)



Atendendo a honroso e gentil convite do Prof. Raimundo Antunes, para dizermos algo sôbre a destacada e distinguida efeméride da INDEPENDÊNCIA POLÍTICA DO BRASIL, sôbre tão aureolado evento que poderemos, com evidente propriedade, denominar "O DIA SANTO DA PÁTRIA", e enaltecer, consequentemente, os seus eminentes criadores, ou evidentes orágos, aqui comparecemos prazerosamente, muito embora para tanto desprovidos das necessárias e claramente desejáveis credenciais.

Que de nôvo, que de original, poderíamos relatar-vos todavia, em que peze o nosso elevado senso de civismo e altanado amor à Pátria, a que servimos abnegadamente durante quase oito lustros, através do glorioso Exército Nacional a que tanto amamos e jamais esqueceremos, — e continuamos servindo, honestamente, noutro setor?

Conviria lembrar-vos, contudo,

que o grande e insuperado guerreiro Napoleão Bonaparte, através das aguçadas baionetas dos vigorosos e tenazes granadeiros de Junot, forçando o apressado e espavorido embarque do bonachão D. João VI, sob a proteção da Esquadra inglesa, da bela Lisboa para o então ignoto Brasil, teria sido a poderosa mola que impulsionou o potente instrumento que dilacerou as cortinas da opressão e permitiu o estabelecimento do adequado e preciso ambiente, que nos permitiu pulverizar os feros grilhões que nos acorrentavam à prepotente Metrópole? (Coincidentemente, o bicentenário de nascimento de Napoleão Bonaparte, guerreiro genial para uns, o cavaleiro do apocalipse para outros, ocorreu no dia 15 de agosto último. E no conceito de Pedro Calmon em artigo inscrito na imprensa local, "para a América êsse herói inesperado foi uma Idéia em oposição ao Passado, um princípio

contraposto a uma Herança e uma Bandeira (a tricolor) sobre a crise de mudança nos países que surgiram: Estandarte, Princípio e Idéia de Nacionalidade”).

Recordar-vos — despertando, acicatando o sono profundo da memória — a clarividente advertência do sagaz D. João VI ao seu reconhecidamente fogoso filho D. Pedro, no justo momento do seu forçado e indesejado regresso a Portugal, sobre a preciosa corôa do vasto Império que poderia ser arrebatada e facilmente preada por audacioso aventureiro inescrupuloso?

Rememorar-vos carinhosamente, pleno de sagrada união, detalhada e minudentemente, o eficiente engenho, o tremendo esforço, o extremado denôdo, as cruciantes canseiras, os inauditos sacrifícios, as incontáveis lágrimas, o incontido e pegajoso suor, o volumoso sangue empenhados, valorosa, abnegada e patrioticamente, pelos inolvidáveis construtores da INDEPENDÊNCIA POLÍTICA, que até o presente momento vimos desfrutando e desfrutaremos, acobertados pela graça DIVINA, sempre e evidentemente?...

Aspiramos, óbvia, honesta e veementemente, eliminar criminosos equivocados, restabelecer a verdade histórica, entronizando patrioticamente a justiça em toda a sua plenitude:

Costuma-se dizer, e está escrito clamorosa, desgraçada e criminosamente, de modo geral, que foi incruenta a nossa INDEPENDÊNCIA e trombeta-se em todos os quadrantes, o GRITO simbólico do IPIRANGA, como se não fôsse êle apenas um momento, um momento simbólico, é verdade, de prolongado e sanguinolento processo político. E só...

Esteiados, estruturados, basea-

dos em que se tem divulgado tamanha estultície? Haverá, pelo respeito e amor à autenticidade dos fatos, quem ignore que, em holocausto à nossa desejada AUTONOMIA POLÍTICA, derramaram precioso sangue Filipe dos Santos, Tiradentes, os mártires de 1817, entre tantos outros, e terem-se travado, na Bahia, até 2 de julho de 1823, cruentos combates contra as tropas portuguesas de Madeira de Melo, e jorrado sangue de bravos e inesquecíveis patriotas, inclusive de humildes e santas freiras, como ocorreu sãdicamente com a heroína Joana Angélica?

E que, aqui pertinho de nós, no Piauí e no Maranhão, combateu-se violentamente, de fevereiro a 31 de julho do citado ano de 1823, bem assim, como insofismável exemplo, no sangrento combate de GENIPAPO, travado em 13 de Março — ali, nas proximidades da atual cidade de Campo Maior, — entre as tropas do intrépido valoroso e experimentado Major João José da Cunha Fidié e as dos patriotas independentistas piauienses e cearenses da área ibiapabana e adjacências, tiveram estas 200 mortos e feridos, além de 542 prisioneiros?

E mais, que os bisonhos, porém valorosos soldados nordestinos comandados pelo Capitão-Mor do Crato Pereira Filgueiras — General em Chefe — Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, Simplício Dias, Souza Martins (posteriormente Visconde de Parnaíba) e Melo César, combatendo denodadamente, forçaram a capitulação de Caxias (onde se recolhera Fidié depois da vitória de Puro alcançada sobre os independentistas nos Campos de GENIPAPO), após três longos e penosos meses de violento assédio aos reinôes, brava e eficientemente comandados pelo já citado Fi-

dié, e constituíam o último núcleo de resistência portuguesa organizado na América, crçavam por 8.000 homens, vultoso efetivo para a época e o meio? Bem como que aludido efetivo era superior aos dos Exércitos comandados, respectivamente, pelos grandes libertadores americanos Bolívar e San Martin? (O maior, organizado pelo primeiro, tinha 7.000 homens e o organizado pelo segundo, apenas 5.000).

São evidentemente válidas as gritantemente verídicas afirmativas do eminente médico e imortal escritor Afrânio Peixoto, em conferência proferida aos 2 de julho de 1923, no Instituto Histórico Brasileiro, no Rio.

Ouçamo-lo com unção: "O Norte, era então o principal do Brasil; dois terços de sua atividade útil, o que os portugueses mais guardavam e onde acumulariam seus elementos de resistência. No Sul, a Independência foi "Te-Deum", beija-mão, aplausos, luminária, flores, fitas e proclamações. No Norte, sitio e trincheira, fome e peste, sangue e morticínios...

Aqui a adesão; lá a guerra"...

Retomando a posse da palavra, prossigamos. Recordar-vos, em suma, que LIBERDADE e INDEPENDÊNCIA eram uma idéia, primorosa idéia em marcha sem vacilação e uma contingência do século — auridas no humos des-humanamente sanguinolento da Revolução Francesa — abundantemente propagadas na vasta amplidão ecumênica da América Latina?

O indelével quadro de tão raro labor artístico, de civismo, de amor à terra-mãe, é do conhecimento e sentimento de todos, e permanecerá sempre, evidente e eviternamente, em nossos corações, em nossas almas e em nossas me-

mórias, porque indubitavelmente impercível.

Pouco mais podemos recordar, portanto; mas podemos, que-remos e devemos afirmar, plenamente convencidos de que, nesta clamorosa e esfingética quadra de decepções incontáveis e apreensões atordoantes, nossos amáveis corações, nosso honesto e criterioso senso de responsabilidade e compreensão, reverenciam contritamente a memória dos incansáveis obreiros que tudo empenharam, sacrificando-se, não raro perdendo a vida preciosa, pelo nobre ideal de criar, emoldurar e conservar, até os nossos angustiantes e turbulentos dias, o grande e primoroso quadro da NAÇÃO BRASILEIRA.

Exmas. Senhoras e Senhores.

Demais distintos e atenciosos ouvintes.

Já o dissemos alhures, em circunstâncias idênticas, inebriados por profunda e sacrosanta devoção ao querido Brasil e a seus gigantescos construtores, a par de esfusante contentamento de sincero patriota, unguidos plenamente pela mesma exaltação cívica de amor à ordem e às instituições:

Cada um de nós aqui presentes — permitimo-nos afirmar com veras segurança — estamos elevando uma sincera prece a DEUS ONIPOTENTE pela alma daquêles inesquecíveis titans que, com o cérebro, com o vigor de potentes músculos, com a generosidade dos pulcros corações, o elevado calor do seu estuante sangue, argamas-saram e erigiram o indestrutível edificio da NACIONALIDADE a que pertencemos e se chamam, sim, chamam-se porque aqui presentes nesta memorável e esplendente solenidade: FILIPE DOS SANTOS, TIRADENTES, JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, GONÇALVES LÉDO, CLEMENTE PEREIRA, FEIJÓ, LUIS ALVES DE LIMA E SILVA, PEDRO PRIMEIRO, MARIA QUITÉRIA DE JESUS, PEREIRA FILGUEIRAS, TRISTÃO GONÇALVES DE ALENCAR ARAIPE, JOÃO CÂNDIDO DE DEUS E SILVA, SOUZA MARTINS, SIMPLÍCIO DIAS E SILVA, entre tantos outros bons e insignes patriotas envoltos no tenebroso manto do anonimato.

E então, conscientemente, calorosamente, podemos e concitamos a todos — para que permaneçamos dignos dos nossos valerosos antepassados — que juremos, plenos de verdadeira fé, dedicado e carinhoso amor, férrea e convicta vontade, conservar, melhorando tenaz e incessantemente, o precioso e proeminente monumento por eles edificado e a nós legado.

E para tanto, como cantaria o inspirado poeta — príncipe Guimarães Bilac: “Amemos calorosa e sinceramente a PÁTRIA, sagrado e estimado escriptorio que contém a nossa Terra, a Família, a Linguagem com que exprimimos os nossos pensamentos, a Igreja que alivia as apoquentações das nossas dôres, a História que enfeixa as viris tradições dos nossos maiores e a jovem raça que, lenta mas progressivamente, esteriotipa, os marcantes e humanísimos traços de nosso povo”.

Preocupemo-nos, sempre e constantemente, com a “a prática incessante das virtudes pessoais, domésticas e cívicas”; eliminemos a “indigência dos instintos e moralizemos a fraqueza das paixões, enamorando-nos perpetuamente da honra”; cultivemos a “intrepidez sem violência, a prudência sem timidez, a firmeza, sem que, jamais, a nossa perseverança se repaste na desdita de outrem”...

Cultivemos o amor, “porque o amor é o mais belo sentimento da natureza humana”; sejamos sinceros, qualquer que seja” o ambiente das nossas atividades e o alcance da nossa influência”; elevemos “o orgulho da profissão e o prazer corajoso do trabalho qualquer que seja a nossa ocupação, e nas cansaças, nas suas vicissitudes, nos desalentos pecaminosos, cantemos ditrambos ao dever bem cumprido”.

Exmas. Senhoras e Senhores. Senhoritas.

Numa sincera, verdadeira e contrita majestosa prece, nas vésperas do “DIA SANTO DA PÁTRIA”, que ora cultuamos com ardor cívico incomparável, pereremos inspirados no genial Rui Barbosa:

Acatemos e elevemos a justiça, “porque da justiça nasce a confiança, da confiança a tranquilidade, da tranquilidade o trabalho, do trabalho a produção, da produção o crédito, do crédito a opulência, da opulência a respeitabilidade, a duração, o vigor”. E mais, para finalizar este aranzel que já vos fatiga: firmados na “moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, e no valor insuperável das capacidades”, SIRVAMOS BEM AO BRASIL.

Jamais, em tempo algum, alienemos a ambicionada e sacrosanta condição de bons e, se possível, excelentes BRASILEIROS!...

AUTORES CONSULTADOS:

- Oliveira Lima
- Hermínio de Brito Conde
- Olavo dos Guimarães Bilac
- Rui Barbosa
- J. Denizard M. de Alcântara
- Raimundo Teles Pinheiro (Trabalhos anteriores)

Indústria de Massas Alimentícias GESSI

I M A G

ESMERADA FABRICAÇÃO DOS MAIS
AFAMADOS BISCOITOS E MACARRÕES

P R O D U T O S

D E

A L T A

Q U A L I D A D E

À VENDA NAS PRINCIPAIS MERCEARIAS
E SUPER-MERCADOS

Apoio financeiro

Convênio :

B N B

SUDENE

CODECIF

Rua Santos Dumont, 20/22

CRATO — CEARÁ

CADISA

Caruaru Diesel S. A.

VEÍCULOS, PEÇAS E ACCESSÓRIOS

CONCESSIONÁRIOS MERCEDES BENZ NO
INTERIOR DE PERNAMBUCO
E NO CARIRI

RUA SÃO PAULO, N.º 2 — CARUARU - PE.

Escritório Regional do Cariri:

RUA SANTOS DUMONT, 23 — FONE 552

CRATO

—o—

CEARÁ

Toma posse da Cadeira N. 1, de Ciências, tendo como Patrono o Dr. Barreto de Sampaio, o Dr. Napoleão Tavares Neves. Patrocínio do Lions Clube de Barbalha

Sob o patrocínio do Lions Clube de Barbalha, realizou-se na noite de 28 de Setembro de 1969 a Sessão Extraordinária do I. C. C. que deu posse ao Dr. Napoleão Tavares Neves na Cadeira n.º 1 da secção de CIÊNCIAS e que tem como patrono o saudoso cientista Barbalhense — Dr. Barreto Sampaio. Os trabalhos ocorreram no Cetama Clube, cheio, felicemente iluminado e artisticamente decorado. Foi presidida por J. de Figueiredo Filho que compôs a mesa com o Dr. Edvar Teixeira Ferrer, presidente do Centro de Cultura de Juazeiro, Snr. Edmundo Sampaio, o animador principal daquela promoção e quem abriu a sessão, Dr. José Newton Alves de Sousa, Snr. José de Sá Barreto, Presidente da Câmara Municipal de Barbalha, Snr. Antônio da Costa Sampaio, Prefeito Municipal, o Vigário da Paróquia — Pe. E. Oliveira, Dr. Anibal de Figueiredo, do Rotary de Crato, Antônio Correia Coelho, tesoureiro do I. C. C., Dr. Napoleão Tavares

Neves, o conferencista e vários membros do Lions Clube, Dr. Marchet Callou, Dr. Napoleão Tavares Luz, de Jardim, Dr. Lyrio Callou Pe. Temoteo, Pe. Manfredo. Encerrada a reunião do Lions pelo Snr. Edmundo, o presidente do I. Cultural do Cariri iniciou a magna assembléia explicando a sua finalidade e dando a palavra ao Prof. José Newton Alves de Sousa que fez a oração de recepção ao Dr. Napoleão. Este seguiu-lhe com a palavra. Todos os dois discursos serão publicados nas páginas desta revista, como atestado das sessões mais brilhantes do I. C. C. O Prefeito Antônio da Costa Sampaio, convidado pelo presidente do I. C. C., com belas palavras encerrou aquela magna sessão. Seguiu-se lauta mesa de bebidas e complementos da festa do Lions Clube de Barbalha. O secretário foi o jornalista Huberto Cabral e aquela reunião deixou a melhor repercussão, como ponto máximo da cultura cariense.

**Discurso do Professor José Newton
Alves de Sousa, saudando o primeiro
ocupante da Cadeira de Secção de Ciências,
Dr. Napoleão Tavares Neves**

É para mim um prazer receber-vos, Senhor Dr. Napoleão Tavares Neves, ao occupardes a Cadeira N.º 1, da Secção de Ciências, do Instituto Cultural do Cariri, e saudar-vos nesta terra, onde erguestes vossa tenda profissional, vos pusestes em íntimo comércio com os livros e em convívio com vossa família e vossos amigos.

Na vida de cada homem, como na de cada grupo, interferem duas constantes fundamentais, tempo e espaço, às quais nos sentimos irremediavelmente ligados.

Começastes a existir, historicamente, em 1930, procedente de uma das mais honradas famílias da região.

Estudastes em Crato, Fortaleza, Salvador e Recife.

Em Jardim, que floresce nos flancos da chapada, tivestes nascimento e infância, dias felizes, de telurismo forte e singeleza espontânea, temperatura helvética, mas coração tropical. Era o prenúncio de uma vida assinalada para as determinações vitoriosas.

Toca-me profundamente a alma evocar a Ginásio do Crato, onde ambos estudamos.

Está por escrever-se a história desse educandário modelar, que

formou tantas gerações e permitiu a continuidade, no Cariri, de uma cultura que se nucleara no Seminário Diocesano e cujas raízes persistem vivas, pois os veios que as alimentaram procediam de mananciais perenes e eternos. Interiorizar, com bom fundamento, o ensino, em todos os graus, é, sem dúvida, obra de altíssimo descortínio político e esclarecido patriotismo, além de atender a um indisfarçável e inadiável imperativo de justiça nacional.

Fortaleza foi, para vós, o primordial apêlo talássico.

Ali, a civilização da montanha miscigenar-se-ia, em vosso espírito, com a do oceano. Praia, mar, sol e céu, na beleza de seu cromatismo, seriam, ante vosso espírito aberto à ordem universal, um nôvo mundo de encantamento, não só para o poeta que a todos nós nos acompanha, como para o homem de ciência, que serieis depois.

Acolheu-vos depois Salvador, a mais maternal e mais nossa de tôdas as cidades brasileiras. Ali, o tempo tem tôdas as idades e cada lar é uma extensão do nosso. Ali, as Humanidades, que por séculos predominaram, não se fecharam à Ciência, e o conjunto do Pelouri-

nho não conflita com o Centro Industrial de Aratu. Ali, prosseguides em vosso aprendizado e assimilastes lições de bahianidade, que é uma fórmula concentrada de ser bom.

De Salvador, fostes para Recife, onde os rios e o mar são íntimos e onde fizestes vossos estudos superiores.

Recife, que também é tão nossa, havia-nos talhado bacharel em Medicina, para em Barbalha serdes médico.

Jardim fôra-vos o bêrço. Crato constituirá-se, para vós, a primeira grande escola. Fortaleza valerá-vos como experiência vestibular ao grande mundo. Salvador retemperou-vos a brasilidade. Recife profissionalizou-vos.

Barbalha seria um retôrno. Uma segunda Jardim. Apenas, aqui, a ordem da vida viria a ser outra: do impulso de transitividade, que leva o homem a buscar na espôsa o acusativo substancial, o complemento afetivo do coração, terra lírica onde brotam todas as flores e podem repontar todos os espinhos.

Jardinense e jardineiro, plantastes o amor pelo casamento, espalhais o bem pela profissão e a verdade pelo magistério.

Sabemos todos que sois, simultaneamente, homem inteligente e homem da inteligência. De vossa pena, pela "Itaytera" tem dito como é brilhante, e de vossa palavra os auditórios testemunham como é fluente e erudita.

Quando o Instituto Cultural do

Cariri incluiu vosso nome entre os que devem constituir sua Secção de Ciências, foi porque reconheceu vossos méritos e confia em vossos conhecimentos.

Vosso Patrono é o oculista Barreto Sampaio, de ilustre memória.

Entraiis para o Instituto sob a tutela de um luminar desta terra.

O interior, Senhores, pode ser alguma vez esquecido, mas nunca deixou, nem deixará, de ser berço e forja de grandes homens.

O Instituto Cultural do Cariri, abre, com vossa entrada nêle, nova página em sua fecunda história.

Vós, Senhor Doutor Napoleão Tavares Neves, sois dela a razão de ser, lustre e esperança.

Em vosso encaço, outros virão, em sucessões horizontais e verticais.

Fical certo, porém, de que vosso nome é já um marco.

Este ano, comemoramos o bicentenário de Napoleão Bonaparte.

Seria o ano dos Napoleões?

Só sabemos que não haverá bloqueio nem "Santa Helena".

Bloqueio é imperialismo e violência, e vós lutaiis pela causa do próximo, curando corpos e iluminando inteligência.

"Santa Helena" é insulamento e vós sois uma presença viva na comunidade que hoje vos homenageia, do modo mais consagrador.

Tomaiis assento na Cadeira N.º 1, da Secção de Ciências, do Instituto Cultural do Cariri.

Bem o mereceis, e nós vos aplaudimos.

Aspectos da "Doença de Chagas" no Cariri Cearense

Autoridades civis, militares e eclesiásticas !

Senhores do Instituto Cultural do Cariri !

Senhores Leões e Excelentíssimas Domadoras !

Senhores do Centro Juazeirense de Cultura !

Ilustres convidados !

Visitantes !

Meus Senhores !

Minhas Senhoras !

Meus queridos pais aqui presentes, a quem emocionado, transfiro todas as alegrias e homenagens desta festa !

Provando o caráter sabidamente regional que ostenta até no seu próprio nome, o Instituto Cultural do Cariri, nesta noite memorável da vida barbalhense, desloca-se do Crato para Barbalha, deixa as margens do Grangeiro impetuoso para instalar-se no tôpo ondulado da colina barbalhense, que o Salamãca, amoroso, enlaça docemente em meio aos eflúvios de um amplexo natural, cernizado indelivelmente na nossa retina pela paisagem clorofilada e quase paradisíaca dos seus brejais.

Digo caráter regional no bom sentido, no sentido amplo de abraçar e englobar regiões afins pela fisiografia, pelos costumes, pela paisagem social enfim, e nunca no sentido restrito e limitativo de excluir paragens e delimitar fronteiras.

Pois bem, senhores, com esse caráter regional, o Instituto Cultural do Cariri, faz dos tradicionais salões do "Cetama Clube" a sua séde, não sem razão de ser, porque, embora seja esta uma casa de diversão, "Cetama" foi também o nome de um vibrante jornal barbalhense do início deste século, de admirável vitalidade para a época, e em cujas páginas independentes abrigou a fina flôr da intelectualidade caririense que nêle encontrava o desaguadouro amplo para os seus extravasamentos literários e cívicos. A êle as minhas homenagens porque a êle me liga grande afeição, pois em suas páginas Napoleão Franco da Cruz Neves, meu avô paterno, de quem herdei o nome e uma tradição de honradez e honestidade, intocado patrimônio que legou à sua descendência, publicou na primeira década deste século célebre e intemerato manifesto político que fez época pelo seu desassombro e intrepidez.

Além do mais, se isto não bastasse, êste simpático salão é a furna dos "leões" de Barbalha a

quem, nesta hora festiva, rendo as minhas homenagens por haverem reivindicado a promoção desta festa e mais ainda, por fazerem do seu clube a fonte natural de todas as sadias iniciativas que ornamentam com as flores do progresso e da cultura a vida da nossa comunidade.

Pois bem, fazendo do "Cetama Clube" o seu refúgio nesta noite de cintilações primaveris, na qual lá fora o brilho das estrelas parece festejar no firmamento incommensurável a conquista da lua pela tecnologia humana, o Instituto Cultural do Cariri, solenemente, recebe como seu membro o modesto orador que vos fala e que, da planície do seu anonimato intelectual contempla embevecido, como amante das boas letras, os pincares já alcançados de glórias e de conquistas da cordilheira intelectual formada por aqueles que em boa hora o criaram, mais que isto, projetaram-no nacionalmente. E ao vos contemplar posso bem aquilatar o desnível cultural da planície onde me situo sem falsa modestia, para a cordilheira majestosa que sois vós, Instituto Cultural do Cariri, personificado nesta magnífica seleção de homens de pensamento em plena maturidade intelectual e no apogeu efervescente de uma atuante vivência cultural, completada por esplêndida e sadia experiência humana.

Modestamente eu vos contemplo e no vosso meio identifico figuras exponenciais da cultura caririense em todos os campos da seara do pensamento, alguns dos quais meus antigos e diletos mestres, de cuja convivência no velho e saudoso ginásio do Crato, nos albores da minha vida estudantil, guardo

as mais gratas recordações que deixaram marcas indeléveis na formação da minha personalidade, incólumes à ação deletéria da poeira dos tempos. Sois, não há negar, a ebulção cultural de um povo adulto que caminha para o futuro certo de alcançá-lo, porque busca nas tradições imarcescíveis de um passado glorioso, o refrigério para as horas de canseiras da longa caminhada na passarela dos séculos, balsamisada sempre pela brisa da Liberdade que no Ceará fez do Crato o seu esplêndido berço e o fulcro onde se apóia a alavanca dos cometimentos intelectuais e cívicos do Cariri.

E deslumbrado pelo brilho ofuscante desta solenidade, eu me pergunto a mim mesmo e vós da platéia haveis de perguntar uns aos outros ou de si para si: "Como aconteceu isto? Por que emergi da minha obscuridade, do isolamento compulsório" da minha modesta clínica para as culminâncias desta evidência? Não sei! Perguntai a Figueiredo Filho cuja grandeza de coração aqui me trouxe e à benevolência de que farto o coração dos que fazem esta Casa de cultura que me não baterem a porta, permitindo que eu entrasse para ser um de vós, "embora sabendo não ser o esperado, o candidato ideal entre tantos valores que ainda estão do lado de fóra". Fui entretanto, o eleito, arrancado do anonimato de minha vida de médico sertanejo para, perante vós, defender uma tese e ocupar, por via de consequência, uma das cadeiras de Ciências do Instituto Cultural do Cariri. Como era natural, recebi o honroso convite como um tremendo impacto e atônito, fiquei indeciso entre aceitar tão grande honraria e não

aceitá-la, porque, sem falsa modestia, rebusquei no meu cérebro o lastro de cultura indispensável ao bom cumprimento de tão difícil missão e não o encontrei. Que fazer, então? Como desincumbir-me de tão honroso mandato? Com que roupagem apresentar-me perante tão seletto convívio e tão exigente auditório? Uns aqui vieram saídos das lides jornalísticas. Outros do brilho das tribunas sacra ou civil. Outros mais da proficiência das cátedras e alguns até da glória literária que as vitrines das livrarias e editoras infundem àqueles que materializaram a ânsia de criar em alguma obra de sucesso regional ou até nacional, como é o caso do vosso grande Presidente que, nesta sua inquieta juventude de cabelos brancos, aparece simultaneamente nos jornais do Cariri, de Fortaleza e de Recife, no mostruário das nossas livrarias e vez por outra ainda costumava apreciar a beleza do seu estilo leve, escoreito e convincente na "Revista Brasileira de Medicina" onde o seu castigo vernáculo leva os temas para — médicos do nosso amado rincão ou na revista "Brasil Açucareiro" por êle escolhido para falar de agricultura, base da nossa economia. E eu? que linhagem literária ou cultural vos traria para vossa apreciação? De súbito encontrei algo que justificasse a ousadia de haver atendido ao vosso chamamento: "Na vida acompanhou-me sempre uma constante, qualquer que fosse o caminho percorrido. Uma exigência da própria natureza que, não se afeiçoando a outros prazeres, se recreava nos livros, adquiriu a paixão da leitura" e não sendo um criador de belezas literárias sou, entretanto, um eterno e apaixonado admirador das belezas que os

outros criaram e desde os meus bons tempos de ginásiano no saudoso e querido Ginásio do Crato até os tempos da Faculdade nunca deixei de ler tudo que estivesse ao meu alcance, nunca perdi sessão cívica ou literária, sessão do juri ou comício e até fui assíduo frequentador das sessões públicas das Academias de Letras do Ceará, da Bahia e de Pernambuco.

Lançando um olhar retrospectivo aos caminhos palmilhados é fácil recordar como se fosse hoje, com que embevecimento ainda ginásiano ouvia no Crato a palavra fulgurante de Aluísio Epitácio Pereira, Elisio Gomes de Figueiredo e Monsenhor Antônio Feitosa. Posteriormente, em Fortaleza, nunca perdi um concurso de Catedrático fosse qual fosse a Faculdade que o realizasse. Assim conheci e ouvi entre outros Hermes Lima, Haroldo Valadão, Joaquim Pimenta e Djacir Menezes. Podia nada entender do assunto debatido, mas era o primeiro da fila a ouvir atento o que se discutia! Mais tarde, na velha e querida Salvador, nunca perdi nenhum discurso dos maravilhosos tribunos daquela encantadora terra, tais como: Otávio Mangabeira, João Mangabeira, Pedro Calmon, Antônio Balbino, Aloísio de Carvalho Filho, Orlando Gomes, Estácio de Lima e Pinto de Carvalho. Ainda na Bahia perdi um dia de aulas no Curso Científico pelo prazer de ouvir Erico Verissimo na Academia Bahiana de Letras. Finalmente em Recife, onde fiz o curso médico, onde quer que falassem D. Antônio de Almeida Moraes Júnior, Valdemar de Oliveira, Bezerra Coutinho, Gilberto Freire, Nilo Pereira, Francisco Montenegro, ali estava eu a escutá-los! Lembro-me que ainda em Recife retardei dias de fé-

rias para ouvir Afonso Arinos de Melo Franco, Alcides Carneiro, Carlos de Lacerda, Fernando Ferrari e Peregrino Júnior. E mesmo hoje, apesar do azáfama da clínica sertaneja, ainda saio para Jardim pelo prazer de ouvir o verbo arrebatador de Napoleão Neves da Luz, poeta e médico, ou para Crato para deleitar-me com a palavra de Monsenhor Rubens Gondim Lossio, professor José Newton Alves de Sousa, ou Dr. Raimundo de Oliveira Borges, entre outros, todos oradores espontâneos, fluentes e sonoros, como sonoras, fluentes e espontâneas são as fontes cristalinas que brotam do sopé da nossa majestosa Araripe. Com isto quero justificar a ousadia de haver aceito o vosso convite. Além do mais, diz o grande José Américo de Almeida, que "a palavra é a mais nobre faculdade do homem, não deve morrer na garganta" e após muito refletir, senti ser um imperativo de consciência atender ao vosso chamamento porque, como médico e como caririense, jamais me perdoaria se deixasse fugir esta magnífica oportunidade de falar a uma platéia culta e responsável sobre um assunto que me tem apaixonado desde os bancos acadêmicos aos dias atuais e que escolhi para tema da minha tese: "A doença de Chagas no Cariri Cearense". Mesmo assim, não deixa de ser uma temeridade esta ousadia, todavia, a mesma benevolência que vos fez chamar-me far-vos-á aturar-me e aqui estou sem pretensões de brilho literário ou eloquência oratória, sem lastro de cultura científica e sem acrescentar novidades minhas a êsse palpitante tema ao qual tantos luminares das ciências médicas brasileiras emprestaram o fulgor dos seus talentos, a começar pelo

Dr. Carlos Chagas cuja dedicação ao estudo e amor à pesquisa científica possibilitaram o descobrimento de tão grave moléstia até então total e universalmente desconhecida. Sim, porque a "Doença de Chagas" é uma doença descoberta no Brasil e, fato raro ou único no mundo, descoberta por um só homem desde o agente etiológico ou causador ao agente transmissor! É portanto, um problema de saúde pública muito nosso, mas também nossa e só nossa é a glória de tê-lo revelado ao mundo.

Nada de novo vos trago, portanto, além do que o mundo já sabe sobre tão alarmante doença de grande morbidade e relativa mortalidade, entretanto, trago-vos a côr local da moléstia, os matizes caririenses dessa endemia que até bem pouco tempo ouviamos falar como um grave problema de saúde pública lá do distante interior de Minas Gerais e longe estávamos de supor que sorrateiramente o "barbeiro", seu transmissor, invadia o Nordeste e o Cariri sem que o percebessemos. Hoje êle já é figura popular entre os nossos rurícolas que o conhecem por "proco-tó" e em propriedade agrícola de minha família no Município de Porteiras, ao fazer um ligeiro inquérito epidemiológico sobre a presença desse horripilante Triatomídeo nas casas de taipa dos nossos operários, tive uma chocante surpresa ao ouvir do morador da primeira casa visitada esta terrível resposta na sua matuta linguagem: "Doutor, mais não, mas meio litro aqui em casa dá para se arranjar"! E efetivamente nessa casa foram encontrados "barbeiros" suficientes para encherem um terço de um vidro vazio de sôro de 500 cc de volume!

Acreditai-me, pois, senhores do Instituto Cultural do Cariri, aqui vim principalmente porque senti que estaria prestando um serviço à nossa terra e a nossa gente, fazendo-as melhor conhecedoras de um assunto que precisa ser bem conhecido por todos nós, médicos ou não, jovens ou velhos, para que do seu mais amplo e melhor conhecimento, possa sair uma ajuda mais efetiva da nossa parte na luta que visa livrar a nossa gleba amada de um problema que, se é gravíssimo no presente, será no futuro um verdadeiro flagelo, tais os danos que poderá nos causar, minando a já combalida saúde do nosso povo, sobretudo do povo sofredor e humilde da nossa zona rural que, mesmo abandonado, é o sustentáculo da nossa economia, viga mestra do nosso progresso, até do nosso incipiente progresso industrial, porque fonte, por seu turno, da nossa matéria prima arancada ao adusto solo nordestino, sabe Deus com que sacrifícios, ainda a golpes de enxada, apesar de vivermos no século XX, fabuloso século do domínio pelo homem do espaço sideral e da conquista da lua, quando o Ocidente provou, mais uma vez, entre outras coisas, aquilo que só os sectários não querem aceitar: — Os regimes políticos da livre empresa são mais propícios ao progresso material e espiritual, vale dizer, ao bem-estar humano, porque em última análise, a conquista da lua foi a vitória insofismável da tecnologia do mundo livre sobre a tecnologia do mundo comunista ou mais poéticamente, já que falamos da lua, foi a descida da Liberdade na superfície selênica para evitar que lá descesse a opressão e dentro em pouco erigisse um novo muro de Berlim, estigma que de-

feita pelos séculos sem fim a face do genero humano, como se arame farpado e pedra fossem barreiras capazes de deter a ânsia de Liberdade que nasceu com o homem e ostensivamente ou veladamente reside no seu coração distinguindo-o dos outros seres.

Pois bem, senhores, aqui estou não somente pelo vosso convívio mas, porque senti que esta Augusta casa que tanto honra a cultura nordestina, seria um magnífico amplificador onde minhas despreziosas palavras encontrariam eco nas inteligências criadoras dos que a constituem, na cultura multifacetada dos que a enobrecem e no talento fulgurante dos que a dignificam levando-lhe além fronteiras o nome já aureolado, salientando-se sobretudo a pertinácia deste inimitável Figueiredo Filho, bandeirante da cultura caririense, porta-voz das forças vivas do nosso rico folclore que, na feliz expressão do Prof. Delgado, “é mais do que um simples indivíduo; é uma força da terra, agindo e estimulando, metendo nas almas alheias a ideia de que a cultura tem de ser uma forma de patriotismo”. Outro não terá sido senão este o motivo principal de minha presença aqui, nesta noite de gala não das vossas vidas mas da minha vida, quando genuflexo me posto diante da própria cultura caririense aqui tão magnificamente representada por esta pleiade de intelectuais valorosos e vontadosos, que honrariam qualquer grande centro de cultura, verdadeiros pioneiros das boas causas do espírito, desbravadores autênticos que, em meio a hostilidades e incompreensões de toda ordem, conseguiram, e que com altivez, dotar Crato e o Cariri de uma instituição como esta que significa os seus foros de

terra civilizada, honra o seu passado de cultura, de lutas e de civismo e pressagia alvissareiramente o seu grande destino de liderança regional. Este acatado recinto é hoje o refugio ameno da chamada "Escola do Crato" que deu ao Nordeste a revista "Itaytera" e que tem em Figueiredo Filho o caixeiro viajante das suas preciosas joias literárias que êle, com o desprendimento de bom nordestino e êste seu jeitão de vaqueiro, sai espalhando por êstes Erasís tão vastos, tornando a nossa terra conhecida e respeitada lá fora e a nossa atividade intelectual admirada até no exterior. Tal tem sido a dedicação de Figueiredo Filho a esta Casa que, se hoje fosse novamente escrever "O meu mundo é uma Farmácia", poderia sem pejo completar o título do seu grande livro, dizendo: "O meu mundo é uma Farmácia e o Instituto Cultural do Cariri". E graças a esta febricitante atividade intelectual êle hoje deixa de ser uma glória do Crato e desta Casa, para ser glória também do Ceará e da Academia Cearense de Letras e, por que não dizê-lo, poderia como poderá ser glória da própria Casa de Machado de Assis. É graças a êle, graças ao Instituto Cultural do Cariri e a "Itaytera" que o Cariri tem se projetado intelectualmente além fronteiras, tarefa hoje realizada também, e com brilho, pela nossa grande Faculdade de Filosofia do Crato e suas publicações que o destino em hora inspirada entregou à direção sábia e segura deste poeta da melhor qualidade, professor, intelectual e orador do mais refinado gabarito que é José Newton Alves de Sousa, a quem penhorado e sensibilizado agradeço as belas palavras de recepção que por si valem

como uma autêntica consagração, palavras nas quais além da sua inteligência pôs um pouco do seu grande coração que, segundo êle próprio disse alhures, "é sensível à Verdade e à Beleza, feito para a Felicidade e o Bem". Graças a estas duas beneméritos e incorruptíveis instituições, a seus membros e a seus órgãos de divulgação, aqui se plasma sólida cultura regional sem regionalismos doentios ou separatismo, mas pelo contrário preenhe do mais puro e sadio nacionalismo, valorizando os fatos ecológicos e sociais do Cariri para integrá-los, burilados por mãos hábeis, no contexto nacional da cultura brasileira. São movimentos de baixo para cima, do regional para o universal, segundo as boas normas de desenvolvimento cultural. Os nossos mais brilhantes movimentos culturais são fermentações do espirito que têm na Faculdade de Filosofia do Crato e no Instituto Cultural do Cariri a sua sadia levedura cuja ação dinamizadora do nosso processo cultural finca as suas raízes profundamente nas tradições immaculadas da grande terra cratense, sobre o bom de Frei Carlos Maria de Ferrara, outrora Alceia do Miranda, hoje Crato, Princesa do Cariri. Município Modelo do Ceará, cidade cosmopolita, ceireiro cultural do interior cearense que o meu parente Juarez Ancilor, Aires de Alencar, poeta e orador, assim saudou:

Nêste sonho fantástico de heróis,
Quando o século dezoito o véu rompeu
E a estrela da manhã surgiu no céu
Clareando os sertões, Crato nasceu!

Eia! Província do Cariris Novos...
De Barbalha, de Jardim, de Exu!...
Caminha, oh! cidade capital!

Para o progresso — teu porto seguro,
Onde se lê a legenda imortal:

Heróica pelo passado,
Grande pelo presente,
Imensa, pelo futuro!

Feita esta digressão introdutória, passarei agora a focalizar objetivamente o apaixonante tema que aqui me trouxe estimulado pelo vosso cativante convívio:

ASPECTOS DA DOENÇA DE CHAGAS NO CARIRI CEARENSE

Prometo ser breve, entretanto, antes de retratar a côr local da doença achei de bom alvitre fazer rápida exposição sôbre generalidades da mesma para que, sobretudo os leigos em assunto de medicina possam melhor entender o problema.

Vejamos inicialmente a razão de ser do nome "Doença de Chagas" — ao contrário do que muita gente pensa, inclusive gente ilustrada, o nome "Doença de Chagas" não quer significar que o doente apresente chagas pelo corpo. Não, êste nome foi dado em homenagem ao grande sábio e médico brasileiro — Dr. Carlos Chagas — que, no dia 9 de abril de 1909, na cidade norte-mineira de Lassance, no vale do Rio das Velhas, na pequena doente de nome Berenice Moura, descobriu a doença até então desconhecida. Êste fato, de larga repercussão científica internacional, evidenciou aos olhos do mundo o valor e a pujança da medicina brasileira e ainda hoje se constitui uma das glórias maiores da cultura médica do Brasil. O nome correto é, portanto, "Doença de Chagas" e não "Doença das Chagas".

O Dr. Chagas que fez a grande descoberta com apenas 29 anos de idade era pai do atual professor Carlos Chagas Filho, da Faculdade Nacional de Medicina e representante do Brasil na UNESCO.

HISTÓRIA DA DOENÇA

O Dr. Carlos Chagas fôra designado pelo saudoso Osvaldo Cruz de quem era amigo e discípulo para ir ao norte de Minas combater um surto de malária. Lá chegando, arguto e inteligente como era, notou logo nos habitantes da cidade de Lassance uma grande frequência de doentes cujo diagnóstico não conseguiu firmar. Examináva-os, catalogava os sintomas mas não conseguia encaixá-los em um diagnóstico firme e convincente que satisfizesse a sua curiosidade. Eram doentes, sobretudo crianças, que apresentavam anemia, astenia, perturbações cardíacas e digestivas, distúrbios nervosos, decadência orgânica, febre baixa, fastio, aumento dos glânglios e as vezes do baço e do fígado. Êle procurava a causa dessas queixas e não encontrava. Deveria haver algo desconhecido por traz de tudo isto. A malária, razão de sua ida a Lassance, não justificava esta rica gama de sintomas. O seu espirito de sanitarista ficou em constante vigília e posteriormente, ao fazer visitas domiciliares aos seus doentes, ouviu dêles referências frequentes a um inseto sugador do sangue, hematófago por excelência, que os picava à noite e tão logo acendiam o candieiro da casa, êles fugiam e se escondiam nas frestas das parêdes de taipa de suas toscas moradas.

O Dr. Chagas desconhecia até então a existência de tal inseto

que os habitantes do lugar chamavam "prototó". "chupão" ou até "barbeiro", isto porque têm especial predileção pelas faces das pessoas para picarem. Como era natural, o Dr. Chagas, ficou intrigado com aquilo e resolveu examinar ao microscópio o conteúdo intestinal do "barbeiro". Com surpresa lá encontrou um protozoário desconhecido que batizou com o nome de "Tripanozoma Cruzi" em homenagem ao seu grande mestre e chefe Dr. Osvaldo Cruz. Posteriormente levou ao microscópio o sangue dos seus doentes e lá encontrou o mesmo protozoário encontrado nas fezes do "barbeiro". Em seguida inoculou o referido protozoário em cobaios e êles adoeceram! Estava, assim, desvendado o grande mistério e descoberta a terrível moléstia que lhe herdou o nome para glória da medicina brasileira, esta mesma medicina que acompanhou o pioneirismo dos transplantantes cardíacos, transplantantes de rins, transplantantes de pâncreas e deu os primeiros passos para a cura cirúrgica da hidrofobia!

TRANSMISSÃO DA DOENÇA

A responsabilidade da doença corre por conta do seguinte tripé: o protozoário, o "barbeiro" e o homem.

O protozoário de nome "Tripanozoma Cruzi" é o agente etiológico ou agente causador. O "Barbeiro" que é um Triatomídeo com mais de 50 espécies é o agente transmissor ou hospedeiro intermediário cujas principais espécies entre nós são: "Panstrongilus Megistus" principalmente, seguido de "Triatoma brasiliense e Triatoma Infestans". Finalmente, o homem

que é o reservatório do protozoário ou hospedeiro definitivo e consequentemente a grande vítima, ao lado do gato, do cão, do gambá, da cutia, do tatú, e principalmente do pombo e da galinha além de outros pequenos animais em cujas tocas o "barbeiro" se esconde quando não encontra casa de taipa para morar. A doença que a princípio era silvestre evoluiu para o homem do campo e hoje já chegou ao homem das cidades. Sua transmissão é feita da seguinte maneira: o "barbeiro" infectado, isto é, portador do protozoário, pica o homem geralmente na face ou braços e ao encher o estômago de sangue defeca logo em seguida. A sua picada é indolor e no máximo produz discreto prurido, sendo portanto, imperceptível. Pois bem, ao sentir o prurido da picada a vítima leva a mão ao local da mesma e sem querer, involuntariamente, espalha as fezes do "barbeiro" contendo o protozoário no ferimento produzido pela picada do mesmo ou na mucosa do olho mais próximo ao ferimento ou ainda em alguma solução de continuidade da pele. Portanto, não é a picada em si que transmite a doença e sim a contaminação do ferimento pelas defecções do "barbeiro". Além dessa maneira há também a possibilidade da doença ser transmitida pela mãe doente ao filho por via placentar e principalmente pelas transfusões de sangue dos doadores doentes. É oportuno dizer que, certa vez, de 576 doadores de sangue de Belo Horizonte que foram examinados, 14 dêles eram portadores de "Doença de Chagas". Este fato causou tremenda celeuma e apreensões na época, entretanto, entre nós o problema hoje não é menos grave. Basta dizer que segundo a dra. Lise

Mary Alves Lima, em momentoso e interessante trabalho publicado na "Revista da Faculdade de Medicina do Ceará", em junho de 1967, de 1.230 doadores de sangue dos Bancos de Sangue da nossa Faculdade de Medicina e da Maternidade Escola Assis Chateaubriand nos quais foi pesquisado "Doença de Chagas", o índice de positividade foi de 5,2% e 8,6% respectivamente naquelas modelares instituições. Isto é realmente alarmante e catastrófico, assumindo ares de verdadeira calamidade pública! E o que é mais grave para nós no Cariri, a maioria desses doadores era de interioranos, tendo o Cariri contribuído com 8 sêles, sobretudo Crato e Jardim! É bom lembrar que em Crato o índice de infecção humana por "Doença de Chagas", segundo o Professor Joaquim Eduardo de Alencar, foi superior a 12% nas pessoas examinadas. Assim, no sangue que vai salvar uma vida em nossos hospitais poderá ir à morte posterior por "Doença de Chagas", pois no Cariri ainda não se faz, infelizmente, a Reação de Machado Guerreiros para pesquisar "Doença de Chagas". O Tripanozoma no sangue estocado em geladeira poderá permanecer vivo por 21 dias e somente será morto pela adição a este sangue de uma solução de violêta de genciana a 1/4.000 pelo espaço de 24 horas a temperatura de 4°C, prática que também ainda não se faz nos nossos Bancos de Sangue.

Senhores, este problema é da mais alta gravidade para o Cariri onde o movimento hospitalar já é dos mais intensos, o número de cirurgias e de transfusões muito elevado sem a paralela pesquisa de "Doença de Chagas" nos nossos

doadores de sangue! É bom lembrar que Crato já tem praticamente 5 instituições hospitalares; Juazeiro tem 2; Brejo Santo tem 2; Várzea Alegre, Campos Sâles, Lavras, Cedro, Barbalha, Nova Olinda, Santana do Cariri têm 1; Missão Velha, Milagres e Jardim, brevemente terão também o seu Hospital e em todos eles quantos chagásicos não serão doadores de sangue para salvarem vidas das garras da morte por anemia aguda, mas deixando tais vidas estigmatizadas indelevelmente e com encontro marcado com a morte por "Doença de Chagas" em futuro próximo! Paradoxalmente salvadores assim são algozes das vidas que salvam! Lembremo-nos como ilustração e também advertência que o boiadeiro João Ferreira da Cunha, primeiro brasileiro a receber um coração novo pelas mãos miraculosas do Professor Zerbini, com apenas 22 anos de idade, era um homem condenado à morte por "Doença de Chagas"!

EVOLUÇÃO E SINTOMALOGIA DA DOENÇA

Dez a quinze dias após a picada do "barbeiro" aparecem os primeiros sintomas que geralmente são aparentemente benignos e podem passar por sintomas de gripe nos menos avisados. São sintomas variados que vão de febre em torno de 37,5°C ao fastio, indisposição, esplenomegalia ou aumento do baço, hepatomegalia ou aumento do fígado, aumento da tiróide e dos ganglios, distúrbios nervosos tais como: insônia, neurastenia, cefaléia e raramente convulsões e sinais de meningite; distúrbios digestivos e principalmente distúrbios cardíacos tais como: Taquicardia ou pulso acelerado; queda

da tensão arterial, falta de ritmo cardíaco, falta de ar, edemas e principalmente cardiomegalia ou aumento do coração. Além disto há um sinal muito típico que é o sinal de Romaná e que consta de edema da palpebra de um dos olhos sem causa aparente; o doente aparece com a palpebra inchada sem conjuntivite, sem haver recebido traumatismo e sem haver sido picado por inseto. É um sinal muito característico e que já observei em um doente do Caldas que veio ao "Pôsto de Saúde de Barbalha" por mim dirigido. Indaguei se conhecia o "barbeiro" e a resposta foi que conhecia e que já fora por êle picado. Com isto quero demonstrar que a doença é largamente espalhada no nosso meio rural, sem que disto tenhamos conhecimento. Quantos não morrem subitamente, "de repente", como dizem e a causa do óbito cutra não é senão "Doença de Chagas"! Quantos não caem do seu cavalo na estrada da feira pontilhando de cruces as estradas poeirentas do nosso sertão!

FORMAS DA DOENÇA

As formas mais comuns da doença são: a forma cardíaca com 95% dos casos e a forma nervosa com apenas 5%, de onde concluímos que o protozoário afeta principalmente o músculo cardíaco, cujas fibras se enfraquecem até se romperem, levando à morte subita. Segundo os doutores Reynaldo de Brito Costa e Francisco Gomes de Alcântara, do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, em artigo na "Revista Brasileira de Medicina" de novembro de 1965 a "Doença de Chagas" causa lesões degenerati-

vas dos plexos nervosos intramurais das vísceras ócas do aparelho digestivo, produzindo diminuição da sua tonicidade e consequentemente hipertrofia e dilatação das mesmas, dando a chamada "gastropatia chagásica" constante de mega-esofago, ou seja dilatação do esofago conhecido popularmente como "mal do engasgo", além de mega-cólon ou dilatação dos cólons intestinais com prisão de ventre e posterior formação de fecalomas que são verdadeiros tumores fecais. Sua importância médico-social é muito grande porque atinge o grupo etário mais produtivo das populações, de 20 a 50 anos. A doença pode ter evolução aguda, causando logo a morte, principalmente na infância ou evolução crônica, nunca porém permitindo que o doente chegue a idade madura. A morte é sempre súbita e quase sempre por rutura do miocárdio.

PROFILAXIA DA DOENÇA

A profilaxia, ou seja, a maneira de evitar a doença, tem por base evitar o "barbeiro" por todos os meios ao nosso alcance. Como evitá-los, então? Substituindo os casebres de taipa e palha por casas de alvenaria e têsha ou pelo menos, rebocando e emboçando as casas de taipa, além de pulverizar frequentemente o interior das casas, móveis e arredores, galinheiros e pombais com B. H. C., poderoso inseticida que já teria paralizado a invasão doméstica do "barbeiro", se êle não fosse tão prolífero. Á bem da verdade, devo dizer de público e com satisfação que o B. H. C. tem sido admiravelmente eficiente na luta contra o "barbeiro" levada a efeito pelos anônimos guardas do D. N. E. Ru. sob o eficiente comando do

Dr. Fábio Esmeraldo secundado pelo Dr. Romão Sampaio que, sendo de Jardim supervisiona toda a zona rural do Setor Crato da-quele eficiente Departamento. É meritório o trabalho dessa admirável equipe que vai até o mais longinquo casébre do sopé das nossas serras, de Jeep até onde vai o jeep, a cavalo quando tem cavalo e a maioria das vezes a pé. Mas não é só na zona rural que o "barbeiro" é problema. Não, infelizmente ele já evoluiu nos seus hábitos e tem sido frequentemente encontrado em Barbalha em pleno perímetro urbano, em casas de alvenaria, estilo funcional, com piso de mosaico, água canalizada da fonte do Caldas e luz de Paulo Afonso! Em Juazeiro encontrei um "barbeiro" no moderno Pôsto do Ex-Sandu no apartamento destinado aos médicos, em uma das minhas noites de plantão! Até parece um desafio! E aqui cabe citar um fato de minha observação pessoal que pode ser contestado mas que merece uma investigação por parte dos nossos sanitaristas. É que tenho verificado que a migração de "barbeiros" da zona rural para as cidades aumentou consideravelmente com o advento da energia elétrica de Paulo Afonso aqui no Cariri. Como explicar o fato! Talvez pelo instinto de defesa e conservação da espécie, pois, o "barbeiro", embora habitualmente tenha a sombra e a penumbra como mais propícias a sua constante busca de vítimas, é atraído de longe pelo clarão das cidades e para elas têm migrado constante e ininterruptamente. É um fato novo que precisa ser estudado pelos estudiosos do assunto.

DIAGNÓSTICO DA DOENÇA

O diagnóstico é suspeitado por dados clínicos principalmente para o lado dos aparelhos circulatórios e digestivo. Em seguida uma radiografia do torax evidenciando aumento do coração fundamenta mais a suspeita que só será confirmada por uma reação específica chamada Machado-Guerreiro que consta da pesquisa do próprio Tripanozoma no sangue ou pelo Xeno-Diagnóstico.

INCIDÊNCIA DA DOENÇA

Sem exagero o Brasil é hoje um vasto viveiro de "barbeiros". Temos aproximadamente 6.000.000 (seis milhões) de chagásicos. Há anos passado por ocasião do inquérito epidemiológico feito em Salvador foram encontrados "barbeiros" infectados em 2.127 casas dos subúrbios daquela grande cidade! Dez por cento (10%) da população do interior de Minas Gerais, é chagásica. Em Itacambira, interior de Minas Gerais, de cinco em cinco dias morre uma pessoa de "Doença de Chagas" sendo que de 360 pessoas da localidade examinadas 324 tiveram reação positiva para "Doença de Chagas", o que dá um índice de chagásicos de noventa por cento (90%) da população. Hoje a "Doença de Chagas" está espalhada por toda a América do Sul e Central e até no sul dos Estados Unidos já foi encontrado o "barbeiro". No nosso sofrido Nordeste, então o problema é gravíssimo. Recentemente o Departamento Médico do D. N. O. C. S. constatou na cidade de Cedro 4% de "barbeiros" infectados, na cidade de Forquilha 7% e aqui no nosso rico e verdejante Cariri não é diferente o panorama.

À guisa de ilustração devo citar o fato que mais dispertou a minha atenção de Médico para o problema da incidência da "Doença de Chagas" no Cariri Cearense. Em uma das nossas cidades uma jovem da melhor sociedade começou a referir distúrbios nervosos. Aconselhada por seu médico a procurar um neurologista em Recife para lá se dirigiu. O neurologista, para esclarecer o seu diagnóstico, pediu uma série de exames complementares e eis que a radiografia do torax revelou um enorme coração. Diante disto e da pouca idade da jovem foi pedido um exame de sangue específico para "Doença de Chagas", exame êste que infelizmente ainda não se faz no Cariri. Pois bem, o tal exame revelou que a nossa jovem era portadora da "Doença de Chagas". Ora, meus senhores, se aquela jovem diplomada e relativamente abastada que mora em casa moderna com todos os requisitos de conforto que a civilização oferece, tinha no seu sangue o temível Tripanozoma Cruzzi, agente causador da "Doença de Chagas", o que não estará acontecendo no sangue do nosso pobre homem rural em cujas casas tem sido encontrado até 150 "barbeiros", como ocorreu recentemente em um casebre do Sítio Mata, em Barbalha !!!

Posteriormente foi sabido que a jovem em apreço, embora residindo na cidade, passava as férias na zona rural e lá provavelmente contraiu a doença. Como curiosidade histórica devo dizer que o Dr. Clovis Buhler Vieira, de Ribeirão Preto, na Revista Brasileira de Medicina de setembro de 1967 lembra que o professor Saul Adler da Universidade Hebraica de Je-

rusalem, sustentou a tese de que Darwin, genial criador da origem das espécies pela seleção natural, teria falecido vítima de "Doença de Chagas". E argumenta que Darwin, na sua celebre viagem ao redor do mundo pernoitara em Mendoza, na Argentina em março de 1835 e referiu que ali fôra picado por enormes percevejos posteriormente identificados como "barbeiros".

TRATAMENTO DA DOENÇA

Praticamente não existe tratamento para a "Doença de Chagas", porque ainda não dispomos de uma droga capaz de curá-la. No máximo atenuam ou retardam a sua virulência. O cancer, quando tratado em tempo, é vencido pela radioterapia e pela cobalto-terapia.

A "Doença de Chagas", não uma vez contraída representa uma inexorável sentença de morte mais cedo ou mais tarde. Infelizmente não temos ainda meios para negar o seu fatalismo, apesar dos enormes esforços feitos, principalmente em Ribeirão Preto onde, na sua modelar Faculdade de Medicina desde 1955 o serviço do Professor Fritz Koeberle outra coisa praticamente não tem feito senão buscar a cura desta terrível doença. De lá possivelmente sairá a solução para problema de tal magnitude.

Na Faculdade de Medicina de Goiás, o Dr. Anis Rassi catalogou algumas drogas que teriam ação contra a temível endemia e entre elas vale ressaltar: Derivados quinoleínicos, principalmente o Bayer 7602, arsenobenzóis, sulfurados,

antagonistas purinicos e outros. Infelizmente na prática médica os resultados não têm sido satisfatórios. Da eternidade que o diga o Padre Marcelino Aldemir de Queiroz Lima, pranteado e virtuoso ex-Vigário de Jarim que faleceu chagásico no Hospital São Francisco, de Crato. O Dr. Humberto Menezes, ainda da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, segundo registra a Revista Brasileira de Medicina de agosto de 1966, experimentou substâncias chamadas anti-metobólitos, no caso a pirimetamina e amethopterina, em camundongos chagásicos e os resultados, mais uma vez, não foram satisfatórios.

Finalmente, Halsmani e Castellani conseguiram uma promissora vacina que tem se mostrado eficaz contra infecções por Tripanozomas em camundongos, estando tudo, entretanto ainda no movediço terreno da patologia experimental que é infelizmente, ainda o terreno de tudo que diz respeito ao tratamento e a prevenção contra a "Doença de Chagas".

CONCLUSÕES

Que fazer, então, diante de tão grave problema? Como substituir as casas de taipa dos sítios por casas de alvenaria neste Nordeste faminto onde falta até o pão de cada dia na casa do infeliz homem da roça? Como combater eficazmente o "barbeiro" em tão imensa vastidão territorial? São perguntas sem respostas no presente e só o futuro poderá respondê-las e até onde respondê-las, tal é a complexidade do problema. Para tanto é necessário desde já um cortejo de medidas revolucionárias,

tais como: Eletrificação rural, assistência efetiva e crédito menos burocrático ao agricultor, mais justa distribuição das terras, combate ao latifúndio improdutivo, melhor difusão dos princípios básicos da higiene, combate ao analfabetismo, reforma de uma estrutura social superada que não dá ao povo sequer a oportunidade de se alfabetizar e acima de tudo mudança da mentalidade do homem do campo, não somente do empregado como do empregador, para que se olhem como seres que se devem auxiliar mutuamente para subirem ambos de posição na escala social. Em suma, são necessárias medidas que possibilitem o alevantamento do nível sócio-econômico das populações rurais que ainda vivem à margem da civilização, incultas, subnutridas, subdesenvolvidas, analfabetas, enfermas e fazendo de práticas agrícolas rotineiras e superadas a única fonte de rendas para o seu sustento e ainda mais, sugadas pelo intermediário que lhes compra a safra por preço inferior ao próprio custo da produção e daí viver a agricultura sempre deficitária. No Cariri tal situação apresenta-se com cores negras, já que a agro-indústria rapadureira é uma atividade economicamente superada e hoje serve apenas para clorofilar a miséria dos que dela vivem com o verde exuberante dos nossos canaviais. "A Mater et Magistra" do saudoso e inolvidável Papa João XXIII aí está para mostrar como se fazer tudo isto sem se ser comunista, mas, pelo contrário, usando as reformas sadias como poderoso dique para conter a avalanche do comunismo internacional malsão e iconoclasta. No momento cabe-nos tão somente fazer o que aqui ora estamos fa-

zendo: Uma campanha de esclarecimento do povo, despertando-o contra o perigo que ronda os seus lares e dentro deles conduz a morte.

Eram êstes os esclarecimentos que desejava transmitir como um brado de alerta inicial, talvez prenúncio de uma cruzada que haverá de vir no futuro contra a "Doença de Chagas" no nosso meio, já que a Nação parece reencontrar-se a si mesmo e marchar para o equacionamento e a solução dos seus seculares problemas. Graças a Deus parece que Deus é mesmo brasileiro e a Revolução Democrática de 31 de março de 1964 aí está irreversível e atuante, banindo a corrupção e pondo nos eixos êste País que a demagogia e a mistificação de um falso trabalho pretendiam lançar no caos econômico e social para dêle surgir, qual nova flôr de Lotus, o comunismo, alimentado pelo adubo da miséria de um povo sempre pessimamente governado, com raras exceções e que teve no período governamental de Vargas uma longa hibernação cívica onde as forças morais desaparecem para darem lugar a demagogia de falsos líderes que proliferaram sob o sorriso complacente do "solitário de Itú".

Que Deus ilumine a visão dos nossos atuais e futuros governantes para que consigam em tempo útil desentulhar o montão de erros que se acumulou de 1930 a 1964 e êste País retome a senda do desenvolvimento, mas do desenvolvimento sem escândalo, é bom que se frise, para galgar as metas do seu grande destino no concerto das grandes nações livres do mundo, deste mundo conturba-

do e carente de tudo, mas acima de tudo carente de saúde, paz e iraternidade, para que o Oriente Médio e Vietnã sejam os últimos pontos sangrentos de sua sinuosa trajetória na interminável passarela dos séculos. Que as nações beligerantes tomem conhecimento daquilo que certa vez disse Victor Hugo, glória da França e da humanidade: — "Se matar um é crime, matar muitos não pode nem deve ser glória".

Finalizando, cabe-me por dever de justiça, por gratidão e por imperativo de praxe secular, dizer algumas palavras sôbre o Dr. Barrêto Sampaio, famoso médico barbalhense em boa hora escolhido para patrono da Cadeira N.º 1, setor de Ciências, do Instituto Cultural do Cariri, que passarei a ocupar. Trata-se, efetivamente, de uma homenagem muito justa e merecida há muito reclamada pelos reais méritos do homenageado que, a seu tempo, foi nome nacional da Medicina nordestina, mais precisamente da oftalmologia, da qual era profundo conhecedor, gozando conceito nacional no consenso médico e no reconhecimento popular.

Manoel de Sá Barrêto Sampaio era o seu nome, sexto filho entre oito, do casal Antônio Manoel Sampaio e Antônia Porcina do Amor Divino. Nascido em Barbalha no ano de 1848, pertencente a tradicional família Sá Barrêto Sampaio cuja história se confunde com a própria história da terra barbalhense, fez os estudos preparatórios em Recife, doutorando-se em medicina brilhantemente pela tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, especializando-se em oftalmologia em Paris por volta de

1880 onde passou dois anos como assistente do famoso oculista professor Wecker, de fama mundial, cuja universalmente adotada Escola Wecker ajudou a estabelecer. Clinicou inicialmente em Baturité, Crato, Barbalha e finalmente em Recife onde em 1917 presidiu o 1.º Congresso Médico de Pernambuco, fazendo naquela progressista metrópole nordestina grande clientela como um dos raros oculistas brasileiros com curso de pós-graduação no estrangeiro, coisa rara naquela remota época. Casado com dona Maria Eulalia da Câmara Sampaio, filha do seu irmão Dr. Mendo de Sá Barrêto Sampaio e neta do famoso barão de Palmares, deixou filha única — Maria Ester Sampaio, assassinada em condições misteriosas e que, apesar de casada, não deixou descendência que lhe perpetuasse o nome pelos tempos afora.

Era um apaixonado das artes, principalmente da pintura na qual era profundamente versado, sendo um grande colecionador de quadros raros cuja rica coleção era considerada a melhor de Pernambuco. Gostava de escrever e de falar em público, tendo vários trabalhos publicados dentro da sua especialidade médica. Era culto, espirituoso e cheio de verve. Após 72 anos de intensa vida faleceu em Recife em 1920 na sua residência à Rua da Saudade. Por seus reais méritos merece figurar na galeria ilustre de patronos do Instituto Cultural do Cariri que andou muito bem quando resolveu buscar no passado os nomes para patronos das suas cadeiras, porque com isto força os seus membros a estudarem a vida de grandes nomes das nossas letras e ciências que a ação destruidora de

tempo sepulta no esquecimento fazendo-os desconhecidos das novas gerações.

Assim, cada cadeira ocupada é como que um renascimento da obra e da vida do seu patrono mais ou menos esquecido porque esquecer é próprio da humanidade. E por momentos as novas gerações tomam conhecimento assim das grandezas do nosso passado, quais volumes empoeirados e empilhados na grande estante dos séculos e que pelas dimensões de suas obras e pela grandeza de suas vidas merecem uma revivência que é um culto, culto que não deixa de ser reconhecimento, reconhecimento que certamente é gratidão, virtude humana de rara beleza talvez por ser de bela raridade. Dizia o inimitável tribuno brasileiro João Mangabeira, que “nada é mais útil aos povos, principalmente às novas gerações e sobretudo nas épocas de convulsão e de delinquência, do que pôr em realce a beleza, a majestade, o primado das grandes forças morais e das grandes virtudes humanas, concretizadas ou expressas nas instituições que as representam e nos homens que as encarnam e que, por isso mesmo, fazem jús à comemoração dos monumentos ou à imortalidade na perene lembrança dos que vivem”. Assim sendo, este é mais um grande serviço que o Instituto Cultural do Cariri presta à cultura caririense e queira Deus que o exemplo se multiplique pelo Brasil afora, para que, sorvendo os exemplos do passado, as novas gerações possam chegar mais longe e voar mais alto nas asas da moderna tecnologia sem excesso de tecnicismo, porque adicionando o passado ao presente na projeção do futuro

para que o mundo seja mais belo e o Brasil seja cada vez maior "não somente pelo sem fim do seu território mas e principalmente pela imensidade e pela soberania dos seus iluminados destinos".

Meus senhores !

O título que dentro em pouco receberei não é apenas uma honraria literária porque, paralelamente, impõe grandes responsabilidades, já que os órgãos de cultura são, por isto mesmo, também células atuantes do nosso desenvolvimento, centelhas ativas da própria segurança nacional.

Segundo sábiamente conceitua o grande constitucionalista e pensador brasileiro, Afonso Arinos de Melo Franco, "A segurança do País não se efetiva apenas pela repressão comum ou pela preocupação exclusiva da manutenção da ordem material, mas por laços culturais, por uma mesma consciência nacional, por valores culturais profundamente arraigados. Não há desenvolvimento sem cultura porque desenvolvimento não é apenas uma infra estrutura material, mas também uma permanente preocupação com valores culturais. Assim, a cultura há que estar integrada no processo de desenvolvimento e no da segurança".

Pelo exposto, quando o Instituto Cultural do Cariri difunde a nossa cultura promove desenvolvimento e fortalece a segurança nacional quando preserva os nossos valores culturais; quando se desloca do Crato para Barbalha faz integração regional e integrar em época de tanta desintegração é meritória obra de patriotismo. Que esta

integração se difunda em torno das instituições culturais e dos clubes de serviço como a luz em torno de uma lâmpada, em todas as direções, atingindo todas as comunidades caririenses, para que a união verdadeira nos faça chegar à grande meta por todos sonhada: a grandeza do Cariri, do Ceará e do Brasil. Que a intelectualidade de Crato, a operosidade de Juazeiro e a austeridade de Barbalha e das outras cidades caririenses se fundem no cadinho de um sadio nacionalismo para darem ao Brasil novo um novo Cariri sem dissensões e cheio de vontade de crescer.

Não pode haver desenvolvimento sem cultura e não é possível segurança sem desenvolvimento e muito menos Liberdade sem segurança. Assim as instituições culturais como o é o Instituto Cultural do Cariri e como o é também o atuante Centro Juazeirense de Cultura, são necessárias à nossa própria sobrevivência como povo e merecem todo o nosso apoio, admiração e respeito.

Ao Instituto Cultural do Cariri pois, a minha gratidão por receber-me no seu seio e os meus respeitos como instituição de cultura indispensável ao desenvolvimento que promove o homem, ao patriotismo que faz heróis e mártires, à segurança nacional que gera progresso e possibilita a Liberdade, suprema aspiração do gênero humano e sublime oxigênio indispensável à vida com dignidade.

Terho dito.

Barbalha - Ce, 28 - 09 - 69

Dr. Napoleão Tavares Neves

WAGNER STÚDIOS

Gravação de "jingles" e "spots"

Promoção de campanhas políticas de alto nível

Equipe de redatores especializados

Os melhores locutores da região

CONFIE SUAS PROPAGANDAS E CAMPANHAS A

W A G N E R S T U D I O S

Rua Bárbara de Alencar, 941 — CRATO — Ceará

Dr. Emídio Macêdo Lemos

A D V O G A D O

Aceita causas cíveis, trabalhistas, comerciais,
criminais e fiscais

ATENDE, INCLUSIVE, NOS ESTADOS VIZINHOS

Escritórios:

CRATO — Rua Carolino Sucupira, 245 — Fone 670

Juazeiro do Norte — Rua S. Pedro, 285 — Fone 632

Em solene Sessão, na Sé Catedral, Monsenhor Rubens Gondim Lóssio toma posse da Cadeira N. 9 que tem como Patrono D. Francisco de Assis Pires. Os discursos

Das grandes sessões do Instituto Cultural do Cariri foi a que se realizou, na noite de 6 de Agosto de 1969, na Sé Catedral, por ocasião da posse do sócio Monsenhor Rubens Gondim Lóssio, na cadeira n.º 9, que tem como patrono o segundo Bispo de Crato o saudoso D. Francisco de Assis Pires. Pode-se considerar das maiores festas de cunho cultural, já realizadas nesta cidade. A nave da Catedral estava à cunha com representantes de todas as classes sociais. Em poucas localidades poderia haver reunião de tanto brilhantismo, com desfile de tantos cultores da inteligência. Houve iluminação deslumbrante e números de arte.

A magna sessão foi presidida por J. de Figueiredo Filho que convidou para ladear a mesa: o Prefeito Municipal — Dr. Humberto Macário de Brito, o Reverendo Monsenhor Raimundo Augusto, Vigário Geral da Diocese, o presidente da Câmara Municipal, José Valdevino de Brito, o presidente da Associação Comercial, Thomaz Osterne de Alencar, o vice-Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Pe. Antônio Gomes

de Araújo, o Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, Dr. Raimundo de Oliveira Borges, o Vice-Presidente da Câmara Júnior do Ceará, Dr. Antônio Darcy Barbosa, o Presidente da Associação dos Empregados no Comércio do Crato, Prof. Pedro Felício Cavalcânti, Delegado Especial de Polícia, Cel. Osmar Oliveira, o Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, Prof. José Newton Alves de Sousa, Representante do Ceará — Senador Wilson Gonçalves, o Presidente da Associação Comercial de Juazeiro do Norte e representante da família de Monsenhor — José Gondim Lóssio.

O presidente J. de Figueiredo Filho abriu a sessão com algumas palavras, referentes ao caráter daquela solenidade. Convidou a falar o Prof. José Newton Alves de Sousa, que saudou o conferencista. Seguiu-se este, logo depois. A sessão foi encerrada com discursos do Prefeito Humberto Macário de Brito e do Senador Wilson Gonçalves. Pronunciaram estes magníficas orações completando assim o brilhantismo daquela noite. Seguem-se os dois discursos:

Discurso de Saudação e recepção ao Revmo. Mons. Rubens Gondim Lóssio, como 1.º ocupante da Cadeira N. 9 da Secção de Letras do Instituto Cultural do Cariri

No calendário das comunidades momentos existem, em que, sôbre o dia-a-dia dos acontecimentos rotineiros, repontam cimoz singularizados por sua feição espiritual e sentido histórico.

Estamos numa dessas horas, em que a figura do inolvidável segundo bispo do Crato patrocina uma cadeira, na mais alta assembléia cultural do Cariri, cadeira que vai inaugurar-se com o discurso de posse do seu primeiro ocupante, Mons. Rubens Gondim Lóssio, a quem me coube a honra de receber e saudar, nesta noite.

Pessoalmente, a levar em conta o que de próprio especifica o fenómeno literário, e em consonância com o que hoje, neste particular, se tornou doutrina definitiva, preferiria ressaltar, no santo prelado, não a sua pena, que, em primeiro lugar e acima de tudo, manejou para o bem das almas, mas aquelas virtudes que lhe exornaram o coração de bispo e de santo.

Devo, entretanto, saudar, não o Patrono da Cadeira N.º 9, da Secção de Letras do Instituto Cultural do Cariri, mas aquele que agora passa a ocupá-la e honrá-la, pela cultura e pelo saber, como tem sabido ilustrar o púlpito, com grande eloquência e dignificar a

Igreja, em Crato, com operosidade de pastor vigilante e dedicado.

O Revmo. Mons. Rubens Gondim Lóssio nasceu a 27 de maio de 1924, em Jardim, neste Estado, filho de Júlio Lóssio (falecido) e D. Eleonor Gondim Lóssio.

Tendo feito o curso de humanidades em nosso tradicional Seminário S. José, e os de Filosofia e Teologia no Seminário Maior de Fortaleza, capital do Ceará, exerceu o magistério em vários estabelecimentos, nos níveis primário, secundário e superior, sendo professor titular da Cadeira de Filosofia, da Faculdade de Filosofia do Crato.

Ordenado sacerdote católico, do Presbitério da Diocese do Crato, a 20 de dezembro de 1947, foram-lhe confiados, ao longo de sua carreira religiosa numerosos cargos e ofícios, que bem atestam sua inteligência, capacidade e valor.

Orador de raça, impõe-se à admiração de todos que lhe reconhecem a extrema facilidade de expressão, o efetivo dom da palavra, que flui de seus lábios como em cascata, contendo-se quando necessário, porém nunca dando sinal de que estaria a esgotar-se ou a tornar-se débil.

Ecrevendo, como freqüentemente o faz, é cuidadoso no termo.

eskorreito na construção, justo no conceituar, preciso no definir, e, agudo perquiridor de fontes e documentos, guarda fidelidade no informe e reveste de graça o estilo, rico de força ornamental e comunicativa.

Nêlo, o escritor denuncia o orador, e o homem de ação, o poeta que não faz versos.

Mente aberta, amante, entretanto, da ortodoxia, atualiza-se sem demagogia e age sem precipitação.

O "sentir com a Igreja" não tem, para êle, a mera ressonância de frase feita, mas representa e traduz uma afirmação e um programa de vida.

Podia não usar batina, mas esta nunca lhe prejudicou a dinâmica pastoral e a impressão que, como sacerdote, nos dá, é a de que a sagrada veste que enverga reflete uma consagração interior e superior tão forte, que êle não faria nunca do traje um problema, porém um sinal.

Espírito organizado pela disciplina filosófica e enriquecido pela cultura humanística, não transforma a Teologia em trampolim promocional, antes lhe assume, das divinas entranhas, a substância doutrinária, que incorpora como alimento próprio e alheio, no incomparável mister de gerar e difundir Cristo nas almas e corações.

Homem da Igreja, foi posto à frente da Catedral de Nossa Senhora da Penha, que êle reformou com zelo e dirige com dedicação.

A estátua física opõe-se-lhe à intelectual e a ninguém caberia mais à justa a assertiva segunda de que "as melhores essências se contêm nos menores recipientes".

Quando elabora um plano de ação ou um programa religioso, é um parnasiano torturado pelo fascínio do perfeito e pelas exigentes

conexões do orgânico. Parece que então sofre o magno sonho das exatas construções estudadas e laboradas em tôdas as minúcias. E aquelas partes ordenadas com tanto rigor, e aquelas lucubrações que subtrai às noites e madrugadas vão, no interregno das labutas sacerdotais, adensar-se, concretamente, no quadrilátero de um boletim de festa religiosa ou nas quadriculas de relatórios anuais.

É êsse homem realizador, êsse ilustre ministro de Deus, que hoje tomará assento na Cadeira de D. Francisco de Assis Pires, do Instituto Cultural do Cariri.

Que relações descobriríamos entre o Patrono e o recipiendário?

Diversos no temperamento, no grau hierárquico, na idade e quanto ao lugar de nascimento, muito se identificam pelo vínculo religioso, pelo amor à Igreja, pelo espírito de serviço, pela caridade operativa.

É uma honra para mim saudar-vos, Mons., recebendo-vos neste Instituto, nas condições com que agora nêlo tendes ingresso.

Vosso insigne Patrono, que foi meu padrinho de crisma, aqui se encontra, pela recordação piedosa, no meio de nós, e pode atender por qualquer dos nomes: Humildade, Bondade ou Santidade.

Foi um anjo de Deus a iluminar e proteger a Diocese do Crato.

Seu nome, no Instituto, deverá ser mais do que um patrocínio intelectual. Deverá ser um protetorado moral, um protetorado exemplar e constante a fim de que, sob sua irradiante luz, vós, a quem saúdo, e nós outros, que vos admiramos e estimamos, possamos jornadaar pela terra, mais seguros de um dia termos o céu.

Crato, 6 de agosto de 1969

José Newton Alves de Sousa

Na posse da Cadeira N. 9 da Secção de Letras do Instituto Cultural do Cariri cujo Patrono é Dom Francisco de Assis Pires

Exmos.

Sr. Presidente do Instituto Cultural do Cariri

Mons. Vigário Geral da Diocese

Sr. Prefeito Municipal

Srs. Senador do Crato e Presidente da Câmara Municipal

Sr. Delegado Especial e Presidente da Escola Técnica de Comércio

Srs. Presidentes da Assoc. Comercial de Crato e Juazeiro do Norte

Srs. Diretores das Faculdades de Filosofia e Ciências Econômicas

Demais Autoridades

Distintas Representações

dos Clubes de Serviço: Rotary, Lions e Câmara Júnior

do Centro Social N. S. da Penha e da Fundação Dom Francisco

das Associações de Classe, da UEC e dos Educandários da Cidade

da Imprensa falada e escrita do Crato e do Ceará

da Legião de Maria e das Associações Religiosas

Meus irmãos no Sacerdócio Ministerial

Filhas de Santa Terêsa e de São Vicente de Paulo

Irmãs Missionárias e do Coração de Maria

Senhoras e Senhores

Amigos e admiradores de D. Francisco:

Agradeço, penhorado, ao nobre consócio Comendador Prof. José Newton Alves de Sousa, que vem de saudar-me em nome do Instituto Cultural do Cariri, com palavras eloquentes e vibrantes, numa generosidade que ultrapassou de longe os meus fracos méritos. A quantos se dignaram de honrar esta solenidade com a sua presença, o testemunho do meu reconhecimento, neste momento em que me sinto possuído de uma grande honra e possuidor de uma

ventura maior. Honra por ocupar a Cadeira N.º 9 da Secção de Letras do Instituto Cultural do Cariri. Ventura, por ter a mesma como insigne Patrono a figura estremecida e veneranda de DOM FRANCISCO DE ASSIS PIRES.

E, como é de protocolo que o recipiendário faça uma apresentação do vulto proeminente que dá nome à sua Cadeira, ousou tentar, sem mais delongas, debuchar o perfil simpático do meu Patrono.

Dom Francisco de Assís Píres

1. A IMAGEM DO BISPO NA IGREJA

VISUALIZAÇÃO DA IGREJA

A Encíclica de Paulo VI *Ecclesiam Suam* projetou com felicidade uma imagem da Igreja de Cristo, no esforço de uma reflexão tendente a renovar a rejuvenescer a sua face diante dos homens. E o Concílio, principalmente com a *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, revelou de fato uma visão profunda e total da Igreja, num autêntico auto-retrato.

Complementando o trabalho do Vaticano I, que havia cinzelado a cabeça da Igreja, sem que lhe assistisse tempo e amadurecimento para modelar o bloco informe do corpo, o Vaticano II perfaz a obra oferecendo à cabeça o enriquecimento de um corpo bem configurado. Num crescimento vivo da doutrina, que não implica em ruptura com o essencial nem oposição entre o Primado de Pedro e a dignidade do Povo de Deus, ou entre a Hierarquia e os Carismas, aparece a Igreja como uma realidade orgânica e dinâmica divinamente encarnada na vida humana, a atualizar a História da Salvação em cada contexto histórico.

SACRAMENTO DA UNIDADE

Nêste painel, delinea a *Christus Dominus* a figura do Bispo, sacramento da unidade eclesial. Sinal

visível da unidade invisível do Povo de Deus, há de ser o Bispo, em sua Diocese, o primeiro Profeta, o sumo Sacerdote e o único Pastor.

Por força da Consagração episcopal que lhe confere todos os poderes para o governo e pastoreio do seu rebanho, não se reduz êle a um funcionário ou delegado do Papa, mas antes participa plenamente do triplice munus do Cristo Salvador. Tornando-se responsável pela porção do Povo a si confiado e corresponsável pela Igreja inteira, pôsto que é em união vertical com o Colégio Apostólico e o seu Chefe e em união horizontal com os irmãos no Episcopado, afirma-se verdadeiramente como o sacramento da unidade em meio aos carismas e funções do Corpo Místico de Cristo.

ANIMADOR DA COMUNIDADE DA IGREJA

Revestido primeiramente do Sacerdócio Comum, pelo qual o cristão, participe do munus de Cristo, é também participante da missão da Igreja, o Bispo se coroa com o Sacerdócio Ministerial, em sua plenitude. Êste o habilita a autenticar oficialmente a mensagem evangélica, a confeccionar o sacrifício de louvor e renção, e a apascentar o Povo fiel, em nome e com a autoridade do Cristo-Cabeça. Nisto vai uma diferença de essência, que não apenas de grau, na participação do Sacerdócio Eterno de Jesus. Par-

tilhando da mesma dignidade fundamental de filho de Deus, assume o Bispo a responsabilidade altíssima de gerar e reger a comunidade eclesial.

SERVIDOR DO POVO DE DEUS

Se o Sacerdócio Comum o é consequentemente, o Ministerial é essencialmente serviço. Por isto, ser Bispo importa antes de tudo em servir: nis ministrari, sed ministrare.

Primeiramente, pelo serviço da Palavra: nos autem ministério Verbi. Não, no sentido professoral de quem expõe a ciência, mas como o Profeta de Deus, na face do Povo, a dar o testemunho vivo do anúncio da Boa Nova da Salvação. Igualmente, pelo serviço do Culto: et cratione instanter. Não, no sentido mágico de quem é dono do rito, mas como o Liturgo de Deus, no meio do Povo, a praticar o ministério em que todas as ações se tornam sacramentais. Finalmente, pelo serviço dos Sinais, na Caridade: cor unum et ânima una. Não, no sentido triunfalista à maneira de quem exerce o domínio mas como o Bom Pastor, na vivência do Povo, a vivificar eficazmente a união do corpo social e da família reunida em Cristo.

SACERDOTE E VÍTIMA

Nesta perspectiva, o Episcopado, antes de ser uma dignidade ou privilégio, é eminentemente um carisma e uma graça social. Como a vocação de Abraão, ele exige renúncia total para a criação de um Povo novo, já não mais eleito mediante o sangue do Patriarca, mas gerado pelo Sangue do Cordeiro divino. Daí, a sua con-

fiança real e vivenciada com o Salvador: o Bispo verdadeiramente repete a voz e renova a vez de Cristo, de quem atualiza os gestos salvíficos e presencializa a figura de Sacerdote e vítima

BOM PASTOR

Mais que o simples cristão, é o Bispo chamado a oferecer hóstias espirituais e a ser, ele mesmo, uma hóstia viva, oferecida e consagrada e consumida no altar da vida. Ora, o sacrifício não se contém nos ritos. Supõe-se a participação consciente e generosa no Sacrifício do Cristo. Tal como aconteceu no seu Corpo físico, assim no Corpo Místico se pereniza a imolação livremente aceita do homem, associada à imolação redentora de Deus. Eis por que o Bispo não se pertence, mas se consome na ação salvífica da Igreja. Qual Bom Pastor, ele se faz tudo para todos, doando as suas energias e talentos, os seus bens e afeições, o seu tempo e a vida toda. Ainda quando não conhece o fulgor heroico do martírio de quem aceita a morte, há de viver o heroísmo martirizante de quem incessantemente dá a própria vida pela salvação e libertação do seu rebanho: pōnere vitam pro óvidis suis.

2. UMA ENCARNAÇÃO DESTA IMAGEM

TESTEMUNHAS PROVIDENCIAIS

De um Bispo, que encerrou a sua carreira pouco antes do Vaticano II, evidentemente não se podem cobrar os acentos da renovação conciliar. O Concílio, entretanto, não se definiu por uma tentativa alucinada de inovações capazes de destruir a realidade pe-

rene da Igreja, mas antes por um esforço eficaz de renovação tendente a fazer o ajornamento da Igreja no mundo de hoje, de modo a transparecer mais bela e autêntica a infrangível identidade da Espôsa de Cristo. Mais do que mudanças colimadas, sobressaem e dominam verdadeiras redescobertas, inspiradas e alimentadas na fonte da Verdade eterna.

Por isto, embora sem a tônica dos movimentos atuais, sempre o fermento do Evangelho e a força da Caridade do Cristo suscitaram no Reino de Deus figuras apostólicas e carismáticas, a testemunharem providencialmente a mensagem salutar da Boa Nova.

A esta geração pertenceu, de certo, o segundo Bispo do Crato, pôsto pelo Espírito Consolador para reger e apascentar esta porção do rebanho do Senhor.

DADOS BIOGRÁFICOS

Nascido a 4 de outubro de 1880, na histórica Cidade de São Salvador, FRANCISCO DE ASSIS PIRES frequentou o Seminário da Bahia e concluiu o Curso Superior em Olinda. Ordenado Sacerdote no dia 14 de abril de 1903, exerceu as funções de Capelão Central da Santa Casa de Misericórdia, de maio a novembro do mesmo ano, quando foi nomeado Vigário de Santo Amaro. Aí se demorou até novembro de 1911, retornando à Capital como Capelão do Azilo Conde Pereira Marinho, para em julho de 1912 assumir a Paróquia de São Pedro, no centro da Cidade. Em outubro de 1913, é agraciado com o título de Monsenhor Camareiro de Honra do Papa Pio X e em abril de 1916 passa a integrar o Cabido da Arquidiocese, como Cônego Catedrático de Sal-

vador. Encerrando o seu paróquiato em agosto de 1920, volta à Capelania do Azilo e em janeiro de 1931 aceita a investidura de Vigário Geral do Sr. Arcebispo Primaz D. Augusto Álvares da Silva. Nessa função e nesse ano é que o dia 11 de agosto lhe traz, da parte de Pio XI, a eleição para o Episcopado. E, celebrada a sua Consagração Episcopal, a 6 de dezembro de 1931, estava perfeita a formação daquêle que vinha suceder a Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, primeiro Bispo do Crato. Aqui empossado a 10 de janeiro de 1932, por vinte e sete anos, nove meses e catorze dias, gastos e vividos no serviço do Senhor e do seu Povo, praticou a doação de si mesmo, nos seus talentos e bens, culminando a sua trajetória com a renúncia a 24 de outubro de 1959. E, então, contemplado como Arcebispo Titular de Antioquia da Pisidia, ainda permaneceu junto ao seu rebanho até o momento final, que, fulminando um lento e silente martírio no dia 10 de fevereiro de 1960, o subtraiu à vida para transplantá-lo ao seio de Deus e no coração do Povo.

HOMEM DE DEUS

Animado pela mística da transcendência que projeta a Igreja em linha vertical como presença de Deus no meio dos homens, provocados para um diálogo vivenciado, D. Francisco não se eximiu à dinâmica da imanência que situa a Igreja em linha horizontal como comunidade inserida no contexto sociológico dos homens, reunidos no Cristo Salvador pelo vínculo do Amor. Desta sorte, do seu coração povoado de bondade divina e humana, irrompia a oração da Fé

que o fazia um Homem de Deus e a ação da Caridade que o tornava um Homem da Igreja, a serviço do Povo que peregrina por esses Cariris.

Homem de Deus, eis o que principalmente se afirmou D. Francisco.

VIDA DE ORAÇÃO

A espiritualidade sacerdotal, sobremaneira no Bispo que deve exercer a perfeição, reclama na prática ao menos o propósito eficaz de cumprir dignamente os seus deveres. Supõe assim um mínimo de perfeição pessoal que se realiza na mística da oração vital e na ascética da renúncia positiva.

D. Francisco soube exercitar o colóquio com Deus, num diálogo existencial da palavra e doação, sublimado no convívio real com o Cristo. A oração pessoal não mendigava sobras de tempo, mas tinha um lugar certo e importante em sua agenda de trabalhos. Testemunha habitual de suas preces, o genuflexório da Capela ou do apartamento confirmava a imagem singela do homem que rezava piedosamente na adoração mensal da Catedral ou na cadeira que descansava na área superior de Palácio. Ninguém privou de sua amizade que não o tenha surpreendido abismado em meditações e entretido na recitação devota do Têrço e do Breviário. E esta convicção no valor da oração particular ou oficial se patenteava no zelo nunca esmorecido pela ação litúrgica, religiosamente praticada na Capela Episcopal e vivamente estimulada na Sé e nas Igrejas Paroquiais. A todo Vigário que recebia sempre paternalmente, traía logo o cuidado e preocupação com a Missa de Preceito.

FLORAÇÃO DE VIRTUDES

A Liturgia, porém, não toma sentido profundo e autêntico senão quando mergulha as raízes na própria vida da comunidade e da pessoa, manifestando-se qual eflorescência das virtudes sinceramente praticadas. Em D. Francisco, o Liturgo que oferecia a Deus o sacrifício por si mesmo e pelos outros, não se acobertava no farisaísmo funcional. Numa visão teológica, êle demonstrava hospedar o espírito de Fc que, à luz da Esperança, viva a Caridade sobrenatural, como perfeição da Lei. Mais que nas pregações, que às vezes ostentam antes o conhecimento do que o testemunho do Evangelho, a sua ótica de Céu e eternidade transparecia nas conversas e conselhos, em sintonia com o seu modo de agir. Na sua caridade transudante, a atingir a todos em público e em particular, até mesmo aos domésticos e auxiliares, D. Francisco fazia virtudes com tanta naturalidade que nem a sua modéstia, a toda hora de sentinela, conseguia disfarçar a sua humildade. É que a unidade orgânica da Caridade se compõe postulante de tôdas as virtudes, inclusive da simplicidade. E isto foi uma das características dominantes do perfil de D. Francisco, a quem o Cardeal Dom Leme proclamou publicamente a Violeta do Episcopado Brasileiro.

ESPÍRITO DE POBREZA

Superando a tentação do TER, empenhou-se êle na linha do SER: ser mais, pelo crescimento progressivo de uma personalidade cristã, na capitalização altamente rendosa dos valores nobres e espirituais, tal a meta perseguida. Assim se explica o seu espírito de

pobreza, expressivamente traduzido no uso dominado dos recursos ao seu alcance e, no despojamento voluntário dos seus bens. Ganhando pouco e doando muito, pode viver simplesmente pobre num Palácio de Príncipe. Digam-no as damas de nossa sociedade encarregadas da hospedagem nas festas jubilares, as quais tiveram de adquirir para o Sr. Bispo as roupas inferiores que lhe faltavam. Confirmem-no os esmoleres que se aglomeravam à porta para receber de suas próprias mãos o óbulo envolto numa bênção amiga e paternal. Ratifiquem-no os pobres envergonhados que, na dissimulação de uma consulta, estendiam a salva do coração para uma ajuda redentora. Mas, nem era preciso pedir, porque ele mesmo sentia ânsia de dar. Numa dadivosidade conhecida de poucos, destinava toda a renda das Visitas Pastorais para o Seminário Diocesano e as Instituições Pias ou para as Casas Religiosas. E maior atestado de desprendimento não seria mister que o legado em vida de um tesouro tão afeiçoante como a biblioteca particular montada em meio século de seleção de livros, bem como a doação à Diocese do majestoso Palácio Episcopal, ornamento distinto da Princesa do Cariri, inteiramente construído às suas expensas, mercê de parcas economias e do investimento integral de sua herança paterna.

Contudo, se vale muito esta coragem de não grangear riquezas materiais, bem mais significa a sua comprovada desinstalação interior. Em nome dela, com efeito, é que D. Francisco, ainda válido que nem muitos e querido como poucos, soube coroar a pirâmide de suas doações com a renúncia ao trono episcopal.

RENÚNCIA E DISPONIBILIDADE

Precisamente, o espírito de renúncia era o que animava a sua vida, consagrando-o numa hóstia viva. Qual cirio aceso, que se consume a iluminar o meio ambiente, com a sua alma luminosa.

A aceitação positiva de uma privação, quando feita por um motivo superior bem acolhido, ao invés de gerar recalques ou frustrações, produz a sublimação enlevante da própria imolação. Então, fundada no equilíbrio biológico, psíquico e espiritual da pessoa e vivenciada na opção consciente e adulta de quem se dá a um Deus pessoal, conhecido pela inteligência, amado pela vontade e querido pelo coração, a vida ascética tende a realizar o homem em suas dimensões maiores. No domínio de si mesmo pois, o self-control ou auto-domínio se resolve no equilíbrio da virtude — encontra cada um a força de evitar o mal e praticar o bem. Mergulha assim o cristão no Mistério Pascal do Cristo, participando continuamente de sua Morte e Ressurreição.

Ora, D. Francisco teve a graça de descobrir no Cristo a presença de seu Deus pessoal, vivo e atualizado em seu caminho. Por isto, não se cansou de sacrificar-se pela causa do Reitor. Esvaziado de si mesmo pelo espírito de pobreza evangélica que se implica na ascética da renúncia, colocou-se ele na inteira disponibilidade em ordem ao bem da comunidade.

Empolgou-o a mística do serviço. Se algum Bispo já foi feliz na escolha do seu lema e já foi fiel na sua prática, este foi D. Francisco que verdadeiramente não veio para esta Diocese a fim de ser servido, mas somente para servir:

non ministrari, sed ministrare! E o faz sempre com a inefável alegria que serve de apanágio ao cristão. Não, por impositivos da posição. Nunca, por amor do vedetismo. Nem pelas solicitações. Ele servia por servir. E servia com boa vontade, com o sorriso nos lábios ou a bondade nas mãos, porque o seu coração encontrara o Cristo de Deus, que deu a própria vida pelos irmãos.

Nisto se contraria a falsa interpretação da religião autêntica como algo de alienante. Porque dar do seu quem dá de si, não acarreta espoliação que sim desenvolvimento pessoal. Dar ao outro é encontrar-se com o Cristo libertador e dar-se a Deus é encontrar-se a si mesmo, na plenificação de sua personalidade, cujo vórtice toca o coração do Infinito. Tal, o segrêdo por que servir a Deus é reinar. E D. Francisco era feliz ao servir.

I N T E R V A L O

A essa altura, Senhores, sejam-nos permitido interromper por momentos a presente exposição. Muito de propósito e por amor da brevidade, procuramos emprestar-lhe um caráter eminentemente intelectual, abafando as vozes do coração. Agora, porém, enfatizando as modulações humanas e afetivas de uma homenagem dêsse porte, façamos um parêntese para revivermos, numa oportuna recordação, as grandes manifestações de aprêço e carinho que um dia o Crato teve a sorte de tributar ao seu querido Pastor. Repassados dos mesmos sentimentos que então acalentaram a alma do Povo, na maior consagração jamais produzida nesta Cidade a uma pessoa viva, entoemos todos, de pé, os acordes melodiosos do

H I N O J U B I L A R

Letra do Dr. Andrade Furtado, em 1953, para o Jubileu de Ouro de Ordenação Sacerdotal de D. Francisco de Assis Pires, adaptada em 1969 para a Homenagem ao mesmo prestada ao ensejo da posse do Mons. Rubens Gondim Lóssio, na Cadeira do Instituto Cultural do Cariri, que o tem por Patrono.

Nêste dia festivo se exalta
O fulgor das vitórias da cruz.
Não há glória, por certo, mais alta
Que servir nêste mundo a Jesus.

C Ô R O

P'ra nós fostes, Pastor Venerando,
O emissário escolhido do Céu.
Que doçura no vosso comando,
Chefe augusto, sem jaça ou labêu!

Pelo reino de Cristo subiste
Dom Francisco, os degraus de um altar
E depois, entre nós, assumistes,
Êsse sôlio de brilho sem par!

É motivo - o mais justo, o mais grato -
De render-vos, com todo o fervor,
A querida Diocese do Crato
O seu preito de aprêço e de amor.

No cenário sagrado da Igreja,
Sois padrão de virtude e saber
Vossa bênção de paz nos proteja,
Faça o campo de Deus florescer!

HOMEM DA IGREJA

Homem da Igreja, eis consequentemente o que se confirmou D. Francisco.

Na História da Salvação, Deus não se revelou o Dono absoluto, mas o Dom infinito de Alguém que amou, por primeiro, na provocação de um amor que faça da vida

humana a resposta concreta à vocação divina. E o Cristo se presencializa em cada situação histórica juntamente para explicitar-se na reintegração do homem na família de Deus. A mística do Batismo, operando pelo Espírito Paráclito, provoca uma verdadeira mutação no homem que evolue para a condição de filho do Pai celeste, no Cristo de Deus. Desta sorte, entra êle na órbita da vida trinitária, participando da natureza divina.

Todavia, a adesão real do homem a Deus pela incorporação no Cristo importa simultaneamente na sua concorporação com os irmãos. A consagração ôntica da graça batismal procede à inserção na família divina, pela dimensão vertical para a Trindade Santa de Deus e pela dimensão horizontal para o Corpo Místico de Cristo. Necessariamente, a união com UM, que é o Cristo, identifica-se com a união comum com os irmãos reunidos no Cristo. Porque um só Batismo e um só Cristo, também um só corpo. E todos somos o Povo de Deus em marcha para a Casa do Pai.

Portanto, ao sagrar-se Homem de Deus, consagrou-se D. Francisco Homem da Igreja.

Realmente, as suas virtudes, alimentadas no comércio íntimo com Deus, tinham de manifestar-se como epifania da graça e canalizar-se para os homens que peregrinavam com êle. O Cristo a quem se propôs servir está sacramentado em sua Igreja e esta se encontra encarnada na comunidade humana. Como o Senhor não se divide nem se parte na Eucaristia, pois está em pessoa em cada Pão vivo e vital, também não se fragmenta a Igreja que se atualiza toda na comunidade local. Para D.

Francisco, por conseguinte, o seu rebanho era mesmo o Povo de Deus, presidido e assumido pelo Cristo Salvador.

Não tivesse embora a visualização atual de comunidade eclesial, deixou-se o nosso Pastor possuir da mística comunitária, no seu espírito de Koinônia ou comunhão, de Diakonia ou serviço e de Martyria ou testemunho.

KOINONIA OU COMUNHÃO ECLESIAL

Traduzindo com rara felicidade o sinal visível da invisível unidade da Igreja, D. Francisco de tal modo conjugou em Cristo o verbo amar que implantou e cultivou a comum união na Diocese. Dentro do mais religioso acatamento ao Papa, Chefe do Colégio Episcopal, e no mais harmonioso relacionamento com os Pastores do Ceará e do Nordeste, êle cativou também o seu Clero e o seu Povo, estabelecendo uma sintonização comum de mentalidade e de ação.

A fidelidade à Igreja Católica se denunciava não apenas no filial afeto ao sucessor de Pedro, senão ainda no zelo com que procurava seguir as diretrizes e normas emanadas dos Superiores. Provocado pela problemática pastoral, compulsava inteligentemente os livros de Teologia e manuseava pacientemente o Código de Direito Canônico, para então conferir sua opinião com o parecer dos consultores. Até o Concílio Brasileiro e as Circulares provinciais mantinham-se à mão. Era tão familiarizado e seguro no que concerne às coisas da Igreja que o Pe. João Rijnts, renomado canonista do Seminário Maior de Fortaleza, o considerava o melhor Mestre de Direito Canônico do Ceará. Nem por isto se escravizava à mentali-

dade jurídicista de então. Não hesitava em adotar as renovações autorizadas e êle mesmo aprovava com entusiasmo as iniciativas locais, quando prudentes e frutuozas.

Outra nota marcante em sua vida, de certo, foi a comunhão com o seu rebanho. Sobretudo, pela presença vigilante e permanente. Anterior a esta fase de encontros epidêmicos — sem dúvida, hoje necessários e úteis, a despeito de mais repetidos que eficientes — D. Francisco habitualmente não se ausentava da Diocese mais que uma vez por ano em góso de férias passadas com D. Tereza ou D. Ana, suas irmãs, ou com D. Glorinha, sobrinha e afilhada. Mesmo quando um imperativo pastoral lhe ditava uma viagem, procurava evitar as épocas contraíndicadas pelo calendário litúrgico e, em qualquer hipótese, dava conhecimento à Nunciatúra da partida e do regresso. Realmente, D. Francisco montava guarda aos fiéis, observando estritamente e residência em sua comunidade. E o mais positivo é que a sua permanência se fazia ativamente benéfica. Não se camuflava na ociosidade de lazeres excessivos. Nem se desperdiçava em encontros sociais inúteis. Muito menos se derivava para atividades divergentes do ministério. Era o Pastor sempre atento aos anseios de sua grei e angustiado pelos problemas do Povo. Com esta solicitude, recebia amavelmente a todos na Cúria e no confessionário, nas audiências e confidências. Admirável na doçura pontual de sua correspondência e na discreta correção com que se solidarizava com Autoridades e famílias, em momentos de tristezas e de alegria. De fato, acompanhava com interêsse a crônica dos

acontecimentos sociais e, por zêlo ou sollicitação, mediciava frequentemente em delicadas questões de casais ou desafetos, não raro, conseguindo se quebrasse a flecha da paz lá mesmo em Palácio. Daí onde se demorava quase sempre, cobria a Cidade e a Diocese com o seu coração paternal, que funcionava bem como um polo de união.

A maior auréola de glória a co-roar-lhe a frente foi talvez a conquistada amiga dos seus Padres. Em que pesassem as fraquezas e limitações de todos, a sua terapêutica da bondade dissolvia os ressentimentos por ventura despertados pela oportuna disciplina, e ninguém havia que se não rendesse à suave soberania do seu amor de Pai. Numa hora em que não se falava de Presbitério, de fato, D. Francisco realizou o prodígio da comunhão afetiva e efetiva com o Clero cratense. Lembrar-se-lia a cítara com as suas cordas afinadas, a modular o acalento dos homens e a glorificação de Deus.

DIAKONIA OU MÍSTICA DO SERVIÇO

A mística do serviço desponta naturalmente do espírito de comunhão, responsável pela solidariedade funcional na comunidade. E D. Francisco dedicou-se todo ao serviço do Reino.

Na linha da pastoral profética, fêz-se o arauto da Verdade, na transmissão da mensagem da Boa Nova. Sem explorar arrebos de eloquência ou requintes de oratória, de que por vêzes dava mostrás, sobretudo no primor de brindes e improvisos, revelou-se constante evangelizador em suas pregações. A simplicidade espontânea que envolvia as suas pales-

tras e catecismos, dirigidos a crianças e adultos, somava adequadamente a sóbria competência dos sermões e Cartas Pastorais. Estas, secundadas pelas Circulares sistematicamente distribuídas em cada acontecimento relevante, focalizavam a doutrina e a posição da Igreja, frequentemente com sugestões práticas para as programações na Catedral e nas Paróquias. Ajudando-se de pregadores e missionários, suplementava ainda a razão do pábulo da Verdade oferecido aos fiéis. E não esmorecia nunca no afã de estimular os Vigários e Organizações Apostólicas no ministério da Palavra. Ao tempo dos exercícios Espirituais e das Visitas Pastorais, contagiava a todos com a ardência deste zelo que o levava a organizar o Departamento Diocesano do Ensino Religioso e a promover, na Sede Episcopal e em outras Paróquias, Semanas e Congressos Catequéticos. A Catequese organizada constituía uma das metas prioritárias em sua pastoral. Na verdade, D. Francisco sentia que essa é a missão primeira do Pastor: evangelizar aos pobres a Palavra de Deus.

Na linha da pastoral litúrgica, presidia pessoalmente a todas as funções diocesanas na Catedral, Igreja-Mãe de todas as Igrejas Paroquiais, as quais cuidadosamente examinava em seus equipamentos e serviços. A valorização da Missa dominical sabia juntar o incentivo à vida sacramental e à prática da oração. Fomentou a aplicação das reformas iniciadas sob Pio XII e multiplicou os lugares de culto, desvelando-se até pela criação de várias Paróquias e mesmo da Diocese de Iguatu, desmembrada na maior parte do território de sua Igreja. Tanto

prestigiava noutras partes como realizava na Diocese Congregações Eucarísticas, como apoteoses públicas e solenes do Cristo do Altar e instrumentos de formação litúrgica. Verdadeiramente, D. Francisco agia e fazia agir como quem acredita que a Eucaristia é o centro da vida cristã e a Liturgia, epifania maior da Igreja santa, a fonte e o ápice da ação eclesial, a promover o louvor perfeito de Deus e a obra redentora dos homens.

E na linha da pastoral caritativa, desdobrou-se por igual a sua operosidade. A sua prudência e humildade não se compunham bem com a febre de inovações ou o delírio dos pioneirismos e Dom Francisco se aplicou sobretudo em consolidar e desenvolver as atividades e obras implantadas pelo seu antecessor. Quando, porém, a realidade o reclamava, tornava-se valentemente criadora a sua caridade pastoral que escreveu uma larga folha de inestimáveis serviços.

Antes de tudo, preocupava-o a formação do Clero, na assistência regular aos Padres, para quem providenciava normalmente o Retiro anual e as Conferências mensais, a par de uma acolhida sempre franca e amiga. Desde a hospitalidade cativante até o diálogo afável, encontravam os Sacerdotes o melhor ambiente em Palácio, que funcionava mesmo como a casa de todos. E se as portas da casa estavam sempre abertas, mais acolhedor se abria o coração. Por isso, graças a Deus, não viu jamais perder-se um dos seus Padres e, como Jesus, poderia repetir ao Pai que conservara todos quantos lhe haviam sido confiados. Não menos solícita, patenteava-se a sua preocupação com os futuros levitas do Senhor.

Incontestavelmente, o Seminário era mantido e amado como a menina dos olhos, recebendo todos os recursos materiais disponíveis e merecendo o trabalho dos melhores Sacerdotes da Diocese.

Aos Religiosos, por sua vez, reservou uma das mais desveladas províncias do seu coração. Dedicou-se em particular à Congregação das Filhas de S. Terêsa, criada por D. Quintino e por ele adotada carinhosamente, assegurando-lhe a estruturação e a formação de modo que, no seu governo, a mesma gozou o seu período áureo de equilíbrio, de prestígio e de atuação. Também, acolheu ou convidou Ordens e Institutos, de ambos os sexos, contribuindo moral e materialmente, inclusive com suas rendas pessoais, para a sua instalação e manutenção. Complementava destarte a organização de sua Comunidade Eclesial, ostentando mais claramente, a par dos Clérigos e Leigos militantes, a porção proeminente do seu Povo, consagrada como sinal legível da Igreja escatológica.

Também enfatizou a preparação dos Leigos, nucleados nas Associações Religiosas ferventemente abençoadas pelo Pastor. E, enquanto fomentava a assistência eclesial ao Círculo Operário e outros movimentos, porfiou arduamente pelo aprimoramento da militância nos quadros da Ação Católica. Graças à cooperação devotada de uma equipe de Assistentes, houve tempo em que floresceram e frutificaram tôdas as organizações fundamentais, segundo Pio XI, e, ao resignar, ainda entregava em dinamismo algumas atividades de Ação Católica Especializada.

Numa época em que não era moda a fantasia de um cristianis-

mo sociológico, D. Francisco não descurou os problemas sociais. Ainda não circulavam as terminologias equívocas de hoje, mas, sem assoletrar o nome, êle já canalizava a ação pastoral no sentido de conscientização e promoção do Povo.

No setor educacional, alargando a área de ação frutuosa e fulcrada no Seminário de São José, amparou e ajudou o Colégio Santa Teresa, do Crato, e provocou a sua irradiação com a proliferação de Educandários da Congregação de diversas Paróquias. Adquiriu e modernizou o Ginásio, depois promovido a Colégio Diocesano. E, a não falar no ensino ministrado em algumas obras promocionais da Diocese, dentro e fora da Sede, patrocinou com firmeza a criação da Faculdade de Filosofia do Crato, pioneira no interior do Ceará.

No campo assistencial, foi memorável a sua atuação por ocasião das sêcas, notadamente em 1932 e 1953. E comportou-se qual bom samaritano, ao ceder o próprio Seminário para Hospital de emergência em 1936, quando assolava a Peste Bobônica. Como assistência metódica e organizada, fundou a Sociedade Beneficente do Hospital de S. Francisco de Assis que, no correr do tempo, montou o melhor e mais completo conjunto hospitalar do Estado. Depois de socorrer, anos a fio, a vetusta Casa de Caridade, fundada pelo gênio do Padre Ibiapina, aprovou a sua atualização, num plano arrojado e portentoso. Antes disto, porém, alcançou a construção do prédio e a movimentação das atividades do Liceu Diocesano de Artes e Ofícios. Mas, uma das promoções que abraçou com mais alma foi o Patronato Padre Ibiapina, cuja finalidade era dar uma continuação

atualizada à obra sustentada na Casa de Caridade. Ao arripio dos seus hábitos e temperamento, não se dedignou de sair em comissão de porta em porta, arrecadando ajuda para a Instituição que êle deixou em plena vitalidade, com alfabetização de adultos, ensino ginasial, doméstico e normal, aprendizagem profissional e a maior organização de apostolado jamais realizado por Religiosas, na Cidade, graças às Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado que assistiam às órfãs internas, às domésticas do centro urbano, aos alunos dos Colégios Públicos e aos presidiários da Casa de Detenção.

Quanto aos meios de comunicação, a Diocese que, ao fim de sua gestão, ganhava uma Emissora. lucrou-se sobremaneira da Tipografia e do Hebdomadário A Ação, fundado e mantido por D. Francisco à custa de sacrifícios extraordinários.

No tocante ao patrimonial, o nosso Bispo, que viveu pobre e morreu literalmente pobre, esforçou-se por defender os bens eclesiásticos na sua conservação e administração criteriosa. Numa pesquisa diligente, procedeu à regularização de todos os documentos da Mitra, das Paróquias e até das Capelas Rurais. Integrado no Direito Canônico e Civil, usou e geriu as propriedades e valores, com toda equidade e honestidade, respeitando conscienciosamente os direitos das pessoas físicas e jurídicas e bem assim a intenção e vontade dos doadores. Além dos imóveis adquiridos, construídos e reformados para o serviço do culto ou a ação social, fez êle constituir um valioso patrimônio, em propriedades e prédios, para a Obra das Vocações Sacerdotais, assim como consentiu no alevanta-

mento do patrimônio diocesano, mediante doações do Governo do Estado e ofertas generosas do Povo. E razão é lembrar aqui a edificação, às suas próprias expensas, do imponente Palácio, franciscanamente transferido para a Igreja do Crato.

Releva observar que todo êsse esforço, visando a renovar o temporal, operou maravilhosos resultados, sem comprometer ou desfigurar o conceito apostólico do Pastor, que antes e acima de tudo D. Francisco timbrava por ser. Conquanto lhe falecessem os meios ricos e as técnicas modernas de planejamentos e organogramas, a ação social da Diocese era movimentada quase que integralmente à base do voluntariado e do bom senso aplicado à realidade local. Vacinando-se contra o funcionarismo bem remunerado, a obra diocesana, funcionava antes como serviço do que instalação, alimentada que era mais da colaboração humana que dos recursos materiais. Por isto, não se obnubilava a predominância da transcendência missionária do Sacerdócio Ministerial, deputado primordialmente para a missão evangelizadora e santificadora. Contidas na proporção de meios a serviço dos fins mais elevados, felizmente as atividades eclesiais não rompiam o equilíbrio pastoral. E, num contexto ainda não explosivo, transparecia, a face iluminada da Igreja servidora dos pobres.

MARTYRIA OU ASCÉTICA DA RENÚNCIA

A ascética da renúncia impõe-se como conseqüente à mística do serviço e ao espírito da comunhão. Efetivamente, para que a vida humana se pronuncie uma resposta

à mensagem divina, mister se faz a animação de uma fé autêntica e adulta capaz de levar ao engajamento real no Reino de Cristo. As exigências do Reino, a postularem a união do amor e o serviço do bem comum, correspondem precisamente aos imperativos da vocação cristã, cuja missão é proclamar o anúncio da Boa Nova, oferecer o Sacrifício salutar e santificar a vida e o mundo. A vivência comunitária tem de pedir justamente aquilo que a consagração sacerdotal do Batismo tem a dar: a participação no munus de Cristo e na missão da Igreja, pelo testemunho da vida e da palavra. E isto, por redobradas razões, se há de supor num Bispo, consagrado na plenitude do Sacerdócio Ministerial!

Pois, à luz do que acima ganhou enfoque ressalta, à evidência o testemunho eloquentemente cristão dado por D. Francisco no grêmio de sua comunidade. Testemunho não apenas na palavra e com a língua, mas sobretudo com a vida na verdade: *opere et Veritate*. A Verdade, quando é Caminho, não é coisa de dizer, mas sim coisa de fazer, porquanto é Vida: *facientes Veritatem in Caritate*. Viver a Fé no Amor — e quem não ama está morto! — significa encarnar o testemunho da palavra no testemunho da vida. Podia então proclamar a mensagem do Reino a quem, no cubículo e na comunidade, cultivava a oração como uma flôr cujas raízes mergulhavam numa vida virtuosa, que dialogava conscientemente na doação dos seus bens como sinal da doação de si mesmo, que se imolava continuamente qual hósta viva no holocausto do serviço de Deus, que se ergueu na Diocese como o sacramento da unidade eclesial, em

união com o Papa no Colégio Episcopal e em comunhão com o Presbitério na assembléia dos fiéis, e que se consumiu no ministério da evangelização e da santificação e não se desgastou na ação promocional em vista à renovação do temporal.

D. Francisco do Crato foi um grande confessor de Cristo.

Ora, na vivência comunitária a emulação do amor ao bem comum e a prática do serviço ao outro por força implicam no sacrifício de si mesmo. Esta, a razão por que a História associou o testemunho mais eloquente da Fé em Cristo ao heroísmo dos mártires que selaram a sua adesão cristã com a própria morte. Todavia, uma análise profunda constata que o testemunho autêntico do martírio não reside propriamente em abraçar a morte, e sim em dar a vida até o fim. E, muitas vezes, menos brilhante porém mais heróico é sacrificar lentamente a vida no cumprimento diuturno do dever. Assim o fez Maria, Rainha dos mártires.

D. Francisco, na fidelidade jamais desmentida à sua missão pastoral, comprovou a sua fortaleza cristã de beber a cálice do Senhor. Quem não se lembra da humilde coragem com que, no flagelo da Bobônica, se constituiu no Capelão amoroso que visitava pessoalmente os doentes e assistia aos moribundos? Maior prova não há do que dar a vida pelo irmão, ensaiava o Mestre. E a vida, D. Francisco a empregou e gastou inteiramente no sacerdócio da bondade, até que se apagou como a vela do Altar.

Como a vela? Não apenas assim. Também, como o incenso que, em se queimando, alevanta diante dos homens as volutas per-

fumadas a subirem na direção de Deus. Sim, porque, se o testemunho é fato real e concreto, tem uma alma de símbolo e vale por um sinal que deve ser legível para a comunidade.

E o nosso Povo soube entender a mensagem do seu Bispo santo. Sobretudo no fim da vida, D. Francisco conseguiu a unanimidade da admiração e da estima. Mesmo os indiferentes e anticlericais se curvavam ante a figura veneranda deste Pastor, coluna da Igreja do Crato, pára-raios divino nas horas de tempestade e sublime catalizador do bem entre os homens. Dificilmente, logrará alguém chegar com a cabeça ou com as mãos onde se alcançou D. Francisco com os joelhos e o coração. Prova-o o halo de simpatia geral que o circundava em vida, atraindo-lhe grandes e pequenos, ilustres e desconhecidos, de perto e de longe, tal como acontecia nas festas em sua homenagem que superavam surpreendentemente as mais otimistas expectativas. Comprova-o a consagrada manifestação de pesar, quando de sua morte, que despertou inegavelmente a sensação de que o véu da orfandade caía sobre a Cidade e o Povo da Região. E ainda permanecem indeléveis os traços dessa veneração sincera e geral, junto à sua tumba na Catedral, onde se depositam frequentemente flôres de saudade e gratidão e se acendem diariamente velas de fé e confiança em um verdadeiro justo. Tão cedo não se apagará no coração do Povo, que é o seu verdadeiro túmulo, a lâmpada votiva do amor reconhecido.

Bem profetizou o Cristo a ventura dos mansos que possuem a terra. Pois, à guisa do fenômeno que o mundo conheceria em breve

com a figura do Papa bom chamado João XXIII, experimentou o Crato e a Diocese o fascínio da bondade soberana de D. Francisco de Assis Pires.

Por graça de Deus, para nós êle foi bem o grande Profeta. Também, o sumo Sacerdote. E, como ninguém, o Bom Pastor que deu a vida por amor do Reino.

3. HONRA AO MÉRITO

A vida de D. Francisco foi eminentemente pastoral e, pela virtude do Cristo em cujo nome operava, contribuiu antes de tudo para a construção do Reino de Deus, despertando assim ressonâncias para a eternidade. A sua obra porém, se encarnou na história do Crato. Aqui êle formou uma geração nova e serviu à comunidade inteira. Aqui dinamizou ou desencadeou movimentos construtivos e multiplicou Instituições e serviços promocionais. Aqui êle conservou, remodelou ou construiu prédios e edifícios. Fiel à tradição dessa Igreja, sob cujas bênçãos divinas e humanas nasceu, cresceu e floresceu a gloriosa Metrópole do Cariri, a sua atuação se configurou, a um tempo, evangelizadora e civilizadora. Porque influiu de maneira preponderante na promoção do Homem e da Terra, cooperando para a criação dos pré-condicionamentos à atual arancada para o desenvolvimento do Município Modelo do Ceará.

Por isto, sem favor, conquistou D. Francisco um dos lugares mais distintos na galeria dos Benfeitores do Crato.

Inexplicavelmente, contudo, esta Urbs hospitaleira e nobre não resgatou ainda a sua dívida de gratidão para com o inolvidável Bispo que, antes de, um dia de festas,

receber da Câmara Municipal os foros de Cidadão Cratense, já havia por anos de devotamento adotado, em seu coração, o Crato por sua nova pátria. Um homem, por muitos títulos benemérito e memorável, que faz jus a um monumento e a uma Praça como o do Cristo Redentor ou a da Sé, nem sequer pôde ser comemorado no Roteiro Biográfico das Ruas do Crato, recentemente pôsto em livro por J. Lindemberg de Aquino. Para não aludir a figuras de ilustres desconhecidos do Povo ou de valores estranhos que nada fizeram por esta gleba, enquanto se immortalizam os nomes de 3 Bispos, 5 Monsenhores, 6 Padres e 1 Missionário, continúa oficialmente esquecido e ausente o grande Pai dos pobres e Amigo da Cidade. A nós, que o carregamos sempre vivo na lembrança como um Nume sagrado, a nós que batizámos com o seu nome o Anfiteatro e a Fundação D. Francisco, a nós conforta-nos sentir que ele caminha em todas as Ruas e está em cada Praça do Crato, pois o Povo o leva dentro do Coração.

Bem haja então o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI que, redimindo em parte esse débito clamoroso — tão clamoroso que ecoou

até na Imprensa de Fortaleza, com os reclamos de J. C. de Alencar Araripe — o escolheu para Patrono de uma de suas cadeiras. Merece-o D. Francisco, não apenas pela sua cultura sólidamente alimentada, pelas produções literárias vasadas em Sermões, Cartas Pastorais e Circulares, e pelas suas peças oratórias oportunamente proferidas, mas também pelos serviços prestados à Cultura e à Ciência, com a manutenção e fundação de Educandários de todos os níveis e com a proliferação de movimentos e promoções que, no Crato e na Região, consolidaram a vida cultural da Princesa do Cariri.

Nesta homenagem se reflete bem uma justa e incontida manifestação de Honra ao Mérito.

Razão me assiste, portanto, de louvar e aplaudir este gesto do Instituto Cultural do Cariri, ao qual, não sem desvanecimento e ufania, aprez-me significar o testemunho do meu duplo reconhecimento, neste momento solene em que tomo posse, por primeiro, da Cadeira que tem por Patrono D. FRANCISCO DE ASSIS PIRES.

Tenho dito.

Crato, 06 de agosto de 1969
MONS. RUBENS GONDIM LÓSSIO
Cura da Catedral

SONETO PARA LEMBRAR MINHA MÃE

ZÉYPSILONE

QUANDO O DOCE LUAR CAI NAS CAMPINAS
COMO FICA MAIS PURA A SOLIDÃO!
E SINTO EM MINHAS MÃOS TUAS MÃOS DIVINAS
FRIAS COMO É QUENTE O CORAÇÃO...

TENS DO MAR O MISTÉRIO DAS ONDINAS...
ÉS MINHA SUPREMA INSPIRAÇÃO
COM O TEU SILÊNCIO LÍRICO ME ENSINAS
A DAR AOS QUE SÃO MAUS O MEU PERDÃO...

E O LUAR SE PURIFICA NO TEU ROSTO
TUA VOZ É COMO A VOZ DOS QUE NASCERAM
PARA UM ETERNO E ÍNTIMO DESGOSTO...

VEM PARA A SOLIDÃO, Ó BELA E MANSA
ALELUIA DOS SONHOS QUE MORRERAM
Ó TU QUE ÉS A MINHA ÚLTIMA ESPERANÇA...

Lundgren Tecidos S. A.

A PERNAMBUCANA

VENDAS EM ATACADO E A VAREJO

Rua Dr. João Pessoa, 287 — FONE 479

CRATO

—

CEARÁ

COM QUASE MEIO SÉCULO DE TRADIÇÃO

LIVRARIA RAMIRO

Livros didáticos em geral

Literatura e Técnicos

Material para Escritório

Material Escolar

Completa secção de vidros, espelhos e molduras
com os melhores produtos do Sul do País

RUA Dr. JOÃO PESSOA,376 — CRATO — CEARÁ

F. Higino, Filhos & Cia.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

M A D E I R A S

M Ó V E I S

ESQUADRIAS

MATRIZ:

CRATO — Rua Bárbara de Alencar N.º 687

FILIAIS :

JUAZEIRO DO NORTE: R. São Pedro, 716 - fone 618

FORTALEZA: Rua José Avelino, 518 - fone 21.26.85

D. Marica e a Questão de 8 em Aurora

JOARYVAR MACÊDO

Quem pertencer à linhagem dos antigos "Terésídios" dêste Cariri e fôr à cidade de Aurora, tem obrigação moral de visitar ali, o venerando e conceituado cidadão cel. Antônio Landim de Macêdo. Revendo-o ultimamente, aproveitei o ensejo para anotar algo de sua cativante palestra, sôbre acontecimentos da acidentada história daquele município, na qual entra de cheio a pessoa de sua genitora — a fãmanada Maria da Soledade Landim, mais conhecida por D. Marica Macêdo ou D. Marica do Tipi.

Apeguei-me, particularmente, a fatos atinentes ao saque de Aurora, em 1908.

Antônio Macêdo também foi protagonista nesses eventos. É válido, com efeito, o seu testemunho que resalta particularidades, desconhecidas talvez, dos poucos que, sucintamente, registraram o fato.

Em atividades humanas próprias dos varões, muita vez constatamos o sexo frágil ombreando com o forte. Efetivamente, é famosa entre os líderes das revoluções libertárias, Bárbara de Alencar. Renomadas, entre os cantadores nordestinos, Rita Medeiros e Chica Barrosa. Mulheres vestiram roupas de cangaceiro e empunharam o trabuco, como Maria Bonita e Inacinha. O coronelismo, criado pela própria estrutura política, dasdo amplos e ilimitados poderes ao coronel teve, no Ceará, como um de seus maiores expoentes, D. Fideralina Augusto Lima, de Lavras da Mangabeira.

São apenas exemplos.

No coronelismo meridional cearense avulta o nome de D. Marica Macêdo. Circunstâncias especiais fizeram-na sair do anonimato e enveredar por esta sinuosa senda.

Em 1905 enviúva, com o falecimento de José Antônio de Macêdo, por alcunha Cazuzza Macêdo. Sua filha Joana da Soledade de Macêdo contrai núpcias com Vicente Leite de Macêdo, filho do chefe político de Aurora, onde morava D. Marica, cel. Antônio Leite Teixeira Neto, vulgo cel. Totonho Leite e de Ana Isabel de Macêdo, sobrinha do aludido Cazuzza Macêdo.

Ao tempo da oligarquia aciolina, quando, no Ceará, o banditismo teve sua apoteose, em que vários Intendentes do Cariri cairam ao fragor de tiroteios, inclusive o cel. Totonho Leite, êste abre campanha em ordem a apelar do poder seu sobrinho Antônio Leite de Oliveira, intendente e coletor de Aurora. Convoca o filho, Vicente Macêdo. Os cunhados, (filhos de D. Marica) o acompanham. D. Marica exorta os

filhos — sendo atendida — a não tomarem parte na campanha, de vez que Antônio Leite de Oliveira fôra dos maiores amigos de Cazuza Macêdo. Ademais José Francisco Sales Landim, irmão dela, era casado com Joana Leite de Oliveira, irmã do dito Antônio Leite de Oliveira.

Foi como D. Marica passou a figurar no rol dos adversários do cel. Totonho.

Posteriormente o referido coronel enceta perseguição aos amigos e correligionários do sobrinho. Houve ataque ao sítio Pavão do cel. Cândido Ribeiro Campos (Cândido do Pavão). Os perseguidos eram os Paulinos, sobrinhos do cel. Cândido, os quais, tempos atrás, haviam sido espancados por um elemento do cel. Totonho, de nome José Gonçalves Pescoço e tinham então revidado o espancamento. A pretensão do cel. Totonho era capturá-los. O cel. Domingos Leite Furtado, de Milagres, vem em auxílio do cel. Cândido que transfere os sobrinhos para o sítio Taveira (nos limites de Milagres com Aurora), onde o cel. Domingos os garantiria. O cel. Totonho solicita do Presidente Acioly, força para prendê-los no Taveira. Por sua vez o cel. Domingos providencia elementos para a defesa.

O sítio Taveira já estava ameaçado de cerco. Pessoas dali invadiam, frequentemente, o território de Aurora, praticando arrombamentos de açudes, incêndios, roubos, espancamentos, além de tentarem apoderar-se de terrenos de aurorenses. Havia agitação ali, também pela iminência da demarcação das terras do Coxá.

A esse tempo D. Marica é avisada pelo genro — Vicente Macêdo de que sua propriedade — o sítio Tipi — será atacada. Ela, sem garantias, retira-se imediatamente, com a família, a cavalo, para o Cariri. Pernoita no Taveira. Pela madrugada o Taveira é cercado. Há forte e demorado tiroteio. Varado de balas, tomba seu filho José Antônio de Macêdo, de 14 anos de idade. É sepultado em Boa Esperança, hoje Iara.

Era o dia 17 de dezembro de 1908.

O acontecimento ficou conhecido como o “Fôgo do Taveira”.

No Cariri D. Marica conta com o irrestrito apoio de seus parentes, coronéis Antônio Joaquim de Santana e João Raimundo de Macêdo (Joca do Brejão). Estes juntamente com os coronéis Domingos Furtado e José Inácio, do Barro, exigem do Presidente Acioly a retirada da força que permanecia em Aurora. Comunicam-lhe outrossim o propósito de devastar aquela vila, como represália ao ataque feito ao território do cel. Domingos. Incontinenti o Presidente ordena a saída do contingente policial. O cel. Totonho com sua gente foge para outros municípios.

A 23 de dezembro chegam os atacantes. A resistência é insignificante. A vila capitula. Os agressores roubam e incendiam casas comerciais. Praticam outras ignomias. A pilhagem e a devastação atingem inclusive as propriedades do cel. Totonho e de pessoas suas.

Dentre as propriedades que foram incendiadas menciono o sítio Jitirana, de meus ancestrais maternos — os Torquato Gonçalves. José Torquato Gonçalves Ferreira Júnior era genro do cel. Totonho, e seu irmão Róseo Torquato Gonçalves, delegado de Aurora, comandara o ataque ao Taveira conforme as ordens do mesmo coronel.

O trágico evento é referido em Aurora, como a "Questão de 8".

Cessada a questão, começa o poderio de D. Marica Macêdo que reveste tôdas as características do coronelismo. Passa a ser legítima mandona. Até 1924, ano de seu passamento, exerce profunda influência política no município de Aurora.

Após a derrota dos inimigos, até 1914 assume a Intendência Municipal o cel. Cândido Ribeiro Campos; a função de juiz municipal 1.º suplente José Francisco Sales Landim, (irmão de D. Marica), a de 2.º suplente Antônio Landim de Macêdo, (filho de D. Marica), a de 3.º suplente João Monteiro Damasceno, a Delegacia de Polícia João Cândido Ribeiro, (filho do cel. Cândido).

Deposto o Presidente Franco Rabelo (1914), é someado prefeito de Aurora Manuel Teixeira Leite (cel. Teixeira), sógro do mencionado Antônio Landim de Macêdo e irmão do cel. Totonho Leite, pôsto que seu inimigo político. Permanece no cargo até 1919, sucedendo-lhe o genro Antônio Landim de Macêdo que governa até 1922, quando toma posse mais uma vez o cel. Cândido Ribeiro.

N O T A S

1 — D. Maria da Soledade Landim (Marica) era natural de Missão Velha, filha de João Manuel da Cruz (Joca) e de Joaquina de Sales Landim (Quina). Seu marido — José Antônio de Macêdo (Cazuzo) — era também de Missão Velha, filho de João Antônio de Macêdo e de Maria das Dores Paes Landim.

Vinculam-se ambos a colonizadores do Cariri, a famílias históricas da região, fixadas já no século XVIII, em terras caririenses, consoante estudos e pesquisas do historiador e linhagista Padre Antônio Gomes de Araújo.

Da família foi o primeiro casal que instalou morada no município de Aurora no último quartel do século passado.

Viúva, D. Marica convola a segundas núpcias. A propósito vale ressaltar que, em 1906, no mesmo dia, realizaram-se quatro casamentos, exemplo típico do entrelaçamento das famílias nordestinas:

a) D. Marica casou-se com Antônio Abel de Araújo (também viúvo).

b) Manuel Inácio da Cruz, (viúvo), irmão de D. Marica, matrimoniou-se com Maria Abel de Araújo, filha do citado Antônio Abel.

c) Casaram-se dois filhos de D. Marica — Raimundo Antônio de Macêdo (Mundoca) e João Antônio de Macêdo, respectivamente

com Maria da Glória Furtado da Cruz e Joana Furtado da Cruz, filha de Manuel Inácio da Cruz.

2 — Assaz ilustre é a descendência de D. Mária. Destaco dentre seus filhos :

a) Cel. Antônio Landim de Macêdo. Vivo, com 78 anos. Baluarte e mentor da família. Varão de raras qualidades morais, inclusive coragem excepcional. Viveu horas amargas. Dissolveu questões e desentendimentos no seio da própria família. Esteve foragido. Resistiu a ataques de adversários. Sentiu, por vezes, roçarem-lhe o corpo os projéteis, cujos vestígios ainda se verificam na casa em que residiu e onde funcionam atualmente, os Correios e Telégrafos de Aurora.

De documentos do seu arquivo, tomei nota dos cargos que ocupou, com as datas correspondentes às nomeações : 14-2-18 — 1.º suplente do substituto do Juiz Federal; 8-7-19 — prefeito municipal; 12-8-20 — presidente da Junta Municipal; 13-6-44 — 1.º suplente do Delegado de Polícia; 19-8-45 — adjunto do Promotor de Justiça; 25-4-59 — Delegado de Polícia.

b) Raimundo Antônio de Macêdo (Mundoca, falecido) — Delegado de Polícia de Aurora, por nomeação de 17-3-21. (Arquivo de Antônio Macêdo).

c) Silvino José de Macêdo. (Ainda vivo). Fundador da capela de Na. Sra. do Perpétuo Socorro e da povoação, séde do Distrito do Tipi. Juazeiro do Norte, janeiro de 1970.

S O L D Ã O

DJANIRA FILGUEIRAS

A NOITE SÓ, A NOITE FRIA
A BALADA DO VENTO QUE SUSSURRA
UMA PRECE, UM LAMENTO.
TUDO É TRISTEZA, É ESPERANÇA QUE SE VAI.
O PERFUME DAS FLORES QUE MURCHARAM NA SAUDADE...
AO REDOR, A CHUVA CAI
O PRANTO, A AMARGURA DA VIDA
A INTRANQUILIDADE, O MÊDO
ENVOLVENDO A ALMA DE TÊDIO E NOSTALGIA
E O DESEJO IMENSO DE GRITAR
GRITAR PARA ESQUECER A DOR
PARA ABAFAR A MÁGUA
DA LEMBRANÇA QUE FUGIU PARA NÃO MAIS VOLTAR
O PASSADO DISTANTE. A AGONIA INFINITA
SABOR DE MEL E DESVENTURA.
E SOB A LUZ MORTIÇA DO "ABAJOUR"
SOMERAS QUE PASSAM.
E NO CÉU, ESTRELAS QUE BRILHAM E QUE SE APAGAM,
NA ETERNA GRANDEZA DO CRIADOR.

Recife, julho de 1969

TERRAS DE INVASÃO

Francisco de Vasconcelos

Há exatamente cinco anos e meio não ia a Salvador. Quando lá estive pela última vez, por ocasião da Festa da Conceição da Praia, em dezembro de 1963, lembro-me nitidamente da forte impressão que me deixou a gritante disparidade entre a Graça e Massaranduba. Naquêlê bairro abastado, era a suntuosidade de palácêtes, solares e chácaras, que nem mesmo na Guanabara é facilmente encontradiza, mansões que bem testemunham os esplendores do cacau, do fumo ou do gado. Nêste reduto de pobreza, era a podridão, o mau cheiro, os montes de detritos, a falta absoluta de infra estrutura, as ruas alagadas, os barracos paupérrimos, as crianças esquilidas, as fisionomias maceradas, a descrença, a desolação, a falta de horizontes, creio que nem mesmo encontrados no recôndito das favelas cariocas.

Mas, os anos voaram. E, nêste interim, não faltaram as reportagens espetaculares, à base de muita foto e pouca matéria, mostrando progresso espantoso, através de polpudas promoções publicitárias.

E, eu de cá, insuflado pela propaganda pertinaz, sonhando com uma nova Bahia, cheia de novas graças e belezas ao alcance de tôdos, Bahia criando riqueza, Bahia dando oportunidade a tôdos os seus filhos, grande parte dêles em busca de progresso material e intelectual.

Em julho dêste ano, por motivos profissionais, tornei à "Boa Terra", cheio de esperanças e ansioso por ver novas paisagens humanas.

Minha cliente, baiana de Itaparica, há alguns anos residente em Botafogo na Guanabara, recomendara-me que ficasse em casa de sua irmã em Fiais, para que minorassem as despesas de estada. Pelas condições de vida da minha constituinte, nunca pude supôr, que sua irmã vivesse em situação tão diametralmente oposta. Em verdade, Fiais trouxe-me de volta tôda aquela impressão de miséria e abandono pintada magistralmente por Jorge Amado em Capitães de Areia, Mar Morto ou Jubiabá, obras de trinta anos mas de uma atualidade impressionante.

E, aqui, começo eu a contar, com a fidedignidade que me deu a vivência, dentro de um espírito honesto e autêntico, atributos indispensáveis ao pesquisador de assuntos sociais, o que é realmente a vida nos Fiais. Os nomes das pessoas serão ocultados, sendo, entretanto, verídicos os seus apelidos. Afinal, o drama não é de uma família e sim de uma comunidade, que sofre unida no vai e vem das marés.

Nanoca foi criada em Valença, a velhíssima cidade bahiana, terra de um grande do Império: Zacarias de Góes e Vasconcelos. Ali, casou, ali nasceram os seus

filhos : Leninha, Icinho, Vavá, Irá e Lulú, que nos dias que correm contam, respectivamente, 13, 11, 8, 7 e 4 anos. Mas as desavenças com o marido, levaram Nanoca à uma separação, que a obrigou a fugir para Salvador com a filha-rada às costas afim de arranjar trabalho para o sustento da prole. Encarou a luta sem esmorecimento. Aos trancos e barrancos conseguiu finalmente um lugar na Cia. E. I. N., que se dedica à fabricação de sacos de aniagem. Seus rudimentares conhecimentos nunca lhe permitiram perceber mais que o salário mínimo.

Até aí, nada de novo. Cada um tem o salário condizente com o seu grau de instrução e com sua capacidade de trabalho. Mas, a poderosa empresa, construída praticamente dentro d'água, à margem da Estrada de ferro que liga a capital baiana a Paripe, Periperi, Nazaré das Farinhas, etc., nunca se preocupou em construir casas proletárias decentes para os seus funcionários. As poucas moradias que ali existem, pertencentes à fábrica, sobre serem construídas em lugares insalubres, são ultra rudimentares e quase imundas. Além disso, são disputadíssimas pela numerosa legião de operários. Numa dessas palhoças, Nanoca conseguiu se abrigar por algum tempo. Mas, as paredes de taipa ameaçaram ruir. O telhado cedeu e as crianças passaram a correr perigo. Foi então que ela comprou nas circunvizinhanças um "pedaço de maré" por Cr\$ 60,00 e ali resolveu construir o seu barraco de tábuas. O negócio foi simples. Apesar de tudo aquilo pertencer à União, havia um rapaz que se dizia dono daquela porção de mar, que ninguém sabe onde exatamente começa e termina.

Este senhor de águas, sem qualquer documento habil, transferiu os seus direitos à nova adquirente, sem contratos ou escrituras. Negócio de boca, à vista e sem recibo. Transação surpreendentemente simples à base da confiança, sem prestações de contas aos cofres públicos, em termos de impostos, taxas, laudêmios, etc.

E pensar-se que todo aquele mundo construído sobre água e lodo nasceu e cresceu assim, através de negócios ingênuos, onde não há a intervenção dos poderes constituídos, onde as partes não se munem de documentos capazes de lhes garantir os direitos em qualquer tempo. Serão estas as vantagens da ignorância e da falta de civilização ?

Fiais, não passa de uma imensa favela que se desenvolveu em torno da Cia. E. I. N., naquele pedaço de funda da Bahia de Todos os Santos, onde se chega esfalfado depois de muito perguntar e de tanto bater pernas. Vejamos o roteiro mais simples para se chegar até lá. Partindo da Praça Cayrú, segue-se até o Largo dos Mares e daí ruma-se para o Largo do Tanque, passando pelo Mercado da Baixa do Fiscal. Do largo do Tanque, saem várias estradas. Mas não há que errar; a certa é a de São Caetano. Por ela, caminha-se cerca de trezentos metros. Logo à esquerda, em meio à u'a moita, desce uma picada em direção à linha férrea e à maré. Não é preciso cuidado. O povo é bom e mesmo a noite não oferece perigo. Lá embaixo, está Fiais, com o imenso prédio da Fábrica e o casario que se desenvolve ao Deus dará, sem um plano de urbanização, sem infra estrutura, sem leis e posturas, na constante aventura da conquista do mar.

E Nanoca vive ali, com a fi-lharada e um novo companheiro de infortúnio, "seu" Lando, peque-no negociante na Baixa do Fiscal. Homem rude, sempre amargurado e queixoso, é, entretanto, bom para a mulher e para os enteados. Foi ele, aliaz, o arquiteto e o construtor do barraquinho, erguido às pressas dentro d'água, durante noites a fio, porque o dia era escasso para a luta no mercado.

Primeiro, foi a dificuldade de arranjar madeira adequada para as estacas de sustentação da casa. É de se explicar, que não serve qualquer uma, pois que as fundações têm que resistir ao sobe e desce da maré. Somente aroeira, sapoti e massaranduba apresentam condições de durabilidade e segurança. Depois, foi o árduo bater de estacas até encontrar terreno firme. Seguiram-se o soa-lho de táboas de pinho e as paredes no mesmo material. Finalmente o engradamento de traves-sas e ripas, cortadas no mato ao acaso e, a cobertura de telhas francesas. Mas, as telhas conse-guidas a duras penas, não chega-ram para tódo o telhado. O di-nheiro não deu e não dá para comprar mais e, assim, ficou um enorme vazio no teto, por onde a lua penetra mansamente, diria o poeta, esquecendo-se que a chuva também existe.

O barraco consta tão somente de duas peças: uma sala grande, em forma de L, que serve para tudo, sendo sala de visitas, de jan-tar, dormitório, despensa e cozi-nha e, um quarto de proporções reduzidas, onde se aloja o casal, onde também se toma banho à base da cuia e da bacia. Separa os dois cômodos um taboado mal alinhavado e cheio de frestas, que não atinge um metro e sessenta

de altura. Portas não existem e, as poucas janelas vivem ferro-lha-das. O soalho, tem tantos buracos e fissuras, que todo cuidado é ponco, para que pequenos objetos não caiam no chão, pois arriscam-se a desaparecer dentro d'água.

A casa, comunica-se com a terra firme através de uma pequena ponte de madeira apoiada sôbre paus roliços. A parte da ponte contigua ao barranco, faz as vê-zes de alpendre, onde Nanoca cultiva algumas plantas, jeitosamen-te condicionadas em latas. Ali também está o enorme cilindro de ferro onde se guarda água para os serviços domésticos. E, esta água vem de longe. As crianças vão buscar no chamado Crafariz da Lavadeira, do outro lado da linha de ferro, a cêrca de quinhentos metros de distância. A senti-na, designação local do aparelho sanitário, é um buraco no soalho de um cubículo de madeira coberto de zinco. A toca construção, erguida a uns vinte metros do barraco, é sustentada por duas esta-cas fincada em terra firme e duas dentro d'água, de modo que os de-jetos quando espelidos, já caem no mar, evitando assim maiores pro-blemas. Releva notar, que este primitivo e funcional aparelho ser-ve também a outras famílias das vizinhanças.

O barraco de Nanoca dorme aberto. Há um tapume, perma-nentemente encostado à parede da frente, que faz as vêzes de porta, mas raramente é usado. Quase não há necessidade do seu emprê-go. Nada há naquela morada que possa interessar, mesmo a "ladrão de galinha".

De móveis e utensílios, pouco há que falar. Apenas três camas mutiladas pelo tempo e pelos maus tratos, um sofazinho com as mo-

las a romper a forração, peça de dupla utilidade, único assento para as visitas e leito para um dos meninos. Duas cadeiras, u'a mesa para refeições, umas poucas de panelas, pratos, xícaras, talheres de flandres e um fogão velho, eis toda a riqueza daquela família. E, nos outros barracos, não é diferente a situação.

As roupas, de cama e do vestuário, são guardadas em malas empoeiradas e encardidas. Nada de rádio ou televisão, peças já muito comuns nas favelas cariocas. Na redondeza, há apenas um aparelho de TV, que atrai grandes e pequenos às primeiras horas da noite. Em geral, dorme-se cedo em Fiáis. Não pela falta de luz elétrica, o que muitas vezes é motivo para que tal aconteça, mas pelo fato da vida começar muito cedo em virtude dos rígidos horários da Fábrica. Saliente-se que toda Fiáis gravita em torno da Cia. E. I. N. Nanoca, por exemplo, deita-se às oito horas da noite e sai de casa às quatro da manhã. Seu companheiro, não tem horário certo e às vezes nem vem dormir, empenhado que está em compras de mantimentos pelo interior, a fim de bem fornecer sua barraca no Mercado. Com Nanoca, sai uma comadre velha, que parece sozinha no mundo. Figura taciturna, de pouca conversa, fala por monossílabos em meio a cuspidelas pelo chão. Também é funcionária da Fábrica e contribui para as despesas da casa. As seis horas, começa a criança a se levantar. Leninha, a mais velha, assume o comando da casa e bota os meninos para trabalhar. Vavá, vivo e simpático, dormia numa caminha perto de mim. De manhãzinha ele me perguntava: "Como é seu nome"? E eu maquinalmente da-

va-lhe meu apelido — Chico. Ele, num sorriso malandro não perdia tempo: "A bença seu Chico". Icinho é o mais preguiçoso. Custa a deixar o desconforto do sofá de molas saltadas. Irá, toma logo da vassoura para varrer o barraco, enquanto a água ferve para o café. Leninha desembaraça os cabelos de Lulú e depois prepara as escovas para que todos escovem os dentes. Isto dia após dia, na monotonia de uma rotina que é de todo aquele lodaçal, sem horizontes e sem esperanças. Ainda assim as crianças riem e brincam sem amarguras e malcriações. Nunca ouvi daquelas bôças o menor queixume, a mais leve lamúria, um desabafo sequer. Infância pobre, quase miserável, porém conformada, talvez pela falta de acuidade suficiente para perceber a imensa e profunda desgraça em que se arrasta.

Todas as manhãs compra-se um quilo de pão. A encarregada é Irá. Leninha divide os pedaços entre os irmãos, depois de passar um pouco de manteiga nos mesmos. Depois, uma xícara de café preto para cada um e nada mais. Ninguém tem o direito de repetir, pois não há sobras. O almoço é frugal e especificamente pobre. Carne é artigo de luxo, verduras são inusitadas, feijão, farinha e arroz mitigam a fome da família. O jantar, consta invariavelmente de uma sopa de macarrão e de uma xícara de café com pão. As vezes, as crianças catam algumas ostras. Então, faz-se verdadeira festa, pois a meninada diverte-se a valer quebrando as conchas, para retirar os moluscos e preparar a muqueca.

Mas Nanoca, em breve estará em terra firme. Pretende ela, a exemplo do que fazem os vizinhos,

BARBALHA, 21 DE DEZEMBRO DE 1968

Prezado Professor J. DE FIGUEIREDO FILHO

Abraço-o

Li em "Revista Brasileira de Medicina", Fevereiro de 68, o set "Manga de Gibão-Clistor Punitivo".

O fato relativo ao Coronel Raimundo Cardoso e seu "punido" Manoel Mitrado já era do meu conhecimento como menino dos sítios dos pés de serra de Porteiras.

Sobre as várias maneiras de aplicação do clister pelo sertanejo tão bem descritas pelo senhor, devo acrescentar mais uma que presencié ser feita em um cavalo, por vaqueiro do meu avô, Manoel Rozendo, no sítio "Saco" de Porteiras: Aplicação do clister através de um grande chifre de boi, naturalmente sem o "sabugo", em cuja extremidade fina fora adaptado um talo de folha de mamoeiro. A parte dilatada do chifre servia de receptor do clister.

Para o próximo número de "ITAYTERA", naturalmente se passar pelo crivo da sua censura, vai anexo mais um modesto trabalho meu.

Cordialmente.

NAPOLEÃO TAVARES NEVES

TEUS OLHOS CATANHOS

G. L Ó B O

QUANDO EU VIA NO CÉU, A SERENA BELEZA
DE UM LINDO PAR DE SÓIS, A TRANSMITIR FULGORES,
NÃO SABIA QUE A LUZ, ESSA LUZ DE ESPLENDORES
PROVINHA DE OUTROS SÓIS DE SINGULAR GRANDEZA.

MAS, EM FIM, DESCOBRI, (QUE BELEZA, QUE AMORES!)
QUE A LUZ DO TEU OLHAR, É QUE EMPRESTA A PUREZA
A DOÇURA, A MEIGUICE, A SUTIL SINGELEZA
ÀQUELES LINDOS SÓIS, DA MAIS BELA DAS CÓRES...

SÃO TOPÁZIOS GENTIS, OS TEUS OLHOS MORENOS;
BRILHA NÊLES A PAZ, EM FULGORES SERENOS,
EMBEBIDOS DE GRAÇA E PRAZERES TAMANHOS.

NOS TEUS OLHOS EU GUARDO A CARÍCIA DE UM BEIJO;
VEJO NÊLES O AMOR EM SUBLIME LAMPEJO
E A TERNURA A SORRIR NESTES OLHOS CASTANHOS.

entulhar o pedaço de mar, onde implantou seu barraco. Este, é outro aspecto interessante da vida dos habitantes da maré. Durante a noite, chegam botes e canoas carregados de restos de demolições e de saibro para alicerçar as casas ainda dentro d'água. É trabalho demorado e penoso que

já vem sendo executado há anos, pois já é imenso o pedaço de mar conquistado.

E Nanoca está agora empenhada nesta luta, na luta de viver em terra firme, ainda que em casebre carente de tudo. Mas, para alegrar o pobre basta um pouco...

Onde e Quando Morreu BÁRBARA DE ALENCAR

J. DE FIGUEIREDO FILHO

(TRABALHO APRESENTADO NO II SIMPÓSIO
DE HISTÓRIA DO NORDESTE, REALIZADO
EM MAIO DE 1970, EM JOÃO PESSOA - PB.)

Até há bem pouco, ignorava-se a data exata da morte da heroína Bárbara Pereira de Alencar. A versão do local também, pelas fontes inexatas antigas, bebidas pelos historiadores — Barão de Studart e Irineu Pinheiro, dava que havia falecido na Fazenda Touro, no Ceará, hoje coberta pelas águas do açude Itaguar.

Visitando o município de Pio Nono, em companhia do então deputado Antônio de Alencar Araripe, tive a oportunidade de demorar-me na fazenda ALECRIM, em Froteiras, estado do Piauí. A casa pertencia ainda à família Alencar e tinha a particularidade de abrigar outra menor, dentro de suas paredes e conservada com o máximo de veneração. Diziam todos que a casinha era assim protegida e venerada por ter morrido ali a heroína Bárbara de Alencar, sendo seus restos conduzidos depois para a Capela de Poço de Pedras, agora com o topônimo traduzido para o tupi — ITAGUAR, nas vizinhanças do açude do Departamento Federal de Obras Contra as Secas, de igual denominação.

Escrevi o fato na imprensa de Fortaleza e, em trabalho que fiz para "ITAYTERA" - Crato e para a "REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO DE PERNAMBUCO". Mencionei-o em "HISTÓRIA DO CARIRI", de minha autoria, terceiro volume, edição de 1966.

Ao reventar-se o movimento de revolta, em 1831, de tendência restauradora, a família Alencar era visceralmente inimiga de seu chefe — Joaquim Pinto Madeira. Bárbara, com setenta anos, alquebrada, muito doente, foi transportada por familiares para o Piauí, onde possuía fazendas e numerosa parentela, tanto quanto em Crato e em Exu.

A chamada guerra do Pinto e do Padre Benze Cacetes, contra a Regência, também provocada pelas medidas drásticas da Câmara Municipal de Crato, contra os pintistas, envolveu automaticamente tôda

a liberal família Alencar. Seu campo de ação abrangia todo o sul da Província. Operações e transportes de tropas se davam continuamente, entre o Icó, a zona caririense, Santana do Brejo Grande, Assaré e S. Mateus. E a fazenda Touro, onde ficava, senão nas imediações das lutas?

Nos artigos que escrevi defendendo meus pontos de vista, comprovei até que a província piauiense estava bem guarnecida nas fronteiras. Citarei trecho do terceiro volume de "HISTÓRIA DO CARIRI", de minha autoria, página 13, edição — 66 :

"Para Bárbara Pereira de Alencar o abrigo nas terras piauienses era mais do que o esconderijo natural e o aconchego dos seus. Ali havia a proteção de ficar sob a segurança de homens armados, sob a imediata responsabilidade do governo provincial e da própria Regência. Vejamos o que diz Abdias Neves em "O PIAUI NA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR", editado pela Imprensa Nacional, 1921 — Rio de Janeiro: "Anos de paz e reconstituição econômica decorrerá. O espírito de rebeldia entretanto, continuava latente. Irrompe no Crato com o movimento do coronel Pinto Madeira que à frente de tropas numerosas e de um grande partido, se levanta em favor do ex-imperador. Cumprindo ordens positivas da Regência, é o Piauí obrigado a agir para evitar o contato dos agitadores e ir em socorro do Ceará. Põe 500 praças municiaadas à disposição do governo, servida por duas BOCAS DE FOGO e as mantém enquanto durar a revolução".

Creio que Dona Bárbara, no fim de sua jornada terrena, não tinha melhor proteção contra os pintistas, seus inimigos, do que 500 praças municiaadas, dois canhões, fiéis à Regência, governo em que seu filho José Martiniano de Alencar tinha vez de comando.

Em Itaguair, em 1962, muitos membros da família Alencar vieram do Piauí para a Missa na Capela e à posição da lápide no túmulo de Bárbara Pereira de Alencar. Tive ocasião de falar com muitos deles. Todos foram unânimes em afirmar que a heroína fechara os olhos entre seus parentes de Alecrim. A casa conserva-se envolvida por outra maior e ainda perduram muitos pertences de D. Bárbara, guardados, como reliquias da família".

A data exata da morte é que se ignorava e por isso não constou da inscrição da lápide que o Instituto Cultural do Cariri, de Crato, mandou apôr ali.

A BIBLIOTECA NACIONAL distribuiu há pouco o volume 86 de seus ANAIS, referentes à correspondência passiva do SENADOR JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR. É da DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO - 1968, só presentemente divulgada. A página 248 dá a chave exata do problema. Faleceu ela em terras do Piauí no dia 28 de Agosto de 1832. A carta é dirigida a José Martiniano de Alencar por seu primo e colega de sacerdócio — Carlos Augusto Peixoto de Alencar.

Transcreverei apenas trecho da carta que está à pág. 248 :

Padre José

Vila do Crato, 29 de Setembro de 1832

"Recebi hoje a sua carta de 30 de Julho deste ano, e a ela vou responder, devendo primeiramente dar-lhe a infausta notícia da morte de sua prezada mãe, minha tia D. Bárbara, ainda nos limites do Piauí, em casa do Pe. Pedro (Rodvalho), a 28 de Agosto passado, fazendo já hoje completamente um mês e um dia. Este tão triste acontecimento nos dei-

xou bastante penalizados, e muito principalmente quando ouvimos os gemidos, e as lágrimas dos pobres, e indigentes, a quem ela com tanto amor socorria. Morreu testada, deixando a sua terra ao pequeno, que criava com tanto mimo, único coitado, que a afligia nos últimos instantes de sua existência, ao lembrar-se, que ficaria sem ter quem tomasse a si a sua educação. Deixou mais alguma coisa para pobres e algumas parentas nas mesmas circunstâncias".

Passei a ortografia da época para a atual, a fim de tornar o trecho mais compreensível.

O Padre Pedro seu sobrinho não esquece de salientar o alto espírito de caridade de Dona Bárbara, qualidade que vem mais acentuar aquela figura que encheu a história do Cariri de tanto heroísmo e de exemplo de acentuado amor à independência.

A fazenda Alecrim situa-se no atual município de Fronteiras, fica a poucos quilômetros da cidade cearense de Campos Sales, outrora denominada de Várzea da Vaca. Seu cadáver foi inumado na capela mais próxima daquele local a três léguas, em Poço de Pedras, agora Itaguar, então encravada no município de S. Mateus, Ceará.

Dona Bárbara, como por feliz predestinação, pertencia de corpo e alma a três províncias do Nordeste brasileiro. Nasceu a 11 de Fevereiro de 1760, na fazenda Caiçara, do município atual de Exu, no distrito de Araripe. Residiu, casada com o comerciante lusitano José Gonçalves dos Santos na Vila Real de Crato. Já enviuvara quando se deram as lutas que a envolveram como cabeça ao lado de seu filho José Martiniano de Alencar e outros, na revolução nativista de 1817, soprada de Recife. Foi a primeira mulher republicana do Brasil, em ordem cronológica. Com o malôgro do movimento em Crato, foi presa na Paraíba onde se refugiara, conduzida à Fortaleza e à Bahia, sofrendo mil agruras, por si e pelos filhos e pelos amigos. Anistiada, em consequência da Revolução Constitucionalista do Porto, voltou ao Crato, onde sustentou luta varonil para reaver seus bens e os dos seus filhos, confiscados, em 1817. Daí a série de inimigos pessoais que criou e autores de pesadas calúnias que caíram sobre a sua memória, destruídas com dados concretos, descobertos em arquivos pelo historiador caririense — Padre Antônio Gomes de Araújo.

Quanto mais se esmiuça a história da revolução de 3 de maio de

TROVAS

Para ITAYTERA
ILDEBRANDO SISNANDO

Dos olhos de mãe sai luz
que sofrimento alivia.
Jesus morrendo na cruz
sofreu menos que Maria.

Quando Deus voltar à Terra,
duas coisas vou pedir:
que jamais permita guerra,
nem carestia existir.

Reparte o teu coração
entre o Amor e a Saudade.
Reserva mais outro vão
para abrigar a Saudade.

Um alegre Carnaval
começou ao meio dia.
Hoje no Municipal
um confete é fantasia.

Não tenho religião,
não sou cristão nem judeu,
sou incréu de coração,
graças a Deus sou ateu.

Já tenho idade avançada,
já estou no fim da vida.
Quem me dera outra alvorada,
minha infância repetida.

1817, na vila Real de Crato, em conexão com o movimento idêntico de Março, em Recife, mais avulta a personalidade de Bárbara Pereira de Alencar. Foi a custeadora da rebeldia e animadora principal dos filhos e dois irmãos, heróis consagrados das lutas em prol da independência, no Ceará, no Piauí e no Maranhão. Antes mesmo de 1817, foi preconizada heroína pelo naturalista e revolucionário Arruda Câmara. Talvez a conhecesse bem pela correspondência dela, com os próprios filhos, no então Seminário de Olinda, ou até pessoalmente, quando de possíveis excursões científicas pelo interior pernambucano, à cata de espécimes vegetais para estudo. Arruda Câmara em sua carta-testamento, de Itamaracá, de 2 de Outubro de 1810, ao amigo e futuro cabeça da revolução pernambucana de 1817 — Padre João Ribeiro Pessoa de Melo e Montenegro, escreveu o seguinte trecho referente à genitora de José Martiniano de Alencar:

"DONA BÁRBARA CRATO DEVEM OLHÁ-LA COMO HEROÍNA".

Precisamos transcrever outra parte do livro do historiador Pereira da Costa, referindo igualmente à mesma carta-testamento:

"Quase toda aquela gente mencionada nos transcritos trechos (ANAIIS PERNAMBUCANOS); e que faz parte de aréopago, tomou parte depois na revolução de 1817;

e essa Bárbara Crato de quem fala o sábio naturalista, é D. Bárbara Pereira de Alencar mãe do Padre Martiniano de Alencar, naturalmente pernambucana, porquanto registrando o seu nome o Padre Dias Martins, na sua obra, que ela era viúva nos sertões de Pernambuco, mas domiciliada na Vila de Crato - Ceará".

Bárbara Pereira de Alencar, heroína das lutas de independência, mostrou que o elemento feminino, neste importante pedaço do Brasil, também se sacrificou para que o Brasil sacudisse o jugo da mãe-pátria, no momento mais oportuno.

Quisesse Deus me emprestar
seu poder por um segundo,
moça alguma sem casar
ficaria neste mundo.

As estrêlas lá dos céus
são beijos de namorados,
que ficariam como os teus,
no firmamento encrustados.

Não perca oportunidade
de fazer um benefício.
Quem pratica a caridade
não conhece sacrifício.

Nestes dias não comi,
não saí, não passei,
não dormi, não dectansei,
com saudade da Geni.

Coisa igual inda não vi
no terreno da amizade.
— A carta que recebi
não matou, fêz mais saudade.

Menina namoradeira,
que por muitos é beijada,
acaba fazendo asneira,
e por todos desprezada.

O luar do meu sertão
é beijo que a Lua envia.
Derrama luz pelo chão,
a noite transforma em dia.

Pessoa bem educada,
de sensível coração,
de se fazer estimada
nunca perde ocasião.

A verdade e a mentira,
ambas ferem igualmente,
porém sempre há quem prefira
punhaladas de quem mente.

No jardim do meu amor
plantei beijos com fartura.
Ontem colhi uma flor:
tem perfume, tem doçura.

Contigo canto dormindo,
contigo sonho acordado,
contigo vivo sorrindo,
contigo ao céu fui levado.

As covinhas do teu rosto,
fontes de intensos desejos,
têm perfume e têm o gosto
que justificam mil beijos.

Quando a mulher é amada,
de muito afago precisa.
Não arranja namorada
quem beijos economisa.

Você transformou meu peito
em jardim de muita flor,
onde existe amor-perfeito
e também perfeito amor.

Tu escreveste, Maria,
teu nome em meu coração,
mas notei que principia
na palma de minha mão.

Eu vou consultar os sábios,
investigar a razão,
por que um beijo nos lábios
escraviza o coração.

Em mulher nova e bonita
tudo assenta, tudo enfeita.
Com um vestido de chita
eu já vi Vênus perfeita.

O beijo jamais consola
quem tem fome de amor.
Acende o fogo, que assola,
cada vez com mais furor.

As lágrimas que derramas
são pérolas de valor.
Enviadas a quem amas
são saudades, são amor.

Vês em mim um criminoso
porque um beijo roubei.
Também estou pesaroso,
sômente um beijo te dei.

O Baú Verde

Zuleika Pequeno de Figueiredo

Se eu pudesse adivinhar que um dia os baús velhos seriam antiguidades preciosas, teria pedido preferência dos de meu avô.

Lembro-me que anos atrás, os que restavam, escondidos como coisa fóra da moda, foram dados, vendidos por qualquer preço, ou ainda aproveitada a madeira de cedro, para cômodas ou outros móveis.

Grandes, pequenos, retangulares ou com tampa curva, com arabescos de pregos dourados encrustados em couro preto ou marron.

Enormes fechaduras embutidas.

Alguns com parte suposta interna, com chave minúscula para desfarçar serviam de cofre, onde era guardado o dinheiro destinado à compra dos negociantes, na "Praça".

No tempo dessas arcas de pregaria, o comércio do Crato era feito com Recife. Tudo transportado em costa de animal. Nem sei quantos dias nessas longas caminhadas. Quando o sol a pino fazia suar o cavalo e o cavaleiro, botavam abaixo o comboio. Arranchavam-se em alpendres de casas de fazenda, ou à sombra de juazeiros à margem dos riachos.

Mêsmo sêcos no verão, ficam caindo com água fresca. O arreio, depois de arrumar o cercado para os animais já cuidar na boia.

O arroz fumaçando em panela sobre trempes de pedra e a carne sêca no espeto, aguçando o apetite. O dono do comboio na rêde branca de varandas, repousando e aguardando a refeição.

Dois dos remanescentes desses

baús que teem as iniciais de meu pai pertencem a meus filhos.

Em casa de Cauby, em S. Paulo, está um dos tais, restaurado, conservando as características de antiguidade, apenas envernizado e polidos os pregos dourados que lhe servem de ornato. Lá, foi um sucesso! Americano, apreciador de velharias, ofereceu-lhe um dinheirão. Ele não quiz se desfazer de sua *preciosidade*. O da filha Eneida, enfeitou-lhe também a casa.

Mas, o que mais guardo recordação é do baú verde de mamãe onde ela guardava retalhos e outras bugigangas. No dia destinado à arrumação, era uma festa. Herdávamos o que sobrava e as bonecas iam ter novas roupagens. Havia outro grande, imenso, com grades de cadarço, de espaço a espaço, onde era guardada a roupa engomada.

Outras velharias resurgiram do desprezo a que haviam sido relegadas

Tachos de cobre, areiados, reluzentes, serviam para fazer os doces de buriti ou leite. De diversos tamanhos, conforme a quantidade dos ingredientes.

Nos tachos grandes, refinava-se o açúcar mascavo. Quando batido, pulverizado e peneirado, as crianças esperavam pelos *caroços* para saboriá-los. Na cozinha costumavam dizer: "Menina, não come açúcar puro que cria lombriças".

Elas ainda não conheciam a estória de Jeca Tatu.

Que dizer do pilão? Desprezado e carcumido, lá num cantinho do quintal? Outrora duas moças de serviço, alegres e fortes, ao ritmo do "tum — tum, tum, tum", pilavam o arroz, o milho e o café.

Anos depois quando já havia motores de descarregar arroz, o

Padre Cícero — Mito e Realidade

PEDRO GOMES DE MATOS

Antes de mais nada, "Padre Cícero - Mito e Realidade" (Editora Civilização Brasileira, 584 págs.), de Otacilio Anselmo, é uma obra de mérito, de muito mérito. A rigor, não se trata de obra de interpretação sociológica ou psicológica. Porém se biografia é a história de uma vida, pode dizer-se que a vida do Padre Cícero aí está descrita, da infância à velhice. Embora Otacilio Anselmo escreva com indisfarçável atitude interior, tudo quanto êle afirma é calcado na melhor massa documentária. Sou em que até agora não se reuniu em volume sôbre a discutida figura do Patriarca de Juazeiro tão vasto documentário. O interesse de Otacilio Anselmo na minúcia, leva-o a digressões, a desbordamentos de todo desnecessários. Daí resulta a amplitude do contexto, que chega a desapontar o leitor menos cioso de generalidades. Tudo porém quanto Otacilio Anselmo escreve em "Padre Cícero - Mito e Realidade" tem o seu valor, ilustrativo e histórico. Trabalho de pesquisa, nenhum outro o sobrepuja na documentação, cujas fontes o autor se não cansa

de esclarecer e apontar, no que não prescinde da erudição. Se bem "Padre Cícero - Mito e Realidade" não seja um livro polêmico, como aliás adverte o autor, há nêle afirmativas discutíveis e pontos-de-vista dos quais pode o leitor discordar, não arbitrariamente, mas com arrimo na formação cultural e nos intercâmbios sociais e econômicos da região do Cariri.

Com "Padre Cícero - Mito e Realidade" presta Otacilio Anselmo valioso serviço às letras históricas, inclusive sob o aspecto geográfico. O capítulo "O MEIO" é uma página digna de Euclides da Cunha.

Veja-se êsse trêcho :

"Constituindo-se um arco de círculo orientado de leste a oeste, com um comprimento aproximado de 180 quilômetros por 33 na sua maior largura, e tendo uma altitude que varia entre 900 a 1.000 metros, a cordilheira, araripiana caracteriza-se pela planura de sua chapada e o contôrno escarpado de suas encostas, submetidas à ação lenta mas continuada das erosões, pelo que já foi denominada de "serra em decomposição". Dêsse trabalho demolidor exercido pelas precipitações pluviais, resulta o desmoronamento das vertentes e sua transformação em taludes quase a prumo, surgindo, aqui e acolá, ravinas gigantescas como as que não vistas nos arredores de Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri e Jardim, por onde rolam camadas de areia que aterram as baixadas".

Meus aplausos, e calorosos, a Otacilio Anselmo.

café de Baturité, ainda era pilado em casa. As torrefações livraram a doméstica desse trabalho. O gosto bom do café é que não existe mais.

Hoje, deixaram de ser utilidades, levados para apartamentos do Rio e S. Paulo, como objetos de decoração.

Ah! Se as antiguidades humanas estivessem também na moda!

Embate Humano e Descoberta Pré-Histórica

JOSÉ DOS ANJOS DIAS

Choca-se o mar de encontro aos corpos recifosos, os veículos entre si, os rios na confluência e suas águas com o mar para produzirem a pororoca. Os piores macarêus são originados pelo antagonismo da humanidade entre si mesma.

Provocam desacordo de idéias, vivência desarmonica, desprezo a Deus e às coisas sagradas e disposição, em alguns grupos, para desacreditar da ciência. A ciência é luz divina que aclara o obscurantismo. Deus deu-a ao homem para fazê-lo conhecedor das coisas passadas, presentes e futuras. Condoeu-se em ver a humanidade sequiosa para saber a origem das coisas e a idade das mesmas, então, permitiu-lhe que através da leitura e da meditação conseguisse o seu desejo.

A ciência mostra-nos as coisas ocultas no solo e subsolo, no mar e no ar. Bem assim, descobre com precisão a idade da matéria.

É lamentável que haja quem diga, que a ciência compactua com os incubos, com sua teoria moderna, quer destruir uma doutrina milenária.

A ciência com seu avanço, concorre para nos mostrar a retidão das coisas, com a descoberta do número de anos possuídos pelos objetos.

Desacreditar nas revelações científicas, é descrer do próprio Deus, pois, sem consentimento Dêle não seria possível surgir os prodígios científicos. A oposição à verdade, só não desaparece do conceito de quem não procura

examinar as cousas, que têm as qualidades essenciais à sua natureza. A revista *DESPERTA!*, de 24.4.1969, traz um artigo surpreendente na página 14. Torna-se magnífico porque as *TESTEMUNHAS DE JEOVÁ*, procuraram mostrar que em 1975 o homem Adão completará 6.000 anos que saiu do barro. Respeitosamente e sem intenção de criar polêmica, peço licença para dizer algo sobre a história humana, sem propósito de ferir o pensamento alheio.

O aparecimento do homem na face da Terra, vem de época que por enquanto não se pode comprovar cada fóssil achado surpreende o anterior em idade. Em 1966, o arqueólogo e etnólogo Dr. Calderon, esteve aqui, em Juazeiro da Bahia, onde moro, tive a honra de conhecer aquela sumidade da ciência e palestrar com esse eminente professor, repositário do conjunto de conhecimentos relativos a pré-história e a etnologia.

Explicou-me o motivo de sua presença nesta região. Sua missão por esta zona de São Francisco era procurar algo pertencente a arqueologia.

Deus o ajudou no seu intento, pois, não muito longe daqui, encontrou um fóssil à margem direita do São Francisco, na "GRUTA DO PADRE".

Nela havia esqueletos humanos, facas e machados de pedra, também restos de tecido grosseiro com partes prejudicadas por carbonização.

Tudo quanto foi encontrado conduziram para Salvador; dali,

então, foram encaminhados aos E. Unidos da América do Norte amstras para exame.

O C 14 revelou que datavam de 7500 anos. Os seres humanos que viveram na região do fóssil, eram mais antigos do que Adão e Eva.

Como se explica isso? Conheciam algo da indústria, porque fabricavam tecido, embora grosseiro, suponho que faziam uso do tear primitivo para tecelagem, acionado pelo movimento do pé do tecelão ou da teceloa.

Aquela interrogação é para a idade de Adão e em tom respeitoso, consoante a revelação em DESPERTAI. Servirá de observação e confrontação entre os números de anos de Adão e os do fóssil, para termos as coordenadas e definir com exatidão, se Adão foi o primeiro varão e Eva a primeira mulher. Os esqueletos estavam chamuscados, havia sobre eles tições e carvão, fazendo-nos crer que os sepultantes usavam pôr fogo nos sepultados, antes de cobri-los com terra.

Na Índia, até hoje, perdura o emprêgo de incineração dos cadáveres, queimados na fogueira e acompanhado de ritual para alcançar um fim determinado. Em tôdas as cousas há mistérios sobrenaturais, exclusivamente compreendidos pelos iniciados das cousas divinas ou espirituais, eis os casos da Índia, Sociedades Filosóficas e a Maçonaria com seus segrêdos maçônicos.

Anterior a descoberta arqueológica na "GRUTA DO PADRE", houve outra importantíssima em Minas Gerais. Em Lagoa Santa, foi encontrado um fóssil, testes radioativos realizados por especialistas na América do Norte, revelaram que a ossada rumana tem mais de 10.000 anos.

Os ossos estão no Museu Nacional, na Guanabara. Além do ossário, encontraram utensílios domésticos em cerâmica.

A ciência não é inimiga da Bíblia, tem procurado clarear as incertezas de quem as possui para fazer desaparecer as dúvidas, sem pretensão de pôr por terra, os ensinamentos religiosos.

O Velho e o Nôvo Testamento são livros de inspiração divina, proféticos e em parte, históricos, sem nenhuma concatenação científica.

Não tenho propósito de fazer pouco de alguém, por outra forma menosprezar a Bíblia, todos nós somos falíveis e a ciência, não.

Minha intenção neste artigo, é dar conhecimento que o último fóssil descoberto no Brasil, é magnífico pela revelação que nos trouxe. Deu-nos a conhecer que o povoamento de nossa Pátria, no solo bahiano, assinala um período superior a 7.500 anos, isso é surpresa extraordinária!

Mais tarde, o Tempo e a Providência Divina, tomarão para si a incumbência de nos ofertar outros fósseis mais antigos.

Porque aquela e aquêlo outro, são liberais em tudo e para tudo, não usam de sovenice.

Não era povo sem arte, porque usava tecido; teria sido ramificação dos homens da Atlântida?

Para considerar Adão e Eva como originadores da humanidade, dando-se a Adão 5.994 anos como as T E S T E M U N H A S D E J E O V Á afirmam, forçamos a depreciar a ciência. Se fôsse possível negar a verdade nela contida, então poderíamos enxotá-la do nosso convívio, mas, até então, não apresentou desvio de bom caminho e, jamais afastar-se-á da retidão, continuará com boa-fé no

proceder. Os fósseis da "GRUTA DO PADRE" e de Lagoa Santa, através da ciência, provam que antes de Adão e Eva surgirem, já existiam seres humanos no solo brasileiro.

Vejamos que um daqueles fósseis tem mais de 10.000 anos, Adão unicamente 5.994, boa diferença para a idade deste.

Aquelas descobertas pré-históricas, são corroborantes de que o gênero humano não teve inicial em Adão e Eva, houve várias fontes genetrizes.

Podendo-se compreender e perceber pelas revelações da ciência, que Adão e Eva não foram os geradores da humanidade, como tínhamos à idéia.

Pelo fator exposto, o livro sagrado não vai deixar de manifestar-se como regedor das relações entre o homem e a divindade, tampouco perde a essência divina que encerra.

Pela motivação que a ciência faz positivar a idade da matéria, não exclui Adão em continuar merecendo, todo respeito de nossa parte, por ter sido um privilegiado de Deus, em concorrer para a proliferação da Terra, juntamente com outras famílias mais antigas.

Não podemos encobrir a verdade sobre a sabedoria de Moisés, não se pode negar que tenha exercido o ocultismo de tal maneira que sobrepujou a todos os magos do seu tempo, colocando-se na vanguarda.

Conhecia os Mistérios da Criação. Porém, na esfera inculta em que vivia, não poderia fazer conhecer ao povo rude conduzido por êle, a duração exata dos períodos da Criação. Isto, porque perderia seu tempo em relatar, visto que, aquela gente não possuía senso de compreensão adequado para en-

tender. Eis porque, limitou-se a dizer ao povo, a fim de satisfazer a curiosidade de alguém que, Deus criou o mundo em seis dias, tendo como primeiro varão Adão.

Em nosso lar, quando um filho pergunta: — Mamãe ou papai como foi que eu nasci? Apresentamos dona cegonha como transportadora da criança e nada da realidade. O tempo com sua sabedoria, encarrega-se de revelar ao infante. Então, foi escrito que o mundo teve origem em seis dias, Adão e Eva os primeiros moradores da Terra.

Atualmente com o desenvolvimento da ciência e, a mente humana bastante esclarecida, pôde-se chegar a uma conclusão de que, os seis dias foram seis períodos, porém, não se sabe a duração de cada.

Quando Adão e Eva tomaram conta do Paraíso, já existia gente em Minas Gerais e no atual sertão da Bahia, nas cercanias da "GRUTA DO PADRE", segundo prova a ciência. Isso, conforme os resultados dos testes radioativos, efetuados na América do Norte, com as amostras enviadas dos fósseis da "GRUTA DO PADRE" e Lagoa Santa.

Existe muita cousa doutrinada como evidente, no entanto, na realidade a explicação que recebemos, entra em dissentimento com o realismo e acolhemos como certa.

Adão e Eva realmente existiram, porém, a raça humana não teve origem exclusivamente desse casal, os fósseis da "GRUTA DO PADRE" e de Lagoa Santa, são provas inofismáveis. O Velho Testamento, narra claramente que, o primeiro filho de Adão e Eva, Caim, depois de praticar o homicídio contra seu irmão Abel, abandonou o lar de seus pais e foi

morar noutra terra. Lá, contraiu matrimónio e fundou uma cidade.

Nessa exposição de fatos compreendida no primeiro volume da Fábula, é uma corroboração de que existiam pessoas descendentes de outras famílias.

Após a saída de Caim, nasceu o terceiro filho de Eva, chamado Seth, daí então, brotaram-lhe as filhas. Porém, a Bíblia não especifica a quantidade de meninas que Eva deu à luz.

Caim, não poderia ter contraído núpcias com alguma de suas irmãs, porque até então, não havia nascido nenhuma.

Outro documento esclarecedor desse assunto, é a existência das três raças. Adão e Eva, possivelmente eram brancos ou amarelos, não poderia sair deles a progênie dos AFRICOS. Supor. que naquele tempo, era possível, é ir de encontro a genética.

Deus criou distintamente as três raças humanas, pois, estava em sua santa vontade para assim proceder.

Prêtos, amarelos e brancos, perante Deus, são todos iguais. Nunca considerou, não considera e nem considerará nenhum povo, com complexo de inferioridade. Esse sentimento psicológico que leva alguém julgar-se superior sem o ser, é atributo de quem não procura anelar-se ao espiritualismo.

Procuremos dar a Deus o que é de Deus, e a César o que lhe pertence.

Então, tomemos a Bíblia como vereda religiosa, caminho por onde o homem deve seguir, para mais tarde, alcançar a morada de Deus, sem desconceituar a ciência.

A ciência é heroína e carcereira. oriunda da essência do perfume divino, encarregando-se de abrir

A D Á D I V A

Ao Rvmo. Pe. Hélio Ramos,
no seu natalício

Quando viestes das alturas,
Harmonias vivas, puras,
Soaram no abismo dos céus.
Contra o mal que o mundo encerra,
Mais um levita na terra,
Mais um soldado de Deus !

Sim, pois luta aquêle que ama,
Que a divindade proclama
Do filho de São José,
E embora de invicto porte,
É grandê. é potente a coorte
Dos inimigos da Fé !

Se hoje vemos fazer anos
O herói que nos leva ufanos
Pelo caminho cristão,
De alma em transportes divinos,
Como não entoarmos-lhe hinos,
Num preito de gratidão ?

A vós, neste agosto dia,
Que tanta luz irradia
Sob o amplo azul do Brasil;
Neste momento inspirado,
Os membros do Apostolado
E da Cruzada Infantil,

Vêm trazer-vos, guia místico,
Triunfador eucarístico,
Enviado do Redentor,
Com alegrias tamanhas
Por vossas batalhas ganhas,
Uma oferenda de amor :

Seja esta caneta espada,
Sempre, sempre imaculada
Nestes combates da Cruz,
Ao que, jamais indeciso,
Tem por pátria o Paraíso,
Por soberano — Jesus !

ALVES DE OLIVEIRA

as portas da prisão onde quer que
esteja encerrada a ignorância,
dando-lhe luz e calor, liberdade e
conhecimento científico.

GENTE ILUSTRE

J. Lindemberg de Aquino

NA CORRIDA DIÁRIA PELO GANHA PÃO NÃO TIVE TEMPO DE PREPARAR TRABALHO DE MAIOR PÊSO MENTAL PARA ESTA EDIÇÃO DE ITAYTERA. MESMO NO INTERIOR A GENTE JÁ ESTÁ NÊSSE CORRE-CORRE DA VIDA MODERNA ONDE O TEMPO NÃO SOBRA MAIS PARA NADA... E ASSIM, PARA NÃO ESTAR AUSENTE, NESTA GALERIA DE TÃO NOBRES COLABORADORES, VOU INSERIR UNS SIMPLES DADOS BIOGRÁFICOS SÓBRE 4 PERSONAGENS ILUSTRES — CONTRIBUINDO PARA MAIOR E MELHOR CONHECIMENTO DE SUAS EXISTÊNCIAS E ATIVIDADES. SÃO 4 DOS QUE RECENTEMENTE GANHARAM NOMES EM NOVAS RUAS DA CIDADE, GRAÇAS À INICIATIVA DO PREFEITO HUMBERTO MACÁRIO DE BRITO. NOTAS SIMPLES, DESPRETENSIOSAS, SEM PRETENSÕES LITERÁRIAS. VEJAMOS FATOS DESSA GENTE ILUSTRE :

EDILSON SUCUPIRA

EDILSON DE ARARIPE SUCUPIRA, filho de Francisco Otaviano Batista e Dulce de Araripe Sucupira, nasceu em Crato, a 18 de Março de 1868 e faleceu, já velhinho, em Breves, Estado do Pará, onde se radicará.

Fez seus estudos primários no Seminário do Crato, no reitorado do Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro e no Colégio Veneravel Ibiapina, de José Marrocos, em seu período de maior esplendor.

Naquele Colégio foram seus colegas José Carvalho, poeta, jornalista e folclorista, e Fernandes Távora, médico, depois Senador da República e Presidente do Ceará.

Exerceu a Promotoria Pública em Crato e o magistério particular, instalando seu afamado Colégio na esquina das Ruas José Carvalho e José de Alencar.

Foi um dos melhores e mais eficientes estabelecimentos de ensi-

no que tivemos em nossa terra. Dele foi seu aluno o escritor Irineu Pinheiro que, em EFEMERIDES DO CARIRI, lhe dedica a pág. 154.

"Era Edilson alegre, inteligente, bom, conversador, mas enérgico nas aulas, a dar boas palmatoadas em alunos que merecessem", diz o historiador cratense.

Para o renomado estabelecimento de Edilson Araripe Sucupira vinham alunos até de outras Cidades. Várias gerações ele as educou com sadio estusiasmo, dando grande impulso á causa da educação em nosso meio.

Em 1901 partiu para o Norte, dedicando-se, no Pará, ao funcionalismo público.

Diz Irineu Pinheiro : "Morreu em Breves, naquele Estado, já bem velhinho, aposentado, a recordar, em seus últimos dias, melancolicamente, sua distante terra natal que êle jamais veria".

DR. JOSIAS SISNANDO 30

Nasceu o Dr. JOSIAS SISNANDO DE LIMA na cidade do Crato, a 15 Abril de 1883 e faleceu em Fortaleza a 22 de Dezembro de 1965. Era filho do casal José Alexandre Alves de Lima - Raquel Sisnando de Lima.

Curso primário com Raimundo Duarte Jacinto Guerra e com o professor Carolino Sucupira. Estudou, também, no Seminário S. José, em Crato, e no Ginásio Cearense, do Professor Anacleto Pereira Cavalcante de Queiroz, em Fortaleza. Ingressando, posteriormente, na Faculdade de Direito do Ceará, ali colou grau no mês de Abril de 1912.

Antes de sua formatura, fôra nomeado, em data de 07.12.1911, pelo Desembargador Antônio de Oliveira Praxedes, Presidente do Tribunal da Relação, para as funções de advogado nas Comarcas de Crato, Barbalha, Jardim, Milagres, Lavras, Aurora e Icó, bem assim, em data de 26.01.1911, nomeado pelo Presidente do Estado Antônio Pinto Nogueira Acioly, para o cargo de Promotor de Justiça da Comarca do Crato.

Após sua formatura, foi nomeado, em 05.05.1913, pelo Presidente do Estado, Cel. Marcos Franco Rabelo, para exercer as funções do cargo de Juiz Substituto do Termo de Aquiraz, Comarca de Cascavel, de onde foi removido para o Termo de Quixeramobim, da Comarca do mesmo nome.

Nomeado pelo Presidente do Estado áquela época — engenheiro João Thomé de Saboia e Silva, logo a seguir, para exercer o cargo de Juiz Substituto do Termo de S. Benedito, da Comarca do mesmo nome, passou a Juiz de Direito quando da elevação da referida Comarca a 2.ª Entrância.

Nas funções de Juiz de Direito,

foi removido para a Comarca de Maranguape, depois para a de Camocim, de onde foi transferido para a Comarca de Quixeramobim.

Promovido a Juiz de Direito da 4.ª Entrância, exerceu essas funções na Comarca de Crato, de onde foi transferido para a Terceira Vara Civil, de Fortaleza e, em seguida, para a Terceira Vara Criminal, também de Fortaleza.

Aposentou-se, compulsoriamente, a 16 de Julho de 1953, com 42 anos, 2 meses e 5 dias de função pública, com honras e vantagens de Desembargador.

Quando no desempenho de Juiz de Direito da Comarca de Maranguape, serviu, por mais de uma vez, como Desembargador ad-hoc do Tribunal de Justiça do Estado.

Nas horas vagas, lecionava particularmente, pois era apaixonado pela profissão de mestre, figurando, entre aqueles que foram seus alunos, o médico e jornalista Otacílio Macêdo e o médico, também jornalista, José Leite Maranhão.

Dr. Josias Sisnando foi casado com D. Hermelinda Carvalho Sisnando de Lima, tendo dêsse enlace os seguintes filhos: José Sisnando, funcionário da Universidade Federal do Ceará, dr. Antônio Sisnando, médico, chefe do Posto de Saúde de Mombaça, casado com dona Marta Ayres de Moraes Sisnando Lima; Dr. Tarcísio Sisnando, bacharel, advogado e Procurador Fiscal da Prefeitura Municipal de Fortaleza, casado com d. Miriam Campos Sisnando de Lima; Maria, diplomada em prendas domésticas residente em Fortaleza; Belgilde Sisnando, médica, residente em Fortaleza; Yula Sisnando, professora, funcionária do INPS em Fortaleza; Maria Silves Sisnando, formada pela Faculdade Católica de Filosofia de Fortaleza, casada com

MONSENHOR SILVANO DE SOUSA

Monsenhor FRANCISCO SILVA-NO DE SOUSA nasceu no Sítio Chapada, Município de Barbalhã a 8 de Abril de 1879. Foram seus pais Reinaldo Alves de Sousa e Silvana Gonçalves de Sousa. Na idade de 5 anos ficou orfão de Mãe, que faleceu num ato heróico de Caridade, cuidando dos varíolos. Entre os 3 e 4 anos de idade, casando-se a irmã mais velha, foi residir com ela, no sítio Cabeceiras, onde passou a infância, frequentando a escola do ex-seminarista Antônio Apolinário. Depois de fechada essa escola, passou alguns anos sem aulas. Mas seu pai abriu uma escola primária no Sítio Pelo Sinal, onde ensinou a meninos pobres — e onde ele estudou, ao lado do Pe. José Ferreira. Dali seguiu para o Colégio que o cel. Siébra abriu em Barbalha. Fechando-se esse Colégio, seu Pai matriculou-o no Seminário do Crato, onde ficou três anos, até o ano de 1898, quando aquela Casa fechou suas portas. Então, sob a direção do Pe. Quintino de Oliveira e Silva, que mais tarde seria o Primeiro Bispo do Crato.

Matriculando-se no Seminário de Fortaleza, mesmo vencendo certa oposição do Pai, que achava não dever o filho único extinguir a geração de sua mãe. Em 1902 esteve no Recife, tratando da vista. Ordenou-se em 1904, sendo nomeado Coadjutor em Barbalha, a seguir, Vigário de Tauá e depois Vigário de Assaré, com séde em Santana do Cariri, desde 1909. Em 1914 foi chamado à

Fortaleza, onde foi professor do Seminário da Prainha, da Escola Normal e redator do CORREIO DO CEARÁ. Em 1921 acompanhou o Bispo cratense, Dom Joaquim Ferreira de Melo, para Pelotas, Rio Grande do Sul, onde trabalhou 39 anos. Em sua nova atividade, naquela Diocese, foi Pároco, Vigário Geral Capitular, Reitor e Pro Reitor do Seminário daquela Cidade.

Retornando ao Cariri, já velho, foi, ainda assim, professor por mais de 5 anos na Faculdade de Filosofia do Crato, exercendo seu Ministério pastoral com grande atuação, até que veio a falecer, em 26 de Fevereiro de 1968, quase nonagenário, no Hospital S. Lucas, de Juazeiro, sendo sepultado em Barbalha.

Monsenhor Silvano de Sousa — disse Figueiredo Filho — “na vida só fez espargir luzes em torno de si. Cumpriu na íntegra o apostolado que escolheu, por inteira vocação. Todo o povo de Barbalha festejou, com efusão e festas deslumbrantes, seu 60.º aniversário de sacerdócio. Veio até Bispo do Rio Grande do Sul, para aquelas homenagens. Só a doença e os anos conseguiram impedir-lhe o trabalho cotidiano. Ainda continuou a assistir missas diárias, auxiliado, em sua caminhada matutina, por parentes e amigos dedicados. Seu exemplo de fé e coragem inspiravam admiração a todos que dele se acercavam. Soube bem cumprir o seu dever e com êle a Igreja e o Ceará perderam ilustre e dedicado filho”.

Elisio Rodrigues de Araújo, residente em Brasília.

Homem de rara inteligência, de extraordinária bondade e de grande espírito público, aliou a essas

qualidades uma honradéz pessoal a toda prova, sendo das figuras marcantes que nasceram em nossa terra, motivo de orgulho para a gléba cratense.

C E G O A D E R A L D O

ADERALDO FERREIRA DE ARAUJO, o Cego Aderaldo, nasceu em Crato em 24 de Junho de 1878 e faleceu em Fortaleza em 29 de Junho de 1967, aos 89 anos de idade.

“Desde o berço, a sorte lhe foi adversa, como afirma Osvaldo Aguiar — Muito cedo perdeu o Pai, surdo e paralítico. Morreu-lhe a Mãe, pobre e valetudinária. E para aumentar-lhe a dor moral, aos 18 anos sobreveio-lhe, inopinadamente, irremediável cegueira. Sem lar, sem pão, sem amigo e sem vista, procurou ganho honesto que lhe assegurasse o sustento, nada obteve. Desaparecida a esperança do amparo humano, recorreu, pre-nhe de fé, á Providência Divina. Esta logo lhe veio ao encontro, dotando-o da graça miraculosa da inspiração. E ele, que não tinha bossa poética, transformou-se, de noite para o dia, em fecundo repentista...

“Passou a cantar, munido de rabeça e guia. Invadiu o interior nordestino. Percorreu sítios, fazendas, aldeias, vilas e Cidades, derramando, no seio das massas extasiadas, a musicalidade de suas estrofes enternecedoras. Enfrentou e venceu os mais afamados cantadores do Polígono das Sêcas. Criou, por isso, justa fama, e se tornou respeitado”.

Exibiu-se nas grandes metrópoles, em rádio e televisão. Em Setembro de 1960, em memorável Congresso folclórico, recebeu o honroso diploma de REI DOS CANTADORES E VIOLEIROS.

“Apesar de octogenário, possuía inteligência lúcida e garganta sonora. Andava a pé, dedilhava a viola e cantava desafio com admirável agilidade”.

“Excelente e vasto o seu repertório, revela-lhe a extraordi-

nária pujança imaginativa”. Lançou, em 1964, o livro EU SOU O CEGO ADERALDO, reunindo suas principais criações poéticas.

“Há nêle (no livro) um pouco de tudo: elegia, lirismo, sátira e humorismo. Em qualquer dessas facêtas o apreciado rapsodo era fantástico”.

“O Cego Aderaldo, sem dúvida, enfeixou na Coletânea, o que existe de bom, no Brasil, em matéria de poesia popular. Construiu, assim, um monumento de real valor folclórico destinado a projetar-lhe o nome, no mundo das letras, como luzeiro de rara cintilação”.

Cego Aderaldo cantou e recitou do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Teve audição especial para Ademar de Barros, no Palácio do Governo, em São Paulo, e para o Presidente Juscelino Kubistchek, no Palácio do Catete, no Rio. Este assinou Decreto concedendo-lhe uma pensão mensal.

“Com a sua morte, diz Otacílio Colares, podemos estar certos, encerrou-se o ciclo dos grandes cantadores, aqueles que tinham como característica primordial a singeleza no viver e no interpretar a sua arte”.

“Ninguém o esquecerá jamais — afirmou Eduardo Campos, Presidente da Academia Cearense de Letras — Ao passar dos anos, mais e mais se tornará indelével a obra poética do maior cantor do Nordeste, aquele que foi o encanto das noites sertanejas, o cinema e a televisão do pobre, o grande espetáculo de sabedoria dos terreiros em serras e vales”.

Cego Aderaldo nunca casou. Mas conseguiu criar e educar 27 filhos adotivos, que encaminhou de maneira positiva para a vida prática.

HISTÓRIA
DA
INDÚSTRIA
DO
CHARQUE
GAÚCHO
FUNDADA
POR
UM
CEARENSE
(1780-1830)

Como gaúcho, dedico esta história à comunidade cearense, em gratidão pelo que de bom e marcante fizeram pelo Rio Grande do Sul, seis de seus destacados filhos.

O primeiro, José Pinto Martins que faz dois séculos fundou a indústria do charque gaúcho, fator fundamental no povoamento do Rio Grande do Sul e de repercussão apreciável na geopolítica portuguesa no Prata, e ainda não devidamente considerada.

O segundo e o terceiro, os dois de Alencar de Mecejana, o José, no centenário do lançamento de seu romance "O Gaúcho" e o Humberto Castello Branco, na oportunidade do Jubileu de Prata da vitória aliada na 2.ª Grande Guerra, na qual os muito gaúchos que dela tomaram parte, o fizeram, sob os planejamentos inteligentes do Cel. Castello Branco, então oficial de Operações na F. E. B.

O quarto, o Brigadeiro Sampaio, o "Leão do Tamboril" o "Bravo dos Eravos", na oportunidade do Centenário do Término da Guerra do Paraguai, em que em TUIUTI, sua Divisão Couraçada, composta de grande número de cearenses, por sua bravura invulgar, contribuiu decisivamente, para que muitos gaúchos fossem poupados da morte, ou retornassem mais cedo aos lares.

O quinto, o inesquecível bispo de Pelotas, D. Joaquim Ferreira de Mello nascido no Crato, e uma das figuras que mais me impressionaram na infância, por sua imensa bondade e carinho para com as crianças.

Sua morte em Pelotas, foi sentidíssima por toda a Diocese que, em sinal de reconhecimento, lhe ergueu um monumento em Praça Pública, para imortalizar sua santificante vida pastoral em Pelotas.

O sexto, o Cel. Hélio Ibiapina, pela contribuição ao meu torrão natal Canguçu - RS e ao próprio

Rio Grande do Sul, na construção de estradas.

Brilhante Oficial de nosso Exército, que despertou minha vocação para a carreira das armas ao conhecê-lo em minha infância.

A êste Oficial, quando fôr escrita a história da Revolução de 31 de Março de 1964, aparecerá por certo, como um fator importante na sua eclosão e condução.

A êle, muito deve o Nordeste, grande parcela do clima de paz, ordem e compreensão de que desfruta, e fundamental ao seu desenvolvimento, que desde 1964 se tornou célere.

Mas vamos à história das charqueadas, e de como elas foram vistas pelos sábios franceses St Hilaire e Debret, e pelo inglês Herbert Smith.

JOSÉ PINTO MARTINS, natural do Ceará, fundou a indústria saladeiril no Rio Grande do Sul, instalando-a cêrca de uma légua da foz do rio Pelotas próximo a local já habitado por alguns caissais de açorianos.

As primeiras charqueadas preparavam a denominada "carne sêca" segundo técnica trazida do Ceará, posteriormente os franceses João Batista Roux e Eugene Sagues introduziram a técnica do preparo do "charque" bem diferente da primeira e que veio a ter grande aceitação e procura nos mercados nacionais e internacionais, tornando-se o atrativo econômico da área, o que veio proporcionar a Pelotas por longos anos, grande projeção econômica, cultural, social e política na zona Sul do Rio Grande do Sul e importante fator na geopolítica portuguesa no Prata.

A proliferação das charqueadas

em Pelotas, em consequência de uma imprevisível demanda dos mercados consumidores, foi o fator determinante da corrida "estância própria" na área, ocasionando o rápido povoamento da Zona Sul, por futuros estanceiros que para lá se dirigiram, para fundarem suas estâncias e, com o gado nelas produzido, abastecerem as charqueadas pelotenses que, dia a dia, tornavam-se mais ávidas de matéria prima.

Em consequência dêste evento, Canguçu - R. S. durante os próximos 23 anos, dada a proximidade das charqueadas e consequente valorização de seu gado, conheceu o período mais progressista de sua história, atraindo para suas terras inúmeras famílias ilustres que de lá partiram em grande número, a partir de 1801, para disputarem melhores campos de criação, nas terras conquistadas pelos portugueses, no sul dos rios IBICUI e PIRATINI e nos Sete Povos das Missões.

Antes do estabelecimento das charqueadas em Pelotas, o gado era utilizado para o consumo local e com esta finalidade, abatiam-se as reses mais novas e mais gordas, as demais eram sacrificadas, unicamente, com a finalidade de aproveitar o sêbo e o couro, com boa cotação no mercado internacional e cujo monopólio, havia sido exercido por muito tempo pela corôa espanhola.

O restante da rês era perdido e deixado no meio do campo, para servir de pasto aos cães e corvos.

Nos dias atuais houve uma completa inversão, a carne e todos os sub-produtos de origem bovina valorizaram-se bastante e o couro, fibras sintéticas, teve seu preço avultado.

Uma visão do que foram as charqueadas em seu início, nos é transmitida pelo célebre pintor francês JOÃO BATISTA DEBRET, através de pinturas que realizou em Pelotas em 1823, por ocasião de sua passagem pelo local.

Originais destas pinturas podem ser admirados na Fundação Raimundo de Castro Maia, situada na Floresta da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro, onde se encontram ao lado de numerosos outros exemplares de sua grande obra.

Numa de suas pinturas, fixa o flagrante de uma charqueada às margens do rio Pelotas, com admirável riqueza de detalhes de todas as operações necessárias à fabricação do charque, operações estas que tentarei descrever aos leitores.

Tratava-se de uma área de cerca de 100 x 200 m, cujo lado maior era apoiado no rio Pelotas.

A área era atravessada, transversalmente, por uma profunda vala que tinha ao meio um pontilhão.

Por esta vala, corria para o rio o sangue das reses abatidas, desde um galpão de matança situado na posição central, no lado oposto do rio, o qual por sua vez, era ligada a uma mangueira onde aguardavam as reses a serem abatidas.

Um pouco mais à frente do galpão de abate, encontrava-se outro, com enorme tacho de água fervente, destinado a tirar a graxa dos ossos.

A norte da vala, situavam-se separadas por um corredor, dois conjuntos com 10 fileiras de varais, destinados a secagem ao sol do "charque" em fabricação e do sêbo retirado da carne.

Cada varal era dividido em 13 espaços e cada espaço era ocupa-

do pela carne e sêbo proveniente de uma res, o que permitia o processamento simultâneo do charque de 230 animais.

Ao sul da vala, estendiam-se ampla área onde escravos encarregavam-se do estaqueamento para secagem ao sol, de diversos couros.

Bem ao norte, ao fundo do estabelecimento, situa-se enorme depósito, presumivelmente destinado à administração, depósito de sal, charque produzido ou charque em produção, empilhado, aguardando bom tempo para a secagem.

Esta charqueada, como as demais, era toda a base da mão de obra escrava e assim também observará Herbert Smith em 1882.

Em outra pintura, Debret fixou o flagrante de outra charqueada, em Pelotas, menos aperfeiçoada, na qual a matança se processava no interior de uma enorme mangueira.

Nesta pintura, vêem-se índios charruas civilizados, a cavalo, lançando o animal, enquanto outros, tendo em mãos uma enorme vara com uma meia lua de metal, cortante, seccionavam o nervo da perna trazeira do boi (desgarramento), fazendo-o cair ao solo imobilizado.

Nesta situação, um escravo desmontado, e portando enorme faca, corria em direção ao animal para dar-lhe o golpe mortal no coração (sangramento), e entregar-se pressuroso a faina de carnação, com o animal muitas vezes ainda com vida.

Estes índios charruas civilizados foram atraídos em grande número para Pelotas, com o advento das charqueadas e por muitos anos compuseram a paisagem pelotense.

Em VOYAGE PITTORESQUE

AU BRÉSIL de Debret, consta a pintura Barque brasiliense faite avec cuir de boef, com algumas diferenças da existente na Fundação de Castro Maya, que, em resumo, retratavam as célebres pelotas que deram o nome ao rio e à cidade.

Nesta última, vê-se uma pelota, em cujo interior viajava um rico senhor, sendo rebocado pelos dentes, por um escravo nadando.

Mais acima, vê-se uma tropa de mulas de carga atravessando o rio e logo atrás da embarcação um cão.

Estas pelotas também foram descritas por Auguste Saint Hilaire em sua Voyage au Rio Grand du Sud, na qual também, se refere, entre outras cousas, às 18 charqueadas pelotenses, escravidão em Pelotas, além de transcrever interessantes dados de exportação pelo porto de Rio Grande, que lhe foram oferecidos por Gonçalves Chaves, em cuja casa à beira do rio Pelotas esteve hospedado.

Estas embarcações, antes mesmo de Pelotas, tiveram largo uso no Brasil, tendo o próprio Marechal Rondon, posteriormente, feito largo uso das mesmas, no Brasil Central.

Elas tinham capacidade comumente, para uma pessoa apenas, devido a sua pouca estabilidade, eram muito sujeitas a naufrágios, sendo numerosos os casos fatais de afogamento em consequência de viradas inesperadas.

Ao retornar do Brasil, Debret publicou em Paris em 1835 VÍAGEM PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL na qual se refere ao charque e às charqueadas pelotenses.

Sobre o charque assim escreveu:

"A carne seca (viande seche) é um alimento de primeira necessi-

dade no Brasil e é preparada na província do Rio Grande do Sul, geralmente afamada pela reunião de suas numerosas charqueadas situadas, em sua maior parte, sobre a margem esquerda do Rio de San Gonzales (São Gonçalo), rio que facilita a exportação considerável deste comestível, realizada por iates, sumacas, e pequenas embarcações de cabotagem, utilizadas no aprovisionamento dos portos do Brasil e do Chile".

A seguir refere-se ao couro :

"O comércio de couro de bois do Brasil não deixa de constituir-se em outro grande negócio para o charque do Rio Grande do Sul, estabelecido numa província privilegiada, com uma variedade gigantesca de bois, quais somente chifres e cabelos da cauda, por si só constituem um ramo de comércio explorado por negociantes franceses.

Por outro lado, o couro mal curtido do Brasil proporciona uma oportunidade lucrativa à introdução dos couros europeus, muito procurados por causa de sua perfeição".

O couro na época de Debret era apenas curtido, posteriormente para assegurar o mercado europeu, passou a ser exportado apenas salgado.

Debret em diversas pinturas constantes de sua Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, tradução de Sérgio Milliet, e outras constantes da Fundação Raimundo Castro Maya, fornece valioso subsídio para o estudo dos costumes e tipos humanos existentes do tempo das charqueadas pelotenses.

O povoamento inicial de Pelotas verificou-se junto às charqueadas no Passo Rico assim denominado, pela enorme riqueza que por elle atravessava em ambos os sentidos e posteriormente, Passo dos Ne-

gros, em virtude dos numerosos escravos que por lá entravam importados pelos charqueadores, para acionarem suas indústrias de carne.

Os escravos entrados em Pelotas foram em tão grande quantidade que em 1814, numeravam 2.226 ao lado de igual número de brancos.

Para ficarem as famílias longe do ambiente das charqueadas que chegaram a numerar 35 abaterem em 15 anos mais de 5.000.000 de cabeças, vão se condensando em torno do povinho de São Francisco de Paula, que veio tornar-se na atual cidade de Pelotas.

Além das impressões das charqueadas em 1820 por August de Saint Hillaire em sua *Voyage au Rio Grand du Sud* e do pintor Debret em 1823 através de suas pinturas em 1835, em sua obra publicada na França, transcrevo, a seguir, trecho de como o geólogo e naturalista Herbert Smith viu em 1882 ditas charqueadas, decorridos 60 anos das estadias em Pelotas das famosas personalidades citadas.

As observações entre parentesis são do autor.

“Todo o comércio de Pelotas deve-se ou a indústria do charque ou ao comércio com o interior, diretamente **DEPENDENTE DESTA INDÚSTRIA.**

Este comércio estende-se por metade da Província, para oeste ao Rio Uruguai e para o sul até o Estado Oriental.

Denota a atividade comercial na praça de Pelotas, o grande número de embarcações no porto: contei não menos de 54, ao tempo de minha passagem, sem contar os vasos miúdos e chatas.

Logo depois de entrar no Canal de São Gonçalo, atrai a vista espetáculo mui singular.

Extensos campos cuidadosamente cercados, são ocupados **POR LINHAS REGULARES DE ESTACAS HORIZONTAIS DEITADAS SOBRE OUTRAS A PIQUE, A ALTURA DE MENOS DE DOIS METROS DO CHÃO** (seguem a descrição das charqueadas conforme as retratou Debret).

Há muitos grandes **ARMAZENS DE CAMPANHA** que dependem dos de Pelotas.

Admirou-me encontrar numa cidade pequena, como esta, armazéns que fariam honra ao Rio de Janeiro (Isto se observa até hoje no tocante aos modernos supermercados pelotenses).

Realmente a carne seca é um gênero alimentício sadio e nutritivo; considero-a superior à carne salgada de que usam soldados e marinheiros de outros países.

Uma das mais características e ao mesmo tempo mais interessantes vistas de Pelotas é a **TABLADA** (Era a região do bairro das **TRES VENDAS** compreendida pelos locais onde se situam o Hipódromo da **TABLADA** e **ASSOCIAÇÃO RURAL**).

Neste local de dezembro a maio vendem-se as manadas (tropas) que chegam.

Algumas trazem 15 dias de viagem (Canguçu ficava de 3 a 4 dias de viagem daí sua posição privilegiada neste particular).

Pode haver aqui, ao mesmo tempo, umas vinte datas, cada uma de centenas de cabeças, **RUDES GAÚCHOS VESTIDOS COM A HABITUAL CAMISA DE CHITA, CEROULAS OU POMBACHAS E PONCHOS RISCADOS, GALOPAVAM EM TODAS AS DIREÇÕES.**

Os dados das charqueadas movem-se rapidamente aqui e ali em belos cavalos, examinando as várias tropas, calculando-lhes o va-

lor com rapidez e precisão admiráveis, porque a concorrência é muito forte entre os vinte ou trinta charqueadores" (a seguir é descrita a matança no interior das charqueadas).

A operação inteira leva cerca de um minuto e muitas vezes num só estabelecimento, no mesmo dia, são mortos 600 a 700 cabeças de gado.

Acabada a esfolação, tira-se limpamente a carne dos ossos em OITO PEDAÇOS, que são laçados em estacas horizontais; DOIS TRABALHADORES HÁBEIS CORTAM-NA E RETALHAM-NA ENTÃO, DE MANEIRA QUE CADA PEDAÇO FIQUE REDUZIDO A ESPESSURA DE 15 mm.

Para esta esfolação emprega-se um verbo especial — CHARQUEAR — e dêle derivam os substantivos C H A R Q U E, CHARQUEADA, CHARQUEADOR.

Esfregando bem o sal na carne, empilham-se em camadas, primeiro o sal, segundo a carne, depois nova camada de sal e assim por diante; AS PILHAS CHEGAM A ALTURA DE MUITOS METROS, COM O DUPLO EFEITO DE IMPREGNAR A CARNE DE MATÉRIA SALINA E DE ESCORRER OS LÍQUIDOS CONTIDOS NELA, PELA PRÓPRIA PRESSÃO. De 8 a 10 quilos de sal usam-se para a carne de cada animal, conforme o tamanho.

Passando um ou dois dias, se o tempo está suficientemente limpo, desempenham a carne e dependuram-na para secar.

Os couros bem limpos são metidos na salmoura que escorre das pilhas de carne; depois de vinte e quatro horas tiram-nos, cobrem-nos de sal, dobram-nas, e estão prontos para embarcar para os mercados da Europa, onde esti-

mam muito os que não são preparados dêste modo (Ao tempo da estada de Debret em Pelotas o processo era o de secagem ao sol. (A seguir Herbert Smith ocupa-se dos sub-produtos aparecendo a cinza de ossos como artigo de exportação para a França, somente não se aproveitando os intestinos (fígado e bofe).

"Há um não sei o que de REVOLTANTE e ao mesmo tempo cativador nestes grandes matadouros; os trabalhadores negros (ainda escravos em sua maioria) seminus, escorrendo sangue; os animais que lutam, os soalhos e sargetas correndo sangue rubro, os feitores estólidos vigiando 60 mortes por minuto.

De tôda esta carnificina demandou a riqueza de Pelotas (e, como é lógico, foi fator fundamental no progresso da zona sul, determinando inclusive o aproveitamento de diversas cidades gaúchas e o mais importante, determinou o povoamento e vivificação de nossa fronteira meridional (repercussão geopolítica).

"Estes animais comprados na tabela representam o valor de 22 mil contos de réis (22.000.000.000 réis :- 400.000 cabeças/ano dão 55.000 réis por cabeça) que vão para o bolso dos estancieros".

Estes homens pousam alguns dias nas cidades a comprar fornecimentos para o ano seguinte, antes de voltarem para suas remotas habitações.

Os tropeiros que receberam seus salários aglomeram-se nas lojas e tavernas; e assim, no fim de contás, grande parte que pagaram pelo gado volta nas compras aos comerciantes (ou seja, não sai de Pelotas).

Acabam pois os leitores cearenses decorridos 80 anos dêste rela-

to de Herbert Smith, em plena escravidão e regime imperial, de apreciar e deduzir sobre a vida dos avós e bisavós gaúchos, que viviam em função dos dividendos proporcionados por esta atividade, fundada por nosso conterrâneo.

A partir do fim da I GRANDE GUERRA, esta atividade que por quase um século e meio fez a riqueza e glória de Pelotas, entra em declínio progressivo, agora em concorrência com os frigoríficos.

Em 1905, já Rio Grande adiantava-se em pleitear um estabelecimento desta natureza, a fim de compensar-se de não ter podido explorar o charque em suas charqueadas, dizem alguns, devido a uma fina poeira que carregada pelo vento aderira ao charque, conferindo-lhe um sabor diferente que diminuiria seu valor comercial.

O declínio progressivo das charqueadas obriga que os charqueadores em 1828, fundem seu sindicato que teve como primeiro presidente o Cel. Pedro Ozório (o rei do arroz).

Em 1940, quando o tempo das charqueadas já era saudade, assim escreveu Fortunato Pimentel sobre o assunto:

"Que bons tempos aquêles, quando Pelotas tinha a sua tablada.

Das serras, das Fronteiras, de todas as zonas pastoris do estado, ali chegavam bois e vacas, novilhada bagual, vindos dos longínquos campos da Palmeira, bem como os bovinos melhorados de nossa pecuária.

Reunidos, corretores e charqueadores ao sabor do mate, após uma vista geral, discutiam qualidades, preços, pesos e daí surgiam negócios quase sempre de vulto.

O olho servia de balança, olho

educado de quem conhecia campo e gado e se erro houvesse era de quilinhos.

A ronda da sorte deu a muitos dinheiro, enquanto outros desapareceram para sempre, muitas vezes perdendo fortunas ganhas honestamente.

Zeferino Costa era um semiprofeta dos bons negócios.

Homem atilado, gaúcho de verdade, seus negócios eram conduzidos com segurança, foi corretor de alto prestígio.

Montevidéu ainda possui a sua tablada, a nossa desapareceu.

O gado que vinha para a tablada era bom.

Seu dono tinha que fazer o cálculo do peso, perdido nas longas jornadas.

O capataz da tropa, pessoa de absoluta confiança, tornava-se o fiador do negócio.

Gado bem conduzido quando gordo, pouco perdia de peso.

O tempo e os homens passam, mas quem conheceu Pelotas ao tempo de sua tablada, há de ter saudades.

O dinheiro então valia dinheiro.

Hoje, das charqueadas só restam dois pequenos estabelecimentos na margem Leste do São Gonçalo, além da pertencente ao ANGLO S. A. e a saudosa lembrança dos tempos de glória e prestígio que elas trouxeram a Pelotas, rememorados de certa forma neste trabalho.

Próximo ao local em que no período áureo do charque funcionaram cerca de 35 charqueadas, o Sr. Rafael Mazza fez conservar algumas instalações que pertenceram a uma delas, as quais o turista poderá contemplar, ao cruzar a ponte do Rio Pelotas a caminho da praia do Laranjal, na Lagoa dos Patos.

NOVAS CADEIRAS COM PATRONOS, NA SECÇÃO DE LETRAS E DE CIÊNCIAS SERÃO PREENCHIDAS NOS PRÓXIMOS MÊSES

Uma das maiores vitórias do I. C. C. é a prova de grau de cultura desta zona, especialmente da cidade que o anima, é o fato do preenchimento, com teses à altura intelectual de qualquer meio, das cadeiras de Letras e de Ciências. Já temos dez preenchidas com ótimos discursos, todos publicados em ITAYTERA na parte literária e uma na científica. Os trabalhos foram insertos na Revista oficial de nossa entidade e quem quiser pode comprovar se o meio comporta, ou não, tal iniciativa. Já temos inscritos bom número de consócios para ocuparem outras cadeiras, com respectivos patronos — Escritor Pedro Gomes de Matos, na de seu tio — Dr. Raimundo Gomes de Matos; Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, na de D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva; Prof. Pedro Felício Cavalcanti — Inácio Loloia de Alencar; Jornalista Francisco S. Nascimento — Manuel Monteiro; Prof. José de Anchieta Barreto — Mons. Joviniano Barreto e Dr. Humberto Macário de Brito (Secção de Ciência) — Dr. Herminio de Brito Conde. Por último, inscreveu-se na cadeira N.º 11, patrocinada pelo consócio recém falecido Duarte Júnior — o poeta e cronista Geraldo Lobo.

A U T O R

Maj. Eng. CLÁUDIO MOREIRA BENTO, natural de CANGUÇU-RS é filho de CONRADO ERNANI BENTO e CACILDA MOREIRA BENTO, tendo realizado seu curso primário no Colégio N. S. Aparecida — Canguçu - RS e ginásial no Ginásio São Luiz Gonzaga de Pelotas - RS (1944 - 1948).

Ingressando na carreira militar realizou os seguintes cursos militares: Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (51 - 52), Academia Militar das Agulhas Negras (53 - 54), Rezende - RJ, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (1964), Rio de Janeiro - GB e Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1967 - 1969), Rio de Janeiro - GB.

Possui os seguintes cursos civis: Relações Públicas e Organização e Métodos na Escola Federal do Serviço Público do DASP.

Estudioso de História Militar e

da História do Rio Grande do Sul, sobre este último assunto, realiza pesquisas e colabora em jornais e com entidades especializadas no Rio Grande do Sul.

Sobre o mesmo assunto, realizou pesquisas durante três anos no Instituto Brasileiro de História e Geografia.

Em todas as guarnições que serviu e especialmente no Recife, tem desenvolvido atividades cívicas através de palestras e conferências e artigos históricos no Diário de Pernambuco e Jornal do Comércio.

Atualmente é Conselheiro da Comissão Estadual do IV Centenário de Goiana - PE, como representante do EM do IV Exército, frequenta a Escola de Administração de Empresas de Recife - PE, e é Assistente Militar da Comissão de Construção do Parque Histórico GUARARAPES, nomeado pela Comt. do IV Exército. J. N. A. S.

Recife, Abril de 1970.

Cariri Industrial de Óleos S/A

O MAIOR PARQUE INDUSTRIAL DA REGIÃO

FABRICA AS MELHORES MARCAS
DE SABÃO

PRODUTOR DE FLUIDOS PARA FREIOS

Apoio da Sudene - B. N. B.

Rodovia De. Cicero, K. 2

JUAZEIRO DO NORTE - Ce

Distribuidora Regional de Automoveis S/A

DRASA



Revendedores exclusivos
da linha Volkswagen
Oficinas especializadas
Completa assistência técnica



Rua Ratisbona, 70/72

CRATO

—

CEARÁ

A POESIA EMOCIONAL DE PEDRO MAVIGNIER

PEDRO GOMES DE MATOS

A maneira de Augusto dos Anjos, o mais lido e mais discutido dos poetas brasileiros, teve a dor o privilégio de apurar o estro e a sensibilidade de PEDRO MAVIGNIER.

Fê-lo inclusive o sofrimento aperceber-se do sobrenatural e o aproximar da mais terna de tôdas as filosofias: a filosofia cristã.

ÚLCERA é testemunho do transe porque passou o poeta:

ÚLCERA, TEU PUNGIR ME DESESPERA,
SOU UM RENDIDO AO TEU CAPRICHOS INSANO,
FERE-ME COM A DOR DO DESENGANO
DE QUEM DA VIDA NADA MAIS ESPERA.

NAS VÍSCERAS DE UM DÉBIL CORPO HUMANO,
O TEU MORBUS FATAL TUDO LACERA,
E LENIR TUA DOR SERÁ QUIMERA
OU MELHOR BENDIZER DE AMARGO DANO.

ROUPEASTE-ME DA VIDA AS ESPERANÇAS
A CIÊNCIA JÁ POR MIM NÃO QUEBRA LANÇAS,
MEUS ANSEIOS VITAIS VEJO-OS PERDIDOS.

E SÓ ME DÁS POR PRÊMIO DERRADEIRO:
FRUIR NO NADA UM CONTINENTE INTEIRO
COM TÔDA A ETERNIDADE DOS VENCIDOS.

O consôlo e a cura porém sem demora lhe adveio das mãos
pródigas de SÃO FRANCISCO:

MEU SÃO FRANCISCO QUEM EM VÓS CONFIA
COM O SANTO FERVOR DE UM FRANCISCANO,
JAMAIS TEME O FRACASSO OU DESENGANO,
E ATÉ MESMO O IMPOSSÍVEL DESAFIA.

O MILAGRE SUBLIME, SOBERANO,
DA POTÊNCIA DIVINA SE IRRADIA
MAIS VEM POR VÓS NA CHAGA QUE CRUCIA,
PONDO O DIVINO NO SOFRER HUMANO,

POIS O FILHO DE DEUS, PREVENDO AS DORES,
DEIXOU EM MONTE ALVERNE AS CINCO FLÔRES,
QUE SÃO AS CHAGAS DADAS PELA FÉ

A QUEM POR SEU AMOR TÔDA A RIQUEZA,
CONVERTEU NA SERÁFICA POBREZA
QUE AO CÉU LIGOU ASSIS E CANINDÉ.

E em tórno de si, dêle que, descrente, palmilhava sem o saber
a estrada de Damasco, sobrevem a claridade e os eflúvios de uma
vida nova expressa em REGENERAÇÃO :

NO LAR QUE FOI OUTRORA DE UM DESCRENTE,
HOJE CONTRA PALESTINA SE LEVANTA,
O BOM JESUS COMIGO ALMOÇA E JANTA
COMO FEZ COM OS SEUS ANTIGAMENTE.

O CÉTICO QUE FUI NÃO MAIS ESPANTA
O SEU VULTO REAL, ONIPOTENTE,
ANTES O CHAMA, O ATRAI CONSTANTEMENTE
PARA ÊSSE CONVIVER QUE TANTO ENCANTA.

É QUE NO LAR DE QUEM SE REGENERA,
HÁ UM TABOR, UM SINAI SÔMENTE A ESPERA
DO REBENTO DE DEUS FEITO CORDEIRO,

QUE ABRINDO OS BRAÇOS NUMA CRUZ ERGUIDA,
DÁ-NOS AS FONTES IMORTAIS DA VIDA,
E MUDA EM PALESTINA O MUNDO INTEIRO.

Não obstante, o pessimismo invade-lhe a alma; e a química da
Natureza, como num ecrã, se lhe retrata sob a égide do carbono :

VIVO NO MUNDO, MAS ME CONSIDERO
O QUE NINGUÉM QUER SER POR MAIS QUE VIVA
UMA UNIDADE FÚTIL, NEGATIVA,
QUE VALE TANTO QUANTO VALE UM ZERO

SER MENOS OU SER MAIS ME NÃO CATIVA,
SE BEM PERTO JÁ ESTOU DO FIM QUE ESPERO
DAR AO NADA O QUE QUIS E HOJE NÃO QUERO
A VIDA A RASTEJAR QUASE INATIVA

VIVO SOU CARNE FÚTIL, DELETÉRIA,
REPRESENTANDO UM POUCO DA MATÉRIA,
DA QUAL CONHEÇO SEU AUTOR E DONO :

AQUÊLE VERME QUE ANDA CONSUMINDO
O QUE VAI O MUNDO INTEIRO PRODUZINDO
PARA A IMORTALIDADE DO CARBONO.

Em CAVEIRA vê a ironia do nada ante o efêmero do humano :

DIZEM TER SIDO DE MULHER BONITA
A CAVEIRA QUE TENHO EM MINHA FRENTE,
MAS É TÃO FEIA QUE NÃO SE ACREDITA,
QUE TAL BELEZA TENHA SIDO GENTE.

RI SEM SABER DE QUE; MANGA SÔMENTE
DE TUDO QUE NO MUNDO AINDA SE AGITA,
NA CERTA DE RIR SINISTRAMENTE
COMO VIVE A SORRIR DE SUA DITA.

BELEZA DE MULHER É NA MATÉRIA,
APENAS UMA FORMA DE MISÉRIA,
CÁ NO MUNDO TALVEZ A MAIS RASTEIRA.

QUE A MORTE TARDE OU CEDO DESFIGURA
QUANDO TROCA A RIDENTE FORMOSURA,
PELA MÁSCARA HORRÍVEL DA CAVEIRA.

E fixa NO CEMITÉRIO o desafio dos mármoreos ao silêncio
igualitário da morte :

EM MÁRMORES TALHADOS, E OSTENTANDO
NO CAMPO-SANTO SINGULAR GRANDEZA,
DESTACA-SE UM JAZIGO DE BURGUESA
DOS TÚMULOS QUE SE VÃO DESMORONANDO.

OLHANDO-O NINGUÉM SENTE ESSA TRISTEZA
QUE DEIXA A MORTE NO QUE VAI CEIFANDO
SENTE-SE O ORGULHO NO MÁRMORE DOMINANDO
E A VAIDADE ESPLENDENDO NA RIQUEZA

MAS, POR CONTRASTE, A SOMBRA DE UM SALGUEIRO,
LÁ REPOUSA, DEBAIXO DE UM CARNEIRO,
ONDE ERGUIDA SE VÊ SIMPLÓRIA CRUZ,

UMA POBRE DE BENS DESTITUÍDA
DEMONSTRANDO, NA CINZA, O QUE FOI VIDA
E MOSTRANDO, NA SOMBRA, O QUE FOI LUZ.

Em FUMANDO sente o poeta que da vida o sol lhe vai perdendo
e antevê "Os despojos das coisas que estão vivas".

VEJO IMAGENS AZUIS SE DESPRENDENDO
DO CIGARRO QUE FUMO POR ESPORTE,
E NOTO QUE AS VISÕES NEGRAS DA MORTE
NELAS FAZEM SINAIS QUE NÃO ENTENDO.

VOLUTEIAM TALVEZ MARCANDO O NORTE
DA VIDA CUJO SOL JÁ VAI PENDENDO,
MAS SEU MISTÉRIO, ENFIM, JAMAIS DESVENDO
POR MAIS QUE A ESSE MISTÉRIO ME TRANSPORTE.

SEI QUE VOA E SE PERDE NO CARBONO
A CINZA DA FUMAÇA QUE ABANDONO
NA MINHA DISPLISCÊNCIA INUSITADA

DE SENTIR NAS IMAGENS FUGITIVAS
OS DESPOJOS DAS COISAS QUE ESTÃO VIVAS
NOS LÚGUBRES ASPECTOS DE MEU NADA.

Visando a uma fuga, perde, por fim, o interesse de existir. Bem-diz a morte e "A foice igualitária de Tarquinio":

A MORTE, MINHA ETERNA NAMORADA,
VAI TRAÇANDO O MEU FIM A SEU CONTENTO,
VIVE NA ROTA DE MEU PENSAMENTO,
VIVE EEJANDO AS CINZAS DO MEU NADA.

CONSAGRAÇÃO POSSÍVEL DE UM MOMENTO,
VERDADE PURA, EMBORA INDESEJADA,
GOZO AO VER-TE SEGUIR NA MINHA ESTRADA,
VISANDO MINORAR MEU SOFRIMENTO.

VEM. EU QUERO SUPORTAR TUA AGONIA,
DA-ME, MEU AMOR, MEU ÚLTIMO DIA,
APRESSA, MEU AMOR, MEU EXTERMÍNIO.

POIS CONTIGO, MEU GRANDE AMOR, SOFRENDO
EU MORREREI SORRINDO E BEMDIZENDO
A FOICE IGUALITÁRIA DE TARQUÍNIO.

Versos como os que aí ficam, pelo sentido filosófico e psicológico. pela imagem, pelo sentimento, pelos pontos de contacto com os do vate parábano, não podem ter vida efêmera. Daí porque aqui os reunimos certos de que enriquecerão eles o patrimônio da nossa literatura.

Assinale-se: antes, o lírico era a nota da poesia de Pedro Mavignier.

x x x

Pedro Mavignier nasceu a 2-8-1898 em Maranguape (Ceará). Pais: Gastão Mavignier e Ana Gomes da Costa. Carreira: Advogado Provisionado, Contador e Professor de Estatística e Legislação Aplicada. Casou com Maria Gomes Mavignier. Filhos: Raimundo Antônio Mavignier (Engenheiro Civil) e Neuma Mavignier.

Maranguape, julho de 1970.

Padre Serafim Leite, S. J.

Aires de Montalbo

Faleceu a 27 de dezembro último em Roma, no Instituto Histórico da Companhia de Jesus, o grande historiador luso, Pe. Serafim Leite, S. J.

Oriundo de São José da Madeira, Portugal, nasceu a 6 de abril de 1890. Morre, portanto, com quase oitenta anos.

Quando jovem, na áurea época da borracha, estagiou pela Amazônia, em Gurupatuba, atual Monte Alegre, comerciante e guardalivros da firma paterna, 1912. Ai, em contactos com índios do Pádoniri e de Uaupés, chegou a aprender a língua geral, que eles falavam. Voltando depois à Europa, com 25 anos, entrou na Companhia de Jesus em Alseberg, Bélgica, a 30 de julho de 1914.

Fêz os estudos de humanidade em Múrcia, Espanha, (1916-1919); Filosofia no Colégio Máximo de Granada, (1919-1922); foi professor, algum tempo, em La Guardia (Galiza) e concluiu os estudos teológicos em Enghien, (Bélgica) tendo terminado sua formação ascética em Paray-le-Monial, (França).

Sua vocação para escritor era uma coisa óbvia. E aí estão os livros "Do homem e da Terra", "Trajetórios, iluminuras", etc.

Com 43 anos aceitou, jubilosa-

mente, a tarefa de escrever a História da Companhia de Jesus, no Brasil, incumbência que lhe deu esse grande homem de governo na Ordem, P. Cândido de Azevedo, Provincial na Lusitânia e no Brasil.

A tarefa era dura e ingente e ia pôr à prova o historiador solerte e probo, otimista e ardoroso, pronto, portanto, para a árdua missão.

Nesse ano, já maduro em todo o sentido, acertou o seu rumo definitivo: seria historiador e dos melhores e nada mais que isso. Tinha sobre os ombros a elucidação da obra catequética dos jesuítas no Brasil de 1549 a 1760, quando se fechou o primeiro ciclo.

Em 1938 esteve em Baturité e nesse ano correu todo o Brasil para verificar, *in loco*, as condições antigas e atuais da Companhia de Jesus no imenso continente. Nesse mesmo ano saem do prelo os dois primeiros volumes de sua história, que lhe valeram o prêmio Alexandre Herculano, adjudicado pelo Secretário Nacional de Informação, — Lisboa.

Por essa primeira amostra todos sentiram que estavam diante de um magnífico historiador. "Pela primeira vez, conforme Domingos Maurício, ressaltava, em moldes científicos modernos, rica de côr, mas sem excluir, honestamente, o

claro-escuro dos tons negativos, a grande tela panorâmica da evangelização do vastíssimo continente luso-brasileiro, à luz de um caudal informativo de primeira grandeza, criticamente cirandado e primorosamente articulado". Era a milícia abnegada de Nóbrega que nos passava diante dos olhos, num arrôjo sem par, nem precedentes. A obra era gigantesca, e o homem convidado a pôr tudo isso a limpo não o era menos. Um homem sereno comedido. Que se não perdia em minúcias dispensáveis. Sem asperezas, sem baldões enodoantes, quando assinala a opressão dos déspotas e dos prelados.

O côro de elogios a cada volume, que se sucedia nos mesmos moldes dos primeiros, foi grande, profundo e justo: umas 152 recenções de sua obra foram escritas aqui e além, por entendidos no assunto.

A obra completa compreende 10 volumes de boa extensão; e alguns dêles foram publicados às expensas do govêrno brasileiro, por intervenção de Afrânio Peixoto e do Dr. Gustavo Capanema, quando Ministro da Educação.

A margem dessa história, sem confronto, Serafim Leite, em numerosos trabalhos complementares, uns 267, esclareceu pontos conexos e tangenciais com a grande História catequética que escrevera.

Em sua obra suscitou alguma polêmica, sobretudo quando quis reabilitar Nóbrega, deixado, por investigadores de outrora, "numa quase semi-obscuridade, dilucular".

Houve quem pensasse que a sua intenção era deprimir Anchieta, objeto de elogios fáceis, como taurmaturgo incontestado do Brasil. Foi engano. Para repor Nóbrega em seu pedestal devido, não precisou apelar ninguém. Também a que-rela sôbre a fundação de São Paulo, que não se pode adjudicar a Anchieta, simples escolástico àquele tempo, — lhe trouxe alguns dis-sabores íntimos.

Do acervo de documentos acumulados por êle, em anos de pesquisa, muita coisa sobrou, que não pôde ser aproveitada na síntese história dos dez volumes dados a estampa.

Daí nasceu a necessidade dêsse outro grande empreendimento, — o "Monumenta Brasiliae", — Roma 1956 - 1960.

Desde 1950 Serafim Leite fazia parte, com honra, do Instituto da Companhia de Jesus, que congrega, no ramo, os maiores homens da Ordem. E deu-nos, nesse interím, algumas obras importantes: "Páginas de História do Brasil", 1965; "Novas Páginas de História do Brasil", 1963, Lisboa; "Arte e Ofícios dos Jesuítas no Brasil", 1953; "Suma Histórica da Cia. de Jesus no Brasil", Itinerário para uma biografia de Manuel da Nóbrega; reeditou a obra de Jorge Fenci: — "Economia cristã dos senhores no govêrno dos estravos"; Nóbrega e a fundação de São Paulo; Opera Omnia de M. da Nóbrega, (Coimbra, 1955) e além de inúmeros folhetos e separatas

deu-nos ainda os "Estatutos da Universidade de Coimbra", (1959), que êle desenterrou dos arquivos, c, editou-os em 1963.

Possuía não poucas comendas e honrarias, dadas por Institutos e Academias do Brasil e da Europa. Era "doctor honoris et scientiae causa", da Universidade Católica do Rio. Pertencia à Academia Brasileira de Letras. Ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e às maiores Instituições lusas no campo da História. Em 21 de outubro de 1949, o Instituto Histórico do Rio aprovou e mandou cunhar uma medalha comemorativa do término da obra intitulada: "História da Companhia de Jesus no Brasil", auspicioso fato, que mereceu essa distinção. Fêz a co-

municação dêsse gesto ao Geral da Ordem, P. João Batista Janssens, o Reitor Magnífico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dr. Pedro Calmon.

Foi, não há negá-lo, como sacerdote e como profissional de história, um homem absolutamente excepcional. E de um gênio brando e maleável a tôda prova. Um português de lei.

Por exigência de seus concidadãos, seu cadáver veio sepultar-se em sua terra natal, que muito lhe devia. — São João da Madeira, — terra que êle amava e da qual é, sem contestação, o maior filho que dela haja saído. Amou extremamente, o Brasil, onde viveu parte de sua vida, e por isso lhe somos sinceramente reconhecidos.

EXPORTADORA CRATENSE

— DE —

ANTÔNIO ALVES DE MORAIS JUNIOR & CIA.

INSCRIÇÃO N.º 1
TELEGRAMA: ANTALVES
TELEFONES: 200 e 201
CAIXA POSTAL 11

COMÉRCIO DE ALGODÃO

USINA DE BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

USINA e ESCRITÓRIO: Av. Teodorico Teles, s/n

BAIRRO SÃO MIGUEL —o— CRATO — CEARÁ

Sobrevivente da Insurreição Acreana, em Crato

J. de Figueiredo Filho

Em setembro último, estando eu no Sul tive a oportunidade de ler, no "ESTADO DE SÃO PAULO", telegrama de Fortaleza, noticiando a morte do derradeiro sobrevivente da insurreição acreana. Residia na cidade de Maranguape.

Conheço outro que ainda vive e está totalmente lúcido. Tomou parte ativa na luta para libertação do Acre da invasão boliviana, integrando-o definitivamente ao território nacional. É funcionário aposentado e chegou ao posto de alferes, naquela campanha, quase que promovida por cearenses. Não é a primeira vez que é focalizado na imprensa fortalezense. O escritor Capitão Otacílio Anselmo e Silva já publicou entrevista com ele, há vários anos, em torno de sua heróica atuação na luta de libertação acreana, iniciada em 1902, mas com antecedentes ainda ao encargo de outro patriota, filho de Crato — o tabelião e folclorista José Carvalho. Trata-se de José Norões Maia, de tradicional família caririense, originária do português integrante da revolução de 1817 e natural de Guimarães — Francisco Ferreira Maia.

Em 1902, na pujança de sua mocidade, como bom cearense, estava nos seringais acreanos em dois de março, daquele ano, quando foi encarregado pelo patrão a receber

mercadoria no seringal Vitória, de propriedade de José Galdino de Assis Marinho que acabara de organizar batalhão patriótico a engrossar as fileiras dos lutadores brasileiros, totalmente desamparados do governo. José Norões embarcou em sua MONTARIA e tocou a desempenhar a sua missão comercial. Baixou, ou por outra desceu o rio, até Pôrto Franca. No outro dia atingiu a zona confragada do Xapuri. Ali sentiu o cheiro da guerra. Foi imediatamente intimado por um sargento e 10 praças a comparecer à sede do batalhão patriótico. Aquê suboficial provisório não passava de outro filho do Crato — Antônio Barros Cavalcanti. O emprêgo de José Norões foi bastante humilhante. Mas, guerra é guerra. Ficou encarregado de fazer faxina do quartel improvisado.

Em certo dia, desembarcou, naquele pôrto o comandante geral da insurreição — Plácido de Castro, em canoa, e acompanhado de quatro soldados. Viu-o naquele mister tão infimo, êle que poderia perfeitamente empunhar uma arma e lutar. Foi logo dizendo em tom autoritário :

— Não quero homem para faxina e sim para brigar.

Incontinenti, foi convidado a dar

o seu nome para o batalhão. Quando acabara de preencher aquela formalidade, o sargento que o recrutou, exclamou sorridente, abraçando-o :

— Minha gente, é o Zezinho de Dulcina ! (sua genitora). Teve também a ventura de encontrar-se com seu primo — primeiro sargento do batalhão patriótico — Joaquim de Almeida. Finalmente, tôda aquela soldadesca, arrancada dos seringais, pela fé patriótica, procedia do querido Ceará, do Sul do Norte, ou do Centro.

Tornou-se amigo do médico, filho de Maranguape — dr. Magalhães, que o recomendou diretamente ao ajudante-de-ordens de Plácido de Castro.

A vida de um praça provisório era dura, naquêles êrmos, sem a ajuda do próprio govêrno e a lutar contra exército regular de nação vizinha. José Norões na primeira diligência que compareceu, por ato de bravura passou a cabo e na segunda, a sargento.

Em outubro, José Galdino, sob pressão inimiga, em Volta da Empresa, pediu reforço ao quartel onde acantonava José Norões. Este foi o primeiro a oferecer-se, como voluntário, a atender tão urgente chamado. Foi por isso elevado ao posto de alferes que corresponde ao de segundo tenente de hoje. Os voluntários seguem logo para o seringal — CARAPATÁ, de onde Zezinho conduziu 10 homens para Telheiros. Na madrugada

foram atacados por forças superiores bolivianas, sendo estas ferozmente derrotadas. A 28 do mesmo mês, na Volta da Empresa o inimigo foi totalmente rechaçado pelos provisórios nacionais. O trabalho pior ali foi o sepultamento de cadáveres, de ambos os lados, em adiantada fase de decomposição. O alimento já escasseava e a ração passou a ser chibé, farinha, água e rapadura, com pedaço de jabá, fedorento a defunto. Muitos só faltaram botar as tripas pela boca.

Naqueles duros embates, teve oportunidade de conhecer de perto, em muitas ocasiões, a bravura e a dedicação do cearense — Cel. Alexandrino que gastou tudo o que possuía, naquela campanha, sem qualquer indenização. Rolava ao chão, e á faca de ponta, tomava trincheira adversária. Acabou sendo assassinado. Foi autêntico herói digno de ser reverenciado pelo Ceará. Diz José Norões que foi muito mais valente e decidido do que Plácido de Castro. Este recebeu todos os lucros da vitória, além da indenização que a República mandou pagar.

O Alferes José Norões retornou ao barracão Carapatá, quando lhes chegou pedido imediato de socorro para o Xapuri outra vez em delicada situação. Acompanha então o Tenente Júlio Tupi, com 40 praças. Naquele recanto encontrou inimigo mais temível de que o soldado boliviano — o impaludismo. O Dr. Magalhães e o cel. Alexan-

drino providenciaram, com urgência, o seu tratamento. Foi recolhido ao seringal do conterrâneo — Ezequiel Crato. Naquele recanto, chegou-lhe a notícia da ordem de deposição de armas, emanada do General brasileiro Olimpio da Silveira, enviado do Governo Federal. Começaram logo as injustiças com os fiéis lutadores.

Aquêle illustre militar nomeou para Juiz de Direito o leigo Vitorino. Iniciou sua gestão judiciária obrigando os combatentes a pagar o atrasado aos patrões, durante os dois anos de campanha. José Norões teve de descontar 66 mil réis quantia elevada para a época. Resolveu voltar para Crato

ao seio de sua família. Casou-se pouco depois. O tempo correu. Seu cunhado dr. Raimundo de Norões Milfont, figura de importância, há anos atrás, encaminhou os seus papéis, documentados, a fim de receber subvenções, que as leis lhe facultavam pela cooperação na liberação do Acre, agora Estado da Federação. O procurador a quem foi destinada tal documentação, sepultou-a definitivamente. José Norões nada recebeu, nem em mil réis, nem em cruzeiros. Só teve a satisfação de, com seu esforço jovem, ter cooperado em doar ao Brasil o vasto e fértil território, mais tarde, transformado em próspero e promissor Estado.

O V E R B O A M A R

João Alves Rocha

*Quem foi que já viveu no mundo sem amar !
Quem foi que não sentiu no peito estremecer,
Pulsar o coração aos golpes de um olhar,
E a alma quasi morta as vezes, reviver !*

*Quem conjugar não sabe o doce verbo e dar
Inteiro o coração, e em troca receber
Um outro coração, também a transbordar
de máguas ou de amor. De dôr ou bem-querer !*

*O amor nos faz chorar. O amor nos faz sorrir.
E as vezes nos aponta um mágico porvir
Imersos nos deixando em doces ilusões.*

*Quem se pode furtar, fugir aos seus encantos !
Quem foi que não verteu, por ele, amargos prantos !
— Pois sempre o verbo amar nos traz complicações.*

Este soneto nasceu no dia do lançamento do livro do Pe. Vieira, "O Verbo Amar e suas Complicações"

CRATO, SANGUE BOM

GOMES DE MATOS

Se o Brasil é de ontem, de 1.500, raíis novo em fôlha, como afirmam os historiadores, se o Ceará é de anteontem, de 1.603, quando foi palmilhado por Pero Coêlho, português cujas hostes de soldados lusitanos e de índios catequizados foram detroçadas pela sêca, se isso é verdade, o Crato ainda é menino de calças curtas, pois nasceu em 1.702.

Centro de uma região privilegiada pela natureza, oasis fecundissimo plantado na aridez bárbara do Nordeste, fácil foi seu povoamento acolhendo forasteiros de várias procedências, baianos, pernambucanos e riograndenses do norte.

Muitas são as suas famílias tradicionais, ilustres, de boa raça, gente da melhor qualidade pela crigem, inteligência e amor ao trabalho — Pinheiros, Bezerras, Bezerras de Menezes, Alencares, Teles de Quental, Siêbras, Frazões, Lobos, Melos, Bacuraus, Alves Pequenos, Britos, Fernandes, Maias, (da qual desce o Pe. Cícero),

Pedrosos, Sobreiras, Linhares, Rochas, Monteiros, Brizenos, Esmeraldos, Gonçalves, Lima Verdes, Peixotos, Norões, Macêdos, Filgueiras, Sampaio e Gomes de Matos, não se apresentando esta três vêzes mais numerosa porque êsse sobrenome, de fonte baiana, não foi seguido pelas últimas gerações.

Do desacerto provêem os Gomes de... os Matos de... sendo assim evidente a queda e desprestígio da designação primitiva de uma família radicaça e espalhada por toda parte, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e por aí afora, graças a Deus, com a melhor fama.

Despertado pelo que hei publicado de último sôbre o Crato, cujo Centenário se comemorará entre os dias 11 e 18 do corrente mês, com festejos jámais vistos numa cidade do "hinterland" brasileiro, distinto e criterioso genealogista dali enviou-me as linhas que se seguem, que transcrevo com as mesmas palavras e as mesmas letras:

"DADOS BIOGRÁFICOS DO CAPITÃO "ZECO DOS CURRAIS"

JOSÉ PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES, mais conhecido por Capitão "ZECO DOS CURRAIS" (sítio em que residia), não obstante fôsse Tenente Coronel de Artilharia, foi vereador à primeira Câmara Municipal de Crato, no regime republicano, tendo sido eleito em 1891; exerceu também outros cargos públicos, como o de Juiz de Direito da Comarca do Crato.

Filho de JOAQUIM ANTÔNIO DE MENEZES (de memória miraculosa, segundo JOÃO ERÍGIDO, foi Deputado Provincial, Comendador da Ordem da Rosa e Capitão Mór de Crato, e filho do Brigadeiro LEANDRO BEZERRA MONTEIRO, tronco frondoso de onde proveem os ramos numerosos de grande família) e de D. QUITÉRIA BENEDITA NOERE.

O Capitão "ZECO" — 10.º neto do casal CARAMURÚ PARAGUASSÚ — casou-se com D. ANA TELES BEZERRA DE MENEZES, filha de FELIPE TELES FURTADO DE MENDONÇA, (destacada figura no meio social e possuidor de grande fortuna no Cariri), consequentemente irmã de TEODORICO TELES DE QUENTAL (pai do atual Deputado Estadual FILEMON FERNANDES TELES, do humanitário médico JOAQUIM FERNANDES TELES, ex-Deputado à Constituinte de 1934 e ex-Deputado Federal à Constituinte de 1946. Dr. ANTÔNIO FERNANDES TELES, agricultor e Presidente do Banco do Cariri, e das filhas MARIA — de cujo consórcio com ANDRÉ B. DO COUTO CARTAXO, houve 17 filhos, dos quais o Dr. DÉCIO TELES CARTAXO, atual Prefeito do Crato, — FERNANDINA e TERESA).

Do casal JOSÉ BEZERRA DE MENEZES — ANA TELES BEZERRA DE MENEZES, procedem os seguintes filhos :

- 1 — ANTÔNIO PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 2 — ROSA PINHEIRO BEZERRA FERNANDES;
- 3 — JOAQUIM PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 4 — PEDRO PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 5 — JOSÉ PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 6 — MARIA PINHEIRO BEZERRA JURUMENHA;
- 7 — QUITÉRIA PINHEIRO BEZERRA GONÇALVES;
- 8 — TERESA PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 9 — HERMÓGENES PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 10 — LEOPOLDINA PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 11 — EPIFÂNIO PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 12 — MARIA DA CONCEIÇÃO BEZERRA COIMBRA
- 13 — CLOTILDE PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 14 — ANA PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 15 — CÍCERO PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES;
- 16 — ARTUR PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES.

Houve outros filhos do casal que morreram em tenra idade, e com exceção de CLOTILDE, todos casaram, e dos casados, só não têm descendentes ROSA e ARTUR. Atualmente, estão vivos: ROSA, MARIA DA CONCEIÇÃO, CLOTILDE, ANA, EPIFÂNIO e ARTUR (CÍCERO faleceu no dia 30 - 4 - 50).

O Tenente Coronel JOSÉ PINHEIRO BEZERRA DE MENEZES, (Capitão "ZECO DOS CURRAIS"), nasceu no Crato, em 20 de Setembro de 1835 e faleceu na mesma cidade em 2 de Agosto de 1903, deixando uma prole numerosa, destacando-se, entre outros, atualmente, os seguintes netos :

- 1 — Major Dr. JOAQUIM PINHEIRO MONTEIRO (filho de ANTÔNIO), atualmente Diretor do Hospital Militar de Fortaleza;
- 2 — Dr. ANTÔNIO PINHEIRO FILHO, atualmente Professor catedrático da Escola de Engenharia de Minas, Ouro Preto;

- 3 — Tenente Coronel RAIMUNDO TELES PINHEIRO (filho de CÍCERO e TERESA, filha de TEODORICO), atualmente servindo no Estado Maior da 10a. Regiãõ Militar, na Chefia do Serviço Militar Regional;
- 4 — Major JOSÉ MONTEIRO PINHEIRO (filho de CÍCERO e VICÊNCIA, filha de ANTÔNIO), atualmente servindo na Escola Preparatória de Fortaleza.
- 5 — Dr. JOAQUIM PINHEIRO FILHO (filho de JOAQUIM), médico do Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas;
- 6 — Tenente AFONSO PINHEIRO TELES (filho de JOAQUIM), atualmente na Reserva da Aeronáutica;
- 7 — Dr. ABELAR PINHEIRO TELES (filho de PEDRO), engenheiro agrônomo, Chefe da Secção de Fomento Agrícola em Teresina;
- 8 — Dr. FÁBIO PINHEIRO ESMERALDO (filho de ANA), médico no Crato;
- 9 — Dr. HOMERO PINHEIRO ESMERALDO (filho de ANA), Cirurgião Dentista, no Rio de Janeiro;
- 10 — PROFESSORAS: — MARIA IVALDA MONTEIRO PINHEIRO (filha de CÍCERO), DIONE MONTEIRO PINHEIRO (filha de CÍCERO), STELA TELES PINHEIRO (filha de PEDRO), PRISCILA TELES PINHEIRO (filha de PEDRO), MARIA SUELY TELES PINHEIRO (filha de PEDRO), IEVE TELES PINHEIRO (filha de PEDRO), MARIA LASSALETE PINHEIRO ESMERALDO (filha de ANA), CIRA PINHEIRO ESMERALDO (filha de ANA), PRISCILA PINHEIRO TELES (filha de JOAQUIM), ROSA PINHEIRO ESMERALDO (filha de TERESA).

Dona ANA TELES BEZERRA DE MENEZES faleceu ali, com 89 anos de idade, na posse de todas as faculdades mentais, em 7-11-1933, tendo auferido a ventura de ter conhecido, de sua numerosa descendência, 137 nêtos, 235 bisnetos e 9 tataranetos".

Conheci o biografado, vulto nobilíssimo de minha terra, conheci-o como protótipo da honra, da austeridade, cidadão respeitabilíssimo pela abastança, pela conduta louvável, homem de têmpera antiga de quebrar e não torcer, do feitio moral daqueles heróis anônimos, daqueles sertanejos dignos da nossa admiração que João Brígido definiu — bons, burros e bravos.

Educado, venerando por seus títulos de benemerência, silencioso,

sempre vestido de preto, lembro-me do capitão Zeco na missa conventual das 9 horas, muito bem posto, envergando a opa vermelha do Santíssimo Sacramento, com o barandão á dextra, nas solenidades religiosas da Matriz.

Recordo-me dêle transitando pela feira, entrando e saindo nas lojas da Rua Grande, hospedado na casa da filha, D. Rosinha Fernandes, e aos domingos à tarde na roda de calçada de meu pai à qual frequentavam o Padre Fernandes

Távora, vigário, o Dr. Francisco Marçal da Silveira Garcia, Juiz de Direito, o Cel. Belém, negociante, o velho Bem-bém, rico e filósofo do sertão. Dário Guerra, farmacêutico e Delegado de Polícia, Teófilo Siqueira, então advogado no Juri da zona do Cariri, Pe. Monteiro (grande responsável pelo sangue da beata Maria de Araújo do Juazeiro), o velhinho Umbelino Tavares, com pouco mais de um metro de altura, proprietário do sítio Guaribas, envergando indefectível colete, de prosa muito agradável, porque era versadíssimo no "Lunário Perpétuo", livro que explica chuvas, invernos, razão das sêcas. Muitos outros se revezavam na roda, durante a semana.

Recordo-me de que figurava na

roda o hoje único sobrevivente, aqui conhecido, já arrastando os pés, porém com admirável bom senso, Cel. Raimundo Guilherme. então alferes da Polícia que estacionara ali uma Companhia sob o comando do Capitão Nicácio. Isso foi em 1891, na Rua Formosa, esquina com a Travessa da Califórnia, casa de meus pais, quando eu ainda não calçava sapatos e ouvia as conversas.

No Crato, portanto, como os Pinheiros e outros, há quem explique o nascimento dando nome aos bois, — pais, avós, bisavós, trisavós, sem o perigo que existe no Brasil de, logo às primeiras indagações genealógicas, cair no mato ou na senzala.

(Do "O POVO" de 15 - 10 - 1953)

Dr. Antônio Valdir de Oliveira

C. R. M. C. E. — INSCRIÇÃO N.º 715

CLÍNICA MÉDICA E CIRURGIA

SERVIÇO DE AEROSOL

para tratamento de ASMA e BRONQUITE

Consultório: RUA Dr. MIGUEL LIMA VERDE, 482

Residência : PRAÇA FRANCISCO ZABULON N.º 29

TELEFONE : 401

C R A T O

—O—

C E A R Á

Solenidade da Posse da Cadeira N. 10, na Secção de Letras

Coube defender a Cadeira N.º 10, da Secção de Letras, o escritor cariense Tomé Cabral Santos, radicado em Crato e agora residente na Cidade de Campinas, em São Paulo. A bonita solenidade se deu, a 12 de Julho, no salão de festas da Faculdade de Filosofia do Crato, presidida por J. de Figueiredo Filho, às 19 horas com grande assistência. Após audição do Coral do São João Bosco, dirigido pela Professora Divani Cabral, em homenagem à aniversariante do dia anterior, D. Pia Emeraldó Cabral, o presidente do I. C. C. abriu a sessão compondo a mesa, dizendo algumas palavras e mandando que o Prof. José Newton Alves de Sousa lêsse o seu discurso saudando o recipiendário do dia. Depois falou o escritor Tomé Cabral sobre o Patrono da Cadeira — Pe. Emilio Leite Cabral. J. de Figueiredo Filho pediu ao general Adauto Esmeraldo, componente da mesa e ilustre cratense, a encerrar aquela brilhante reunião. Fêz êle belo improviso relembrando Crato de outrora. Serviu de secretário o sócio — Huberto Cabral. Publicamos abaixo os dois discursos do Prof. José Newton Alves de Sousa e de Tomé Cabral Santos :

SAUDAÇÃO A TOMÉ CABRAL SANTOS, RECEBENDO-O COMO PRIMEIRO OCUPANTE DA CADEIRA N.º 10 DA SECÇÃO DE LETRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

SENHORES :

Empobrecer-se-ia o conceito de Literatura, se tão só o tomáramos como a significar uma das belas artes.

É claro que a dimensão estética é que caracteriza, especificamente, a obra de arte, seja esta ótica, acústica ou rítmica.

Mas, entre a Beleza e a Vida, há relacionamentos múltiplos, que seria insensato negar.

O espírito não se fraciona em partes, de modo que uma só aprendesse a Verdade, outra o Bem, outra o Belo.

Existe e age como um todo, na unidade da pessoa e, graças a isso, Verdade, Bem e Beleza, posto que distintos em sua funcionalidade e em sua causa formal, não são estanques entre si, mas se interrelacionam, convivem e talvez se completem, nos longos transcendentais de suas essências.

E porque o homem opera como um todo dentro da vida a que é lançado e que êle também constrói, como inevitável colaborador dela, daí se infere que a Literatura, como as demais artes e as outras espécies de manifestação

espiritual. se ligam ao existir como vida e à vida como existir.

Uma literatura confinada em si mesma, extensiva apenas à esfera da beleza que a caracteriza como arte, seria uma literatura apoucada em sua substância humana. Sabe-se que a Literatura tem uma vida em si mesma, elaborada sob medida estética, mas essa vida formal caduca e fenece, assim lhe falte conteúdo expressivo do Homem e da própria vida.

Eis porque o verdadeiro artista é sempre um homem vivido, mesmo quando jovem. É sempre alguém que confere sua obra com a própria experiência.

SENHORES :

Tomé Cabral Santos não é um puro esteta, no sentido de um artista a quem só interessasse a Beleza da forma.

Dotado de razoável bom gosto, estudioso da língua, das coisas e dos homens, é um espírito que perquire para registrar, escreve para assinalar os marcos de sua existência, usa a fortaleza intelectual com rara capacidade de ordem, seriedade, método e perseverança.

Dêle não se pode dizer que é um literato como o fôra Machado ou Bilac, homens que chegaram à Vida pela Literatura.

Tomé Cabral chegou à Literatura pela Vida.

Nascido em Riachão, hoje município de Barro, mas antes pertença de Milagres, veio ao mundo no dia 7 de julho de 1907, filho de Tomé Coriolano Gomes dos Santos e D. Rita Cabral dos Santos.

Seus estudos, que não foram além do nível secundário, compreendem três períodos : o de 1913 a 1918, o do 2.º semestre de 1924 e o de 1927 a 1931, período, este

último, em que fêz preparatórios, no antigo Ginásio do Crato, a cuja primeira turma pertenceu.

Tendo servido no comércio cratense e no de Jucás, enveredou, a seguir, pela carreira bancária, onde lhe estavam reservados muitos triunfos, mercê de sua capacidade de trabalho, sua competência profissional, seu nobre caráter e lúcida inteligência. No Banco do Cariri e no do Brasil, evoluciona de escriturário a gerente. No Banco Central, antiga SUMOC, desempenha, de 1951 a 1964, a função de Inspetor. De 1964 a 1969, é-lhe confiada, primeiramente, a supervisão geral, e depois, a direção do Banco do Estado do Ceará. A vida de comércio e a de banco somam-lhe meio século, menos um ano. Tal vivência reflete-se-lhe na obra literária, que nunca é uma obra de devaneios e pura inventiva, porém qualquer coisa de prático, emanante do dia-a-dia fertilizado pela experiência pessoal.

Nasceu, como Pedro Gonçalves Norões e outros privilegiados, para ser secretário: Foi-o da União dos Moços Católicos, do Tiro de Guerra 118, da Sociedade de S. Vicente de Paulo, do Crato Tênis Club, da Federação Esportiva Craterense e da Associação dos Empregados no Comércio do Crato, onde também lecionou.

Cedo lhe madrugou na alma o amor às Letras, levando-o às Musas e ao jornalismo. Neste último setor, sempre se houve com destaque e invulgar dinamismo. Fundador de várias fôlhas, colaborador da "Gazeta do Cariri" (de que foi um dos diretores), bem como de "A Classe", "O Cariri", "A União" (que também dirigiu), fêz ainda estampar várias produções em revistas do Sul do País.

Publicou "Os 19", "A Europa é bem ali..." e, já este ano, "Seu Meu".

Porque não vou fazer análise apreciativa de nenhuma dessas publicações, limitar-me-ei a sublinhar a singularidade das páginas de "A Europa é bem ali...", mimeografadas, a princípio para uso de um pequeno grupo de parentes e amigos, mas, por insistência destes, publicadas, em 1968, na série "Cadernos do Cariri", para regalo dos espíritos dados a essa sorte de literatura amena e intimista, enriquecida, aqui, de uma nota curiosa, ali, de uma referência hilariante, além, de um termo de conotação regional.

"Seu Meu" é o pequeno itinerário biográfico de um lutador: Tomé Coriolano Gomes dos Santos, seu digno pai, escrito para comemorar o centenário de nascimento daquele heróico nordestino, cuja vida foi, como a qualificou Tomé Cabral, "uma autêntica via-sacra, tal a enfiada de lutas inglórias, fracassos e sofrimentos", que lhe encheram e existência. Este opúsculo vale como sentida e nobre homenagem do filho que, recordando assim o genitor, o faz como herdeiro das virtudes tradicionais do homem do Nordeste, consubstanciadas no amor à Terra, ao Trabalho, à Família e à Religião.

Tomé Cabral Santos tem pronta uma obra que vai consagrá-lo como pesquisador e livre estudioso da Linguística. Refiro-me ao "Dicionário de termos e expressões usados no Cariri Cearense", volume de várias centenas de páginas, fruto de muitos anos de beneditino e ordenado lidar.

Dado a investigações genealógicas, tem, inédito, um trabalho que intitulou "Família Limaverde".

Está preparando "Memórias: coisas e pessoas que conheci" e ainda promete "Versos esparsos".

Eu tomaria a liberdade de sugerir-lhe a inserção, nas "Memórias" de uma coletânea de cartas, dessas que costuma endereçar a D. Pia Cabral, cartas onde o bom humor e o fino espírito crítico fariam inveja a muitos que se dizem cultores de tais predicados.

Senhor Tomé Cabral Santos:

Foi-me cometida a honra de receber-vos neste Instituto, cuja Cadeira N.º 10, da Secção de Letras, ides hoje ocupar.

Ela vos cabe, de direito e de fato, pelo que tendes sido e pelo que tendes feito no campo das Letras.

Vossas produções resumam vida em abundância. Nelas, a beleza não é o ponto mais forte, mas nelas estão presentes as notas do bem escrever, do bem comunicar.

Vossa produção literária é fortemente valorizada pelo timbre cariense, de que a tendes sabido impregnar.

O Instituto onde passais a ocupar a Cadeira patrocinada pelo Pe. Emilio Cabral, considera-se feliz por vos imortalizar no simbolismo desta investidura.

Entre vós e vosso Patrono existem afinidades de sangue e de espírito.

Cabe-vos exaltar e perpetuar a memória do grande Pe. Emilio Cabral.

E a mim, por indicação de meus ilustres confrades, o prazer de vos saudar.

É o que, com ufanía, agora faço, pois bem o merecis:

Sêde bem-vindo.

Crato, 12 de julho de 1970

José Newton Alves de Sousa

DISCURSO DO ESCRITOR

TOMÉ CABRAL SANTOS

Sr. Presidente

Ilustres membros do Instituto Cultural do Cariri

Minhas Senhoras e Meus Senhores

O Instituto Cultural do Cariri, num gesto fidalgo, honrou-me com o convite para vir ocupar, neste sodalício, a cadeira de que é patrono meu tio, o Pe. Emilio Leite Álvares Cabral.

Aceitei o convite, menos pelo ensejo de alimentar a pressuposta vaidade de figurar, mesmo pelo cerra-fila, entre os componentes dessa valorosa pleiade de intelectuais que honram e enobrecem o Instituto, do que para prestar singela contribuição no sentido de retirar das cinzas do esquecimento a figura daquele que, — dentro da rigidez de seus hábitos e de um retraimento quase culposo, — foi portador de excepcionais dotes de inteligência e de sólido preparo intelectual, aliados a uma integridade a toda prova. E esse meu sentimento de euforia é mais justificável ainda se levada em boa conta a razão de, sem falsa modéstia, ter a certeza de que poucos estariam em condições de poder relembrar melhor do que eu a figura austera de Pe. Emilio, sua vida e sua obra, toda ela voltada para os deveres que lhe foram impostos, por força de seu estado sacerdotal. Explico melhor: vivendo o Pe. Emilio a maior parte de seus dias longe da família, tive eu, mais do que os outros parentes, a grata oportunidade de

com êle conviver maior espaço de tempo, especialmente nos anos de 1921, 1923 e 1924, em Assaré, justamente numa fase, para êle, de cruentos sacrifícios e provações.

O Pe. Emilio Cabral nasceu no Sítio Riachão, município de Milagres (hoje subordinado ao município de Barro), em 9 de março de 1881. Pouca gente, aliás, tinha conhecimento do dia de seu natalício: a pedido seu, a família conservava-o omissa, devido ao fato de aquela data coincidir com a do falecimento de um seu irmão, já adolescente.

De descendência portuguesa, por ambos os lados, era êle filho legítimo de José Leite Rabelo da Cunha e de Felismina Leite Álvares Cabral. Passou a infância na terra natal e em Milagres, recebendo ali as primeiras letras. E como nada mais era possível adiantar, no campo educacional, naqueles recuados tempos, mandaram-no para o Colégio de Canindé, onde estudou nos anos de 1892 e 1893. Aconteceu, porém, que, em 1894, o Pe. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva conseguiu reabrir o seminário do Crato, e, assim, logo no ano seguinte, o menino Emilio Cabral, juntamente com seu irmão José Leite Álvares Cabral, foram ali matriculados.

A assistência oficial aos estabelecimentos de educação era, naquele tempo, mais precária do que em nossos dias. Por essa razão, o Seminário, mais uma vez foi forçado, por falta de meios, a fechar suas portas poucos anos depois, isto é, em 1897. Para continuar os estudos, teve pois o Pe. Emilio de transferir-se para o Seminário da Prainha, em Fortaleza, ali permanecendo até o ano de 1903, quando recebeu o presbiterato, em 30 de novembro.

Ordenou-se, portanto, o Pe Emilio, aos vinte e dois anos de idade, após um curso brilhante. Sempre considerado um dos primeiros da classe, isso era comprovado através dos vistosos livros, escritos em francês, que enfeitavam sua biblioteca, nos quais as dedicatórias assinalavam as excelentes classificações nos exames finais dos cursos. Posso ainda mencionar dois deles: a Vida de Bertran Duguesclin, célebre guerreiro francês do século XIV e "Le feu du ciel", que mais parece um tratado de física. Este último ainda conservo em minha biblioteca.

Após a ordenação, foi o Padre Emilio estrear como pastor de almas, inicialmente na qualidade de coadjutor em São Mateus, hoje Jucás, e depois como vigário de Independência. Teve isso, entretanto, curta duração, pois pouco depois, preferindo dedicar-se ao magistério, foi lecionar no colégio dos capuchinhos, em Canindé, e depois num colégio da Serra do Estevão, que o Pe. Joaquim Ferreira de Melo fundara em 1903.

Em 1909, o padre Melo e o padre Emilio vieram para Crato e fundaram aqui, juntamente com o Pe. Pedro Esmeraldo da Silva, a primeiro de abril daquele ano, o Colégio São José, instalado no

prédio do antigo seminário. Foi nessa época que se deu a fundação do jornal "A Cruz", sob a direção dos três sacerdotes e colaboração de alguns intelectuais da terra, entre eles, o Pe. Francisco Silvano de Souza e o dr. Soriano de Albuquerque, renomado educador, dramaturgo, e, se não me engano, juiz de direito local. Junto, portanto, a essa pleiade de intelectuais de primeira plana, teve ele então a oportunidade de expandir, em curtos vãos embora, seus sonhos e anseios de aprimoramento intelectual.

O dealbar do século XX foi muito ingrato para os habitantes do *hinterland* nordestino, pois já o ano de 1900 assinalava a maior sêca dos últimos cinquenta anos, tirante a de 1877, com seus repiquetes. E, para desassossêgo da população rural, a falta de segurança era absoluta, devido às frequentes incursões de cangaceiros em toda essa vasta região e sobretudo em face da prepotência dos senhores feudais ou seja dos célebres e nefastos coroneis que dominavam todos os núcleos populacionais da zona, bafejados pela oligarquia reinante. Alarmado com isso, conseguiu o Pe. Emilio vencer sua família a vir residir em Crato. E, assim, pela primeira vez, teve a satisfação de conviver com sua mãe, irmãos e avós maternos. Meu bisavô Francisco Álvares de Oliveira Cabral havia então adquirido da genitora do comerciante Francisco Milfont um casarão de quatro vãos e uma enorme vazante no antigo "Fundo da Maca", isto é, na última quadra da rua do Fogo, hoje Senador Pompeu, onde atualmente se encontra instalada a Fábrica Ararape.

Em 1913 fechou-se o Colégio S.

José, mais uma vez por falta de meios e de assistência dos poderes públicos. Pe. Emílio abriu então o Externato São Vicente, modesta instituição, na praça 3 de Maio, na mesma rua em que residia sua família, numa esquina fronteiriça, por um lado, à um terreno baldio onde é hoje a Igreja de São Vicente e por outro à então residência do farmacêutico Teófilo Artur de Siqueira Cavalcanti, onde hoje se encontra instalado o Banco da Bahia. Isso ocorreu nos anos de 1914 e 1915.

De 1905 até 1915, dedicou-se, portanto, o Pe. Emílio exclusivamente ao magistério, ao estudo da língua pátria e às lides literárias. Datam de então seus mais substanciais trabalhos, muitos extraviados, outros esquecidos nos periódicos regionais e poucos encontrados em seu arquivo. Sua biblioteca, opulenta para o meio e para a época, continha, em sua maioria, obras de nossos melhores puristas, com anotações e comentários, e ainda livros sobre temas filológicos, dos mais consagrados mestres. Escrevera estudos sobre questões vernaculares e até um esboço de gramática. As outras matérias de sua predileção foram francês e geografia, em cujos compêndios deixou anotações com judiciosas observações. Sentia-se, pois, que sua carreira deveria ter sido encaminhada para o magistério, para assuntos linguísticos e para a literatura.

Em 1914 criou-se a Diocese do Crato e em fins de 1915 foi sagrado seu primeiro bispo o então vigário Mons. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva. Com a delimitação da área da nova diocese, foi um dos primeiros passos de D. Quintino o reajustamento da zona de jurisdição das freguesias, face

à necessidade de desdobramento de algumas, especialmente as de maior núcleo populacional ou de grande extensão territorial. Foi então convocado todo o clero da nova diocese para prestar sua colaboração: uns assumiram o governo das novas freguesias, outros foram substituir os vigários nas paróquias vacantes ou cujos titulares já estavam merecendo o descanso de uma aposentadoria.

Ao Padre Emílio coube a freguesia de Assaré, com residência fixa em Santana do Cariri, como vinha ocorrendo há cerca de quatorze anos. Com o desdobramento, pouco tempo depois, daquela paróquia, Santana obteve sua autonomia e então o padre Emílio transferiu-se definitivamente para Assaré. Permaneceu ali de 1916 até junho de 1924.

Assaré era então uma pequena vila, estacionária senão decadente, quase isolada naqueles confins, do Cariri ao sul dos Inhamuns. Povoado de hábitos muito rotineiros e longe da vigilância de censores oficiais e eclesiásticos, tal ostracismo favorecia sobremaneira a proliferação de certos abusos de ordem moral, tão férteis àquela época nas regiões mais recuadas dos meios civilizados e mais próximas de semi-selvageria do vizinho Estado.

Foi entregue, portanto, àquele sacerdote uma tarefa difícil — o nobilitante apostolado de dirigir a disciplina moral e religiosa daquele pequeno núcleo, alterando, assim, radicalmente, seus hábitos, pois de educador emérito, em contacto assíduo com pessoas de alto nível intelectual, foi transformado em pastor de almas rústicas e ignorantes.

Para dar cabo plenamente de suas novas atribuições, renunciou

o Pe. Emílio, por completo, aos estudos e aos devaneios literários e dedicou-se, dali por diante, exclusivamente, aos encargos da paróquia.

De estatura meã, sem orientação dietética necessária ao combate a certa predisposição para a adiposidade, chegou o Pe. Emílio a pesar uma centena de quilos, o que constituía para êle perenne martírio, sempre obrigado a percorrer frequentemente, além dos chamados a confissões de hora de morte, longas estradas, em visitas às capelas de Amaro, São José de Quincuncá, Tarrafas e Quixará distantes da sede da freguesia, respectivamente, 30, 40, 45 e 60 quilômetros, em estradas mal cuidadas, pedregosas, e em terrenos acidentados, sempre a cavalo, pois naqueles tempos desconhecia-se o automóvel na região.

Subordinou-se a essa vida até meados de 1924. Longe da família, às vezes até três anos sem contacto com a mesma, refugiado num casarão da praça da Matriz, em companhia de uma velha cozinheira e de um rapazinho de 16 anos que ocupava as funções de sacristão, retraído que sempre fôra, foi-se tornando o Pe. Emílio dia a dia mais casmurro, irritadiço, parecendo guardar, não direi revolta mais uma queixa sopitada, ante o sacrifício que lhe foi imposto de renunciar tôda sua vida aos anseios de brilhantes vôos que tanto sonhara. Não lhe foi possível, entretanto, resistir mais tempo àquela vida e, assim, por motivos de saúde, foi chamado ao Crato.

Voltava sem recursos, pois Assaré estava situada numa região paupérrima, não lhe proporcionando serão minguaos meios de subsistência. Chegou ao Crato

trazendo apenas velha e surrada batina e as três ou quatro centenas de livros que levava. Deram-lhe, no Seminário Diocesano, a cadeira de geografia, nos diversos cursos dali. Parecia até ironia da sorte voltar a ensinar u'a matéria que exigia memória pronta e o trato diário dos acontecimentos, justamente quando houvera uma radical alteração na geografia política do mundo, especialmente da Europa, pois naquele interregno ocorrera a primeira conflagração mundial.

Enfrentando os maiores óbices, — o que era natural, — conseguiu ainda o Pe. Emílio lecionar todo o segundo semestre de 1924, sem uma queixa, porquanto já estava afeito às cruéis insidias do destino. Mantinha-se, entretanto, muito retraído, acabrunhado, o que agravou mais e mais o estado neuropático que tanto o afligira naqueles angustiosos anos de degedo. A família resolveu então mandá-lo ao Rio, em busca de tratamento adequado. Ficou ali alguns meses, tendo conseguido considerável melhora. Animado com o tratamento e à vista de conselho médico, de procurar clima mais frio para complementação da cura, resolveu seguir para Pelotas, no Rio Grande do Sul, atendendo, assim, convite de seus antigos companheiros de magistério no Colégio São José, dom Joaquim Ferreira de Melo e monsenhores Pedro Esmeraldo e Francisco Silvano de Souza. Acredita-se tenha sido essa uma das melhores fases de sua vida, pois ali se viu rodeado de velhos amigos.

Certo dia, porém, recebeu êle, em Pelotas, uma carta de seu bispo, lembrando-o de já ser tempo de voltar à sua diocese. Submisso com o sempre, viajou ime-

diatamente. Ao passar pelo Rio, foi despedir-se dos amigos da ilha de Paquetá, onde residira durante o período de tratamento e cuja capelania escolhera para o exercício de seus deveres sacerdotais. Ofereceram-lhe então os encargos de cura na pequena ilha, que estava sem capelão. Seria uma coisa maravilhosa para ele viver dali por diante naquele meio culto, entre excelentes amigos e com fácil assistência médica. Mas não lhe era dado tomar outra decisão: deveria prestar obediência ao chamado de seu superior...

Poucos dias após seu retorno a Crato, foi designado para servir na vila de São Pedro do Cariri, como coadjutor do velho pároco, quase decrépito. Ocupou essas funções cerca de seis anos, de 1926 a 1932, quando certo dia, após o café da manhã, foi acometido de congestão cerebral. Trouxeram-no para o Crato, onde se submeteu

a tratamento, mas não conseguiu recuperar-se inteiramente, ficando com uma "banda esquecida", para usar uma expressão genuinamente nossa. Mesmo assim, não quis ceder às insidias do mal e ia diariamente, arrastando-se, cumprir os novos encargos de que estava incumbido: censor eclesiástico da Diocese. A esse tempo já era bispo do Crato, dom Francisco de Assis Pires.

Triste e taciturno, sofrendo e resistindo, veio o Pe. Emílio a falecer, vítima de novo ataque, em 27 de abril de 1933, aos 52 anos de idade.

* * *

Em alguns de seus livros e cadernos encontrei, escritos com sua letra e de seu irmão Zé Leite, aqueles admiráveis versos de Francisco Otaviano, ainda em sua redação original, isto é, sem o buril dos retoques posteriores:

QUEM PASSOU PELA VIDA EM BRANCA NUVEM
E EM PLÁCIDO REPOUSO ADORMECEU,
NEM O FRIO DA DESGRAÇA NÃO SENTIU
QUEM PASSOU NA VIDA E NÃO SOFREU,
NÃO FOI HOMEM, FOI ESPECTRO D'HOMEM,
SÓ PASSOU PELA VIDA: NÃO VIVEU...

Teria o Pe. Emílio reproduzido ali, repetidamente, esses versos, com algum propósito? Se ele concordava com o poeta, deveria reconhecer que vivera muito, pois sofrera em demasia...

Sofreu, porque sepultou, ainda jovem, todos os seus sonhos.

Sofreu, porque viveu os melhores anos de sua mocidade num meio áspero, onde as condições de vida não ofereciam uma partícula de estímulo sequer, capaz de suavizar as angústias de sua alma sofredora, simples e forjada para

os grandes vôos do espírito e da inteligência.

Sofreu, afinal, por entender que os últimos dias de sua vida tornaram-se um peso para aqueles que lhe eram tão caros: a família e alguns amigos de todas as horas.

* * *

Não estou à altura de julgar seus méritos espirituais. Isso cabe àquele que lhe ditou o destino em campos áfaros, onde nem sempre medrava a semente plan-

tada. O que resta de tudo quanto fêz, na memória dos homens, é um velho retrato, pôsto, depois de sua morte, na sacristia da igreja-matriz de Assaré, terra que êle muito amou. Dizem que, ainda hoje, alguns velhos e velhinhas de seu tempo vão às vezes até ali, para pedir sua intercessão junto ao Poder Celeste ou para apresentá-lo às novas gerações: Olhe, menino, aquele é o padre Emílio Cabral. Foi um santo... Foi meu vigário e meu amigo...

* * *

Quanto ao valor literário de sua obra ou, diria melhor, do que ainda encontrei no arquivo da família, pouco sei apreciar, por faltar-me preparo intelectual que essa tarefa requer e, sobretudo, porque sou suspeito em proclamar suas qualidades de escritor, de poeta e de mestre. Sei, entretanto, que deixou como peça de maior mérito, o poema intitulado "A Procela Aplacada", gabada por muitos intelectuais da época e somente há pouco tempo publicada em "Cadernos do Cariri", por carinhoso gesto de um dos incansáveis rebuscadores de nossa literatura indígena, o doutor José Newton Alves de Sousa. Alguns de seus alunos sabiam de cor êsse poema. Entre êstes posso nomear Antônio Furtado e Inácio de Loiola Alencar. Fazendo um parentese, quero, nesta oportunidade, particularizar um fato, a êsse propósito: Certa ocasião, em 1925, quando eu viajava para Iguatu, em companhia de Loiola, Luiz Teixeira, pai e filho, e de Raimundo Tavares Lima (o nosso inescquecível Gordo), onde iríamos representar o Crato no primeiro congresso dos caixeiros do Ceará,

Loiola, no trem, declamou para os companheiros e outros passageiros todo o extenso poema, sem titubear uma só vez...

Tenho ainda, entre alguns trabalhos e esboços de estudos da língua portuguesa, duas outras produções suas, dois sonetos, aliás, escritos naquele estilo sóbrio, sem vôos de condor, mas seguro, formal. Costumava exteriorizar no papel o que era êle próprio. Não gostava das coisas leves, fúteis, sem profundidade. Lembro-me de que, certa vez, fui, alvorçado, mostrar-lhe um poema de minha autoria, publicado pela primeira vez em revista carioca, ao lado, por sinal, daquele maravilhoso "Encontro das Águas", do grande vate e boêmio Quintino Cunha. Leu-o, releu-o e disse, finalmente: — Está bem feito... é original... mas muito profano...

Era assim o padre Emílio Cabral.

* * *

O padre Emílio não passou em branca névem no meio em que viveu, embora muito poucos destas duas últimas gerações tenham conhecimento de sua existência. Poderia recorrer ao testemunho dos que foram seus alunos ou de seus paroquianos, aqueles espalhados por todos os quadrantes de nosso Brasil e êstes, em sua maioria, ainda insulados na velha e morderenta Assaré, esquecida dos governos e de seus gloriosos filhos. Êsse testemunho, se a êle recorrido, dar-nos-ia um quadro de rara emoção: sexagenários como eu e mais do que isso, iriam desfilar na passarela das saudosas recordações as passagens imorredouras de uma vida útil e proveitosa, sacrificada em proveito de algo mais do que as vaidades terrenas...

quem não quer... manda; quem quer...

m. patrício de aquino

Aconteceu pelos idos de 1930. Ou 33. Tempo de cangaço brabo. Era de lutas renhidas — polícia versus sertanejos — nas caatingas ressequidas.

O Coronel Cajueiro (“Caju”, na intimidade familiar) voltara agora, à boquinha da noite, de uma estafante jornada pelo latifúndio: suas Fazendas Ôlho-d’Água, Jenipapo e outras. Fôra juntar algumas reses tresmalhadas. Voltara cansado, que já muitos janeiros lhe pesavam nos costados. E, o pior, não tivera êxito. Uma rêsequer conseguira prender. Estava irritado. Irritadíssimo. Deitou o corpo numa rêde armada na varanda da casa; e os olhos, nos campos mirrados que se lhe afiguravam à frente, até onde a vista não dava.

A sêca era um espectro. Ave de rapina que sobrevoava pacientemente a prêsa. No sertão grosso, todos estremeciam ante sua iminência.

O Cel. pensava nisso, ôbviamente, a julgar pelo seu semblante.

“Vou tirar um cochilo”, disse lá pra seus botões.

Não tirou.

Das vizinhanças ecoava um barulho de sanfona, pandeiro, zabumba e outros trechos azucrinantes para o nosso homem. Achava aquilo infernal. Sua indignação crescia. Adeus, soneca!

A cada minuto aumentava a ira do Caju: “Macacos!”, exclamou. “Como se consegue dançar e pular nuns tempos dêstes?! Cachaceiros! Vagabundos!”

— Ô Chico Silva! — bradou o Cel. no auge da cólera.

— Pronto, Cel! — correu Chico com subserviência.

— Que diacho de barulho é êsse?!

— Um forrózinho, Cel. Tão festejando...

— Pois pegue sua faca, vá lá e fure o infeliz daquele zabumba. Vá! Corte o couro em cem pedaços!

Chico não contou conversa. Foi. Meia hora depois, lá vinha o pobre diabo. Todo ensanguentado. Sem camisa, a língua de fora e o corpo inteiro chagado, ao que parecia, de chicote. Passou veloz em frente do Cel. Êste gritava espantado:

— Que foi?! Que satanáas foi isso? Chico!!!

Passou direto, o negro. Pegou a estrada ao lado e foi embora,

sempre apontando prá trás, pro lado do furdunço.

O Cel. chutou um monte de impropérios.

A zoadá aumentava aos seus ouvidos viciados. O Cel. tremia. Vociferava. Dava socos no ar.

— Zé do Carmo! — gritou. Zé do Carmo!!!

— Nhô sim, Cel. — falou o caboclo, já com voz trêmula.

— Não sei o que houve com aquêlê frouxo do Chico Silva. Um molóide. Uma vaca!...

Zé do Carmo sabia que Chico era valente. Perigoso. Mas ouvia calado. Não ousava discordar do patrão. Nem com gestos.

—... mandei-o fazer um serviço... Inútil! Vá você.

— Eu?...

— Sim, você! Amole a faca, ligeiro. Tome êste cacête. Vá. Dê uma porretada na cabeça daquêlê monstro e fure-lhe o malditô zabumba. Agora!

— Mas Cel. ...

— Quem está falando?!

— É que...

— Não quero saber de conversa fiada! Corra!!!

Se Zé foi correndo, voltou voando. Seu estado físico não era melhor que o de Chico Silva. Nem o seu pavor menor. Dona Sinhá, mulher do Caju, espantou-se com o aspecto do caboclo. E estava engasgado. Não conseguia falar; por mais que o Cel. lhe desse safanões e lhe aplicasse certos ad-

jetivos. O Caju tremia-se todo de raiva, a ponto de perder também a fala.

— Calma, Caju, calma. Seu coração não aguenta! Já viu o ditado? "Quem rão quer... manda; quem quer... vai..."

— E é isso mesmo o que eu vou fazer agora, desentupiu o Caju. Vou lá! (e batendo nos peitos) Eu mesmo. Eu mesmo!!! Quem fôr podre que se quebre! E não vou só destruir o zabumba. Vou acabar de vez com o pagode. Você vai ver, Sinhá, vecê vai ver!...

Dizia isso armando-se de revólver e faca. Não esquecia o cacête. Arregaçou as mangas e deu de perna no caminho.

Seu regresso deu-se mais rápido que o de Zé do Carmo. E nunca D. Sinhá vira olhos tão grandes no marido. Antes mesmo que ela perguntasse o que havia, êle falou, ofegante:

— Só fiz olhar, da porta. Sabe quem tocava zabumba?!

— Sim, Caju?... Quem?...

— Compadre Lampião! E o compadre toca bem!...

D. Sinhá cruzou as mãos. E o Coronel Cajueiro pôde então dormir a soneca dos justos...

Anuncie em ITAYTERA

Clínica Radiológica Dr. Macário

DIREÇÃO:

Dr. Heron Macário de Brito

APARELHO DE 250 MA

— x —

RADIOGRAFIA DO CRÂNIO E FACE

— x —

ESTUDO RADIOLÓGICO DO ESÔFAGO,
ESTÔMAGO E DUODENO

— x —

ESTUDO RADIOLÓGICO DO INTESTINO
DELGADO E GROSSO

— x —

RADIOGRAFIAS DA COLUNA VERTEBRAL

— x —

UROGRAFIA EXCRETORA, ETC.

Clínica Radiológica Dr. Macário

RUA SENADOR POMPEU, N.º 420

FONE: 523

CRATO - CEARÁ

Monsenhor Távora no Sacerdócio e na Política - (II)

Prometi, no artigo que há poucos dias escrevi sobre meu saudoso tio Monsenhor Fernandes Távora, voltar a falar de episódios em sua passagem pela política do Ceará e no exercício do seu ministério sacerdotal nos rios do Amazonas. E é o que hoje faço.

Já ficou dito no meu citado escrito, que Monsenhor Távora, ao regressar de Roma, onde se formara em Direito Civil e Canônico, foi solicitado por Dom José da Costa Aguiar para ajudá-lo na organização do bispado de Manaus e, terminado aquele trabalho, foi nomeado vigário do Rio Juruá, ou seja de um território igual ou maior que o do Ceará.

A sede da nova freguesia era a vila de São Felipe, à margem do Rio Juruá mas o vigário, para levar assistência religiosa aos seus paroquianos, tinha que viajar, durante meses, em batelão puxado a remo, por aquêle grande curso d'água e seus numerosos afluentes. Ia de seringal em seringal, ali celebrando missa, confessando, casando e batizando.

Além de suas funções sacerdotais

exercia algumas vezes também as de advogado, resolvendo conflitos entre donos de seringais ou outros habitantes da região. Tinha uma notável habilidade para tratar com pessoas de tôdas as categorias sociais, dêle chegando a dizer o Pe. Peixoto de Alencar que seria um dos melhores diplomatas do Brasil, se tivesse seguido a diplomacia.

Não foram poucas as vezes em que deu provas de suas grandes qualidades diplomáticas. O fato que vou narrar bem o atesta.

Acima da foz do rio Envira no Tarauacá, desagua, neste último, o igarapé Aty e, naquelle ponto, existia um seringal pertencente a um cearense, homem sem religião e que dizia não admitir a visita de nenhum padre à sua propriedade.

Tomando conhecimento daquela atitude do seringalista seu conterrâneo, mandou-lhe avisar o Monsenhor Távora que em certo dia chegaria ao seringal da foz do Aty, levando aos seus moradores a assistência espiritual de que estavam necessitando. No dia aprazado, lá chegou, realmente, e, avistando no barranco do rio o homem que não queria negócio com padre, foi-lhe dizendo:

— Aqui estou, meu caro coestadano trazendo a palavra de Deus a todos que trabalham neste seringal, e confio que o senhor, como cristão, não se recusará a ouvi-la. Foi logo saltando do batelão e abraçando o seringalista que se

sentiu desarmado com as palavras e o gesto do sacerdote, convidando-o a entrar no barracão e cercándolo de atenções. Mandou chamar todos os seringueiros que trabalhavam no centro do seringal, tendo o Monsenhor Távora ali passado três dias pregando, confessando, casando e batizando, além de haver feito do homem infenso aos princípios religiosos mais um amigo naquela inóspita região.

A grande facilidade que tinha de fazer amigos, juntavam-se no Monsenhor Távora a coragem e o sangue frio para enfrentar qualquer situação perigosa que se lhe apresentasse.

Um fato ocorrido ao tempo em que esteve êle militando na política cearense mostrou bem a sua calma e o seu destemor em frente a adversários rancorosos.

Ja realizar-se no Crato uma eleição muito disputada pelos partidos Conservador Graúdo, a que estava filiado o então Padre Antônio Fernandes Távora, e Liberal, de que era chefe local Juvenal de Alcântara Pedroso, homem de fino trato, dando a impressão de um lord inglês perdido no interior do Nordeste Brasileiro, mas que vinha como cabo eleitoral de sua inteira confiança Manuel Sedrim de Castro Jucá, advogado rábula e pessoa que não dava trégua aos seus adversários, políticos.

Entendeu Sedrim que os eleitores do partido contrário não de-

viam votar naquele pleito e pôs na entrada do prédio onde funcionavam as mesas eleitorais alguns homens armados, com ordem de só deixarem ali entrar quem tivesse autorização sua.

O aspecto dos homens usados por Sedrim para guardarem a entrada do prédio em que ia realizar-se o pleito era de meter medo, pois se tratava de elementos do grupo dos Viriatos, cabras de cabelo descendo até os ombros (precursores dos cabeludinhos de hoje), empreiteiros de violências e desordens.

Em dado momento, chegou ao local onde se encontrava a guarda de Sedrim o Padre Fernandes, acompanhado de numeroso grupo de eleitores que iam votar.

Quando o sacerdote foi tentando transpor a entrada do prédio os cabras apontaram as armas e disseram que atirariam em quem procurasse romper aquela barreira.

Sem se perturbar, o Padre Fernandes, baixando com a mão o cano da arma que tinha mais perto de si, assim falou para os cabras:

— Rapazes, vocês não de matar todos estes homens que, protegidos pela lei, aqui vêm trazer o seu voto? E foi entrando, enquanto os cabras, perplexos diante da atitude do sacerdote, baixaram, automaticamente, suas armas.

Com o Padre Fernandes entra-

F A C - S I M I L E

conto de
tiago araripe

Eu tinha um boneco igualzinho a mim: as mesmas feições, os mesmos óculos sôbre o nariz, tudo como num espelho. Do tamanho da minha mão, era guardado com cuidado num local seguro e, duas vêzes por dia, eu o mirava, banhava-o, escovava seus dentes, colocava-o no vaso e ria enquanto êle fazia pipi. Simplesmente co-

ram todos os eleitores que o vi-
nham acompanhando.

Momentos depois chegou ao lo-
cal Manuel Sedrim que caiu ful-
minado por um colápsio cardíaco,
ao ter conhecimento do ocorrido.

Um filho de Sedrim andou a-
meaçando de morte a muita gen-
te, mas acabou convencendo-se de
que pelo falecimento do pai nin-
guém era responsável.

Deposto o general José Clarin-
do de Queirós do govêrno do Cear-
rá pelo marechal Floriano Peixo-
to, o Padre Fernandes, então no
cxercício do mandato de senador
estadual, abandonou a política,
declarando não ser esta digna de
um sacerdote. E se êle assim jul-
gava a política daquêle tempo, que
juizô havia de fazer da que assola
êste País, nos tenebrosos dias que
estamos vivendo?

mo se uma câmara me estivesse
a seguir e, depois, se projetasse o
filme diante dos meus olhos. O
que o boneco sentia, eu sentia i-
gualmente. Um dia tínhamos dor
de barriga, colocávamos frente a
frente, cada qual no seu trono.
Passada a angústia com compri-
midos, ríamos muito: nos achavá-
mos ridículos. Êle se sentia vi-
giado e tolhido; consequentemente
acortecia o mesmo comigo — as
coisas marchavam para o insupor-
tável. Certa vez, por fome do
desconhecido e por estar com o
saco cheio daquêle sujeitinho hor-
rível, coloquei sua cabeça dentro
da boca e, depois de a chupar co-
mo um pirolito, arrancando-lhe
gritos claustrofobos de pavor, dei
a primeira mordida. A cabeça
tinha um gôsto estranho, que lem-
brava bola de ping-pong; de qual-
quer maneira mastiguei e a engo-
li. Foi um momento lindêrrimo:
na radiola havia Lindonêia, o
bolero louco de Caetano; o sol en-
trava na sala e, batendo no qua-
dro de Chagall, dava-lhe um bri-
lho diferente, como o mesmo bri-
lho projetado no espelho. Quan-
do terminei de ingerir os restos
do boneco, êle engoliu meus úl-
timos pedaços e partimos para o
nada, com alegria nos olhos e
nenhum medo no coração.

DEVANEIO

em dia de chuva

UM DIA :

LEMBRANÇA VIVIDA,

UMA NOITE :

ESPERANÇA SOFRIDA...

COMO É BCM SONHAR AS COISAS BELAS,
COMO É DIFÍCIL VIVER UM GRANDE AMOR !

OS DIAS VÊM CHEGANDO,

O TEMPO CORRENDO SEM PARAR,

HOJE É ONTEM

AMANHÃ É HOJE

CRIANÇA, MOÇA, MULHER

INFÂNCIA SEM LIMITES,

JUVENTUDE SONHADORA,

DE HORIZONTES INFINDOS,

VIDA, PLENITUDE DE DESEJOS, ANELOS,

LUTAS, AMORES, MAS SEMPRE O DIFÍCIL,

A REALIZAÇÃO DE SI MESMA...

O AMOR SEMPRE PROCURADO, EM BUSCA,

CHEGANDO AFINAL, SEM ESPERAR,

IMPREVISTO COMO UM RAIOS EM NOITE DE TEMPESTADE

BRILHO DE LUZ, SONHO DE VIDA...

E O QUE É A VIDA, AFINAL ?

SONHO ? ILUSÃO ? AMOR ? VERDADE ?

SONHO — ESPERANÇA DESFEITA,

ILUSÃO — SENTIDOS EM TRAPOS,

AMOR — RENÚNCIA E DOR

VERDADE — A EXISTÊNCIA NO DIA-A-DIA...

E A VIDA O QUE É AFINAL ?

A PAIXÃO QUE ALIMENTA...

O SONHO QUE SE DISSIPA...

DEPOIS, DEPOIS,

VAGO O SONHO,

DESFEITA A ILUSÃO,

RESTA O AMOR,

A VIDA, ENFIM.

ZÉYPSILONE

Acadêmico Cearense

Pela primeira vez em sua história, a Academia Cearense de Letras, sediada em Fortaleza, elegeu para integrar aquele sodalício um escritor residente no interior do Estado. O escritor e historiador José de Figueiredo Filho, que reside em Crato, é o novo imortal cearense. Sua eleição, no mês passado, foi realizada com a unanimidade dos votos dos membros da ACL, estando sua posse programada para início do próximo mês de fevereiro. Figueiredo Filho, autor de mais de uma dezena de livros, iniciou as suas atividades jornalísticas no decênio de 1920-1930 e somente em 1937 fez sua estréia na literatura, quando publicou o romance "Renovação" pela Livraria Editora Odeon, de São Paulo. Depois, transpondo a barreira da ficção, publicou "Meu Mundo é Uma Farmácia", "Cidade do Crato" (esboço histórico) e "Engenhos de Rapadura do Cariri". Criado ao contato com os tipos mais representativos da saga caririense, Figueiredo Filho dedicou-se, posteriormente, ao estudo das tradições na região do Cariri. Como resultado de suas pesquisas no campo do folclore, publicou em 1962 "O Folclore no Cariri", estu-

do de maior profundidade e amplitude, mostrando como se processavam as atividades folclóricas naquela região cearense, dando ênfase a algumas danças, como o maneiro-pau, o milindô, o côco-gavião e o sapo cururu, esta comumente executada ao som de uma "banda cabaçal", que também foi objeto de estudo por parte do escritor. Recentemente, Figueiredo Filho escreveu um novo livro sobre folclore, focalizando os "Folguedos Infantis Carienses". O novo imortal cearense, ultimamente, se tem dedicado a elaboração de uma "História do Cariri" destinada aos alunos do curso de História da Faculdade de Filosofia do Crato da qual é professor. De sua "História do Cariri" já foram lançados cinco volumes. Figueiredo Filho é o atual presidente do Instituto Cultural do Cariri, que fundou em 1953 juntamente com um grupo de intelectuais da região sul-cearense. E colaborador de vários jornais do Ceará e Pernambuco e de revistas científicas do país, além de dirigir a revista "Itaytera", órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri, de circulação anual.

(Correio Brasiliense 26-01-68)

Da Terra nos vem a Riqueza

J. F. F.

Da terra brotam tôdas as riquezas principais do homem. Dela chega-nos o minério. Nutre a lavoura e a pecuária. A grandeza de Deus doou-nos o sólo, âmago do globo e o ar que o envolve.

A agricultura e a criação para medrarem necessitam também da água. Há áreas que a possuem abundante em seu solo. Outras, no entanto, vivem mais escravizadas às precipitações pluviômicas. A sabedoria do homem, dádiva também do Criador, precisa domar a natureza a fim de regularizar as suas riquezas.

Há outros recursos que são oferecidos do engenho humano, em zonas privilegiadas. No Cariri existe trecho de terra que é dos mananciais mais poderosos de argila para cerâmica industrializada de todo o norte brasileiro. Já começam a despertar a atenção dos industriais. O Barro Vermelho, suburbio de Crato, é formado dessa argila, assim como parte do município de Barbalha. A terra,

nesse caso, para dar recurso ao ser humano, não precisa de água de chuva. As nascentes do Araripe e o lençol freático a possuem de sobra.

Paulistas de Mogiguaçu identificaram isso e correram para cá, instalando potente fábrica de cerâmica, prestes a inaugurar-se, no município de Crato, às margens da estrada que nos liga a Juazeiro e a outros pontos do Ceará e do Brasil. Mas, há uma outra indústria grandiosa, em pleno funcionamento. É o milagre da pertinácia inteiramente nossas e mostra por que o nordestino, ou a prata de casa, é capaz de assimilar o mais requintado progresso. Nasceu de capitais locais, com a ajuda da Sudene, do Banco do Nordeste, do Banco do Brasil e outras instituições de crédito.

A principio fez parte do PLANO ASIMOW, surgido de afogadilho, no tempo ainda da inflação. Se não se afastasse dêle, estaria fracassada como infelizmente aconteceu com muitas empresas brotadas do mesmo. Não quero culpar seu inspirador, pois, a mente humana por mais inteligente que seja, não é infalível e pode estar sujeita a fatores negativos, a qualquer momento. Os planejamentos podem ir de águas a baixo por mais perspicazes que sejam seus mentores, como sucedeu desde o principio da civilização.

A indústria que passou por várias vicissitudes, depois venceu galhardamente, ao abandonar seu

Cadernos Brasileiros CB

e J. de Figueiredo Filho

A grande revista de cultura, bem moderna, "Cadernos Brasileiros", dirigida pelo intelectual de renome internacional - Afrânio Coutinho, editada no Rio, em seu número 58, de Março e Abril, do corrente ano, consagrada à Sudene, publicou colaboração de nosso

diretor J. de Figueiredo Filho, logo em primeiro lugar. Trata-se de trabalho sobre assunto regional, com o título — "A CIVILIZAÇÃO QUE VEIO PELO S. FRANCISCO", o mesmo que saiu reproduzido na atual edição de ITAYTERA.

plano anterior, foi a cerâmica do Cariri S. A., implantada no progressista e risonho município de Barbalha. É a CECASA a simpática sigla tão repetida pela tevê, imprensa e rádios. Fortaleza e outras cidades já conhecem seus ladrilhos e cacos. A gente indo visitá-la tem a impressão que está pisando num pedaço de S. Paulo. Ampara quatrocentos trabalhadores que só sabem das condições de calamidade no Ceará, pela situação de seus irmãos. Testemunhei sua alimentação. É nutritiva e boa. Vem de casa e todos das respectivas famílias passam de igual modo.

Não tardará a ter restaurante próprio. Sua organização equilibrada, em sintonia perfeita entre dirigentes e dirigidos, mostra a capacidade de adaptação do cariense, como do nordestino em geral, a qualquer trabalho orientado por técnica moderna. Três

departamentos funcionam ali em sincronia.

Cada qual possui orientação perfeita. O industrial está sob a direção do engenheiro Eudoro Walter de Santana. Não tem a fala arrevesada. É brasileiro puro e filho deste Nordeste, sofrador, forja perene de inteligência e de caráter. Sua equipe é de primeira. Organiza planos e executa dentro da melhor técnica.

A terra não nega recursos ao homem que a trata com carinho e com trabalho. Mesmo quando não recebe água dos céus para a lavoura pode ser trabalhada com fogo e pressão e oferecer das mais preciosas peças de cerâmica do Brasil. Outrora produziu cana e agora enfeita e higieniza os edifícios de nossas cidades. O homem, após tanto sofrimento, não pode abandonar a terra que lhe dá tudo, de uma forma ou de outra.

Cia. Nordeste Agri Industrial

CINAI

Rações balanceadas em geral
Produtos alimentícios, a saber:
Fubá, Creme de Milho, Can-
güca, Xerém etc.

Tradicionais os seus **FLOCOS CINAI**

Higiene perfeita

Av. Pe. Cicero, 1051 - Crato-Ceará

Duarte Júnior, companheiro que desaparece

J. F. F.

Sexta-feira 10 de Julho, fui procurado em minha casa pelos jovens jornalistas, Jurandy Temóteo e Manuel Patrício de Aquino, Pediram-me crônica para o novo órgão da imprensa cratense — "O SATÉLITE", que iriam dirigir e indicaram-me o título — DUARTE JUNIOR.

Fiquei aturdido. Momentos depois é que lhes perguntei.

— Duarte faleceu?

— Acaba de morrer há pouco.

Antônio Duarte Júnior era dos bons amigos que eu possuía. Inteligência acima do comum, companheiro do Instituto Cultural do Cariri, a ele se destinava a cadeira da secção de Letras, tendo como patrono o escritor e jurisconsulto — Raimundo de Monte Araes. De vez em quando, me encontrava com Duarte em bate-papo bem amistoso.

Há pouco, estive em casa dele, após ter saído da Casa de Saúde São Miguel. Estava em convalescência de febre tifóide e não retomara o riso franco de outrora. Sua conversa era com sílabas cortadas mas não o julguei morrer daquela. Não quis demorar-me muito com ele aguardando que

melhorasse daquela fraqueza. Sua esposa, solícita como sempre, encarregar-se-ia do resto de sua cura. Mesmo naquela curta conversação, falamos que o 14.º número de "ITAYTERA" entrara em composição. Dera êle ótima contribuição anterior.

Duarte Júnior não cursou Faculdade de Direito, mas possuía conhecimentos jurídicos mais sólidos do que muitos bacharéis, não lhe faltavam clientes e tinha as mesmas prerrogativas de um formado.

Foi político militante, em certa época. Ocupou a Prefeitura de Barbalha e deixou ali melhoramentos que perduram. Tomou parte, com brilhantismo, na Assembléia Legislativa Estadual.

Casou-se com D. Ales Ribeiro Duarte, esposa dedicada. O casal encaminhou e educou os filhos em bons princípios. Genros e filhos ocupam posição de destaque na vida. Com 74 anos, ao falecer, sua inteligência estava em franca produção. Filho de Barbalha, há muito morava em Crato e sabia amar de alma e coração, as duas cidades.

Um Livro sôbre Bichos

Há poucos dias, a direção da FLORESTA NACIONAL ARARIPE - APODI, cumprindo determinação legal, extinguiu, em Crato, a feira de passarinhos. Constituía-se a secção mais movimentada desses ajuntamentos populares, que se realizam, para fins comerciais, semanalmente, nesta cidade. Gaiolas de todos os feitios eram ali expostas em proporções avultadas, não lhes faltando compradores, as vêzes, até empatando o trânsito da rua e das calçadas. A frequência superava até a feira da rapadura, feijão, ou mesmo das frutas. Mas os passarinhos que enfeitavam as

gaiolas constituíam dos seus maiores atrativos, por mais bonitas que fossem constituídas.

Havia profusão de bugas, de pouco valor, pegados de alcaprão na serra. Mas, a patativa azul se disputava a pêso de muito cruzeiro sob encomenda de muita gente moradora no sul. Canários de briga não tinham limite de cotação. Valliam pelos campeonatos vencidos. Sabiás e Craúnas apareciam, de quando em quando, só acessíveis aos bolsos dos ricos. O canção saltitante frequentemente passava a ser negociado para fins terapêuticos. Tem o dom, desde

Foi dos bons oradores do Cariri. Ao receber Caravara Liberal, em Fortaleza, pronunciou o discurso oficial de repercussão, em todo o Ceará.

Escrevia bem, não só em assuntos jurídicos, como na parte propriamente literária ou histórica. Editou vários opúsculos e no ano passado, lançou a bem feita separata do 13.º número de "ITAYTERA", "Apotheose do Banditismo", com a maior aceitação possível. Foi trabalho que deu as origens históricas da questão de 1914 de Juazeiro e o Ten. Cel. Franco Rabelo.

Duarte Júnior, vinculado a Crato e a Barbalha enterrou-se na última, com grande assistência. Que sua alma repouse no Senhor, como bem merece.

FAMÍLIA DO ADVOGADO

ANTÔNIO DUARTE JÚNIOR :

Espôsa : — Dona Ales Ribeiro Duarte. Filhos : — Laerte Ribeiro Duarte (7 filhos). Fábio Ribeiro Duarte (4 filhos). Nicéas Ribeiro Duarte (9). Jackson Ribeiro Duarte (solteiro) Alénio Ribeiro Duarte e Enéas Ribeiro Duarte (solteiros) Snras. Edênia Duarte de Alcântara, Euna Duarte Gonçalves e Eliane Duarte Veloso. GENROS: Carlos Pedro de Alcântara, Wilson Gonçalves Cortezia e Ivan da Conceição Veloso. Snras D. Haydée Ribeiro Duarte, Adalgisa Guimarães Duarte e Carmen Duarte.

Antônio Duarte Junior, dos mais brilhantes sócios do I. C. C. será patrono de uma das cadeiras da Secção de Letras, a ser preenchida pelo companheiro Geraldo Lobo.

o tempo da colônia, de trancado num quarto durante a noite com um asmático, absorver-lhe a doença, ficando acometido do terrível puxado, terror noturno de muito cristão, que tem infelicidade de ser acometido. Muita gente, principalmente criança, ficou com saudade daquela feira tão alacre.

Todo êsse comércio animado, cheio, com mercadoria viva e alegre, a cantar sempre, embora sofrendo no cativoiro, desapareceu de uma hora para outra. Funcionários da Floresta Nacional, munido da lei proibitiva, chegou no local e deu ordem de soltura a todos os engaiolados. Alguns deles soltaram vôo logo e ganharam o infinito. Outros, originários da Austrália, como os periquitos, ou da Bélgica, a exemplo dos canários, não souberam orientar-se no espaço. Desceram nos quintais vizinhos e não escaparam à caçada dos meninos, abundantes em tôdas as redondezas. Voltaram às prisões ou foram mortos sem piedade.

Na feira seguinte, retornaram apenas as gaiolas vazias, sem freguêses, até desaparecerem do mercado, por completo.

Sôbre bichos e muito carinhosamente sôbre passarinhos, o recém-eleito membro da Academia Brasileira de Letras, empossado em maio último, o escritor Mauro Mota glória das letras nordestinas, publicou, no ano passado, o bem feito e oportuno livro — "OS BI-

CHOS NA FALA DA GENTE". Foi editado p/ INSTITUTO JOAQUIM NABUOO DE PESQUISAS SOCIAIS. É seu diretor e muito tem realizado pelo seu progresso cultural. Só um pesquisador profundo poderia escrever um livro do quilate de "OS BICHOS NA FALA DA GENTE". É preciso que seja conhecedor das coisas do Nordeste e ter bastante senso de observação. Precisamos conhecer-lhes ao menos pequena amostra que diz da profundidade daquele livro, tão simples e tão ao sabor das coisas sertanejas.

Mauro Mota tem o dom de escrever coisas profundas no linguajar tão simples que tanto o identifica com a terra, onde nasceu: Vejamos o étimo CANÁRIO:

"CANÁRIO DE BRIGA: homem briguento. CANÁRIO DE UMA MUDA: que sempre vive com a mesma roupa. CANÁRIO NA PORTEIRA: mulher que defende o marido e entra na briga a favor dêle. CANÁRIO MUTUCA: Mofinço que apanha logo. CANÁRIO TURUNA: resistente que aguenta briga. CANÁRIO DE BANDO: quem só gosta de andar em grupo; homem de várias mulheres".

O livro é atraente, cheio de coisas pitorescas, pesquisado nas cidades e no interior, É escritor de fina observação e seu estilo faz dele dos primeiros escritores do Brasil atual, mas é visceralmente vinculado ao Nordeste.

J. F. F.

Ao Companheiro e Amigo

ORLANDO MOURA

Fortaleza, dezessete de onze de mil novecentos e sessenta e nove
Os vespertinos de hoje trazem a infausta notícia da morte do
companheiro e amigo Orlando Moura

Páro e prego os olhos absorto na leitura trágica

Morreu o companheiro e amigo Orlando Moura

No meio da rua pensativo imagino e retrato a fisionomia do
amigo morto

Desço pela rua do Ouvidor

Orlando me acompanha

conversa comigo

sorri comigo

De repente não acredito na morte prematura do amigo e
companheiro Orlando Moura

Sua presença é constante em meu pensamento.

sua fisionomia

sua voz confusa

seu jeito alegre.

Orlando Moura não morreu,

sua memória é imarcescível, pois não há morte

para aqueles que passaram pela vida e doaram um pouco de
Si aos outros

em forma jornalística,

em forma didática,

em forma de exemplos.

HUBERTO TAVARES

GOMES DE MATOS :

Traços e Episódios de sua Vida - (I)

Pedro Gomes de Matos

Quando o professor Raimundo Gomes de Matos recebia, na soleira compostura da morte, as últimas homenagens dos seus amigos e admiradores, eu tive oportunidade de dizer: sobre a sepultura de Gomes de Matos como sobre a do grego desconhecido de que fala a antologia se poderá escrever: "aqui jaz o ruído do vento que passou derramando calor, perfumes e sementes em vão".

Na verdade, morreu Gomes de Matos sem nos ter deixado o de quanto seria capaz a sua inteligência.

Durante quarenta anos portificou no jornalismo, frequentou a política e defendeu as causas mais ingratas e complexas.

Foi como advogado que Gomes de Matos mais se destacou; e isso o regista José Alcy Paiva na série de notas publicadas no Jornal "O POVO" sob o título: "GRANDES PROCESSOS E GRANDES ADVOGADOS DO CEARÁ".

Diz êle :

"Dentre os grandes advogados do Ceará, nas décadas que antecederam a presente, tem lugar proeminente, sem dúvida, o Dr. Raimundo Gomes de Matos, advogado tanto no Cível como no Crime emprestou aos processos em que tomou parte o conhecido saber jurídico e o fulgor de invejável inteligência. Como orador de Júri, foi, até bem pouco, dos mais aplaudidos, pela habilidade pela dialética e por uma verve encantadora.

"De inúmeros processos em que funcionou, destacamos trechos de uma carta que endereçou ao Des. Daniel Lopes, então relator do processo criminal conhecido nos anais forenses do Estado por "O Crime de Cariús".

"Na crise de caráter que atravessamos evidente é o horror dos indivíduos dessa espécie ao ostracismo, para êles considerado a coisa pior do mundo. Já se foi a época sadia dos homens de bem dos partidos políticos perfeitamente demarcados por um idealismo delimitados nos seus campos de ação com os respectivos chefes, e estandartes e programas.

"De há muito reina a confusão na capital e nas aldeias do interior ora tudo nivelado pelo despudor político".

Tinha tanto poder de assimilação que assim o traduziu Cursino

Notas lidas em 10.8.68 no Salão de Conferência da Casa de Juvenal Galeno.

Belém : Gomes de Matos é tão inteligente que dos artigos da lei só lê o começo. E acrescentou : boa ou ruim, o que êle defende é a causa do cliente.

Esta observação vale por um retrato de Gomes de Matos, senão como uma mostra do empenho, da vibratibilidade com a qual defendia, com risco às vêzes da própria vida, as causas que lhe eram confiadas. O calor no debate fê-lo dizer : — os dedos das mãos são muitos para contar os juizes honestos do Ceará.

Nas pejejas judiciárias era, de ordinário, um vitorioso em potencial.

Precisamente em 1944, escreveu (a ditadura caminhava para o fim) :

“O Dr. Meneses Pimentel ainda não teve oportunidade de tocar a busina conclamando eleitores porque realmente dêles não precisa. Não se fala fundadamente em pleito eleitoral, boateja-se apenas.

“Mesmo assim, quem quiser saber onde estão malhando muitas rêses do Partido Social Democrático, daquele “pujante” que lhe combateu desesperadamente a candidatura à presidência do Estado, não perca tempo com indagações, não publique anúncios, — pare um momento na Praça do Ferreira, ponha o ouvido para o lado do Palácio Governamental e ouvirá o toque dos choalhos amarrados no pescôço de muitas delas principalmente dos ardentos oradores pessedistas propagadores das “Vozes do Sertão”, falsas, inverídicas, que tanto enganaram o Cel. Felipe Moreira Lima.

“Vá direitinho nesse rumo e lá encontrará o grosso daquela gente acampada à sombra do alpendre interno onde não faltam milho e água fria aos adesistas.

“Alguns dêses entrarão pelo portão do pardieiro, dando a mão ao cabo da guarda, outros, humildemente, tirando o chapéu ao pau da bandeira. Outros pularam a janela. Nenhum entrou pela porta”.

Como e ainda neste passo se vê, a veemência era um traço marcante da sua personalidade, a par da crítica por vêzes contundente.

Foi sem dúvida Gomes de Matos, a seu modo, um homem feliz, inclusive porque teve morte quase súbita, como sempre o desejou. E eis que o inopinado da ocorrência (uma crise cardíaca) não o impressionou. Antes, disse, num lúcido e irônico discernimento da realidade : — Léa, estou frito.

Viveu e morreu cercado de amizades. Quando do seu último aniversário natalício vi-o cercado de amigos e quase todos, como êle, avançados em idade : Miguel Câmara, de Quixeramobim, Rafael Teófilo, Carlyle Martins...

Lembro-me de quando à sua residência, na 24 de maio, chegou, nessa ocasião, o venerando senador Fernandes Távora, com Moema, o seu anjo da guarda. Abraçou-o, e deu-lhe um presente. Fiquei

comovido com aquela lembrança (a do presente) e quando dali me retirava rumo a Maranguape, observei para a minha mulher: veja que amizade: as da velha geração: vão do começo ao fim. Nas de hoje só há interesse.

Nessa oportunidade, o João Jacques (que a ele por dois anos serviu como datilógrafo quando deixava o Seminário de Fortaleza pelos idos de 1930), fazia-lhe perguntas que bem identificavam o repórter que naquele mesmo dia se tornaria imortal. Entre outras: Gomes de Matos, você já foi maçom? — Um dia, respondeu. E de governo, Gomes de Matos, qual o melhor que o Ceará já teve. E antes que viesse a resposta, João Jacques se saiu: Você nunca foi amigo de governo.

Palestrador incomparável, era Gomes de Matos de um repertório a toda prova.

Não há quem dê não guarde um humorismo, uma frase de espírito rica, por vezes, de sentido sociológico.

Não faz muito, no contexto de um editorial de primeira página do "O GLOBO", vi a frase por ele proferida no júri de Virgílio Gomes: o povo é massa falida.

A um primo seu do Crato, Doodoro, que lhe reclamara medidas contra o jogo no começo do Governo Beni, respondeu pôr telegrama: não se preocupe govêrno nôvo fica velho.

Veja a presença de espírito que ainda tem o Gomes de Matos — disse-me o Dr. Manoel Albano Amora. E refere: ia ele atravessar uma rua e estava embaraçado com o movimento de veículos. De lado, um amigo o adverte: Dr. Gomes de Matos, olhe para o sinal. Ele virou-se e com energia na voz disse: eu olho é para o carro que sinal não mata ninguém.

Ao lado de H. Firmesza e Adonias Lima, de Renato Viana e Gustavo Barroso, de Matos Ibiapina e Andrade Furtado, figura Gomes de Matos, na conceituação de Geraldo Nobre ("A Imprensa do Ceará na República") entre os jornalistas que mais se destacaram no decênio 1910 - 1919.

Combateu com João Brígido, desassombradamente os desmandos políticos do Ceará; e disse, a propósito, numa conferência na Casa de Juvenal Galeno, que quando deixava de comparecer às reuniões em casa dele o inolvidável panfletário, presto, indagava: onde anda o Gomes de Matos que não aparece, isso é coisa.

Sucedendo o Des. José Moreira da Rocha a Icelfonso Albano na governança do Estado, o Ceará transformou-se em autêntico couro de bandidos.

Chefiados por Lampião, grupos de bandoleiros, após os saques nos estados circunvizinhos, vinham aqui repousar, tranqüilamente, certos de não serem incomodados. Em Palácio os "coroneis" eram recebidos de braços abertos.

Foi neste comenos que Gomes de Matos escreveu: — o govêrno do Des. Moreira da Rocha veio provar que o Ceará não precisa de Govêrno.

Refere Paulo Elpídio de Menezes que tôda vez que uma causa empolgava e dividia a opinião pública no Ceará, de imediato vinha do Rio a pergunta: com quem está Gomes de Matos? Era homem que se não omitia, e destacava-se por sua independência de atitudes. Pertenceu à Aliança Liberal, partilhando dos mesmos ideais de Maurício de Lacerda, Nereu Ramos, Batista Luzardo e outros.

Em 1916, (registra-o Raimundo Girão) fundou o d'ário "O Jornal" que se tornou temido pela seção por êle assinada "Flechas e Mechas".

Dos seus últimos artigos na imprensa de Fortaleza, o que maior repercussão alcançou foi MATUTOS NÃO SEJAM BÊSTAS VENDAM OS SEUS VOTOS e, também, O JUIZ DA VARA COMPRIDA (artigo por sinal, transcrito numa revista de S. Paulo) no qual comentou um despacho do Juiz Aguiar Dias liberando, do Rio, um contrabando no Ceará.

Em "Matutos não sejam bêstas vendam os seus votos" o que Gomes de Matos pretendeu foi valorizar, no momento oportuno, o "homo elector", dos governantes sempre injustiçado e esquecido.

Gomes de Matos — diga-se de passagem — muito contribuiu para o renome e o engrandecimento da Faculdade de Direito do Ceará, quer como professor catedrático de Direito Comercial (cadeira para a qual foi nomeado em 23 de dezembro de 1913, e que já a exercia desde 14 de dezembro de 1910, como substituto do Dr. Eduardo Studart (então em disponibilidade) e na qual se aposentou por Decreto do Presidente da República datado de 8 de fevereiro de 1950), quer como membro da sua Diretoria, que o foi por dez anos.

Foi professor substituto de Direito Penal e de Introdução à Ciência do Direito.

Começou a sua carreira ainda acadêmico como Promotor de Justiça da cidade de Jardim. Logo após a conclusão do curso de Direito foi nomeado Juiz Substituto de Barbalha.

Transferindo-se para a Capital foi Delegado de Polícia de Fortaleza, Procurador Geral do Estado, Secretário de Polícia e Segurança Pública e Deputado Federal como suplente do extinto Partido Social Progressista do qual foi vice-presidente, no Ceará.

No Recife, onde fez o curso de humanidades no Instituto Pernambucano, do professor Cândido Duarte, foi companheiro do Embaixador Assis Chateaubriand Bandeira de Melo e do grande político Agamenon Magalhães.

Sobre a sua formação jurídica exerceu benéfica influência a chamada Escola do Recife de que foram figuras de destaque Tobias Earreto, Silvio Romero, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Fausto Cardoso, Martins Júnior e outros. Visava a dita escola, que tinha como ór-

gãos de divulgação "Vigílias Literárias" e "Idéia Nova", "Colocar o Direito dentro da teoria do evolucionismo".

O curso primário fê-lo Gomes de Matos no Crato no Colégio Venerável Ibiapina com José Joaquim Teles Marrocos, mestre latinista, e a quem, pela escolaridade, menino como êle pagava dois mil réis por mês.

Aliás, em 1955, o discípulo saiu em defesa do mestre quando, 44 anos após o desaparecimento dêle, pretendeu-se fazer-lhe restrições. Disse: nunca vi homem mais modesto, mais religioso, mais temente a Deus. E salientou com êste fato a nobreza de sentimentos do grande educador caririense:

"Caridosíssimo, à porta do colégio, aparecia um merino dos brejos e dos pés-de-serra, trazendo gaiolas cheias de passarinhos: canários, patativas, bigodes, rolinhas, papa-arroz e outros. O velho mestre comprava tudo por atacado por preço infimo, e ali mesmo, na calçada do prédio, chamando os discípulos para testemunhas, abria a porta do presídio, libertava as avezinhas. Era para êle prazer especial vê-las esvoaçarem em procura de seus lares.

"Assisti a essa cena mais de cem vezes, e êle era paupérrimo".

Do seu tempo no Recife evocava, em palestras, a figura austera de Laurindo Leão, catedrático da Filosofia do Direito, e pai do escritor e acadêmico Múcio Leão, assim como a de Adolfo Cirne, lente de Direito Civil.

A projeção de sua cultura ultrapassou as fronteiras do Ceará e se alargou por outras unidades da Federação. Era sempre solicitado para tomar parte em bancas examinadoras de muitos estados (Pernambuco, Piauí, Pará, Bahia...) tendo em tôdas atuação marcante.

Foi sem dúvida na tribuna dos júris populares de Fortaleza e do interior do Estado que Gomes de Matos mais se axalçou.

Dentre os júris importantes de que participou, destacam-se: o de Virgílio Gomes, acusado da morte do jornalista Antônio Drumond, diretor da "Gazeta de Notícias"; o de Raimundo Augusto, de Lavras; o de Mozart Catunda; o de Carvalho Pereira e o do médico paraibano Nélson de Queirós Carneira, autor intelectual da morte de Carlos Gomes de Matos, seu sobrinho, fato ocorrido em Crateús.

Não menos importante foi o júri dos Mororós, em Pacoti, e o de José Mendes Braga, em Maranguape.

"Dotado de lógica irresponsável, era um orador vibrante e impetuoso principalmente quando da tribuna defendia um réu e quando via no advogado da acusação um colega respeitável pela cultura jurídica. Se êste era um Quintino Cunha, com quem teve ocasião de defrontar-se, usava dos mesmos recursos do adversário para confundí-lo no raciocínio. Era de finíssimo humor e sempre utilizava sátiras durante suas defesas para convencer o conselho de jurados, deixando o colega sem argumentos". ("O POVO").

Publicou vários opúsculos com temas vinculados às questões que patrocinou, um dos quais com interessante título — DE APITO NA EOCA.

Salienta-se que a sua grande função pública, a em que por assim dizer se celebrizou, foi como secretário de Polícia e Segurança Pública no Governo do Interventor Beni Carvalho.

Ocorreu o seguinte.

Luís Carlos Prestes, líder do Partido Comunista Brasileiro, desejou vir a Fortaleza e aqui fazer um comício. Desaconselhado a não permitir tal, dado o perigo de haver desordens, o Secretário não se deixou intimidar e consentiu que não só fôsse realizado o comício como também uma passeata à luz de archote. Tudo decorreu normalmente embora no mesmo dia o Partido Democrático também realizasse concentração na Praça do Ferreira com os ânimos bastante acirrados.

Da sua turma de formatura (a terceira da Faculdade de Direito do Ceará) destacaram-se, entre outros, Matos Peixoto, como civilista e constitucionalista emérito, Alvaro Bomilhar, como sociólogo, e Hildebrando Acíoli no campo do Direito Internacional.

A propósito do assassinato do Cel. Felinto Cruz, abatido a bala numa seção eleitoral em Santana do Cariri, escreveu, enfocando a criminalidade política no Brasil:

“A terra de Santa Cruz, atrasada como é, e que só agora começa despertando para o culto do civismo e do progresso, em tôdas as suas manifestações, não podia escapar à regra sociológica, fatal, da criminalidade política.

“A politicagem é, entre nós, porém somente aos olhos de pouquíssimos observadores dos fenômenos sociais que nos envolvem, o mais poderoso fator de delinqüência, quizá mais forte que o álcool e a luxúria combinados”.

“Não há comarca mais ou menos antiga neste país vastíssimo que não ostente farta e vergonhosa crônica de delitos dessa natureza, isto é, de fundo político. Processos crimes instaurados por aí afora em geral são mal organizados.

“Alguns juizes e promotores de justiça, precatando-se, prevenindo-se contra possíveis atitudes desrespeitosas às suas autoridades não querem assumir certas responsabilidades, não querem buscar a gênese, a origem de determinados fatos delituosos.

“Esquecem de propósito, muitas vêzes, os mandantes apontados pela opinião pública, e assim ocultos às perquirições judiciais, êstes ficam sem punição alguma.

“Lares onde havia riqueza ou abastança, onde a família entoava o hino da felicidade da vida, se desfizeram ao choque brutal de estúpidos homicídios de seus chefes e se reduziram a maior miséria. Alguns nunca mais se reabilitaram nem economicamente nem quantos a antiga alegria íntima.

"Por tóda a parte sangram corações de viúvas, de filhos, de parentes próximos e de amigos das vítimas. As estradas que cortam o sertão são pontilhadas de cruzeiros que assinalam as emboscadas traiçoeiras.

Serpentes devoradoras de existências preciosas, eis a política-lha no Brasil".

Nessa mesma oportunidade faz Gomes de Matos um retrato do que se constituía a massa eleitoral do Brasil.

"Teu depoimento (alude êle ao do eleitor que foi causa indireta do crime de Santana do Cariri) é o espelho vivo da crassa ignorância, da pobreza física, moral e mental da grande maioria, senão da quase totalidade dessa coisa amorfa, dessa coletividade anônima, dessa porção de ninguém, dessa massa imbecilizada que era quase todo o eleitorado brasileiro, multidão, em regra, inconsciente do que fôsse uma eleição na sua realidade, constitucional, nos seus objetivos patrióticos, nas suas finalidades para o bem público, para a Nação, para o Estado, para o Município.

"Tu conhecestes eleição apenas pelo lado do bródio, da patuscada, da cozinha, da bebedeira, pelo lado festivo do almoço de carne cozida e pirão, regado a vinho zurrapa e cerveja quente, pelos "vivas" aos candidatos desconhecidos, pelos foguetes que fendiam o ar saudando a vitória de uns, e pelas vaías, assuaçadas, injúrias, apupos e ascoços que desapontavam os derrotados na fuzarca das urnas.

"Tu és a figura típica, perfeita e acabada do "Jeca Tatú", de Monteiro Lobato".

"Farsas trabalhosas e caríssimas, fontes de eternas desordens geradoras de crimes, "foi como considerou eleições em telegrama dirigido a Getúlio no 3.º aniversário do Estado Novo, e cujo texto foi estampado no folheto "A Função Social e Política das Faculdades de Direito", do professor Djacir Meneses.

Gomes de Matos só compreendia o exercício da advocacia na base da honestidade e não no da chicana, da mentira, dos sofismas, da astúcia, do charlatanismo, da verbosidade sem feitos, da aparência sem substância.

Assim, comentando o livro "O Advogado", do Dr. Mário Guimarães de Sousa, em trabalho no qual salienta haver advogados de todos os feitios, dos que aceitam causas sem fundamento legal, com o objetivo de impor acôrdo ao adversário, dos que traem os própios constituintes, voltando-se contra êles, exigindo honorários nunca contratados, e dos que vendem seu direito a parte contrária, — oferece à tese essa contribuição: "Na obra invocada não vimos referência ao tipo manhoso do advogado administrativo que vive agarrado aos membros dos governos, em tôdas as situações, auferindo enormes lucros em negociações que as repartições públicas não sabem repelir.

em face do interesse recíproco, na divisão dos honorários de dezena e centenas de contos de réis”.

Não era norma sua defender com o recurso da negação dos fatos.

O seu escritório de advocacia foi para alguns bacharéis recém-formados, nos quais reconhecia méritos e inteligência, autêntica escola prática de Direito. Por êle passaram José Teles da Cruz, Pedro Wilson Mendes, Ivan Ribeiro Paraíba, Francisco Olavo de Sousa, José Schreiber Amorim, Marijeso Benevides... “Ainda hoje tenho a carta que o Gomes de Matos me fez — disse-me ao sair da missa de 7.º dia, no Patrocínio, o Dr. Marijeso — convidando-me para ir trabalhar no escritório dêle. “Venha trabalhar no meu escritório. Você é um rapaz inteligente e de muito futuro”. E acrescentou: “se não quiser acreditar em mim pergunte a sua avó”.

Ao lado de Eduardo Girão e Gondim Neto (da Universidade do Brasil) de Earreto Campelo e Joaquim Amazonas (da do Recife) integrou Gomes de Matos a banca examinadora na qual Djacir Meneses se submetera a concurso para a cátedra de Introdução à Ciência do Direito, da Faculdade de Direito do Ceará.

Foi o prélio o que houve de mais vibrante tanto pelos conhecimentos do candidato como pela análise da tese, que foi severa e impiedosa.

Dias depois, Gomes de Matos publicava na “Gazeta de Notícias” um artigo sob o título — SALVOU-SE O Pe. HÉLDER. É que ao illustre sacerdote pedira êle o roteiro da arguição. Demonstra o fato a sua despreziosidade.

Do Pe. Cícero Romão Batista foi particular amigo e como que assessor ou consultor jurídico. Sobre êle e os chamados “milagres de Juazeiro” fez, seguidamente, três conferências na Casa de Juvenal Galeno, que despertaram vivo interesse. Pena não tenham sido recolhidas por um taquígrafo.

Sem freqüentar Coulanges, tinha extraordinário poder de síntese no que era servido por assombrosa memória. Nunca reprovou um aluno, e paraninfo muitas vezes o foi de concluintes da nossa Escola Jurídica.

Defendia a tese de que o fenômeno climático das secas, que dez vezes visita e empobrece o Ceará no período de um século, influi poderosamente na nossa organização moral, produzindo “milionários famintos, psicologicamente, indivíduos mortos, incapazes de uma ação mais ou menos digna”.

O abatesma da fome fazia, a seu ver, do intelectual o bicho mais fraco da fauna cearense.

Como todo filho do Cariri, era Gomes de Matos um amante da terra natal. “Crato, terra doce”. “Crato, terra valente”, Crato, sangue bom”, foram artigos por êle publicados no jornal “O POVO”.

A ocorrência que se segue revela o senso prático de Gomes de Matos.

Um conhecido entrou em seu escritório no 311 do Excelsior Hotel e foi dizendo: descobri o moto contínuo e quero que você me faça um pedido de registro do invento. Prontamente, Gomes de Matos o atendeu. Ao sair o interessado, com o papel na mão, um dos presentes pergunta: Dr. Gomes de Matos, o senhor acredita que esse homem descobriu mesmo o moto contínuo? — Claro que não, mas, no caso, é fazer logo a petição.

Foi bem Gomes de Matos um dispersivo, tanto do ponto de vista intelectual como do ponto de vista material. Dinheiro para êle não tinha valia: entrava por um lado e saía por outro.

Gomes de Matos — escreveu Renato Saldon — só é visto com muito dinheiro nos bolsos quando pretende, como êle próprio diz, “fazer reunião de credores”.

“Certa vez, a convite dêle assistimos, na antiga Casa Olsen, a um desses curiosos espetáculos.

“Presentes vários cobradores, êle fazia a chamada na ordem cronológica, de memória, e ia saldando, com rigorosa honestidade, todos os débitos.

“Lá para o fim, apresentou-se uma carta de automóvel da qual êle desconhecia a procedência.

“O chofer tentou explicá-la, mas não o fez suficientemente.

“Todos esperavam, muito naturalmente, que ao suposto devedor se recusasse o pagamento.

“Entretanto, Gomes, que é de uma generosidade sem limite, pagou-a, ato contínuo. E, virando-se para os circunstantes, antes de entregar o dinheiro ao esperto, observou:

“— Vou pagar isso, mas olhem: a bêsta não sou eu. A bêsta é êle que não soube nem inventar o motivo da conta”. (in Ceará Moleque”).

Aproximado da boêmia, era um espírito franciscano pelo desprezo às gloriólas da vida. Sem resposta dêle ficavam as fórmulas de pesquisas para fins biográficos que de tempos em tempos lhe chegavam às mãos de redações de jornais e empresas editoras. Nunca perseguiu cargos, nem renome, nem posições. E foi, não obstante, o homem de mais largo prestígio que ainda teve o Ceará. Prestígio oriundo do seu valor pessoal e das amizades que o seu espírito comunicativo granjeou e cultivou.

Era o advogado do pobre, do humilde, do perseguido. “E sinal da grandeza do seu coração, era o calor, o entusiasmo com que redigia oralmente, como se se encontrasse num púlpito de tribunal as petições das viúvas pobres, dos funcionários perseguidos pelo Governo, dos réus sem dinheiro e sem padrinhos que o convidavam para tirá-

los da cadeia. Os requerimentos dos ricos eram alinhavados, sintéticos, frios, pegados à letra da Lei. Não desbordavam para a emoção e a eloquência. (João Jaques).

Defendendo o direito de Lucas Pereira do Nascimento, pobre negro, analfabeto, de 85 anos de idade, que assinara em Caucaia uma escritura de venda do seu sítio com o pacto *ad retro*, expressão que os próprios intelectuais desconhecem, escreveu :

“Os pobres são eternos infelizes. Trazem os pés sempre feridos pelos espinhos da estrada da vida.

“Infelizes desde o nascimento. Infelizes em face da desigualdade existente entre os homens, embora aquêlê conhecido chavão dos oradores parlamentares de que todos são iguais perante a lei.

“Mentira.

“Foi a Revolução Francesa que instituiu êsse princípio, incontestavelmente belo, porém, lá para a França.

“Os povos atrasados, como os americanos do Sul, como nós, os brasileiros, por seus intelectuais, repetem a linda fórmula, que tem a sua gênese na frase de Rousseau : “o homem é a lei de si mesmo”

“Verdade é que os pobres são tão amesquinhadados que já se tornou proverbial a expressão que todos proferem, êles rotadamente :
POBRE NÃO TEM RAZÃO.

“La Fontaine, na sabedoria da fábula — O lobo e o cordeiro — traduziu assim o infortúnio dos pobres, dos fracos, dos humildes :

“**LA RAISON DU PLUS FORT EST TOUJOUR LA MEILLEURE**”.

De um homem do povo ouvi : “O Dr. Gomes de Matos era advogado indo e voltando”. Quis dizer — em todos os sentidos.

Suas inimizades duravam uma semana, um mês, nunca uma vida. Nisto não se veja falta de caráter, senão uma virtude rara neste mundo cheio de ódios e perseguições : a bondade que tudo esquece e tudo perdoa.

Costumava dizer : — prestígio em política no Ceará é como gordura de cachorro : chega numa semana e desaparece na outra.

Frequentava mais a História e a Literatura do que o Direito.

Em Euclides tinha o seu autor predileto.

Raro o dia que da sua mesa não compartissem amigos.

Quando os mais chegados lhe reclamavam os excessos em detrimento da própria saúde, respondia : com restrições não vale a pena viver.

Raimundo de Monte Arrais, filho de Saboeiro, não tinha diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais e foi, não obstante, um grande conhecedor do Direito. Ao que se sabe, foi êle quem melhor comentou a Constituição do Rio Grande do Sul. Aludindo ao fato, Gomes de Matos afirmou : o Monte Arrais operou o maior milagre que ainda se viu : da carta de a-bê-cê passou, diretamente, para as culminâncias do Direito Constitucional.

A professora Maria Gonçalves da Rocha Leal, poliglota, disse
êla certa vez: Maria, tenho mêdo de você — Por quê, Dr. Gomes de
Matos? indaga, surpresa a mestra. Êle responde: se mulher com
uma língua é perigosa, avalie você dominando muitas.

Com Gomes de Matos e Mons. Quinderé — diz o professor Clo-
domir Girão — todos nós ríamos com êles, mas ninguém ria dêles.

E custa crer que tendo sido Gomes de Matos um homem de rua
“mas dos que não desce ao desprezo de si próprio e antes imprime na
vida da cidade gárrula animação aos que não encaram as coisas e os
atos humanos só pelo prisma das exigências externas ou demasiada-
mente pundonorosas” (Raimundo Girão) — haja se conformado, sem
uma queixa, sem uma imprecação, com a contingência de viver os
seus últimos tempos numa cadeira de rodas.

Era a bênção da sua humildade e da ternura maternal da esposa.

Grças a êle, o nome “Gomes de Matos” se constitui a carteira
de identidade, o cartão de visita da família, no Ceará.

Gomes de Matos continuará na memória dos que o conheceram
e na dos que ao longe de quarenta anos receberam os seus ensina-
mentos na Faculdade de Direito do Ceará. Êle foi dos que em vida
atingiram a plenitude de seu destino; dos que escreveram nas almas
e nos corações, inclusive como chefe de família e do clã que êle o foi.

Na caracterização dos indivíduos, os episódios valem mais do
que os elogios extensivos.

E feliz? — disse Rui — os que, pelos atos, a si mesmos se
estatuam.

* * *

O Professor Raimundo Gomes de Matos nasceu no Crato (Ce)
a 10 de outubro de 1885. Filho de Raimundo Gomes de Matos e
Claudiana Matos Leite. Em 1904, matriculou-se na Faculdade de Di-
reito do Ceará, tendo colado grau em 8 de dezembro de 1908. Em
1909 consorciou-se com dona Léa Pompeu Gomes de Matos, sobrinha
do Comendador Nogueira Acióli. Do enlace nasceram os seguintes fi-
lhos: Hidelbrando Pompeu Gomes de Matos, falecido em 1943 com
31 anos de idade; Maria de Lourdes Gomes de Matos, casada com o
General Antônio Hamilton Mourão; Dr. José Pompeu Gomes de Matos,
bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Curador de Órfãos e Au-
sentes, casado com dona Melânia Falcão Gomes de Matos, e Dr. To-
más Pompeu Gomes de Matos, bacharel em Direito, alto funcionário
do Banco do Brasil, casado com D. Maria de Jesus Ferreira Gomes
de Matos. Teve ainda José (o primogênito) falecido com menos de
dois anos de idade. Era irmão do jornalista Celso Gomes de Matos
e do filólogo Eduardo Gomes de Matos, autor de um trabalho sobre
a crase, que alcançou grande receptividade. Faleceu em Fortaleza a
10 de maio de 1968.

S O N H O S !

Sampaio de Alencar

*És a madrugada
que foste ontem,
que és hoje,
que serás amanhã!*

*Apenas,
modificada
no tempo e no espaço,
pela idade cronológica...*

*Madrugada
sem brilhos ofuscantes;
sem estrelas cadentes;
sem albores místicos;
sem névens toldantes!*

*És a madrugada
cheia de esperanças,
de vida,
de sabores,
de desilusão,
de desventuras,
mas, por todos,
desejada...*

*Porque guardas,
sem ostentações,
alguns restos
da palidez da lua
e algumas sobras
dos acórdãos
de um violão!*

*És a madrugada
que parou
na minha vida...
sem jamais
amanhecer!*

Recife, abril/70

CAPISTRANO DE ABREU

Até 1953, Capistrano de Abreu era um grande desconhecido. Desconhecido do povo e desconhecido, até, dos medianamente cultos. Foram as comemorações do 1.º centenário do seu nascimento, ocorrido a 23 de outubro de supracitado ano (sem embargo da notável contribuição da Sociedade Capistrano de Abreu, que o tiraram do olvido. Qual a causa desse desconhecimento? Por que uma figura tão singular quanto a de Capistrano de Abreu, com uma obra vasta e profunda a ser estudada e analisada, não despertava o interesse dos biógrafos?

Diz o professor Mozart Monteiro:

"O silêncio, quase completo, que envolveu, nas letras nacionais, durante um quarto de século, a vida e a obra de Capistrano de Abreu, há de ter várias causas: mas a principal, a meu juízo, era o sigilo que através de todo esse período, vinha cercando a sua vasta e preciosa correspondência epistolar com João Lúcio de Azevedo, que era ao tempo, o mais notável historiador de Portugal.

"Meses depois do falecimento do príncipe dos nossos historiadores, João Lúcio de Azevedo, num gesto magnífico, de reverência a memória do Amigo e de homenagem à cultura brasileira doou à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a coleção de cartas que Capistrano, nos últimos doze anos de sua

PEDRO GOMES DE MATOS

existência, isto é, de 1916 a 1927, lhe escrevera. Eram 267 missivas; um tesouro, um verdadeiro tesouro de fontes históricas para o estudo da vida e obra do Mestre.

"Passavam já cinco lustros, e esse rico epistolário continuava guardado, em segredo, na referida Biblioteca. Nenhum historiador, nacional ou estrangeiro, conseguira utilizá-lo.

"Entretanto, sem esse precioso conjunto de documentos, nenhum biógrafo, nenhum historiador digno deste nome, se aventuraria a escrever a Vida de Capistrano".

Na conferência que pronunciou no Instituto Histórico, comemorativa do centenário do Mestre, diz ainda o prof. Mozart Monteiro:

"Entre a morte de Capistrano e a passagem do seu centenário, transcorreu um quarto de século que foi, por coincidência, o período áureo da literatura biográfica moderna em todo o mundo, inclusive o Brasil; entretanto, não surgiu, nem podia surgir, a biografia do egrégio brasileiro. E não apareceu nem devia aparecer por falta de fontes necessárias".

A obrigatoriedade, oriunda de lei do Congresso Nacional (projeto do dep. Adahil Barreto), de comemorar-se, em todo o país, o centenário do seu nascimento fez com que a nova geração conhecesse Capis-

trano de Abreu. Ele foi dos que da planície alcançaram a glória. Mas através dela não se projetou, por culpa própria, ou melhor, por culpa do seu temperamento infenso à publicidade e às vaidades de qualquer natureza. Franciscamente, permaneceu na penumbra: de 1883, quando ingressou, por concurso, no Colégio Pedro II, até 1927 quando, de 17 de agosto, se finou no porão da Travessa Honcrina. Artigos e traduções publicava sem os assinar, trabalhos outros vinham a lume com um simples J. C., e, dois anos antes de morrer assinava-se — “João Ninguém”. Ao lado disso, um anedotário negativo envolvia-lhe a personalidade. O anedótico consagra ou derrota. As comemorações do centenário tiveram uma virtude: tornar conhecida a figura intelectual do autor de “Caminhos Antigos”. No Ceará, publicou-se um roteiro documental para a sua biografia, ali se vaticinando: “Capistrano terá necessariamente o seu biógrafo em futuro mais próximo ou mais remoto”; no Rio, publicou-se um ensaio bibliográfico (Hugo Viana); divulgou-se, afinal, em 3 volumes, a sua correspondência, e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi levado a efeito o Curso Capistrano de Abreu com a participação de conferencistas do porte de José Honório Rodrigues, Gustavo Barroso, Pedro Calmon e Barbosa Lima Sobrinho, entre outros. Depois disso, ninguém, de

um modo geral, poderia ignorar Capistrano de Abreu. Pelo menos ficou-se sabendo que Maranguape, no Ceará, dera ao Brasil um dos maiores intérpretes da história nacional. Somente isso. Falta-lhe o biógrafo. Era um desafio. Desafio que nem os mais bem dotados tinham coragem de enfrentar. Por ingreme, a escaldante metia medo. Não admira pois que, ainda agora, e honestamente, escreva José Aurélio Câmara.

“Descrever uma vida como a de Capistrano de Abreu, é enfrentar um seríssimo tropeço: o paradoxo que representa a humanidade do homem ante a majestade da obra; a timidez e a indiferença do operário face à audácia e à afirmação gramática do trabalho realizado.

“Na sua história, o homem diz pouco e a obra diz tudo.

“Ao contrário de Oscar Wilde, que dizia ter pôsto na vida o seu gênio e na obra o talento, Capistrano pôs nesta tóda a genialidade e naquela não chegou a pôr, sequer, o talento.

“O estudo da sua obra é tarefa monumental, capaz de proporcionar argumento para muitos capítulos de análise social e investigação histórica e etnográfica, sendo, como é, um fecho luminoso e potente que projeta luz sobre recantos pouco lembrados e menos conhecidos da evolução nacional.

“O que nos legou, é bem verdade, não representa tudo o que poderia ter deixado, mas o que fi-

cou é definitivo, é fundamental e vale como um veio de rico minério capaz de fornecer imensa riqueza para o estudo e interpretação da história brasileira.

“Não se pode julgá-lo apenas pelo que deixou, embora isso, já represente muito. De Capistrano se poderia dizer o que éle próprio dissera de Rocha Lima, o companheiro querido dos prêmios intelectuais da juventude: “Suas obras só de modo incompleto dizem o que era o seu autor”.

Nada mais verdadeiro.

“Se, como entende Sindney Lee, o objetivo da biografia moderna é a transmissão verídica de uma personalidade; se, como observa Harold Nicolson, a ciência biográfica exige, não somente os fatos, mas todos os fatos interessantes de uma vida; se, como diz Taine, basta um traço para formar uma figura geométrica mas são preci-

sos mil para formar uma figura humana; se, como me parece, o escopo da biografia é realizar, no mundo das letras, a ressurreição científica e artística de uma vida humana (quanto à pesquisa dos fatos; artística, quanto à maneira de os coordenar e narrar); se a Biografia é, em suma, a História de um homem com a complexidade e a mobilidade que caracterizam a personalidade humana à luz da ciência contemporânea, — claro está que não deve ser obra de arte, nem meio de expressão e sim trabalho histórico e, por conseguinte, científico”. (Mozart Monteiro).

Foi com esse critério — histórico e científico — que José Aurélio Saraiva Câmara elaborou a sua tentativa biobibliográfica — “CAPISTRANO DE ABREU”. Prêmio Otávio Tarquino de Sousa, da Editora José Olympio.

MEUS FILHOS

DANDINHA VILAR

PEDAÇOS DO MEU SÊR QUE TANTO PREZO,
POR QUEM VIVO, A QUEM AMO E POR QUEM CHORO.
ROSÁRIO DE MINH'ALMA AONDE EU RESO
UMA PRECE DE AMOR POR QUEM ADORO.

RETALHOS DE MINH'ALMA ENTRISTECIDA
QUE É FELIZ PORQUE SOFRE E PORQUE AMA;
QUE AO SEU LADO SE SENTE ENALTECIDA
E ENALTECE O AMOR QUE LHES PROCLAMA.

SÃO IGUAIS, TODOS VIVEM NO MEU PEITO.
TODOS BRILHAM NO PRANTO DOS MEUS OLHOS.
E AO MEU AMOR LHES DOU IGUAL DIREITO.

SE, JUNTOS, LHES DEDICO IGUAL DEIDADE,
ATRAVÉS DAS DISTÂNCIAS NOS ABROLHOS,
MEUS SUSPIROS LHES SÃO DE IGUAL SAUDADE.

Breve Poema para a Morena de Graúdos Olhos...

ZÉYPSILONE

Deixa que te diga,
ó morena de graúdos olhos
que me chamo Francisco,
mesmo na intimidade.
Cinquenta anos tenho bem vividos,
sei ler e escrever
e escravo sou dos teus olhos
e do Assis Chateaubriand.

Sou branco, não tão claro quanto imagino sejam teus seios
que convidam para o pecado
imediatO e sem perdão...

Católico era também,
mas logo que te vi
renunciei a minha religião,
convertendo-me à de teus olhos
pois somente eles me farão dobrar os loelhos,
de hoje em diante
e fazer penitências
e jejuns obrigatórios.

Aqui estou me confessando a ti,
te dizendo que em casa falo somente o português
mesmo porque outra língua qualquer
não sei falar
nem mesmo aquela que nos fala da alheia vida...

Moro aqui mesmo, filha minha,
mas a uma palavra tua
me mudarei
nos mudaremos para a casinha pequenina
com coqueirinho ao lado
lá no Pirambu
que não desmoronará jamais,
porque teus olhos,
teus cabelos,
teu corpo
são os mais fortes e inabaláveis aliterces do amor...

Sou jornalista, escrevo notícias sociais
e necrológicos,
notas de guerra e de alegrias,
porém se o quizeres,
se desejar
teu temperamento inquieto e aventureiro
serei gangster de metralhadora e irei,
ó deliciosa morena de graúdos olhos,
fantasiado de gaucho, ateu e solene,
adorar o próprio Papa na peregrinação à Fátima.

Casado sou,
mas que importa ?
Cometerei o terceiro crime da mála
ou o segundo do poço
para que vivamos tranquilos e sôzinhos
pelos séculos afóra
que mais forte do que a morte
também nosso amor será...

A IGREJA E A POBREZA

Pe Antônio de Alcântara

Não devemos confundir Igreja pobre com Igreja dos pobres. A Igreja irmã da pobreza e mãe dos pobres.

A pobreza foi o leito de Cristo, a sua túnica em vida e sua mortalha na morte.

Os tempos mudam e temos de pagar tributo à contingência dos séres. Outrora a coisa não era como agora. Outrora não tínhamos os problemas que temos hoje. A sociedade era outra. A população da terra era outra. Os recursos também eram outros. Não se falava, então, em problemas sociais, porque, de fato, não os havia.

Agora o mundo deu um giro. A Igreja despertou para a realidade do nosso tempo. Seus olhos se abriram para o problema da superpopulação, do desenvolvimento, da fome por que passa cerca de 3/4 do mundo.

Quem estuda o Nordeste descobre que ele é uma região subdesenvolvida, faminta e pobre. Falar aqui em Igreja pobre, ou querer que ela seja mais pobre aqui, é oferecer-lhe a tanga da miséria.

A mística de uma Igreja pobre, com esta ênfase que certa gente lhe dá, sofrerá o desmentido da sua pregação na dureza dos fatos. Esta dureza revela muita contradição, pois vejo bispos, padres, apelando para a Alemanha, no sen-

tido de lhes mandar transporte, dinheiro para maternidades, para ambulatórios, etc. Pedem mais: pedem recursos para a formação de seminaristas pobres. E sabemos vir de lá ajuda substancial para a previdência nacional do Clero (IPREC). E quando aquela Alemanha generosa manda mais do que lhe pedem, nada sobra e nada lhe devolvem.

Sóam as trombetas da demagogia anunciado a necessidade de uma Igreja pobre. Essa pregação é ociosa, porque temos, de fato, uma Igreja pobre sem querer. Mas não compreendo a incoerência deste anúncio. Querer ser pobre pelo gosto de pedir?

Certos recursos, ou são mal aplicados, ou o ladrão vem e rouba...

Os subúrbios das nossas cidades são miseráveis. Aqui apelidados de "areias", ali de "mangues", acolá, como no Rio, de "favelas". São nomes humilhantes.

O padre que fór para o melo desses pobres com as mãos vazias, perde o seu tempo e o seu latim. De fato. Se mando um comer sem lhe dar pão, si mendo outro vestir-se sem lhe dar roupa, — si pretendo estimular outro ao trabalho sem cuidar que lhe seja pago o justo salário, — estou sendo ridículo.

Precisamos de dinheiro, para ga-

nhamos o reino do Céu, fazendo caridade, promovendo nosso irmão pobre, espalhando o riso do conforto enxugando as lágrimas da fome.

“A união faz a força”, não resta dúvida. Mas uma soma de trapos dá um montão de rodilhas. Quanto mais somamos pobres, maior será a miséria. E no meio dessa miséria, como posso abrasar corações, deixando estômagos vazios? E para terminar o que digo, citarei as palavras de Paulo VI, na “Populorum Progressio”: — “Fiel ao ensino e exemplo de seu divino Fundador, que dava como sinal da sua missão, a Boa Nova aos pobres, (lc. 7,22), a Igreja nunca decurrou a promoção humana dos povos, aos quais levava a fé em Cristo. Os seus missionários construíram, não só Igrejas,

mas também escolas e universidades” (Ib. n.º 12).

Construir escolas e universidades quer dizer dinheiro. O problema econômico acompanhou sempre a evangelização dos povos, e desta verdade falam as gloriosas campanhas missionárias, promovidas pela Igreja do Brasil, no mês de outubro.

De fato, Cristo pregou a um auditório faminto, mas, depois do sermão, multiplicou os pães.

Desgraçados de nós, quando depois do sermão, não temos sequer uma côdea de pão para os famintos.

A semente só germina quando cai em terra fértil e estômagos vazios não é terra fértil. Estamos familiarizados com o aforisma:

—“Saco seco não se põe em pé”.

A S M Ã O S

DANDINHA VILAR

MÃOS QUE TRAÇAM DESTINOS, MÃOS QUE ESCRÈVEM...
MÃOS QUE CAVAM A TERRA, MÃOS QUE PLANTAM.
MÃOS QUE CONSTROEM. MÃOS QUE DÃO, QUE PEDEM,
MÃOS QUE CURAM A DÓR, QUE A DÓR SUPLANTAM!

MÃOS QUE FEREM, QUE MATAM, QUE APEDREJAM!
MÃOS QUE CONDENAM, MÃOS QUE AMALDIÇÓAM!
MÃOS QUE EM PRECE SE UNEM E AO CÉU SE ADEJAM,
MÃOS QUE DEFENDEM, MÃOS QUE O MAL PERDÓAM.

MÃOS QUE EMBALAM E QUE TRAZEM DOCE ALENTO...
MÃOS QUE BRINCAM. QUE EDUCAM. QUE SE ENLAÇAM
E UM ROSÁRIO DESFIAM COM RESPEITO...

E NO FIM DA JORNADA, EM DESALENTO,
MÃOS QUE PARAM NA VIDA E QUE SE ABRAÇAM
PARA SEMPRE, CRUZADAS SÔBRE O PEITO.

FESTEJOS JUNINOS NO RECIFE

Apesar do acelerado crescimento do Recife, os folguedos do ciclo junino vêm mantendo as suas características tradicionais. Embora empurrados para a periferia, os seus aspectos essenciais, fato que não ocorre talvez, em muitas cidades do Brasil, onde o crescimento urbano, a modernização, vem eliminando inúmeros folguedos folclóricos.

No Recife, os festejos de junho não são superados nem pelas festas do carnaval. E note-se que o nosso é considerado o melhor carnaval do mundo. Mas acontece com os folguedos juninos um fenômeno: todo o povo participa, tanto dos festejos profanos como dos religiosos, o que não acontece com o carnaval, festa profana por excelência. A participação popular é completa: há novenas e trezenas tanto nas igrejas e lugares próprios de oração como em residências, promovidos pelos donos das casas que as realizam, ou pelos moradores de determinadas ruas ou subúrbios; há o aspecto da culinária, que no mês de junho é particularíssima: tudo à base de milho e massa de mandioca (canjica, milho verde cozido e assado, pé-de-moleque, pamonha, etc.); isso sem se esquecer dos folguedos próprios — côcos, cirandas, quadrilhas — e os inevitáveis fogos de artifícios, o pipocar das bombas e traques, as

JOÃO SANTIAGO

fogueiras e os balões que enfeitam as noites juninas do Recife.

Mesmo as ruas apresentam um aspecto mais festivo, mais barulhento. O comércio modifica sua feição comum de todos os dias, enfeita-se de fitas e côres berrantes para as festas de São João, aparecem as barracas de fogos e até o movimento das Lojas e Casas de artigos que nada têm com o São João, modifica-se, cresce e recrudescem...

Santo Antônio, São João e São Pedro, nos subúrbios — mesmo os mais próximos, são festejados como manda o figurino — fogueiras, fogos e, apesar das restrições, balões.

Não deixa de ser estranha essa conservação dos folguedos populares Juninos, em seu estado quase puro, numa urbe como o Recife, de crescimento vertiginoso. Mas o fenômeno é perfeitamente explicável: O Poder Público Municipal, tem participação ativa no incentivo a essa conservação. Patrocinando — primeiro sozinho e agora com a colaboração da Empresa Metropolitana de Turismo e algumas entidades particulares como a Comissão Pernambucana de Folclore — festejo nos mais diversos pontos da cidade, a Municipalidade impede que esse aspecto do nosso folclore sofra mo-

dificações violentas ou venha a desaparecer súbitamente.

Em 1968, por exemplo: além dos tradicionais festejos promovidos pela Prefeitura do Recife no Sítio Trindade, efetivou-se uma outra promoção, a cargo do Diário de Pernambuco, em colaboração com a Empresa Metropolitana de Turismo, sendo organizado um "Arraial da Pracinha", com o concurso de conjuntos folclóricos, de cirandas, côcos, bandinhas e outros elementos — todos trazidos do seu habitat natural, em estado de pureza, sendo-lhes conferidos prêmios.

A mais famosa promoção junina do Recife, entretanto, é realizada no Sítio Trindade, considerado o Centro Folclórico do Recife, onde se apresentam anualmente os mais diversos tipos e conjuntos. E o povo acorre dos lugares mais longínquos — da cidade — do Estado e até de outras unidades da Federação — para assistir êstes festejos: os bacamarteiros, as quadrilhas (do Cajueiro, Vasco da Gama, da Mustardinha, Centros Educativos de Areias, de Dois Unidos, do Córrego do Butijão); a Bandinha do Zé Bartolomeu e seus Jagunços; Carlos Diniz e sua Gente.

Há as "Bandeiras" dos devotos dos santos de junho. Dona Maria Edvigenes dos Santos, de Agua Fria, realiza anualmente uma festa dedicada a Sto. Antônio com "bandeiras" trezenas, rezas e todo ritual tradicional. Outra "ban-

deira" é de Dona Mãe Lidia no alto do Bomfim, em Beberibe — isto para citar as mais famosas e habituais.

O Sítio Trindade, como ser o maior ponto de atração dos festejos Juninos, no Recife, nem por isso reduz os festejos em tôdas as residências: os que moram mais afastados do centro da cidade procuram empilhar madeira para fazer suas fogueiras, os fogos de artificios são vistos e ouvidos desde muito antes do São João e até muito depois do São Pedro.

É de se louvar o interesse do Poder Público Municipal recifense pelo folclore da cidade do Recife, procurando preservá-lo estimulando os grupos e conjuntos, tornando-os conhecidos dentro e fora do Estado de Pernambuco. Porque, não resta dúvida, tais folguedos pelo menos os que se realizam no Sítio Trindade — já se constituem por si mesmo, uma atração turística para o Recife.

Senador Wilson Gonçalves

Durante o período que tem exercido a representação do Ceará, no Senado Federal, sempre com brilhantismo e ocupando as comissões de maior relevo, o Senador Wilson Gonçalves foi verdadeiro parlamentar, constituindo-se orgulho da terra caririense. Foi êle quem sustentou com suas subvenções, a vida cultural de nossa entidade, especialmente a tiragem anual de ITAYTERA, que é revista que pode equiparar-se com as melhores do norte do país.

Espetáculo condenado a desaparecer

Os campos gerais, nos sertões criadores nos Inhamuns e do Piauí, não tardarão a desaparecer. As cercas de arame farpado, de pau a pique de varas, os valados tendem a eliminá-los e com eles os vaqueiros perdem a sua missão de velhos campeadores.

Outro dia, em alpendrada de casa sertaneja, tive a feliz oportunidade de conversar, longamente, com o vaqueiro Antônio Valentim Alencar, chamado com o apelido familiar de SITUBA. Nada tem com o topônimo português de Setubal. É homem maduro, esbelto, desempenado, de cor escura, mas de fisionomia de branco. Entende de tudo que se refere a qualquer fazenda de gado. Sabe trabalhar em couro e conserta, com aprumo, selas e cangalhas. Já tomou parte em diversas vaquejadas, especialmente na PEGA-DE-BOI-BRABO.

Sua conversação animada, acompanhada de gesticulação, naquela noite fria de Julho, na alpendrada da casa da fazenda Mulungu, de Dr. Araripe, foi em torno daquela função que ainda se constitui a atração máxima da redondeza.

Situba não é perito exclusivamente em coisas ligadas à vida

do vaqueiro, que ele conhece desde a meninice. Sabe que sua profissão entrou em decadência com as cercas que se multiplicam. É também bom ajudante de carro, maneja a enxada e a foice, com perícia.

A PEGA-DE-BOI-BRABO para ele é espécie de mutirão, ou adjunto como chamamos no Cariri cearense. É muito diferente do simples esporte denominado VAQUEJADA, promovido anualmente em muitas cidades, enraizada no sertão criador, onde até doutores e sacerdotes podem exhibir-se. Tentarei resumir a palestra viva de Situba para dar a impressão, mais ou menos exata, daquela competição que se passa no interior da caatinga bruta, praticamente sem testemunhas de vista. O embate é arriscado e quem consegue derrubar o boi brabo, pelo cedenho, pode considerar-se dos melhores vaqueiros da redondeza e muitas vezes recebe a consagração dos verzejadores populares. Não é cerimônia esportiva, à maneira da VAQUEJADA comum. Torna-se um tanto ou quanto misteriosa. O dia é determinado previamente e o local do esconderijo do BICHO passa a ser apontado, quase como palpito. Cada vaqueiro afamado

dirige-se secretamente para o lugar onde deverá atuar. Naturalmente, faz suas pesquisas anteriores, à moda detetivesca, com o máximo de cautela.

Cada competidor é rival do outro. Não há o menor entendimento entre eles. Deve o campeador empregar toda a astúcia em desvendar o esconderijo do boi, seus pastos e o bebedouro. Uma vez desvendado, empregar toda a técnica a fim de derrubá-lo, sozinho.

O BOI-BRABO, naquelas paragens, tem o nome de ORIUDO (de orelha). Alguns dias após o nascimento, torna-se arredio. Ao ser beneficiado, castrado, foge do convívio dos outros e tem horror à espécie humana. Cria-se em pleno mato, afastado, comendo e bebendo em lugares diferentes do gado comum.

Os BOIS VELHACOS, os que se deixam pegar, recebem a denominação de ENDIABRADOS, têm CABOGE e viram BICHO, isso tudo no linguajar da vaquerama. Quando é ENCABOJADO o vaqueiro que emprega todos os artifícios para pegá-lo, diz para justificar-se do processo:

— O diabo virou veado e o chão se abriu com ele a dentro. Situba nunca viu tal coisa, em sua acidentada vida de vaqueiro.

Tem êle série de vitórias alcançadas entre o Piauí, Pernambuco e Ceará, nestas afamadas pegas de barbatões, tão decantadas antigamente, como acontecer com o Rebicho da Geralda ou o

Boi Eargado.

LISÃO foi boi de fama, na serra do Retronco, de propriedade de José Temóteo. Durante três anos, desafiou os vaqueiros mais afamados da terra. Ninguém conseguiu vencer o boi LISÃO. No quarto ano, houve outra chamada geral da vaquerama. Situba aceitou o desafio com outros 11 companheiros.

Na véspera do grande feito, deu ração mais alertada ao seu cavalo PAPAGAIO, reforçou os arreios e encheu os albornais com farinha, rapadura, carne assada. Saiu para o embate, em noite escura. De antemão, preparara seu roteiro, pelo rasto do bicho e informações veladas. Após lances épicos e sem encontrar nenhum companheiro, derrubou o celeberrimo boi pelo cedenho. Foi fácil a vitória.

Em Campos Sales, na fazenda do cratense Pedro Macário de Brito, embora em terreno que lhe era familiar, passou oito dias para descobrir e abater o boi da GIA. 6 vaqueiros tomaram parte na caça e o pobre animal, apesar de sua valentia, foi estupidamente vendido para o humilde açougue de Salitre.

LAEIRINTO, boi afamado, nunca foi vencido pela pericia humana. Desafiou céus e terras. A fome e a sede, em consequência da seca de 1932, entregaram-no, alquebrado, inerte aos braços de Situba. Na procura de Labirinto, o vaqueiro pegou viado vivo que vendeu a Cazuza Araújo, morador na

fazenda Várzea do Açude.

Naquelas façanhas, expondo a vida de quando em quando, mal alimentado, quase em vigília permanente, nunca lhe pagaram um tostão sequer. Tudo foi de graça, por esporte, como chamamos na cidade. Não chama exclusivamente para si todo o êxito do triunfo. Ao cavalo que deve ter a habilidade de derrubar o boi em plena arrancada, dá lugar proeminente no titânico embate das caatingas. Na disparada pelo mato brabo, há espinhos, buracos, galhos de pau e entrançado de cipós. O vaqueiro fica apenas com a mão direita livre para alcançar o rabo do boi. Este é comumente derrubado pela hábil manobra do cavalo de campo, bem ensinado.

Ao perguntar-lhe pelas boas qualidades de um cavalo de campo, respondeu-me sem titubear:

— Sê ruço, ou castanho escuro, preto, tê fôlego bom, resistência e habilidade.

— E quanto custa hoje um bicho assim? — acrescentei-lhe:

— Duzentos contos.

Isso foi há três anos. De lá para cá as coisas subiram muito e a inflação também penetra, de riço, pelas caatingas.

Os arreios de um cavalo campeador constam de CABEÇADA, (sem bridão), esteira, sela, chamada de vaqueiro e cabresto baixo, que se deita por cima do pescoço do animal.

Os COUROS, naquela zona, são meios complicados. O GIBÃO é a

couraça protetora e lembra toscamente a indumentária dos primeiros povoadores do Brasil, vindos de Portugal. O chapéu de couro é quebrado na frente, a fim de proteger orelhas e pescoço. Situba sempre a sorrir, disse galhofeiro:

— Se a gente botá aquele chapusinho na crôa da cabeça de Luís Gonzaga, tocadô de sanfona arranca as orelhas ou corta o pescoço no mato.

O guarda-peito, o gibão, as luvas, perneiras e chicote todos são de couro cortido. A melhor espoura não é comprada fora e sim a fabricada pelos ferreiros da terra. Recebe a denominação de ESPOURA DE FERREIRO. Sua roseta é pequena. Ao vaqueiro que campeia é indispensável faca de ponta, sempre metida na perneira. As melhores são da cidade cearense de Jardim. A perneira enrolada com o sapato inteiriço, inovação recente, é prejudicial a quem usa por dificultar a circulação e produzir edema nos pés. PERNEIRA PUXA é a mais comum naquelas paragens. Naquele ano, o equipamento do cavalo e do vaqueiro custava quinhentos cruzeiros novos, ou quinhentos contos. O mil réis no linguajar ainda não foi totalmente substituído pela moéda, agora circulante no país. Hoje deve custar os olhos da cara e só os patrões podem adquiri-lo. Também não tardará a desaparecer do cenário sertanejo, passando a ser peça de museu regional.

N Ã O S O U P O E T A

Pe. ANTÔNIO FEITOSA

Ao inspirado poeta Joaquim Caliope, retribuindo-lhe o soneto que começa com o verso "Não é poeta o Monsenhor Feitosa".

É COM TÔDA RAZÃO, PREZADO AMIGO,
QUE ME ASSEVERA QUE NÃO SOU POETA;
POIS VEJA LÁ O QUE SE DEU COMIGO:
QUANDO QUIS FAZER VERSOS, FUI PATETA.

PEDI ÀS MUSAS DO PARNASO ABRIGO,
ROGUEI, MAS A RECUSA FOI COMPLETA.
ALÉM DO MAIS, ME DERAM POR CASTIGO
NUNCA ACERTAR NA RIMA BEM CORRETA.

NÃO RECUEI, CONTUDO, ANTE O FRACASSO;
TOMEI A PENA E DISSE: AGORA EU FAÇO...
UM POEMA INSPIRADO E BEM CONCISO!

PORÉM O PROFESSOR QUE LEU A PEÇA
ME RESPONDEU IRADO: "ORA ESSA...
DEIXA DISTO, MENINO, E TEM JUÍZO!"

N Ã O É P O E T A ? ...

Ao Mons. Feitosa, logo abaixo do seu soneto
"NÃO SOU POETA" e com a mesma rima.

É ESTE O PADRE QUE NÃO É POETA,
O QUE NO VERSO RECEBEU CASTIGO
E EM TENTAR FAZE-LO FOI PATETA,
NÃO ENCONTRANDO NO PARNASO ABRIGO?...

NÃO DIGA ISTO, MEU ILUSTRE AMIGO;
A SUA POESIA É TÃO COMPLETA;
FALO CONTRÁRIO DA QUE VEM COMIGO
ELA É, ALÉM DE TUDO, MAIS CORRETA.

SE NA ESTREIA ALGUÉM VIU FRACASSO,
DEPOIS QUE O ESTREIANTE DISSE "EU FAÇO",
TUDO SE COMPLETOU E FOI CONCISO.

SOU EU QUEM DIGO AGORA: "ORA ESSA"...
FOI EU QUEM PROVOCOU A MELHOR PEÇA
DO POETA E PADRE DO MELHOR JUÍZO!

CRATO, 18.7.70

J. CALIOPE

Dr. Reinaldo Carleial

Fortaleza, 2 de junho de 1969.

Ilustre Prof. José Alves de Figueiredo Filho

Saudações

Aplaudo inicialmente as suas atividades intelectuais, que têm por centro de irradiação a sua nobre cidade do Crato, e das quais resulta importante obra de divulgação da terra e do homem caririenses.

Nos setores da instrução, no campo das instituições culturais, como o I. C. C. e a revista ITAYTERA, nos estudos históricos e pesquisas folclóricas, na ficção, seus trabalhos projetram-lhe o nome muito além das fraldas serranas do berço natal e ei-lo agora, com assento na Academia Cearense de Letras, escritor de âmbito nacional.

Perante homem de letras assim credenciado, venho hoje, sensibilizado, apresentar o reconhecimento de minha família pelas notas, que tem publicado, enaltecendo a memória de meu querido e inolvidável pai, José Bernardino Carvalho Leite, em cuja vida, evocada com o carinho de velha e sincera amizade, J. de Figueiredo Filho procura sempre assinalar um exemplo de idealismo.

A existência de meu pai, nascido a 20 de maio de 1871 e falecido no dia 6 de março deste ano, foi, com efeito, uma luta constante em prol das boas causas em sua cidade e na região. Em 14 de maio de 1889, esse outro notável barbalhense, que foi José de Sá Barreto Sampaio, teve a feliz idéia de fundar o "GABINETE DE LEITURA". José Bernardino, com dezoito anos, naquela época, logo se associou a essa agremiação literária, vindo a prestar-lhe relevante serviço, dada a sua reconhecida capacidade de trabalho e inteligência. Em breve era eleito 1.º Secretário. Sobre a atuação de José Bernardino, em sua passagem na benemérita instituição de Zuca Sampaio, sirvo-me das palavras de Alfredo Corrêa de Oliveira, ex-prefeito municipal de Barbalha, em sua brochura, intitulada JOSÉ BERNARDINO, UM PIONEIRO, pág. 7:

“Percebeu bem que as letras estavam prosperando com o Gabinete de leitura, mas as artes continuavam no mesmo atrazo. Não havia música, e, quando ocorriam grandes festas, era convidada a orquestra do Crato. Não havia cenários fixos, e, quando apareciam as pequenas companhias dramáticas, improvisavam-se palcos no salão da Câmara Municipal, pondo-se tábuas por cima de barricadas vasias e tudo era desfeito ao terminar a representação. Na sua inteligência encontrou Bernardino uma solução para o problema. Criou uma agremiação denominada “PROGRESSO ARTÍSTICO - LITERÁRIO”, fazendo os seus Estatutos, angariando jovens sócios que revelavam gosto artístico. Esta sociedade cresceu e prosperou à sombra do “Gabinete de Leitura”, sem choques de interesse e com tanta intimidade que não tardou em receber como sócio o próprio Presidente do Gabinete. Consolidado o “PROGRESSO ARTÍSTICO”, Bernardino arranhou com os associados empréstimos de certo capital para a aquisição de instrumentos musicais e, em seguida, foi a Fortaleza e conseguiu do diretor de música do Batalhão de Polícia todos os instrumentos para a formação de uma banda completa. Foi assim que a Barbalha possuiu a música bem organizada Santo Antônio.

Como não existia na cidade nenhum diretor musical, êle foi a Crato e contratou o melhor músico daquela cidade o Sr. Joaquim Alves, conhecido por mestre Quinco. Ao mesmo tempo, obteve permissão para levantar no salão de honra do Gabinete um cenário fixo para as representações teatrais.

Durante mais de meio século não faltou a Barbalha nem música nem teatro”.

* * *

A seguir, transcrevo uma ata da sociedade acima mencionada, que ficou sendo conhecida pelo título abreviado de “PROGRESSO”, transcrição esta incompleta, porque o papel está, como é natural, esborcinado e, em parte, apagado pelo tempo.

“XIII Sessão Ordinária em 11 de agosto de 1901
Presidência do Snr. Carvalho Leite.

A hora regimental no 5.º compartimento do Predio do Gabinete de Leitura faz-se a chamada dos sócios, a qual respondem os snrs. Carvalho Leite, Severino Du

arte, José Sampaio, Theophilo Sampaio, José Meira, Miguel Teixeira, Manoel Candido, Hermogenes Beserra José Queiroz, José Oliveira, Jcaquim Queiroz, Pedro Calcante, Cordeiro Filho, Raimundo Beserra, Martiniano Ferraz, Casimiro Beserra, Candido Lourenço, Ladislau Leite, João Corrêa, Antonio Corrêa, Pedro Duarte e Salustiano Grangeiro. Comparece também o ilustrado sr. Dr. Filgueiras Sampaio.

Ao harmonioso som da orquestra é aberta a sessão. É... discussão... aprovada a acta da anterior sessão. O socio n.º 6 faz uma breve leitura na história patria em continuação ao que fora lido na sessão precedente. A comissão musical apresenta a tabela dos preços da música, a qual é lida e depois de algumas considerações é aprovada; e informa a mesma comissão continuar regularmente o ensino musical; a Comissão dramatica informa levar hoje, a pedido, o mesmo drama que fora representado em 4 do vigente, para o qual pede a assistência dos snrs. consocios; a Litteraria representada pelo consocio Severino Duarte diz nada ter a informar. É admitto como socio o illustre sr. Dr. Antonio Filgueiras Sampaio, que dá de joia R\$ 2:000. Neste inter a musica toca uma linda peça mais uma vez mostrando a sua incansável dedicação.....

.....do pede a palavra o novo consocio sr. Dr. Filgueiras Sampaio que faz um vibrante discurso em assumptos concernentes ao "PROGRESSO". Fala depois o consocio Severino Duarte que pede, como membro da Com. litteraria, o thema da materia de que se deve occupar, ao que o Snr. presidente pede a opinião do sr. Dr. Filgas. Sampaio, e este responde dar uma decisão a respeito depois de algumas reflexões.

É eleito orador official do "PROGRESSO", o illustre Snr. Dr. Filgueiras Sampaio. O Snr. Presidente pede para que seja consignado na acta um voto de gratidão ao illustre patricio Santos Dumont que com seu elevado genio artistico tanto tem ennobrecido o nome brasileiro.

É paga a mensalidade mez pelos socios....., perfazendo com a joia acima mencionada um total de R\$ 8\$000 que é entregue ao Snr. thesoureiro.

Ao harmonioso som da orquestra é encerrada a sessão, mandando o Snr. presidente lavrar a presente

acta, que, eu, Salustiano Grangeiro de Luna, 1.º secretario a escrevi e será assignada pela mesa e mais socios que quizerem.

(Ass) José Bernardino C. Leite, Severino Duarte Grangeiro 2.º secretario, Secretario ad hoc. Manoel Monteiro, Candido José Lourenço, Ladislau Leite da Cruz, José de Oliveira e Silva, Joaquim Duarte Queiroz. Teophilo Sampaio.

* * *

Transcrevo, finalmente, a respeito do "PROGRESSO", uma carta do culto sacerdote e famoso orador, Padre Miguel Coelho.

"Jardim, 11 de Junho de 1901

Amigo Bernardino

Recebi as suas duas cartas e os livros. Não devo regatear louvores a quem, como você, não quer viver e não quer que os outros vivam **só do pão**. Achei bem concebido o seu plano. Posso até dizer que você dá prova de habil organizador. Há harmonia na estrutura do seu edificio. Andou inspirado o architecto. Obras taes, com estarem construidas, não se podem considerar seguras. Escapa muitas vezes á perspicacia do architecto um defeito no alicerce da obra, uma imperfeição nas colunas, e senão quando começa de estremecer o edificio e zaz! desmoronam-se colunas e se precipitam no chão architraves, friso e cornija, todo o tesouro artistico junto com cuidado, amassado o suor, concebido, planejado com longas vigílias. Não será a sorte do seu "PROGRESSO", ao mence não desejo que seja. O que eu quero inculcar com isso é a solicitude, a perseverança a tempera de aço que se requerem em quem fundou obra semelhante nesse meio, senão apathico, ainda não de todo penetrado da necessidade de desenvolver pelas letras e pelas artes todas as faculdades do homem na sua vida individual, familiar e social, conforme o conceito de Spencer".

* * *

E o padre M. Coelho concluia a sua carta com as seguintes palavras:

"Assim, pois, animo, sus!, brava gente. Não negarei ao seu "PROGRESSO" os meus esforços".

* * *

Sempre no convívio das letras, com o pensamento voltado para o desenvolvimento material, social e cultural de sua cidade e sua região, transcorreu a existência de José Bernardino Carvalho Leite.

Por isso, ao depor as armas de velho lidador, no ádito da Morte, em meio a consternação da família, foi muito confortadora a unânime manifestação de pesar de todos os que o conheciam. Fazendo referência a êsse nosso doloroso momento, na qualidade de amigo particular e de perta-voz da comunidade cariense, o ilustre escritor J. de Figueiredo Filho, em artigo publicado na "Gazeta de Notícias", de 11.5.69, proclamou que meu pai fôra em vida um contínuo exemplo de probidade e que a sua morte constituia uma perda irreparável para o Cariri.

Com profundo agradecimento, cordial e atenciosamente,

REINALDO CARLEIAL

Cooperativa de Crédito Caixeiral do Crato Ltda.

CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO B. C. B. n.º 316

REGISTRO DACOR n.º 9

END. TELEGRÁFICO: CEIXEIRAL

Capital Subscrito e Realizado. . . . Cr\$ 63.222,18

Reservas Cr\$ 23.480,08

RUA BÁRBARA DE ALENCAR

ESQUINA COM

RUA DR. JOÃO PESSOA

TELEFONE: 340

CRATO — CEARÁ

O Homem

Fui troglodita, com meu braço forte
Venci mares, florestas e montanhas;
Habitei em cavernas, entre feras,
Como os brutos, vivi no desconforto.
Procurando criar algum conforto,
De velhos troncos construí canoas.
Domestiquei animais e um belo dia
Lancei semente à dadivosa terra!
E a abundância nasceu, com as colheitas!
Abandonei as cavernas, fiz cabanas;
De um galho recurvado fiz um arado
Para lavrar a terra e ter mais frutos.
Um dia eu fiz uma carroça tosca
Que atrelei a um cavalo chucro,
E fiquei deslumbrado, que beleza!
A era dos transportes começava.
Trabalhei, trabalhei, pensando sempre
Em deixar algo bom aos descendentes.

E fui aperfeiçoando os meus inventos
Em busca do progresso a todo custo.
Construí maravilhas no passado:
As Pirâmides fiz, perto do Cairo,
Na linda Helicarnaso, o Mausoléu,
Em Éfeso, o Templo de Diana,
Na Babilônia, os Jardins Suspensos;
Fiz a Estátua de Jupiter Olímpico,
O Colosso de Rodes — deus Apolo;
Em Pharos, o Farol de Alexandria!
Na voz de Homero, Dante e Shakespeare,
Castro Alves, Camões e tantos bardos,
Cantei meus feitos, aventuras, glórias,
Deixei na história meu passado nobre.
Na música, fui Wagner, Beethoven,
E fui Schubert, Strauss e muitos astros
Na pintura, fui Vinci, fui Rembrandit,
Miguel Ângelo fui nas esculturas.

G. Lobo

Na Ciência, Aristóteles e Fleming,
Einstein, Pasteur e fui Curie,
Na aviação, eu fui Santos Dumont,
Estadista — Fui Lincoln, fui Churchill
Depois eu fiz motores poderosos;
Hoje, aquelas canoas, são navios,
São possantes Cargueiros, são Iates
E suntuosos, lindos Transatlânticos
Aquêlo galho recurvado, tôrto;
Hoje é charrua, hoje é potente arado
E aquela choça primitiva e tosca
Hoje é linda mansão, rico palácio.
Aquêlo carroção, desajeitado,
É belíssimo e rápido automóvel,
É caminhão gigante, é trem ligeiro,
É nave supersônica nos céus!
E para transmitir minhas notícias,
Primeiro o mensageiro destro e forte.

A seguir o telégrafo e depois
A grande maravilha, o Telefone,
E maravilhas outras, como o Rádio,
Televisão, Cinema! E construí
Belas cidades e imponentes obras!...
E penetrei na era espacial.
De todos os meus feitos eu me ufano
De todos os progressos me glorió,
Menos um, que deploro, que é anátema:
— A miserável arte de matar.
Antigamente a guerra era bravura,
Hoje é mortício, inglório e bruto:
O átomo devia ser de paz,
Tende a ser assassino universal!
É preciso, meu Deus, muita prudência
Para empregar as artes, as ciências
Sòmente para o bem da humanidade.
Acabemos a guerra, a crueldade.

F. C. Pierre & Filhos

ELÉTRO - DOMÉSTICO, MÓVEIS

PEÇAS E ACCESSÓRIOS PARA BICICLETAS

TELEGRAMA: "PEÇAS"

TELEFONE: 232

RUA SANTOS DUMONT, 60

CRATO — CEARÁ

Antônio Almino de Lima

DEPOSITÁRIO E DISTRIBUIDOR DA
ESSO BRASILEIRA DE PETROLEO S. A.

Venda de Combustíveis por Atacado para várias Regiões

Vende PNEUS pelos melhores Preços da Região

MANTÉM 5 POSTOS

Atendendo melhor aos Motoristas e aos Proprietários !

SEND O 3 E M C R A T O

POSTO "ESSO" — EM ARARIPE — CEARÁ

POSTO "IDEAL" — EM BARRO — CEARÁ

MATRIZ: RUA ALMIRANTE ALEXANDRINO N.º 1.014

TELEFONE: 531 — CRATO — CEARÁ

Antroponímia Patriótica da Independência

Leio no Vultos do Império, de Hélio Viana, Coleção Brasileira, volume 319:

“Antroponímia patriótica da Independência — 1822/1824 — O nacionalismo dos brasileiros que em 1822/1824 lutaram pela dissolução do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em favor da organização do esperado e independente Império do Brasil, assumiu alguns aspectos ocasionais e ingênuos, como o do abandono de nomes que se supunham nitidamente lusitanos e sua troca por outros que se acreditavam fossem rigorosamente nativistas”.

Cita muitas figuras como “o trêfego alagoano Padre José Antônio Caldas”. Lembrando-se da Grécia passou o sacerdote a ser Cedros II numa das muitas socie-

dades secretas então funcionando na Córte. Francisco Pereira Lisboa mudou o nome para Francisco Caribé Morotova. E assim por diante, centenas de casos que seria enfadonho citar. Dom Nuno Eugênio de Lisboa e Seiblit, primeiro Presidente de Alagoas, nomeado em 20 de Outubro de 1823, pelo Augusto Filho de Dom João VI, governou esta então província de 1.º de julho de 1824 a 3 de maio de 1826. Era, no Apostolado, no Rio de Janeiro, Zanioloxis. Um Bacharel da boa terra trocou seu nome por outro bem “curtinho”. Benedito Próscolo Joviano de Almeida Aimbaré Militão de Souza Bariré Itaparica de Boré Fu Mi Ni Tucundura... Puxa! Seria demência, cretinice ou exibição ou-ra? Não sei. Com tal nome extravagante não se perderia o doutor baiano...

Sobre o Padre Caldas escreveu Craveiro Costa no livro Maceió, pág. 93:

“...José Antônio Caldas, deputado à Constituinte Brasileira, nacionalista extremado, sofrendo, no Rio, depois da dissolução do Parlamento, as consequências da sua imoderação política, na enxovia da fortaleza de Sta. Cruz, donde logrou evadir-se dramaticamente, para morrer, anos depois de repente, sem mais rever a terra natal, como Vigário de Itaboraí”.

Aqui outros patricios mudaram ou alteraram seus nomes. Antonio Firmiano Macedo Braga trocou Braga por Carioca, de certo por haver nascido no Rio de Janeiro. Sobre ele escreveu Viana no livro citado :

“O Capitão Antônio Firmiano Macedo Braga, Cavalleiro da Ordem de Cristo, morador nas Alagoas, fez saber que pelos barbaros e tirânicos males que a Nação Portuguesa lhe vñha causado, “desde o ano de 1817”, resolvera “desterrar de si e de toda sua familia os indignos nomes de Macedo e Braga”. Passou a ser Antônio Firmiano Brasileiro Carioca; seu filho Rodrigo, Rodrigo Antônio Brasileiro Maceió e as filhas Cândida Flora e Inocência com os atrescimos Maceió. E até sua sumaca “Constituição Liberal” passou a ser “Caipira de Maceió”...

Os filhos do exaltado patriota de certo nasceram sexta capital. A sumaca, ao que tudo indica, foi constituída num dos estaleiros improvisados em Pajuçara ou na ilha de Santa Rita, com madeiras de rossas matas e por operários alagoanos, como os dois barcos de guerra — corveta Maceió e briguesão Cristovão. A sumaca levava para o sul do país côco, farinha de mandioca, algodão, açúcar, ar-

roz, madeiras de construcão, regressando carregada com farinha de trigo, manteiga, tecidos, louças, calçados, azeite de baleia e outros artigos.

Para são serem confundidos com os odiados “pés de chumbo, galogos, marinheiros, calcanhar de frigideira” e esquecidos que eles eram seus pais, avós e bisavós, patricios entoxicados pelo nacionalismo mudaram de nome, surgindo, então, as familias Carnauba, Cansação, Gitirana, Jucá, Buriti, Oiticica, Jacarandá, Quixabeira, Urtiga, Coruripe, Cajueiro, Mangabeira, Paturi, Taboca, Pratiagi, Palmeira, Tubarão, Murici, Mororó, Pitanga Limoeiro, Gameleiras e outros.

Aqui residiram : Manoel Coqueiro, alfaiate; Pedro Diniz Macció, mestre da banda de musica da Policia; José da Silva Titara, deputado provincial; Antônio Jequitá Peroba, militar; Manoel Fabriciano Carneiro Tiririca, proprietario do Teatro Maceioense; Cantidiano Bandeira de Melo Cascavel, funcionario público; Manoel Gato Bravo; Samuel da Fonseca Barauna; Silvestre Pimenteira, tesoureiro da Alfândega; Antônio Lima Mulungú, da Guarda Nacional; Manoel Lima Pitombeira, Otávio Pau Ferro, funcionario municipal; Arthur Xexeu; Manoel Rodrigues Taquari; Major Orlando Sucupira do Exército; José Antônio Costa Imbuzeiro; Dr. Jacinto Mendonça Jaraguá, senhor de esgenho; Joaquim de Andrade

Outras Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

Nenhuma iniciativa foi recebida com tanto entusiasmo pelo sócios do I. C. C. do que essa do desdobramento da secção de letras e de ciências com patronos. O melhor de tudo é que não faltam patrocinadores dessas cadeiras em nosso pasado. Aviltam quer falecidos nesta terra ou caririenses que desapareceram, enchendo de luz e de benefícios outras paragens muitas vêzes se projetando pelo Brasil inteiro. A Cadeira de José Carvalho, escritor, teatrólogo, folclorista e até o primeiro libertador do Acre da invasão boliviana, será preenchida pelo seu parente e colaborador de ITAYTERA, das maiores vocações de parlamentar que já tivemos — Dr. Antônio de Alencar Araripe. Por sua vez na secção de ciência, o cábio Dr. Marcos Macêdo, piauiense, tão ligado ao Crato e ao

Ceará, patrocinará a cadeira a ser defendida pelo engenheiro conterrâneo Dr. Antônio Pinheiro Filho, atual diretor da conhecida e acaudada Escola de Minas de Ouro Preto e vulto de destaque do mundo científico do Ceará, com projeção no sul do país.

ILDEBRANDO SISNANDO

Começa a colaborar nesta revista o cratense, com residência em Fortaleza, há muitos anos, Ildebrando Sisnando. É filho do antigo tabelião Enoque Sisnando, já negociou em Crato, residiu no Rio e em Manaus e finalmente fixou-se na Capital cearense, morando com a família, no Hotel Fortaleza. Como poeta faz quadrinhas cuja beleza o leitor pode apreciar. É irmão de nosso veterano colaborador, do Rio, Jaime Sisnando.

Nordeste, Diretor da Cia. Trilhos Urbanos; Joaquim Bringel Melo Tempeiro; Manoel Benigno Camarão; Antônio Flor de Baraúna, Manoel Gregório Cajazeira; Justino Flôr do Mundaú; Américo da Costa Ouricuri; João Bagre, alfaiate; Maria Pimenta, hoteleira; Zulmira Brasileira Messias, Re-

gente do Asilo das Orfãs de Bebedouro; Josino Carapeba, militar

A propósito de Carapeba: em Casa Grande e Senzala, Gilberto Freyre reproduziu, junto à página 20, retrato de "Um Fonseca Galvão que por nativismo mudou o nome para Carapeba".

Maceió, fevereiro de 1970.

“O CEARENSE” de

Parsifal Barroso

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Há poucos anos, chegou-me em casa o suíço, da parte francesa — Jean Pierre Chabloz. Bem alto, robusto, expressando-se regularmente em português, muito simpático, apresentou-se a mim como autor de livro inédito sobre o Ceará, a ser publicado na língua de Molière. Veio pedir-me a contribuição para abordar êle o Cariri em seu estudo. Notou à primeira vista, muita diferença, não só quanto à natureza, como no homem entre o Vale Cariense e o norte da terra cearense. O fato lhe chocou bastante e julgou que a sua experiência de cinco anos em Fortaleza e proximidades, pouco lhe valia para esta zona. Crato, Barbalha, Juazeiro do Norte, este mesmo com seu fenômeno religioso, possuíam características à parte do resto do Estado.

Em poucas palavras, expliquei-lhe as origens de nosso povoamento e história. Firmamos também boa amizade que perdurou.

Poucos dias depois, recebi a visita de repórteres da “REVISTA 4 RODAS”, tão conhecida no meio rodoviário brasileiro. Pediam-me igualmente a mesma explicação,

na qualidade de minha vida tão intimamente ligada ao Cariri.

O Ceará, mesmo com sua unidade aparente e com o fator sêca que o identifica de sul a norte, possui zonas diversificadas, umas das outras. É difícil estudá-la, ou defini-la, de um todo.

Lí há pouco o tão esperado livro de um dos maiores vultos das letras, da filosofia e da política cearense — Parsifal Barroso, com o título “O CEARENSE” lançado em bela edição, no ano passado, pela Gráfica Record Editora, Rio.

A leitura me prendeu e procurei concluí-la logo. É um belo espírito o bom sobralense, mas senti alguma coisa nele que não estava completo e também que cometera algum pecado, filho desse louvável bairrismo de sua terra. Não o condeno por isso. Guardarei como preciosidade para consultas, no momento oportuno. Não foi decepção para mim. Parsifal não pode escrever livro mediocre. Repararei, a meu modo de cariense, uma sua injustiça. Na minha humildade, não faria isso com Sobral, cidade de minha admiração.

Enalteceu muito o papel de sua terra, no conjunto Ceará e esqueceu Crato. Aliás tal fato chamou a atenção do bom escritor Aires de Montalbo em bela crítica que escreveu sobre "O CEARENSE".

A cidade de Parsifal venceu a própria natureza áspera para criar civilização que honra o espírito de iniciativa inato do nordestino. Possui certa aristocracia com famílias que se irradiaram na política, no mundo intelectual, por aí fora. Deu capitães de negócios ao Rio ou a S. Paulo. Até certo ponto, dou razão a esse orgulho de Sobral que não lhe rouba o apreciável pendor para a hospitalidade mais franca. Forneceu ao Brasil, igualmente inteligências de primeira grandeza.

Deu o seu a seu dono. Por que não deu Parsifal, tão justo como é, o papel que Crato desempenhou e desempenha, no panorama cearense e mesmo nordestino embora não impregnado exteriormente de CEARENSISMO?

Encontramos natureza bonita e tivemos terras propícias à agricultura. Mas tivemos muitos empecilhos a vencer. Escravisamos-nos à monocultura canavieira e com dificuldade estamos a sair dessa obsessão. Nas terras úmidas há mais doenças de que nas secas. Sofremos também os efeitos da calamidade climática do Nordeste, direta ou indiretamente, pelo acúmulo de adventícios. Co-

mo Sobral também tivemos famílias que só derramaram pelo Brasil, com vultos ilustres a exemplo da Alencar e da Bezerra Monteiro.

Crato, com seus vizinhos, hoje municípios independentes, descreveu a mais bela epopéia de uma localidade interiorana, nas lutas de independência. Seu Seminário e o primeiro Bispo da Diocese modificaram o panorama desta zona, com a instrução aliada à sábia educação. E temos movimento cultural de chamar a atenção, com boas revistas, edição de livros e imprensa. Não damos capitães do comércio uma vez que fomos forjados na agricultura. Contribuímos até para a primeira libertação do Acre das mãos bolivianas. Quase todas as cidades do sul estão cheias de militares, médicos, bacharéis, dentistas, bancários e jornalistas de Crato ou de localidades a ela vinculadas. Participamos do movimento industrial e o nosso consumo de KW, atesta bem isso. Houve fracassos, mas outras fábricas sobreviveram, fundam-se novas, comprovando a vitalidade de seus filhos em todos os setores de atividade humana.

O livro de Parsifal é ótima contribuição para a cultura cearense. Nele há pesquisa e originalidade. Acima de tudo, ninguém o olhará com indiferentismo. É destinado a provocar discussões, a maior delas pendendo para o lado favorável ao Autor.

Crato, 19 de Julho de 1970.

O Patriarca

Major José do Vale

em Missão no Cariri

GOMES DE FREITAS

Nas constantes pesquisas sôbre história do Ceará, e especialmente dos Inhamuns, a que tenho dado a minha maior dedicação, já consultando os arquivos paroquiais, já compulsando a farta documentação do nosso Arquivo Público, me tenho deparado com preciosos documentos absolutamente inéditos, por isso que jamais foram divulgados.

Agora, por exemplo, no acêrvo do Arquivo Público, encontrei um documento da maior importância, revelador de um fato inédito da nossa história, o qual se refere à atuação de uma prestigiosa figura dos Inhamuns — o Major José do Vale Pedrosa (filho único do Capitão-mór dos Inhamuns, Coronel José Alves Feitosa, este, travô do Juiz Carlos Feitosa), e que faleceu no posto de Tenente Coronel da Guarda Nacional.

O documento em alusão refere que o Major José do Vale Pedrosa, com o Major Francisco Manuel

de Araújo Costa, no Comando de um dos Batalhões da Legião dos Inhamuns, que se constituia de mais de 700 homens (incluindo os elementos da Ribeira de Crateús, da responsabilidade do Major Francisco), no dia 23 de Maio de 1832, atacaram vigorosamente, no lugar Poço do Cavalo, Ribeira do Rio Cariús, as forças rebeldes de Pinto Madeira, rechaçando-as e pondo-as “em precipitada fuga deixando dezoito mortos”.

Nenhum dos nossos historiadores, até hoje, fêz referência a esse importante feito das armas dos meus conterrâneos auxiliados pelos crateúenses, embora muito se tenha falado e escrito sôbre a chamada GUERRA DO PINTO.

Devo aqui consignar que os filhos dos Inhamuns, em tôdas as campanhas, das quais participaram em prol da consolidação do nascente Império Brasileiro, sempre andaram emparceirados com os seus vizinhos de Crateús, os

quais, têm, como é sobejamente sabido, as suas raízes genealógicas vinculadas ao mesmo tronco.

Há ainda a salientar um por menor interessante. Um mês após a batalha do Poço do Cavallo, às vitoriosas tropas do oeste cearense foi cometida a missão de guardar a Vila do Crato.

A respeito do assunto, ao Pe. Antônio Pinto de Mendonça, Secretário do Governo do Ceará, o Presidente José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, em correspondência datada do Crato, de 25 de Junho de 1832, assim se expressou: "como não me convém deixar esta Vila ao dezamparo por ser um ponto importantíssimo, tenho ordenado nesta data aos Majores Francisco Melo de Araújo Costa e José do Valle Pedroza, que se achão com mais de 700 homens sustentando outros pontos, para marcharem imediatamente ocupar este ponto por ser foco dos mencionados insurgentes".

Linhas atrás, dissemos que a Legião dos Inhamuns sempre contou com a colaboração dos seus vizinhos crateúenses. Assim foi em 1823, quando marcharam lado a lado, para a GUERRA DO FIDÉ.

Neste sentido, há informações colhidas nos inéditos do Barão de Studart de que: "o Sargento-mor José do Valle Pedroza, prestando socorro, com a Tropa do seo Comandante se veo unir ao Exercito

que estava nas fronteiras..." (trecho de um officio do Coronel Joaquim de Sousa Martins, Comandante do 1.º Regimento de Cavalaria do Piauí).

Também o Presidente do Piauí certificou que o Major José do Valle Pedroza: "com a melhor conducta Civil e de Militar, e firme azeção á mesma Cauza, desempenhou todas as ordens que lhe foram dirigidas até que os inimigos encantonados no morro das Tabocas, se redenrão ás Tropas Imperiaes" (Dos Inéditos do Barão de Studart).

Em 1824, por ocasião do levante denominado Confederação do Equador, o mesmo Presidente do Piauí Cel. Manuel de Sousa Martins, isforma por officio ao Ministro de Estado dos Negócios do Império, João Severino Maciel da Costa que: "aproveitando a vantajosa ocasião que nos ofereceu os Inhamuns onde o Cel. João de Araújo Xaves e o Major José do Valle Pedroza, identificando-se connosco em sentimentos fizeram levantar o Pavilhão Erasileiro no dia 22 do mez passado para o que lhe prestei o auxilio das Tropas dos Caratiús, desta provincia, distrito que confina com aquelle e dahi marcharam para o Icó (Revista do Instituto do Ceará, 1925).

Outro documento, igualmente inédito, por mim encontrado nos alfarrábios do Arquivo Público, refere-se, com detalhes, à horrosa chacina perversamente pra-

ticada na antiga Vila de Sousa, na Paraíba, pelo sanhudo José Rotéia, o qual ali trucidou, friamente, tôdas as indefesas autoridades locais: o Promotor Público, o Capitão-mór da Vila, o Juiz de Paz, e mais outras pessoas, algumas, como aquelas de consideração social, escapando, apenas, os que ainda tiveram tempo de foragir-se.

O fato hediondo consta de uma representação dos Oficiais da Câmara da Vila de Sousa, datada de 8 de Julho de 1832, dirigida ao Presidente do Ceará, José Mariano de Albuquerque Cavalcânti, na qual aquêles Edis pintam, com tintas vigorosas, o quadro tenebroso que foi o truculento domínio daquele bárbaro, durante 22 longos dias que permaneceram naquela infelicitada comuna paraibana.

Um pormenor, igualmente triste, deve ser registrado. O Presidente da Província da Paraíba ficou, inexplicavelmente, "em cima do muro", na linguagem popular, isto é, indeciso diante das ocorrências de tanta gravidade, conforme denunciavam os Vereadores de Sousa, ao Presidente do Ceará sem se definir ou perseguir os criminosos, enquanto, de modo contrário, procederam as autoridades do Rio Grande do Norte seguindo o exemplo de outras Províncias do Nordeste, que, com decisão, fizeram marchar em perseguição de Pinto Madeira, e de

seus perversos aliados, as suas tropas aguerridas.

Reputo estes documentos de relevante importância para a nossa história.

NOTA: Há necessidade urgente de se fazer o levantamento dos trabalhos do patriota Major José do Vale Pedrosa prestados à causa do País, a exemplo do que ora realizou Gomes de Freitas, ilustrado membro do Instituto do Ceará, pois que essa benemérita figura da Colônia já começa a ser confundida com o famigerado cangaceiro José do Vale, de triste memória para as populações nordestinas ("Flor dos Romanços Trágicos", Luís da Câmara Cascudo, Editora do Autor, 1966, págs. 143 a 153), como se viu em artigos em "O POVO" de 23 de Abril de 1965, da lavra do venerando Dr. Fernando Távora, e do emérito historiador cariense J. de Figueiredo Filho (JOSÉ DO VALE NO FOLCLORE NORDESTINO, "CORREIO DO CEARÁ" de 17 de Julho de 1965). O que é de mais lamentável, no caso, é que o Prof. J. de Figueiredo Filho foi levado a erro por um membro da família, o Sr. João Cruz, que informou tudo erradamente, inclusive o nome do pai que era o Coronel José Alves Feitosa, Capitão-mór dos Inhamuns, e não o personagem do mesmo apelido, conhecido por CASUSÃO, nascido muito posteriormente, e de comportamento completamente diferente. C. F.

Eu conheci Antônio Silvino

RAIMUNDO ROCHA

A casa grande de meu avô paterno era o ponto certo das reuniões noturnas de pessoas da família, de moradores que residiam em sua propriedade, no Junco, ou que moravam perto. Era um bate-papo agradável à “boca da noite, a luz de lamparina”, na época da colheita, quando se fazia a debulha do feijão. Estavam presentes o contador de histórias e o cantor, que animavam as reuniões. Comentavam-se também os últimos acontecimentos da região e do país. As notícias eram transmitidas de “boca em boca”, pois ainda não havia o rádio, e os jornais só existiam nas grandes cidades, como Mossoró, ou na capital do Estado.

O tema predileto da palestra era sobre o banditismo, todas as noites. Lampião havia atacado Mossoró em 1927. Era o assunto do dia. Entravam em cena outros bandoleiros, dos quais alguns já não existiam, mas permanecia na lembrança do povo a sua fama. Antônio Silvino, recolhido à penitenciária de Recife, cumprindo sentença judicial, era comentado e discutido sempre.

Eu contava apenas oito anos de idade. Imagine-se o medo, a angústia, que me dominava, ouvindo as histórias e façanhas violentas, que tinham como autor os cangaceiros que infestavam o sertão nordestino.

Jesuino Brilhante, Antônio Silvino, Lampião, para só falar na trindade suprema, porque havia um número apreciável de bandidos em escala decrescente, menos famosos, porém igualmente perversos e temíveis. Alguns já desaparecidos, outros em plena atividade, praticando toda espécie de atrocidade entre cinco Estados.

Clamando por minha avó paterna, implorando socorro, mais das noites, eu acordava apavorado, aos gritos, pois sonhara que o bandido de Vila Bela, com seu grupo, atacava nossa casa, ou outras vezes, as casas de nossos vizinhos. Incendiavam propriedades, praticavam horrores e cometiam toda espécie de violência e atrocidade, contra a população rural indefesa.

Jamais passou pela minha cabeça, na minha infância, que, mais cedo ou mais tarde, teria que me defrontar com um

desses cangaceiros, em carne e osso, autêntico bicho-papão da gurizada de minha geração, flagelo do sertanejo de minha terra-natal.

Patú, então vila pertencendo ao município de Martins, miniatura de FAR-WEST potiguar, imortalizada na crônica do cangaço, por ter sido berço das extraordinárias façanhas do “maior cangaceiro do século dezanove” — Jesuino Brilhante, no dizer de Gustavo Barroso, o sr. Joaquim de Oliveira, de saudosa memória, engraçado, sizado, falador da vida alheia, sem maldade, nos falava das lutas, das mais recentes escaramuças de cada um desses cangaceiros, na costumeira “rodinha” pela manhã e à tarde, na calçada da bodega de Manoel Mota, meu cunhado, no Mercado Público. Tínhamos para cada encontro, mais uma novidade, um detalhe, com que conseguia com inteligência, prender a atenção dos ouvintes, graças à sua imaginação e retentiva privilegiadas. Antônio Silvino, o Rifle de Ouro, era o herói de sua simpatia, de sua preferência, ainda vivo, e, sobre o qual havia um halo de simpatia e admiração por onde passava e até onde chegava sua fama. Não porque o sertanejo admirasse o cangaceiro, mas porque gostava de homem valente, de homem disposto, que uma vez ferido na sua honra, resolvia a parada sem pensar nas consequências.

- Fulano de Tal (dizia Joaquim de Oliveira, citando o nome) certa vez foi visitar Antônio Silvino na Penitenciária do Recife. Depois de alguma conversa, pensando em agradar, resolveu comprar uma botoadura de cabelo de animal, para punho de camisa, de fabricação do velho e temido cangaceiro. Solicitou que mostrasse os botões de sua fabricação, indagando o preço.
- 800 réis, cada par! — informou o velho Capitão de mato, de dentro de sua cela.
- O sr. faz uma diferença? — perguntou o visitante, no seu costume muito do gosto do sertanejo, de pedir abatimento.
- É. Se eu estivesse de lado de fóra, você não me pediria diferença — trovejou o bandoleiro, como fera enjaulada, recolhendo o artigo de seu comércio.

O tempo passou. A Civilização penetrou de sertão a dentro. Os cangaceiros famosos foram aos poucos desapare-

cendo. Mataram Lampião e, com êle, foram os seus desalmados companheiros de cangaço.

Meu mano Lourival, em 1942, se não me trêa a mente, me surpreendeu com esta pergunta à queima roupa, em Campina Grande, na Paraíba :

— Você já viu Antônio Silvino?...

— Ou chente... Antônio Silvino? Aquele bandido do nosso tempo de menino? Onde?

— Sim, êle mesmo, em carne e osso... Êle aparece sempre pela manhã nos cafés da avenida João Pessoa...

Procurei francamente encontrar-me com o herói, que me roubou muitas noites de sono, na minha infância. E certo dia, observei, saindo de um bar, na avenida João Pessoa, em Campina Grande, caminhando em minha direção, um cidadão idoso, torax ligeiramente caído para frente, suportando nos ombros, o pêso de seus sessenta e sete janeiros. Identifiquei sem esforço, pelas características apresentadas, que eu estava realmente na frente do famoso e legendário Antônio Silvino, que ancs atrás, se considerava o "Governador do Sertão" nordestino. Procurei enquadrar no homem que se achava à minha frente, sem que êle me percebesse, o destemido cangaceiro de Afogados de Ingazeira, que não temia força do governo, pronto para enfrentar a luta a qualquer momento, o valentão que não temia adversário, que contava com um grupo por êle próprio adestrado, como cantava o poeta das feiras dos mercados do Nordeste :

JÁ ENSINEI AOS MEUS CABRAS
A COMER DE MÊS EM MÊS,
BEBER AGUA POR SEMESTRE,
DORMIR POR ANO UMA VEZ...
ATIRAR EM UM SOLDADO
E DERRUBAR DEZESSEIS!

Estava à minha frente, a alguns metros, um cidadão idoso, encanecido, estatura mediana, risonho, chapéu de massa de aba longa, usando terno de brim caqui, e, na lapela do paletó, uma rcsa vermelha, bengala à mão, aparentando calma e tranqüilidade.

Desmoronava-se para mim um ídolo, naquele instante, cuja grandeza, fama e poder, seria impossível se medir. De-

dive-me ante o herói-bandido de tantas estórias impossíveis, ouvidas na minha infância, no Junco, e pús-me, pensar nas determinações do Destino. Estava ali o "maior cangaceiro do século vinte", homem que manteve toda a população do nordeste à mercê de seus caprichos, em polvorosa, durante vinte longos anos. Ora atacava cidades, vilas e povoados, ora assaltava fazendas de inimigos, ora defendendo a honra de moças pobres, distribuindo aos humildes e famintos o dinheiro subtraído aos ricos, aos seus inimigos. Dupla personalidade, tipo curioso que bem merecia estudado profunda e cuidadosamente sobre os diversos ângulos de sua vida.

Senti, em suma, ao conhecer o legendário cangaceiro, recuperado socialmente, após longos anos vividos na Penitenciária do Recife, tremenda decepção. Estava liquidado o ídolo do Cangaço de uma época. Antônio Silvino dava-me a impressão de um pastor evangélico, com a sua expressão de humilde e mansidão. Nada pois existia nele que lembrasse o cangaceiro "jamais igualado na sinistra fama, nunca excedido no criminoso mister", "o maior vulto de crime dos sertões e do nordeste", na opinião do historiador Gustavo Barroso.

Foi assim que CONHECI ANTÔNIO SILVINO.

Usina Bezerra

IRMÃOS BEZERRA DE MENEZES & CIA.

CAPITAL REGISTRADO Cr\$ 620.000,00

COMPRA E BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

MELHORES PREÇOS!

End. Telegráfico: BEMENEZES

TELEFONE: 203

CRATO

AVENIDA TEODORICO TELES, 15

CEARÁ

CERÂMICA NORGUAÇÚ S. A.

EM IMPLANTAÇÃO

AVENIDA PADRE CÍCERO, KM 3 — CAIXA POSTAL, 132
TELEFONES : 302 e 459 — Enderêço Telegráfico : CERNOSA
C R A T O — C E A R Á

Diretoria : Dir. presidente — FRANCISCO MARTINI

Dir. vice-presidente — JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

Dir. industrial — OSCAR MARTINI

Dir. comercial — FRANCISCO A. DE CARVALHO NETO

Dir. financeiro — RAIMUNDO FERNANDES CARVALHO

Dir. secretário — WALDOMIRO GIRARD JACOB

Conselho Fiscal : ORESTES COSTA

ERNANI BRÍGIDO E SILVA

MACÁRIO DE BRITO MONTEIRO

BREVEMENTE ÊSTE HEXÁGONO SIGNIFICARÁ
PADRÃO DE QUALIDADE EM
LADRILHOS CERÂMICOS NO NORDESTE



Colaboração : PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO

S U D E N E

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S. A.

COMP. DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO CEARÁ

DEPARTAMENTO AUTÔNOMO DE ESTRADAS DE RODAGEM

Hospital Psiquiátrico do Crato

J. DE FIGUEIREDO FILHO

No dia 21, Crato foi enriquecido com o sexto Hospital, desta feita, de caráter psiquiátrico, raríssimo no Nordeste interiorano. É um empreendimento arrojado, de antemão vitorioso pela sua competente direção, pela procura, confiança e raio de ação. Foi iniciativa do casal Dr. Elígio de Figueiredo Abath e Professora Nerian Cliveira Abath, que lhe deram o máximo de esforço, acrescida, com os não menos dinâmicos — Dr. Maurício Monteiro Teles e Dr. Carlos Barreto de Carvalho.

Crato não somente é sede de intenso movimento de cunho educacional e cultural a despertar as atenções de meios evoluídos, até do sul do país. No setor hospitalar, médico, odontológico, é dos centros mais desenvolvidos do interior, possuindo agora seis modernos estabelecimentos hospitalares, várias policlínicas, gabinetes de análises, além de consultórios bem aparelhados, com movimento intenso de intervenções e clínica intensa especializada, como em qualquer capital.

A Casa de Saúde Santa Teresa, especializada em doenças mentais, situa-se em vasto e

confortável edifício, totalmente isolado, no alto do Seminário. Adquiriu a sede do antigo Noviciado das Filhas de Santa Teresa, daí vindo-lhe o nome e a Santa que a protege. É aparelhado com o que há de mais moderno na ciência médica neste particular. Dispõe de concoenta quartos todos bem arejados, com páteos internos, tudo isso ao lado da mais luxuriante natureza caririense, vendo-se em baixo o panorama da cidade, canaviais, fruteiras e mais adiante, Juazeiro do Norte.

Sua segura direção compõe-se dos abalizados e abnegados médicos, já bem conhecidos na zona: Dr. Maurício Monteiro Teles, Dr. Elígio de Figueiredo Abath, Dr. Carlos Barreto de Carvalho. A Professora Nerian de Oliveira Abath e a Farmacêutica Lúcia Melo Barreto de Carvalho completam-lhe a parte administrativa.

Já entrou em franca atividade e é também credenciada pelo INPS.

Sua clínica de repouso abrangerá vasto campo, entre os quais: Psicoterapia, Psitrossonoterapia, Corletiterapia e Sonoterapia.

A Casa de Saúde, recém-inaugurada, é modelo de conforto e de organização, ficando todo o seu movimento ao encargo direto das esposas dos médicos diretores. Até para repouso de pessoas cansadas do labutar cotidiano da vida, há excelentes lugares, naquela Casa de Saúde, localizada, em recanto privilegiado e cercada de todo conforto da ciência.

Crato continua com seu pioneirismo do passado a ser portador do progresso nos dias de hoje. No meio da adversidade como que cria alma nova para outros embates, em prol da civilização. Seus filhos e mora-

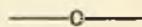
dores conservam ainda aquele espírito indômito que fizeram as lutas de independência no Ceará e a disseminação da instrução em grande parte da interiorândia. As dificuldades não os abatem. Antes retemperam-lhe a iniciativa. A Casa de Saúde Sta. Teresa é exemplo disso. Outros empreendimentos de vulto serão inaugurados, por estes dias, mostrando a vitalidade dessa gente que, embora embalada pelo passado, nunca esqueceu de olhar fixamente para o futuro, não só de sua terra como das outras co-irmãs.

Crato, 29 de Junho de 1970

Laboratório de Pesquisas Clínicas do Cariri

DR. PAULO CARTAXO ESMERALDO

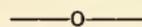
DRA. MARIA DO CARMO VALDEVINO



S A N G U E — F E Z E S — U R I N A

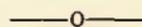
PROVAS DE FUNÇÃO HEPÁTICA

SERVIÇO DE TRANSFUSÃO DE SANGUE



RUA SANTOS DUMONT N.º 29

C R A T O



C E A R Á

o vôo das muriçocas urbanas

f. assis de sousa lima

(a paisagem urbana derrete os olhos dos arranha-céus)

mas acima de tudo há essa tarde
que o mijo das nuvens lavou
e que ri da acromegalia da cidade
que como a Rússia vende pepsicolás
(pássaros anêmicos mal saltitam nos jardins burgueses)
e as muriçocas caminham nos cristais
e elas podem ser azuis ou escarlates
ou quasi transparentes
podem penetrar os ouvidos desavisados
e cantar os temas tristes
da insônia

(mas o povo dorme e as muriçocas cantam)

as lembranças retidas nos olhos
respiram profundamente
e são levadas nos ventos
cu nas primeiras memórias
há sorrisos pensando coisas de ontem
e mistérios inúteis ouvindo o vento de chuva

(mas principalmente um sol morre aos domingos)

e a noite se fez noite
para que houvesse sombra
e as estrelas se fizeram
à semelhança de teus olhos

(veio a chuva e também ela mereceu um significado)

a lua veio verticalmente
um dia inspiradora
outro
frígida como o homem que recusa a carne

(depois o caso da desconhecida que se atirou sob o pneu-
mático porque queria viver)

isto para esconder
anos a fio
os casos conhecidos de vietnãs
que um dia o tempo semeou
para que o homem colhesse

Folclore do Cariri

RUBENS FALCÃO

(Do Jornal O GLOBO)

R i c — V de 69

J. DE FIGUEIREDO FILHO, natural do Cariri, é um trabalhador honesto e de boas intenções. Publicou “Renovação”, romance de costumes; “Meu mundo é uma farmácia” (êle fôra farmacêutico na mocidade); “Engenho de Rapadura” e, por último, “O folclore no Cariri”.

Numerosos e riquíssimos são os motivos folclóricos da região estudada. Além do Bum-ba-Meu-Boi, o Baião, dança popular e caracteristicamente cearense. O Rio já a conhece, trazida que foi pelo Carnaval. São lendas do vale caririense:

a Caipora, o Kiriri, o Caldas, a Lagoa Encantada, etc. Resumo esta última: “Durante a estação invernososa, a parte baixa do sítio (propriedade do Dr. Joaquim Fernandes Teles, a poucos quilômetros do Crato) fica completamente inundada, formando verdadeira lagoa. Quando baixam as águas no verãc, ficam traiçoeiros sumidouros em diversos pontos, que constituem ainda hoje verdadeiro perigo para qualquer pessoa ou animal, que passe descuidado naqueles brejos. Ainda nos princípios da colonização cearense, atravessava certo dia aquelas paragens um carreiro a entoar cantigas de aboiar, enquanto espicaçava, com a vara de ferrão, a junta de bois. Gemia o carro dolentemente, cortando a vereda dos brejos. Mas o guia, engolfado em seus cantares, alheou-se por completo do meio. E os bois, a pouco e pouco, foram abandonando a rota certa. Ainda lhe ouviam os moradores de mais perto a última estrofe naquela noite de luar claro. No outro dia foram procurar o carretão e nenhum vestígio encontraram, nem do tosco veículo, nem dos bois e

seu condutor. Tudo desapareceu como que por encantamento. Por muito tempo tiveram medo de passar por aqueles brejos, cheios de assombração, com o vento a levar sempre a toada do carreiro e o ranger constante do carro”.

Lapinhas e pastoris compõem mais um capítulo do livro, com o pastorzinho, “menina travestida de menino”, entcando a louvação:

“O galo cantou
Cristo nasceu
O boi perguntou:
Aonde?
E a ovelha
Logo respondeu:
Foi em Belém
Para o nosso bem”.

Na Lapinha a mulata rebola e recebe aplausos estridentes. Responde cantando:

“Sou correta no agrado
Para isso tenho jeito.
Bem me disse a Senhora
Que eu não tirava proveito.
Eu arrenego de todos,
Não me fizeram feliz.
Só me deram água nos olhos
E catarro no nariz”.

O tracoma, “doença multiseccular no vale caririense”,

sugeri a quadrinha seguinte àquelas a quem o mal não afetara:

“Lá vem o carro cantando
Cheio de olhos de cana,
As môças do Cariri
Têm olhos, não têm pestana”.

O aboio, “canto sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado” — define Luís da Câmara Cascudo —, o aboio inspirou, dentre muitas, a estrofe:

“A alegria do vaqueiro
É ouvir o ronco do trovão,
Vê o céu se enubrá
E a chuva cair no chão,
Bota a sela no cavalo
Vou à casa do patrão.
Bom dia, senhores todos,
Como vai meu cidadão?
Vim dizer ao senhor
Que chove no sertão,
Vamos juntá o gado
Pra fazê apartação”.

O Maneiro-Pau, “dança máscula realizada ao ritmo de versos estribilhados, ante o entrechoque contínuo de porretes”, é um divertimento perigoso. Ao folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo, chama-a Mineiro-Pau, admitindo, talvez, que a dança tenha tido

origem nas Minas Gerais. Na minha meninice, eu sempre ouvi dizer Maneiro-Pau. É uma dança de roda, "cantada e ritmada com palmas. Os dançarinos viram-se para a direita e para a esquerda, com um livre cumprimento ao dançarino dêste lado, ou fazendo menção de dar umbigada". Cantam quadrinhas intercalando : — Maneiro-Pau !... Maneiro-Pau !... E versos como êstes :

"Me atrepei na bananeira,
Me enrolei com o magará,
Comi banana madura
Até a gata miá.

Assubi de pau arriba
Fui descansar na forquia
Peguei na perna da véia
Pensando que era da fia.

Me desculpe, Siá dona véia,
Era de noite, eu não via.
Perna de véia é cascuda,
Perna de môça é macia !"

Tipos curiosos vamos ainda encontrar: o tocador de zabumba, o tocador de pífaro, o tocador de caixa, figuras indispensáveis das bandas de couro. Em Fortaleza, quando eu saía para as aulas da severíssima D. Amália de Castro, passava, ligeiramente assustado, pelo Berimbau de Barriga. Era um prêto carrancudo, alto e sêco, que grudava à barriga uma cuia de côco da qual partia um arame que, levado à bôca, retirava um som cavo e sem graça do instrumento que prendia entre os dentes.

Motivos e mais motivos folclóricos descobriria neste vôo de pássaro sôbre o livro do intelectual cearense. Mas fico-me por aqui, rezando o Bendito dos penitentes :

"Meu senhor tão grande,
Que na cruz morreu;
Dos filhos ingratos
O mais maior sou eu".

Parlamentares ajudam o Instituto Cultural do Cariri

No Orçamento Federal da República quatro representantes do Ceará deram a contribuição de sua quota particular para o bom funcionamento de nossa entidade associativa e de revista "ITAY-TERA". São êles — Senador Wil-

son Gonçalves, Deputados Leão Sampaio, Joaquim Figueiredo Corria e Wilson Roriz. Muito agradecemos a grande cooperação daqueles parlamentares que mostraram tanto amor pela melhoria do nível cultural de nossa terra.

ASPECTOS INTERIORANOS

ULYSSES VIANA

Os comentários dedicados ao Município de Bom Jardim podem ser interpretados como o resgate de uma dívida. O maestro Dinamerico Sedycias, sensível às coisas do espírito, numa prova evidente de amizade, quis mostrar ao cronista as belezas de sua terra natal. A grandeza da importante localidade pernambucana, reside, principalmente, na classificação de seus prestigiosos filhos, no campo da música.

Aliás, nomes de reconhecido conceito, no cenário nacional, desfilam através de composições inimitáveis. Lourenço Barbosa, o conhecido Capiba, espalha aos quatro cantos do mundo a beleza das suas obras musicais inspiradas na sociologia e no folclore pernambucanos. Peças como "Maria Betânia", "Recife, Cidade Lendária", "Olinda, Cidade Eterna", "Serenata Suburbana", "Rosa Amarela" e tantas gravações excelentes são atestado vigoroso do seu talento inconfundível.

O mestre Levino Ferreira, recentemente falecido, deixou números imortais que caracterizaram sua dedicação ao cultivo de tão palpitante arte. Dimas Sedycias, radicado em Paris, coroado de glórias, bri-

lha dentro da Cidade Luz, dignificando o nome de Pernambuco e do Brasil. Musicista de alta categoria, alinha-se por outro lado, no grupo de jovens compositores que excursionaram pela Europa. O Dimas, com alma de artista consumado é também discípulo do Poverelo de Assis, através dos seus agudos princípios de caridade, de seu filho extremoso e correto.

Enumeramos, nesta ligeira análise sobre Bom Jardim, nome de pessoas ilustres no setor da política: O "marechal" Osvaldo Lima; o ex-ministro Osvaldo Lima Filho, inteligência brilhante e político íntegro; o ex-governador Otávio Correia de Araújo; os membros das tradicionais famílias Távora, Barbosa, Souto Maior e outras que se projetaram pelo Brasil a fora.

Em consequência dessa viagem rápida, mas cheia de reminiscências, fizemos boas amizades, notadamente entre o dr. Cícero Guedes Alcoforado, Juiz de Direito aposentado, residente na fazenda Chã das Velas, encravada no Município de Machados. Ele e sua esposa da. Eide, carioca da gema, ofereceram, em sua residência,

assentada no meio de laranjais, recepção fidalga ao autor desta crônica e seus familiares. Foi uma festa agradável, com a presença do Procurador Fiscal Jorge Dreschler; do escritor cearense J. de Figueiredo Filho e sua esposa, Zuleica Pequeno de Figueiredo; do poeta Dinamérico Sedycias, esposa e filha. Experimentamos na oportunidade, o gosto saboroso da camaradagem, retratada através de ambiente simples, mas saudável, no meio de uma natureza exuberante.

A visita que fizemos à genitora de Dinamérico, tronco de família inteligente e corajosa, encheu-me de ternura, quando o filho reconhecido e solidário beijava os cabelos encanecidos daquela senhora adorável e santa. Quem poderia esquecer, também, os acordes afinados da Filarmônica de Bom Jardim, funcionando, em casa do sr. Custódio, com a participação do mestre Dino? O "amarelinho" lavrou mais um tento, impondo seu desejo de promover sua gleba generosa, realizando, com isso, tarefa de pura sensibilidade em defesa de sua terra e de sua gente. O destino de Bom Jardim está assegurado e não ficará à margem do progresso, porque, em verdade, a sua gente sabe o que quer e para onde vai.

(Do Diário de Pernambuco)

FELICIDADE

Djanira Figueiras

Felicidade onde estás que não
[respondes ?
Onde estás felicidade ?
Em que mundo, em que lugar tu
[te escondes
No céu, na terra, no mar
Ou nas canções de ninar ?
Nas velhas catedrais, nos templos
[santos
Ricos de todo encanto
No coração das crianças,
Nas ilusões da mocidade
Cheias de esperanças
Nas recordações da velhice
Ou nas glórias do passado ?
Responde onde estás felicidade ?
Percorres o mundo inteiro
Noite e dia sem parar
Nos palácios, nos lares, nas
[choupanas
Procuram a tua voz
Num desespero atroz !
Não fujas visão sublime
Porque sabemos que existe
Nos espíritos onde há paz
No silêncio das almas puras
Nos que praticam a caridade
Que pregam o bem e a verdade
Dando abrigo aos aflitos
Amenizando a sua dor
E buscando no Infinito
A recompensa do amor !

Setembro de 1968

EM CRATO, AGORA :

CLÍNICA DE REPOUSO

CREDENCIADA PELO INPS

Casa de Saúde
Santa Teresa

PSICOTERAPIA E SONOTERAPIA

TRATAMENTO DE DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS

Dr. ELIGIO DE FIGUEIREDO ABATH

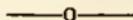
Dr. MAURICIO MONTEIRO TELES

Dr. CARLOS BARRETO DE CARVALHO

UM NOVO ESTABELECIMENTO MÉDICO, ESPECIALIZADO
QUE HONRA O DESENVOLVIMENTO DO CRATO

B A I R R O D O S E M I N Á R I O

C R A T O



C E A R A

Sigisnando Sísinando Batista

JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI

A personalidade de meu tio materno, Sigisnando Sísinando Batista, nascido e falecido em Crato, onde sempre viveu, sem se ausentar, para onde quer que fôsse, foi das mais curiosas, sob qualquer dos prismas por que se a analise.

Sigisnando conhecia farto vocabulário de diversos idiomas, línguas vivas e mortas, a principiar pelo grêgo antigo, latim, francês, inglês, italiano, espanhól.

Traduzia com larga facilidade, textos de qualquer dêsses idiomas e compreendia, com real firmêza, qualquer conversação em qualquer das línguas vivas, referidas.

Apresentava-se, sempre, quieto, modestíssimo, com roupa surrada, maltratada pelo uso, pelo descuido, e com nítidas manchas de tabaco ou fumo de cachimbo.

Vóz rouquenha, sempre o ouvi a reproduzir, qual se lendo em um livro mágico, dados e fatos do passado, com precisão arimética.

Falava-me, quando eu ainda

no Ginásio de Crato, comovendo-me e convencendo-me, acerca do que se passa neste século de angústia: "o homem compreende que se dirige para uma catástrofe. Como tremem as folhas, ao vir um furacão, assim também estremecem os homens ante a enorme renovação que se opera em todas as ordens da Vida. Angústia irreflexiva e exagerada invade até mesmo os espíritos esclarecidos, pela vitória de formas desconcertantes, ou em vista da difusão de intolerâncias rítmicas, mas explicáveis, ou diante de grande choque, previsto com facilidade".

E, noutro lance, explicando sua própria filosofia de vida, naquela entrada acanhada da "Farmácia Siqueira", de meu pai, confessava que uma das qualidades próprias do ser humano é considerar o presente, por mais sombrio que seja, em relação com um futuro melhor.

Examine cada qual seus próprios pensamentos — escreveu Pascal — e verá que a preo-

cupação será sobre o passado e sobre o futuro. O presente nunca é objeto de consideração. O presente e o passado são meios de que nos servimos para atingir o fim, o futuro. Assim não nos preocupa a vida presente, mas como esperamos viver (in "Pensamientos", n.º 172).

Dalí passava, o tio velho e ilustrado, a outras considerações, esclarecendo que para julgar os dias da atualidade (1929) sem nenhuma paixão, é imprescindível considerá-los de uma altura que permita atingir um amplo horizonte histórico.

E, dentro de seu entretenimento de praxe, invertia os nomes, perguntando-me frontalmente: "essot limorb", isto é, "tosse, Bromil", ou "rixile", ou "rixile ed arieugon" — Elixir de Nogueira, etc., etc.

E passando da brincadeira, á seriedade, afirmava-me que a confusão contemporânea é resultado, em grande parte, das filosofias materialistas, que hão invadido o mundo. O homem não se contentou com o abandono das antigas crenças que formavam parte de seu patriotismo: criou teorias que

o têm aprisionado a filosofia, de tendências egoísta ou ateuísta.

Esquecendo, completamente, a imponência de taes conceitos, passava a procurar uma Caixa de Fumo, em uma das prateleiras da Farmácia, e ficava pitando, minutos seguidos, um fumo de corda que adquirira na última feira.

O filósofo, a quem não faltava o predicado da súa originalidade, redigia uns contos, de literatura vulgar, com sutis detalhes de amôr romântico, obras literárias essas vendidas por cinco ou déz mil réis antigos, a personalidades de destaque de nossa sociedade de então.

Manifestava um detalhe epileptoide. Sob a ação de mais forte emoção, de alegria ou tristeza, caía, desmaiava, permanecendo mui pálido, por alguns segundos.

Conta-se que meu velho tio, extremamente miope, calçou-se com sapatos em cores diferentes, e assim foi ter á missa da Casa de Caridade, celebrada pelas 5 da manhã, por Mons. Vicente Soter.

Ao regressar da missa, em pleno dia, os "moleques" da

rua gritavam: "Sapato Preto e outro Branco".

Explicando-me com profundidade de conhecimento, de Bíblia na mão, a presença indiscutível de Jesus, em lances diversos, como verdadeiro e autêntico enviado de Deus, apregoava:

O Messias nasceria de uma virgem (Isaias: 7, 13, 14); tal acontecimento ocorreria em Belém (Miqueias, 5, 2); seria chamado do Egito (Oseias, 11: 1).

E com o Velho Testamento descrevia Sua missão messiânica (Isaias, 59: 20. Jeremias, 33: 15 e 16); enuncia seu ministério na Galiléia (Isaias, 9: 11 e 2); prediz a purificação que faria no Templo

(Salmo 69: 9); enumera suas qualidades espirituais (Salmo 45: 7); indica qual seria sua pregação (Salmo 78: 8); menciona a realização de milagres (Isaias, 47: 2, 53-4).

Explicava-me que no dia da crucificação se cumpriram as profecias messiânicas.

A mercê da valiosa influência de Sigisnando, sempre lí, com profunda dedicação, a Bíblia, manancial inexgotável de saber e de inspiração.

Poucos anos depois, quando lá em Crato não me encontrava, mais, faleceria, em plena paz, sem jamais haver feito mal a quem quer, meu velho tio e amigo, de Angina Pectoris.

O MAIOR CONJUNTO HOSPITALAR DO NORDESTE

Quem quiser conhecer o mais completo conjunto hospitalar do Nordeste não precisa sair de Crato. Basta visitar todas as dependências do Hospital de São Francisco de Assis e ficará maravilhado. É o melhor nosocômio regional, eleito pelo consenso unânime da população, que beneficia o interior de parte de quatro importantes estados. Compreende: hospital geral, ambulatório, banco de sangue, hospital infantil, posto de puericultura, caixa mortuária e serviço religioso.

Seu conjunto arquitetônico é

dos mais modernos e dispõe do melhor e mais completo aparelhamento. Tem como provedor essa figura admirável do Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira e como diretor o Dr. Fábio Esmeraldo que se cerca de competente corpo médico como ele, todos primando pela abnegação, ajudados por eficientes enfermeiras e irmãs de Caridade.

Todo o seu movimento, durante o ano passado, está resumido em relatório bem feito e com dados minuciosos, firmado pelo Mons. Pedro Rocha de Oliveira.

Dr. TELES, vida dedicada ao Bem

J. DE FIGUEIREDO FILHO

No dia 5 a cidade amanheceu silenciosa, triste. Na véspera, no Hospital S. Francisco que ajudou a construir, faleceu dos maiores vultos de Crato — Dr. Joaquim Fernandes Teles. O corpo ficou na Capela do mesmo Hospital e verdadeira romaria ininterrupta se fez de visitantes.

As nove horas, grande massa humana acompanhou o seu féretro, até o cemitério num dos maiores entêrros de Crato, Todas as classes estavam ali, sem necessidade de convocação pelas amplificadoras, dobrar de sinos, ou mesmo rádios emissoras que não alcançavam toda a população. Dr. Teles não existia mais.

Teve êle fortuna, posição, mas soube fazer-se estimar por todo mundo. Quanto mais elevado estêve, mais espargia o bem em tôrno de si. O poder e dinheiro nunca o ofuscaram. Na qualidade de médico levou o lenitivo a quase todos os lares humildes. sem esperar qualquer recompensa.

Nasceu em Crato, a 15 de

Abril de 1889, filho do respeitável e saudoso Cel. Teodorico Teles de Quental e esposa D. Iaiá Fernandes Teles.

Naquele lar abençoado por Deus, ao lado de outros irmãos, preparou-se para enfrentar o mundo com inato espírito de abnegação e coragem.

Formou-se em Medicina em 1916 pela Faculdade de Bahia, tendo ao seu lado outro cratense ilustre — o Dr. Elísio de Figueiredo. Vocacionado para aquela carreira, exerceu-a exclusivamente a ministrar a dor alheia, sem proventos. Galgou as melhores posições na sociedade. Em política foi prefeito da cidade, deputado estadual e depois federal. Deixou rastro luminoso em todas as posições que ocupou. No legislativo trabalhou para dotar Crato com Hospital e Maternidade, esta tem o seu nome. Constituem o melhor conjunto do interior nordestino. Mas, dentro dos dois também deu o máximo de seu esforço de médico.

Em todos os múltiplos en-

cargos que teve, só tinha uma preocupação, melhorar a situação dos outros. Na criação, introduziu no meio raças novas, procedentes da Europa. Seus sítios, bem montados, continuam modelos de organização, onde o morador é tratado como pessoa humana. Com seus filhos organizou indústria de papel, bem estruturada, que é dos justos orgulhos do Cariri.

Mesmo doente não deixou de trabalhar, parando unicamente quando as forças lhe faltaram, quase por completo.

Soube também criar e educar os filhos, ajudado pela esposa, Dona Naninha Monteiro Teles, integrando-os à sociedade e ao trabalho, a continuarem o caminho que traçou.

Sempre que o encontrava á rua, doente, parava para uma rápida palestra comigo. Conversei com êle pela última vez em sua casa à praça da Sé, quando fui ali, com sua irmã Fernandina. Conheceu-me e e lembrou, como sempre fazia, meus escritos. Depois falou a Dona Naninha que pretendia ir para o Belmonte. Preso no leito quase imóvel, sentia falta do es-

paço livre dos pés-de-serras do Araripe, onde se instala aquela propriedade, da natureza acolhedora que faz bem ao espírito e até do contacto da gente simples do campo. E quem sabe, até do cheirinho bom do engenho!

Revi-o no Hospital de São Francisco em cadeira de roda puxado por morador amigo e solícito. Apertou minha mão mas não falou mais. Olhou-me triste e com fixidez no olhar. Estava quase despojado da vida. O espírito forte e bom o mantinha. Foi a nossa despedida. Elisa Militão ao meu lado derramou lágrimas. Eu fiz da fraqueza força para não imitá-la.

Eu tinha amizade a êle como todo o Crato. A minha afeição e gratidão aumentaram, quando eu era jovem ainda, em momento de exacerbação política, alguém sem analisar seguramente o caso especial acusou-me. Dr. Teles que militava em corrente contrária a meu pai, imediatamente defendeu-me, com exaltação. Aquelas palavras ficaram perenemente gravadas em meu coração.

Senti, em profundidade, o

seu desaparecimento, embora fosse esperado. Era outro pedaço bom de nosso Crato que se ia. A cidade em peso não escondeu o pesar.

Deixou viúva a Exma. Snra. Dona Ana Monteiro Teles os filhos: Dr. Maurício Teles Cartaxo, Dr. Hermano José Monteiro Teles, Dr. Joaquim Fernandes Teles Filho, Dr. Caio

Monteiro Teles, a entada Da. Maria Audísia, esposa do Dr. Darival Teles Cartaxo, D. Luísa Helena, consorciada com o Snr. Carlos Henrique Koollem, D. Teresinha, casada com o Snr. Gilberto Mendonça e D. Ana Guilhermina esposa do Prof. José Fernandes de Castro. Dr. Teles pertence hoje à posteridade.



Viação Varzealegrense S. A.

A PIONEIRA EM TRANSPORTE DE PASSAGEIROS
ENTRE O NORTE E O SUL DO BRASIL

VIAGENS DIRETAS COM CARROS SEMI-LEITO E
TOILET A BORDO

NOSSAS LINHAS :

CRATO — SÃO PAULO via RIO
IGUATU — SÃO PAULO via RIO
CRATO — IGUATU via VARZEA ALEFRE

MATRIZ :

PRAÇA FRANCISCO SÁ N.º 26 — CRATO — CEARÁ

AGÊNCIAS :

SÃO PAULO: Rua Cavalheiro N.º 58 — Fone: 93.1229

RIO DE JANEIRO: R. Santos Lima, 35 - Fone: 234.1605

SALGUEIRO: HOTEL SALGUEIRO — PERNAMBUCO

JUAZEIRO DO NORTE: Rua São Pedro N.º 1.046 — Ce.

VENDA DE PASSAGENS NA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA
DE S. PAULO NOS GUICHÊS 179 E 180, FONE 221-0903
E NA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA NOVO RIO - GUANABARA

Exposição de Pintores de Fortaleza

J. F. F.

No interior, as exposições de arte começam a ser cultivadas, recebidas a princípio com certo indiferentismo e agora, com verdadeiro carinho. De pouco a pouco, destrói-se o dizer popular de que o futuro da pessoa só estará assegurado com a mudança da cidade do interior para o litoral. Se houver talento e condições de cultivá-lo, pode medrar em qualquer lugar.

Naturalmente, a luta é maior para o cultivo da inteligência em localidade intericrana. Mas, não se perde mais pelo simples fato de ficar no interior, como acontecia, há anos atrás. Em Sobral, Crato, Juazeiro, há escolas de música, de pintura, com bons mestres, frequência e aproveitamento. As de pintura, no começo, eram nebulosas. Não passavam de simples cópias. Mas, os di-

rigentes aperfeiçoaram-se e terminaram por vencer. Em minha terra há Sociedade de Cultura Artística. Mantém, com frequência desusada, a ESCOLA BRANCA BILHAR.

Todos os anos, já é norma, a exposição de pintura, SALÃO DE MAIO, em comemoração ao aniversário da Faculdade de Filosofia do Crato. Ninguém tem a coragem de exhibir nenhum quadro copiado de quem quer que seja. Só fazem criação, ou tirado de original, filiando-se até às mais evoluídas escolas. Já surgiram talentos, agora aproveitados em escolas de belas artes.

Os artistas de fora não raramente nos procuram. Alguns deles, procedentes de Fortaleza, patrocinados pelo Snr. Prefeito do Município — Dr. Humberto M. de Brito, organizaram salão com pintores de Fortaleza. Inauguraram, no dia 30 de Julho, no salão de entrada da Faculdade de Filosofia do Crato. Muitos dos

Quando os teus olhos não vejo,
Quando me fogem teus olhos,
Minha alegria se oculta
Na tristeza dos reflexos.

Do plenilúndio magoado
Copiam êles a luz,
Que as noites de minha vida
A claro dias reduz!

José Alves de Figueiredo

ITAYTERA — Recebemos, enviada pelo jornalista José Alves de Figueiredo Filho, o N.º 12 da revista **ITAYTERA** mantida pelo Instituto Cultural do Cariri, da cidade cearense de Crato. Neste número, J. de Figueiredo Filho escreve um comentário a respeito do romance de José Nivaldo — **AMOR, FUXICO E EMANCIPAÇÃO**. A revista, que engrandece o interior cearense, tem colaborações de J. de Figueiredo Filho, membro da Academia Cearense de Letras,

vice-diretor da sua Universidade, jornalista, escritor e sociológico, valendo notar com o trabalho de sua autoria “**ITAYTERA**” a “**ITAYTERA**” a que antecederam outros livros como o conhecido e valoroso “**Meu Mundo é Uma Farmácia**”. **ITAYTERA** é uma revista especializada de cultura e o melhor atestado de como as letras andam por alto no sertão do Ceará, um centro universitário de primeira grandeza, falando-se em termos de nordeste brasileiro.

artistas expostos ofertaram belos trabalhos ao Museu do Crato, fazendo a delícia de seus visitantes. Os atuais expositores são — Aderson Estrigas, Regina, Gabriela, J. Figueiredo, Nice Mariza, J. Fernandes, Nathan, Hermany, Descarte A Exposição foi bastante visitada, incluindo pelo Rotary e Lions. Falaram na abertura o seu patrocinador — Dr. Humberto Macário de Brito e o vice-diretor da Faculdade de Filosofia, em exercício, J. de Figueiredo Filho. Este fez também a pequena apresentação do convite:

“Jovens artistas de Fortaleza, representantes de várias escolas, sob o patrocínio do Exmo. Snr. Prefeito Municipal — Dr. Humberto Macá-

rio de Brito. Sabedores de que, nesta cidade, já se processa intenso movimento de arte, vieram até nós, como autênticos embaixadores de nossa metrópole, trazendo-nos a beleza da pintura sob múltiplos aspectos. Possuem sensibilidade e já obtiveram êxitos, em vários lugares, fazendo jus a prêmios bem merecidos.

Contam com o apoio da nossa terra, sempre sensível a todas as manifestações da arte.
Crato, Agosto de 1970.

A tua face é corada
Quase passando a vermelha.
Parece rubra papoula
Exposta aos beijos da abelha.

José Alves de Figueiredo

O Vale do Cariri e as Sêcas do Nordeste

ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE

1. CARIRI é a região sita ao sul do Ceará, constituída de 13 Municípios (Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Brejo Santo, Milagres, Mauriti Caririás-sú, Santana do Cariri, Nova Olinda, Jati e Araripe), com uma população, em 1950, de 342.605 habitantes, equivalentes a 12,04% do Estado, e a extensão de 9.585 km².

A densidade de população ali é de 35.866 habitantes por km², ou seja, cinco vezes maior do que a do Brasil e superior a do Nordeste.

Juazeiro do Norte apresenta-se com 56.146 habitantes e 211 km² de área, a que corresponde a densidade de 266.094 por km².

Crato (ora com 57.226 habitantes) e Juazeiro do Norte somavam 102.554 habitantes, em 1.195 km², de área, com a densidade de 85.819 habitantes por km².

Para o estudo da região, sobre os reflexos da seca em sua vida econômica, vale a pena acentuar que a mesma se divide:

a) em, terras dos "pés de serra" do Araripe e de brejos

irrigados com água das fontes;

b) em terras que dependem das precipitações pluviais para produção agrícola.

Aquelas abrangem muito menos de 1/4 da extensão territorial do VALE e têm sua produção agrícola deturpada, nos anos secos, porque, então, se eleva a exigência da distribuição da água para manter a umidade necessária ao desenvolvimento dos plantios; as últimas seguem a regra comum às terras da área do Polígono, isto é, as safras descendem do desenvolvimento normal do ciclo das chuvas.

Há município da região em que inexiste ou é muito reduzida, a área irrigada: Nova Olinda, Jati, Caririáçu, Mauriti, Milagres, Araripe, Brejo Santo e Santana do Cariri.

O Vale do Cariri situa-se na confrontação das zonas mais atingidas pelas secas nos Estados de Pernambuco, Paraíba, R. G. do Norte e Piauí, cujas populações, quando assoladas pelo flagelo, para ali acorrem pressurosas, agravando, profundamente, seu desequilíbrio econômico.

2. A seca é um fenômeno

tanto climático, como demográfico e cultural.

Conjunto dos efeitos, como se diz, da escassêz ou falta de chuvas sobre as atividades agrícolas, o abastecimento de água para os usos domésticos e a criação em geral, com reflexos sôbre a economia da população, pela deficiência de gêneros alimentícios e do trabalho remunerado, as suas consequências são mais graves onde se acentua o índice da densidade populacional.

A êsse respeito, pontifica, com justa razão, exímio técnico na matéria: "para avaliar os efeitos da sêca não é possível comparar o interior do Piauí com o da Paraíba, como não pode haver paralelo o sertão norte da Bahia, apesar de extraordinariamente sêco, e o do Ceará".

3. Quem quer que visite o Cariri, registra a impressão de que a base econômica do Vale assenta na produção agrícola dos referidos pés de serra e brejos.

Não se acham ali, porém, as possibilidades de maior desenvolvimento da região.

Ao que nos parece, e tudo indica outro setor de sua superfície territorial, o que compreende os Vales do Carás, Carriús e do Riacho de Porcos, por múltiplas circunstâncias se apresenta mais propício à intensa e promissora atividade agrícola.

É ali que se faz necessária a ação dos técnicos do combate aos efeitos da sêca, para criar, em meio tão adequado, com recursos que, em outras paragens, se teriam de multarêneas, realizar-se-ia uma obra produção e abastecimento de cereais no interior do Nordeste.

4. Carás é o Vale que, segundo os termos do "Plano de Eletrificação do Cariri", há pouco editado pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco, "apresenta em suas margens uma faixa de aluvião fértil, bastante úmida, onde se cultivam cereais", com uma extensão de 3.595 km², e 178.746 habitantes.

Ao justificar o Projeto de Lei N.º 337/51, salientámos que dito Vale do Carás abrange uma planície de cerca de 50 quilômetros de extensão, por um a seis de largura, através os municípios de Crato, Juazeiro e Missão Velha, e que se lhe retivessem as águas do curso principal e respectivos afluentes, e lhe soerguessem o lençol freático, mediante um sistema de barragens subterrêneas, realizar-se-ia uma obra de extraordinário alcance para a riqueza da região e consequente melhoria de vida de seus habitantes.

Nêsse sentido, já se deram os passos iniciais, como os levantamentos topográficos realizados pela secção de estudos

Cariri, Nordeste e Universidade

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Há 10 anos, merecemos tenazmente nesta casa; para doar à terra caririese uma instituição de nível superior, que possa influir decisivamente nos altos destinos da posteridade. Falo em nome do diretor, do corpo de professores e dos demais funcionários que militam neste educandário. Todos temos o quinhão de heroísmo, de dedicação e de tenacidade. Mas um se sobressai pela abnegação até ao sacrifício próprio e pela força de vontade inquebrantável. É o Diretor, professor José Newton Alves de Sousa. Quando algum de nós esmorece, aparece ele, impávido no meio da procela, a olhar seguro para o fu-

turo, a dar-nos exemplo de otimismo, onde, muitas vêzes, enxergamos nuvens bem escuras.

"O Cariri, Nordeste e Universidade", coletânea de discursos, relatórios e outros assuntos vinculados a êstes dez anos da Faculdade de Filosofia do Crato, não é só obra de caráter literário, escrita em linguagem pura e agradável. É a história de um decênio, cheio de lutas, sacrifícios e, por que não dizer também vitórias de uma instituição de ensino superior, encravada para disseminar o bem da educação, em pleno centro geográfico do Nordeste brasileiro. Ou por outra, no coração do polígono

e projetos do DNOCS, em Recife.

Resta que se concretize a execução de um conjunto de obras de represamento de águas no Vale em apreço, de forma a ficar assegurada a sobrevivência dos plantios agrícolas, quando faltem ou escasseiem as chuvas.

Todos os que conhecem os vastos e fertilíssimos baixios

banhados pelo Carás bem atestam que quando cessar a incerteza do destino dos arrozaes ali comumente cultivados, de um a outro extremo, por força da irregularidade das precipitações pluviométricas, notável será a repercussão na vida econômica dos habitantes dos três municípios, por onde se estendem.

(16 — 4 — 1959)

das sêcas. Já é tempo de abandonarmos o mêdo de fazer parte das zonas indiretamente acometidas pelo nosso secular flagelo, fascinados pela miragem dêsses canaviais; agora antieconômicos e sempre verdejantes.

O professor José Newton não contente só com a Faculdade de Filosofia que apesar das visissitudes os tantos benefícios tem trazido a esta zona, quer uma Universidade para o Cariri. Seu sonho não será em vão. As grandes iniciativas nasceram de bem poucos. São adubadas com o suor dos lutadores. Requer a mobilização geral de forças sem interesses imediatos. Nosso Diretor tem requisitos de sobra. Digo de

sobra, porque pode derramar tais qualidades sôbre nossos espíritos, reavivando-os para a nova jornada. Construiremos assim a Universidade do Cariri para as gerações que virão. O programa cu o código a seguirmos, está aí. É "O Cariri Nordeste e Universidade". É a história da Faculdade de Filosofia do Crato e a plataforma da Universidade do Cariri que vencerá, com as bênçãos do senhor e para a grandeza deste pedaço heróico do Nordeste.

(Discurso pronunciado no dia 15 de maio, no Instituto do Ensino Superior, apresentando o livro do professor, José Newton Alves de Sousa, "O Cariri Nordeste e Universidade").

C O R R E I O B R A S I L I E N S E

ITAYTERA — Recebemos o N.º 12 da revista ITAYTERA publicação anual do Instituto Cultural do Cariri, com sede em Crato, Ceará, presidido pelo escritor e folclorista J. de Figueiredo Filho. O volume traz colaborações de numerosos intelectuais cearenses, entre êles jornalista Jurandy Temóteo de Souza (Observações sôbre a infância e a adolescência de Antônio Nobre); J. de Figueiredo Filho (Discurso de posse na Academia Cearense de Letras); Florival Matos (O Cego Aderaldo versus o Estalo de Vieira); Zulei-

ka Pequeno de Figueiredo (Traços da Vida de Irineu Pinheiro); Otacílio Anselmo e Silva (Subsídio para a História de Mauriti); Raimundo Tele Pinheiro (Tuiuti); Tiago Figueiredo Alencar Araripe (O Mágico); Geová Sobreira (Valentes e Valentões — algumas implicações sôbre o tema); J. de Lindemberg de Aquino (Assuntos só nosso); Jéser de Oliveira (Reminiscências). A revista ITAYTERA é dirigida por J. de Figueiredo Filho, Pe Antônio Gomes de Araújo e jornalista J. Lindemberg de Aquino.

Ata da Transladação e Sepultamento dos Restos Mortais de GUALTER MARTINIANO DE ALENCAR ARARIPE, Barão do Exu

Aos dezenove dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e oito (19.07.1968) no Povoado do Araripe do Município de Exu, Estado de Pernambuco, por ocasião dos festejos do Primeiro Centenário da Capela de São João Batista, presente grande número de membros e amigos da FAMÍLIA ALENCAR, a primeira a localizar-se na região com a instalação da Fazenda Caiçara, situada às margens do Riacho da Brígida, nos terrenos arrendados à CASA DA TORRE e Garcia D'Avila, nos fins do Século XVII, por LEONEL PEREIRA DE ALENCAR RÊGO, foram colocados na Urna Mortuária os ossos de GUALTER MARTINIANO DE ALENCAR ARARIPE, Barão do Exu, fa-

lecido aos 22 de julho de 1889 aos 67 (sessenta e sete) anos de idade, trasladados de seu 1.º Jázigo, no Sítio Gameleira, antiga sede da Municipalidade de Exu, sob a responsabilidade de Francisco Aires de Alencar e sua excelentíssima esposa D. Diva Parente de Alencar, secundados por numerosos amigos e parentes, a fim de que fôsse dado ao ilustre fidalgo sertanejo, membro da nobreza do Segundo Império, um jazigo perpétuo no próprio templo por êle criado a São João Batista em 1868, dando cumprimento, segundo a tradição popular, a uma promessa feita ao Precursor de Cristo, ao tempo de uma Epidemia de CÓLERA MORBUS que graçara antes na região, dizimando grande parte da população e da qual saíra incólume juntamente com sua família e escravatura. Na mesma urna foram colocados os ossos de Francisco Aires de Alencar, conhecido como Tenente Francisquinho e sua esposa Dona Maria Carlina de Alencar, tratada na intimidade por Iaiazinha, igualmente trasladados na mesma ocasião, por terem sido os sucessores do Ba-

*Quando sorrindo tu fazes
Duas covinhas no rosto,
Por não enchê-las de beijos
Fico a morrer de desgosto.*

*Esse perfume que exala
A negra trança que tens,
É mais suave que o cheiro
Do cravo, lírios, cecens.*

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO

rão de Exu, no Sítio Gameleira na sua condição de genro e filha adotiva de Gualter Martiniano de Alencar Araripe. A urna, contendo uma cópia da presente ata, acondicionada num invólucro plástico, assinada pelas pessoas constantes da relação anexa iniciada com a assinatura de Francisco Aires de Alencar e terminada pela do Bel. Francisco Givaldo Peixoto de Carvalho. A urna mortuária, construída em madeira de cedro, colhida nas matas da região está coberta de pano preto com adornos prateados e forrada em cetim azul claro, medindo 0,65m de comprimento por 0,36m de largura e 0,27m de altura. Ficará sob uma lage de mármore que cobria o primeiro jazigo na Gameleira, contendo os seguintes dizeres: "AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAIS DO EXMO. BARÃO DO EXU FALECIDO NO DIA 22 DE JULHO DE 1889, COM 67 ANOS DE IDADE". O túmulo do Barão de Exu foi localizado no Salão do lado esquerdo do Altar-Mor da Capela de São João do Araripe. Os festejos do Primento Centenário da Capela do Araripe estão sendo realizados entre os dias 13 e 21 do corrente, em caráter excepcional para atender aos reclamos da juventude estudantil que, presa aos bancos escolares no período junino pro-

priamente dito, não podia estar ausente às solenidades de que seria mandatária no futuro como decorrência de disposição testamentária do Barão aos seus descendentes e que coroavam CEM ANOS de um esforço civilizador, que tem transformado num culto à ordem e ao trabalho as melhores tradições de civismo da gente alencarina. Além disso, aguardava-se a oportunidade de eletrificação do Povoado do Araripe para caminharmos o SEGUNDO CENTENÁRIO no ritmo próprio, aberto à população local, com a dinâmica da moderna tecnologia. A presente ata foi ditada pelo Bel. Francisco Givaldo Peixoto de Carvalho e secretariada por mim João Oldan de Alencar, Engenheiro Agrônomo, que a copiei datilograficamente e a subscrevo. Araripe (Exu), 19 de julho de 1968, João Oldan de Alencar. Em tempo: Foram tiradas originariamente 5 (cinco) cópias desta ata as quais terão o seguinte destino: Instituto Cultural do Cariri, Biblioteca Alvenir Peixoto (Exu) Comissão Organizadora do 1.º Centenário, Francisco Aires de Alencar e urna mortuária.

Francisco Aires de Alencar
Luís Gonzaga
Antoliano Alencar
Francisco Givaldo Peixoto
de Carvalho

A MAIOR SERPENTE DO MUNDO

JOSÉ DOS ANJOS DIAS

As histórias, sempre tiveram suas origens, nos acontecimentos que se passaram.

Mas, na maicria, contêm o crescimento dos objetos e da narrativa, ampliados pelos narradores. Porém, mesmo assim, nunca deixa de haver setenta por cento de verdade, e, trinta por cento de criação da imaginação.

Em 1921, conheci Capistrano Calixto, irmão do saudoso cabo-de-guerra Manoel Calixto moravam na "Lagoa do Sapó" no rio "CARÁS".

O autor deste artigo, ouviu de Capistrano Calixto, várias histórias contadas por ele, sobre casos que se passaram com o narrador, nas selvas do EL-DORADO AMAZÔNICO. Dentre suas histórias, unicamente uma, despertou minha atenção, como também, poderia fazer nascer dúvida, em quem cuvisse historiar, por causa do tamanho da cobra que o Capistrano dizia ter visto, até então, nunca registrado nos anais do âmbito da zoologia. Todavia, os homens antigamente, vexavam-se em falar com a verdade, também os modernos, não fogem disso.

Capistrano Calixto, em 1910 saiu do Cariri, atraído pela fa-

ma do REINO DAS AMAZONAS, hábeis em montar a cavalo e guerrear. Na capital amazonense, não desfrutou da proteção das divindades do rio mar. Não teve se quer um encontro com elas, não lhe foi indicado por alguém, onde poderia encontrá-las, finalmente, viu-se num beco sem saída e obrigou-se trabalhar na extração de latex, no rio Negro. Lá, construiu seu TUGÚRIO, para nele morar em companhia da melancolia, porque a Eva não lhe aparecia, para fazer companhia.

Construiu o jirau alto do solo, para lhe servir de cama e atalaia, com o objetivo de deixá-lo á salvo durante a noite, enquanto dormia. Conservava no terreiro grande almoxarica de prontidão, para clarear o rancho e adjacências. Turiferava a choça, com as flores amarelas do jacarearu depois de sêcas e resina de almécega, em holocausto às divindades da exuberante região brasileira, para adquirir delas amercamento e banir da área do seu casebre, os espíritos trânsfugas que habitam nas selvas. Não é somente o bahiano que procura "fechar" o corpo, o cearense também faz

a sua parte, não vai na onda nem embarca em canca furada, turibula para as divindades e conduz seu patuá.

Saía da cabana pela manhã, depois de tomar café com farinha de mandioca e charque assado. Só retornava, ao “pender do Sol” (após a passagem do astro rei pelo zênite do lugar), a fim de requentar a panela com feijão, que havia cozido à “boca da noite”, servia para duas refeições — almoço e jantar.

Diariamente, antes da janta, ia ao rio para tomar banho. Conduzia sempre uma cuia, para enchê-la de água e despejar sobre seu corpo, isso, porque nenhuma pessoa, atreve-se entrar nágua, temendo ser devorada.

Numa tarde, quando chegava á margem do rio, observou que vinha da margem oposta, algo que fazia pequenas vagas e, vinha em sua direção. Manteve-se quieto e redobrou a vigilância, com a finalidade de observar o objeto estranho. Teve grande surpresa ao reconhecer, pois, tratava-se de cobra descomunal. Incontineñti, subiu ao barranco e gritou com tôda força, para espantar a visitante. Ela retrocedeu e desceu de rio abaixo.

Pôde compreender que não era uma visita cordial, poderia ter vindo para devorá-lo, porque dos monstros, só recebemos as cousas abominosas,

próprias da formação dêles, quer sejam irracionais, quer racionais, não atinam com a via benevolente. Disse-me Capistrano Calixto, que a serpente que êle viu no rio Negro tinha a cabeça do tamanho de um tacho médio, do tipo utilizado nas fornalhas dos engenhos de rapadura. O corpo poderia ser comparado ao diâmetro do jatobazeiro, que existia na junção das ruas S. Pedro e Conceição, em Juazeiro do Norte. Os cratenses, juazeirenses e barbalhenses a “VELHA GUARDA”, lembram-se da frondosa árvore da família das leguminosas. Era uma testemunha sobrevivente do REINO VEGETAL, da fundação da mimosa DEUSA que o riacho Salgado banha. Até aquela época, eu nunca tinha me ausentado do Juazeiro, além da serra do Araripe, onde trabalhei muito plantando mandiocca, no Distrito de Sto. Antônio. Desconhecia completamente que havia ofídios avantajados, como também outras cousas, não acreditei no Capistrano.

Não demonstrei o menor menosprezo pela história narrada, para não ferir o amor próprio do meu semelhante.

Época dura e tudo era difícil, até mesmo as pessoas de posses não conseguiam o que desejavam. A Rêde de Viaçã (R. V. C.), o seu fim de linha mais ou menos em Lavras da

Mangabeira, marchava a passo de cágado em prosseguimento ao Cariri. Esperávamos com ansiedade que ela chegasse até nós, porque seria a taboa de salvação para a região, que vivia relegada ao seu próprio fado. Se não existisse naquela época e nas anteriores, no solo caririense, homens de poses com o coração bem formado, os pobres da região teriam sucumbido, porque o Cariri não recebia auxílio dos poderes competentes.

Aquêles heróis anônimos, hoje são ignorados pela geração presente.

Éramos desprezados e expostos a própria sorte, sujeitos ao dilema — “SALVE-SE QUEM PODER”. Eu e milhares de conterrâneos, tínhamos razão de desconhecer as causas, muitos partiram para a eternidade totalmente ignorantes por culpa do govêrno, que não procurava abrir escolas no interior do Estado.

Atualmente nossa região está bem servida, principalmente no setor do ensino, se existem analfabetos, a culpa é exclusiva dos pais, que não procuram alfabetizar os filhos, criam-nos privados das luzes das letras.

Antigamente só aprendia a ler, os filhos dos homens ricos.

— Jararaca, verde e corre-campo, eram por demais conhecidas por mim, achava que, não poderia haver outras

mais desenvolvidas de que nossa jibóia. Até então não conhecia, apenas ouvia falar da sua existência.

Agora, vou tratar do assunto sobre “A MAIOR SERPENTE DO MUNDO”. Tribuna de Juazeiro, edição do dia 6 de setembro de 1967, publicou na página 7, em “MUNDO CURICSO”, de Ivan Gondim, que a maior serpente do mundo é a PITON, chega atingir 9 metros e 90 centímetros de comprimento. O senhor Ivan Gondim teve razão, baseou-se em dados fornecidos pelos zoólogos. Estes desconheciam e talvez desconheçam, a existência do maior REINO OFÍDICO mundial, sediado na região amazônica. Se não fôsse ignorado por êle, não diriam que um ofídio como a PITON é a maior cobra do mundo.

Talvez ainda não tenha completado trinta anos, quando foi abatida uma serpente, medindo 30 metros de comprimento e pesando 3 toneladas, no rio Amazonas.

Tomei conhecimento, através dos jornais da época e da revista “EU SEI TUDO”, que estampou a fotografia do desconhecido ofídio. Aí então, lembrei-me do Capistrano Caelixto, da história que me contou, e, de mim para mim disse: êle tinha razão. No período desse caso, êste antigo plantador de mandioca na serra do Araripe, encontrava-

se transformado de seus antigos hábitos.

Já havia percorrido nosso Brasil de Norte a Sul e, alguns países estrangeiros, como também, possuía, exíguo conhecimento da carta de ABC, adquirido com dificuldade. Não seria mais capaz, de ignorar a existência das cousas.

Agradeço o pequeno polimento que recebi, a Deus e a Marinha que me deram luzes que eu não tinha. Só desconhecia, que havia serpente de tal tamanho, como a do forte de Óbidos, que na época, chamou a atenção do mundo, por causa do seu tamanho. Ufanome por ter sido origem paupérrima, acompanhada de infância e parte da adolescência, cheias de trabalhos, árduos e sacrifícios, porém com ajuda do Deus dos Deuses venci na vida.

Os cearenses quando nascem, trazem o sináculo dos Deuses, recebem destes aquiescência e auxílio, a fim de conseguirem tudo que almejam, sem restrição de limite. Mutação da fé e falta de imanência no objetivo que têm em mente, concorrem para afastá-los do alvo que trazem em mira, sucumbem na jornada da vida, sem encontrar o Templo da Sabedoria Divina.

A PITON, com o porte que tem, pode ser comparada a filhote da SUCURUJU.

Guardei por muitos anos, o

recorte da foto da SUCURUJU, porém, os meus meninos por ignorância deram-lhe fim. A serpente extraordinária, fôra abatida pela guarnição militar do forte de Óbidos, no Pará. A soldadesca começou a atirar nela de fuzil e, terminou com metralhadora. Depois de morta, foi seccionada em três partes, cada secção parecia toro de TIMBAUBA, serrado nas extremidades.

É lamentável que um animal raríssimo desse gênero e porte, tenha sido menosprezado e não receber acolhida, por quem de direito, para seu devido fim, isto é, figurar num museu. Até aquê tempo, ou melhor, até o presente, nenhum país, excluindo o Brasil, teve o privilégio de abater ou capturar, uma cobra monstruosa como a referida. Nosso país, é privilegiado em tudo e possui de tudo, dos três REINOS DA NATUREZA. Está dotado a ser a maior potência mundial.

Nossas reservas: — florestal, manganífera, aurífera, petrolífera, etc., não inextinguíveis. Só mesmo Deus, poderia ter escolhido êste imenso rincão, para os brasileiros. Via na raça suposta por muitos como autóctone e, no entanto não é, merecimento em continuar morando em sua terra, não permitiu que os ferasteiros ultramarinos firmassem nela seus pés.

Agora, devemos agradecer ao Criador, pela dádiva que recebemos e zelar por ela, para deixarmos aos pósteros, muito mais do que recebemos dos nossos ancestrais. Hoje é nação independente, a custa dos sacrifícios do herói Araribóia e seus soldados aborígenes, mamelucos e outros. Estes foram donos por pouco tempo. Este Brasil é um mundo dentro do mundo em que vivemos, pela sua extensão territorial, com um povo de fibra elástica impartível, diferente das outras raças. As maiores serpentes do mundo vivem no Brasil, no Rio Amazonas.

Também há serpentes marinhas, não as vi, mas, observei rastro sobre o capim. No período do segunda guerra mundial, servi no Arquipélago dos Abrolhos, situado no sul da Bahia e fora da costa.

Por várias vezes, quando ia a ilha "SUESTE" pela manhã, observava que uma serpente havia saído do mar durante a noite e, passeado sobre o capim existente na ilha referida.

Pelo amassado que deixava através do rastro, demonstra va possuir mais ou menos um metro de largura. Verifiquei com exatidão que não se tratava de uma tartaruga, pois era uma serpente. Assim como foi abatida a do forte de Óbidos, também será do mar, aguardemos a boa vontade das ONDAS, para nos conceder

essa oferta das águas-marinhas onde habitam seres que jamais a imaginação humana é capaz de supor.

Cópia de carta do Marechal TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE ao General Raimundo Teles Pinheiro)

Rio, 22 - 6 - 69

Prezado Camarada

General Raimundo Teles Pinheiro

Saudações cordiais

Recebi com especial prazer o exemplar de sua Conferência "A Dezembroada", em que confirma louvável pendor pelos estudos de nossa História Militar.

Os oficiais com o curso de EM prestam inestimável serviço ao pôr ao alcance dos meios culturais do país a análise dos feitos de nosso passado militar e principalmente este que perpetuou o valor do grande feito do patrono do Exército. Nesse aspecto, o prezado camarada e ex-aluno da EEME revive a preocupação dos mestres da EEME no aproveitamento das lições legadas às gerações que se lhe seguiram pelo Mestre dos Mestres.

Não faz mal que nos repitamos uns aos outros. "A Dezembroada", destacada por Tasso Frágoso, por Castelo Branco, por outros inolvidáveis Mestres e agora, pela pena brilhante do culto Chefe cearense, será lição proveitosa, para que as gerações se orgulhem do nosso Passado e consolidem a confiança na capacidade do Futuro para a garantia da Segurança Nacional.

Com apreço e amizade

a) T. de Alencar Araripe

E. C. A. P.

Escritório de Contabilidade, Administração e Planejamento

DIREÇÃO DE

JOSÉ PRIMO DE BRITO

ECONOMISTA E TÉCNICO EM CONTABILIDADE

CONTABILIDADE { PÚBLICA
 { COMERCIAL
 { INDUSTRIAL
 { AGRO-PASTORIL

Organização e Modificação de Sociedades

Defesas de Multas e Recursos Fiscais

Consultas e Pareceres Fiscais, Contábeis e Trabalhistas

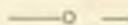
Acessoramento Municipal

Planejamento e

Demais assuntos correlatos

RUA JOSÉ DE ALENCAR N.º 139

C R A T O



C E A R Á

Mercantil Compre Bem

O Melhor Amigo da Economia Popular!

ENTREGA A DOMICÍLIO!

Rua Senador Pompeu Nº 301

Crato - FONE: 381 - Ceará

SERVE BEM, SERVINDO MELHOR!

Um Armazem de Utilidades Domésticas

Aquela facilidade...

Desde um pequeno par de meia até o mais requintado artigo de sua preferência, V. S. comprará em

Lojas Azteca

com aquela facilidade...

Pagamentos: { SEMANAL
 { QUINZENAL
 { MENSAL até 120 dias

VEJA NOSSOS ARTIGOS E COMPROVE!!!

Rua Dr. João Pessoa, 359

CRATO

—

CEARÁ